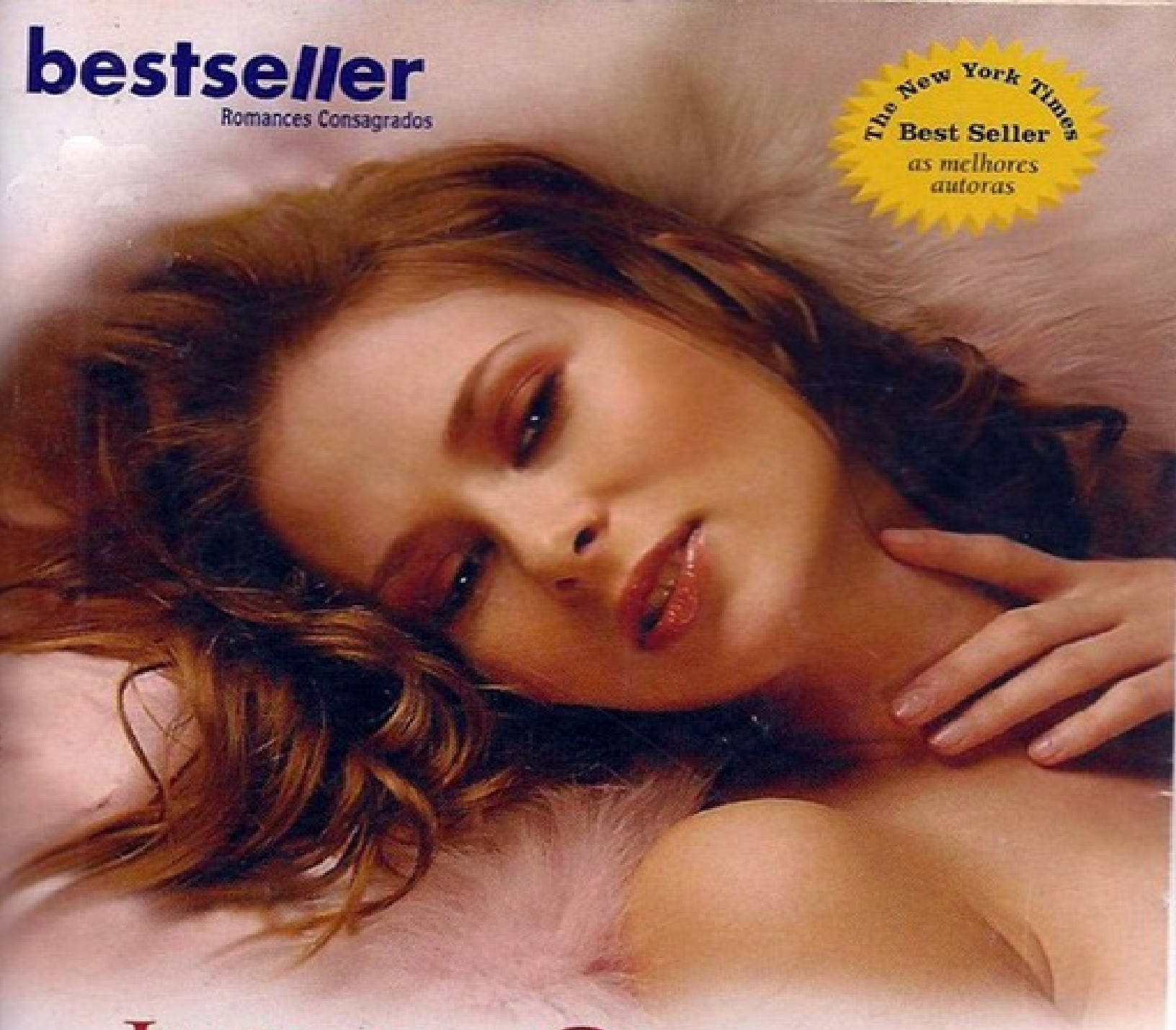
bestseller
Romances Consagrados

The New York Times
Best Seller
as melhores autoras



JULIA QUINN

História de um grande Amor

HISTÓRIA DE UM GRANDE AMOR

The Secret Diaries of Miss Miranda Cheever

Julia Quinn

Dia 2 de março de 1810: Hoje, eu me apaixonei...

Aos dez anos de idade, Miranda Cheever não dava sinais de que fosse se transformar numa bela mulher. E mesmo com tão pouca idade, ela aprendeu a não alimentar expectativas de encontrar um grande amor... até aquela tarde em que Nigel Bevelstoke, o charmoso e atraente visconde Turner, beijou sua mão e disse que um dia ela cresceria e seria uma jovem linda e cativante, tanto quanto era simpática e inteligente. E foi nesse dia que Miranda soube que amaria aquele homem para sempre...

Querida leitora,

Quem de nós já não escreveu um diário alguma vez na vida, seja na infância ou na adolescência? Quem não se lembra do seu primeiro amor e não o descreveu em um diário, tão secreto que por vezes guardávamos trancado a sete chaves? Agora, imagine que esses sonhos de menina se tornem realidade e que anos depois, ao lado daquele primeiro amor, você possa reler os seus devaneios românticos. Pois foi exatamente isso o que aconteceu com Miranda, a heroína da história que você vai ler...

Leonice Pomponio

Editora

Copyright © 2007 by Julie Cotler Pottinger

Originalmente publicado em 2007 pela HarperCollins Publishers

PUBLICADO SOB ACORDO COM HARPERCOLLINS PUBLISHERS NY,NY-USA

Todos os direitos reservados. Todos os personagens desta obra são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas terá sido mera coincidência. Proibida a reprodução, total ou parcial, desta publicação, seja qual for o meio, eletrônico ou mecânico, sem a permissão expressa da Editora Nova Cultural Ltda.

TÍTULO ORIGINAL: The Secret Diaries of Miss Miranda Cheever

EDITORA Leonice Pomponio

ASSISTENTES EDITORIAIS Patrícia Chaves Silvia Moreira

EDIÇÃO/TEXTO Tradução: Sulamita Pen Revisão: Patrícia Chaves

ARTE Mônica Maldonado

ILUSTRAÇÃO Thomas Schlück

MARKETING/COMERCIAL Andréa Riccelli

PRODUÇÃO GRÁFICA Sônia Sassi

PAGINAÇÃO Dany Editora Ltda.

Versão ePub: AZ

PRÓLOGO

Aos dez anos, Miranda Cheever não era considerada nenhuma beldade. Tinha cabelos castanhos, o que não agradava à maioria, e olhos da mesma cor, além de pernas longas e desengonçadas. A mãe costumava afirmar que a filha galopava ao redor da casa.

Para infortúnio de Miranda, a sociedade valorizava muito a aparência feminina. E mesmo com tão pouca idade, ela era vista como inferior às outras garotas da vizinhança. Crianças sempre descobriam essas coisas, em geral por intermédio de outras.

Assim como foi no desagradável incidente, ocorrido no décimo primeiro aniversário dos gêmeos, lady Olivia e o honorável Winston Bevelstoke, filhos do conde e da condessa de Rudland. A casa de Miranda era bem próxima de Haverbreaks, residência dos ancestrais de Rudland, em Ambleside, no distrito dos Lagos, no condado de Cumberland. Miranda estudava com os gêmeos, quando eles se encontravam em casa, e a trinca era inseparável. Os três raramente brincavam com outras crianças, pois quase todos os meninos e meninas moravam longe, a uma hora de viagem.

No entanto, todos os filhos da nobreza local e da pequena nobreza reuniam-se nos aniversários. Por esse motivo, lady Rudland deixou escapar um gemido infeliz naquele dia. Dezoito diabretes espalharam lama em sua sala de estar, depois de a festa dos gêmeos ter sido interrompida pela chuva.

— Livvy, seu rosto está manchado de terra. — Miranda fez menção de limpar a nódoa.

Olivia deu um suspiro dramático.

— Será melhor eu me lavar no banheiro, antes que mamãe veja. Ela abomina sujeira, e eu odiaria ouvi-la repetir isso.

— Duvido que sua mãe irá reparar na manchinha no seu rosto com tanta lama espalhada pelo tapete... — Miranda notou que William Evans dava um grito de guerra e se jogava no sofá — ...e pela mobília.

— De qualquer forma, é melhor eu dar um jeito nisso. Olivia saiu da sala e ela ficou perto da porta, seu ponto usual de observação.

— Miranda, o que trouxe de presente para Olivia?

Ela virou-se e viu Fiona Bennet, usando um lindo vestido branco com faixa rosa.

— Um livro. A leitura é um dos passatempos favoritos de Olivia. Por quê?

Fiona mostrou uma bela caixa amarrada com um cordão prateado.

— Eu trouxe uma coleção de fitas de cetim, seda e veludo. Quer ver?

— Ah, sim, eu gostaria, mas prefiro não amassar a embalagem.

Fiona deu de ombros.

— É só desatar o cordão. Sempre faço isso no Natal. — Ela soltou o laço e abriu a tampa.

Miranda prendeu a respiração. Em contraste com o veludo interno da caixa, havia inúmeras fitas coloridas, todas amarradas em arcos.

— São lindas, Fiona. Posso pegar uma? Fiona estreitou os olhos.

— Não estou com as mãos sujas. — Miranda estendeu-as como confirmação.

— Ah, então pode.

Miranda pegou uma fita de cetim violeta e encostou-a nos próprios cabelos.

— Como estou?

— Violeta não — sentenciou Fiona, revirando os olhos. — Essa cor só combina com cabelos loiros e desaparece nos castanhos. Ficaria horrível.

— O que acha da verde? Mamãe tem cabelos castanhos e já a vi usar fitas dessa tonalidade.

— E, pode ser, mas essa cor também combina mais com cabelos loiros. Aliás, tudo fica melhor nos loiros.

— Então não imagino o que pretende usar, Fiona. Seus cabelos também são castanhos — retorquiu Miranda, indignada.

— Não são! — Fiona esbravejou.

— São! — Miranda inclinou a cabeça para a frente e estreitou os olhos, ameaçadora. — Será conveniente consultar o espelho com mais cuidado, Fiona, porque os seus cabelos não são loiros!

Fiona guardou a fita e fechou a tampa da caixa com força.

— Bem, eles eram loiros, e os seus nunca foram. Além disso, os meus são castanho-claros, bem melhor que os seus, que são escuros.

— Não há nada de errado com cabelos escuros! — Miranda protestou, mesmo sabendo que a Inglaterra inteira não concordava com ela.

— E esses seus lábios enormes? — Fiona indagou.

Por instinto, Miranda levou a mão à boca. Sabia que não era bonita nem graciosa, mas nunca notara nada de errado com seus lábios.

— Seu rosto é sardento! — revidou.

Fiona recuou como se tivesse levado um tapa.

— Sardas desaparecem. As minhas sumirão antes de eu completar dezoito anos, pois minha mãe passa nelas suco de limão todas as noites. — Ela fungou, desdenhosa. — Porém para a feiúra não existe remédio!

— Ela não é feia!

As duas meninas se voltaram para Olivia, que voltava do banheiro.

— Olivia, sei que é amiga de Miranda por ela ser sua vizinha e por estudarem juntas. Mas admita que ela não é bonita. Minha mãe diz que Miranda jamais arranjará um marido.

Os olhos azuis de Olivia, única filha do conde de Rudland, cintilaram de raiva. Era uma menina leal ao extremo, e Miranda, sua melhor amiga.

— Pois tenho certeza de que ela conseguirá um marido muito melhor do que poderá ser o seu, Fiona Bennet! O pai dela é um baronete, e o seu, um simples comerciante.

— Ser a filha de um baronete faz pouca diferença, a não ser que tenha beleza ou dinheiro — Fiona repetiu o que certamente ouvira em casa. — E Miranda não tem nada disso.

— Cale-se, sua gralha imbecil! — Olivia bateu o pé no chão. — Esta é a minha festa de aniversário, e se as companhias não lhe agradam, pode retirar-se!

Fiona engasgou. Estava ciente de que não deveria desentender-se com a aniversariante, cujos pais ocupavam a mais alta posição social da região.

— Perdão, Olivia.

— Não se desculpe comigo, mas sim com ela.

— Perdão, Miranda.

A garota ficou em silêncio até Olivia cutucá-la de maneira disfarçada.

— Aceito suas desculpas — Miranda resmungou. Olivia suspirou ao ver Fiona sair correndo da sala.

— Mamãe sempre diz que não tenho nem um pouco de comedimento ou bom senso.

— Isso é verdade.

— Miranda!

— Mas eu te amo assim mesmo.

— E eu também te amo, querida. Não se preocupe com o que Fiona diz. Quando crescer, você poderá se casar com Winston, e seremos irmãs de verdade.

Miranda, desconfiada, fitou Winston, que puxava os cabelos de uma menina pequena do outro lado da sala.

— Não sei se eu gostaria de me casar com ele.

— Bobagem, seria um matrimônio perfeito. Veja, ele acabou de derrubar ponche no vestido de Fiona.

Miranda sorriu e Olivia segurou-lhe a mão.

— Venha comigo, quero abrir os presentes. Prometo dar um grito quando chegar ao

seu.

Seguidas por Winston, as duas foram ao quarto de Olivia, onde os gêmeos abriram os presentes. Felizmente, na opinião de lady Rudland, terminaram precisamente às quatro, horário em que as crianças deveriam retornar às suas casas. Nenhuma delas viera acompanhada por criados. O convite para uma festa em Haverbreaks era considerado uma honra, e os pais não perdiam a oportunidade de trocar algumas palavras com o conde e a condessa. Exceto os de Miranda. Às cinco horas, ela ainda se encontrava na sala de estar, aproveitando os últimos momentos do aniversário.

— Não posso imaginar o que houve com os seus pais — lady Rudland comentou.

— Ah, eu explico — Miranda respondeu, alegre. — Mamãe foi para a Escócia visitar minha avó, e na certa papai se esqueceu de mim. Isso acontece com freqüência, quando ele está trabalhando em algum manuscrito. Papai traduz grego.

— Eu sei. — Lady Rudland sorriu.

— Grego antigo.

— Eu sei — lady Rudland repetiu com um suspiro. Não era a primeira vez que sir Rupert Cheever não se lembrava da filha. — Bem, teremos de levá-la para casa de qualquer forma.

— Irei com ela — Olivia sugeriu.

— Minha filha, é preciso guardar os novos brinquedos e, junto com seu irmão, escrever as mensagens de agradecimento. Se não fizerem isso esta noite, esquecerão de quem ganharam os presentes.

— Miranda não pode ir embora com um criado. Ela não terá com quem conversar.

— Eu sempre converso com os meus em casa.

— Não com os nossos — Olivia sussurrou. — Eles são empertigados, mudos e sempre me olham com desaprovação.

— Na maioria das vezes eles têm motivo para reprová-la — lady Rudland comentou e acariciou a cabeça da filha. — Tenho uma sugestão, Miranda. Por que não pedimos a Nigel para levá-la até a sua casa?

— Nigel? — Olivia deu um grito. — Miranda tem mesmo muita sorte!

Miranda ergueu as sobrancelhas. Nunca encontrara o irmão mais velho de Olivia.

— Está bem, assim terei o prazer de conhecê-lo.

Lady Rudland pediu a uma criada para chamá-lo, voltando-se para a menina:

— Ainda não conhece meu filho? Que estranho. Talvez seja por sua família estar sempre na Escócia no Natal, ocasião em que ele vem para casa. Ameacei deserdá-lo se não prestigiasse o aniversário dos gêmeos. Mesmo assim, não compareceu à festa com receio de

que uma das mães tentasse casá-lo com uma menina de dez anos.

— Nigel tem dezenove anos, é solteiro e é visconde — Olivia afirmou casualmente. — É muito bonito e se parece comigo.

— Olivia! — lady Rudland chamou a atenção da filha.

— É verdade, mamãe. Eu seria muito atraente se fosse menino.

— Livvy, eu a considero muito bonita. — Miranda olhou os cachos loiros com uma ponta de inveja.

—Essa é também a minha opinião a seu respeito, Miranda. Fique com uma das fitas que Fiona trouxe. Não vou precisar de todas mesmo.

Miranda sorriu pela mentira de Olivia, uma boa amiga. Escolheu a fita violeta, sem esquecer o agravo.

— Obrigada, Livvy. Prometo que a usarei nas aulas de segunda-feira.

— A senhora me chamou, mamãe?

Miranda virou-se ao escutar a voz profunda e sufocou um grito. Jamais vira um homem tão esplêndido. Embora com apenas dezenove anos, tinha ombros largos e corpo de atleta. Os cabelos eram mais escuros do que os de Olivia, mas *com* reflexos dourados pela exposição ao sol. O que mais chamava a atenção eram os olhos azuis e brilhantes como os da irmã e que não escondiam um toque de malícia.

Miranda sorriu. Sua mãe costumava dizer que se podia conhecer uma pessoa pelos olhos, e os de Nigel eram bondosos.

— Nigel, poderia nos fazer o favor de levar Miranda para casa? — lady Rudland perguntou. — O pai dela foi retido por um compromisso.

Miranda refletiu no motivo do estremecimento daquele corpo esplêndido quando a mãe dissera seu nome.

— Pois não, mamãe. Olivia, sua festa foi boa?

— Ma-ra-vi-lho-sa.

— Onde está Winston?

Em vez de responder, a menina deu de ombros.

— Saiu para brincar com o sabre que ganhou de presente de Billy Evans.

— Espero que a arma não seja de verdade.

— Deus me livre se fosse — lady Rudland interveio. — Muito bem, Miranda, resolvemos o assunto. Seu casaco está no outro quarto. — A dama saiu e voltou em instantes com um agasalho marrom simples.

— Vamos? — O rapaz que parecia um deus estendeu a mão.

Miranda enfiou o casaco e aceitou a gentileza. Céus!

— Eu a verei na segunda-feira! — Olivia falou alto. — E não se preocupe com o que Fiona disse. Ela não passa de uma gralha idiota.

— Olhe os modos, minha filha!

— Pois é isso mesmo, mamãe. Não a quero mais como amiga.

Miranda sorriu enquanto Nigel a conduzia pelo hall. As vozes de Olivia e da mãe iam ficando para trás.

— Muito obrigada pelo trabalho de me levar para casa, Nigel.

Ele tornou a estremecer.

— Desculpe-me — Miranda emendou-se. — Eu deveria chamá-lo de milorde, não é? Mas como Olivia e Winston se referem ao senhor, chamando-o pelo primeiro nome, eu...

Ela olhou para o chão. Apenas dois minutos naquela companhia esplêndida tinham sido suficientes para deixá-la confusa.

Nigel parou e abaixou-se para que ela pudesse fitá-lo.

— Miranda, não se preocupe com o milorde e eu lhe contarei um segredo.

Ela arregalou os olhos e suspendeu a respiração por um segundo.

— Detesto meu nome de batismo.

— Isso não é bem um segredo, Ni... quero dizer, milorde ou seja lá como prefere ser chamado. O senhor estremeceu quando sua mãe o chamou pelo nome.

Nigel sorriu. Sentira um aperto no coração ao ver aquela menina tão séria brincando com a indomável Olivia. Era uma garota engraçada, e seus olhos castanhos aveludados, adoráveis.

— Como prefere ser chamado?

— Turner.

Ele imaginou que não receberia resposta. Miranda permaneceu imóvel por alguns instantes.

— Um nome bonito. Estranho, talvez, mas eu gosto.

— Bem melhor do que Nigel, não acha? Miranda concordou com um gesto de cabeça.

— O senhor o escolheu? Sempre imaginei que as pessoas devessem decidir a respeito de seus próprios nomes. Acredito que muitos haveriam de preferir nomes diferentes dos próprios.

— E qual seria a sua escolha?

— Não sei, mas certamente não o meu. Algo mais simples, eu acho. Creio que Miranda

traz expectativas amplas, e todos se desapontam ao me conhecer.

— Bobagem. O nome combina com o seu aspecto. Ela se encantou.

— Obrigada, Turner. Posso chamá-lo assim?

— Ora, mas é claro que pode. Também não escolhi esse nome. Trata-se apenas do meu título, visconde de Turner. Desde que fui para Eton, eu o uso em lugar de Nigel.

— E também parece muito adequado ao senhor.

— Obrigado. — Turner encantava-se com a seriedade da menina. — Agora me dê novamente sua mão e, vamos embora. — Ele reparou no arco encapado que ela segurava. — O que é isso?

— Ah, é uma fita. Olivia ganhou duas dúzias delas de presente de Fiona Bennet e disse para eu ficar com uma.

Turner estreitou os olhos ao lembrar-se das palavras de despedida de Olivia e segurou o adorno.

— Creio que elas devem ser usadas nos cabelos.

— Ah, mas esta não combina com o meu vestido — sussurrou Miranda enquanto Turner ajeitava o enfeite na sua cabeça. — Como ficou?

— Adorável.

— Verdade? — Ela arregalou os olhos, descrente.

— Sim. Sempre achei que o tom violeta combina com cabelos castanhos.

Miranda apaixonou-se por Turner no mesmo instante. A emoção foi tão intensa que ela esqueceu de agradecer pelo cumprimento.

— Podemos ir?

Ela apenas anuiu, sem confiar na própria voz. Eles saíram da mansão e seguiram para a estrebaria.

— O que acha de uma cavalgada? — Turner indagou. — Não devemos desperdiçar um dia tão bonito dentro de uma carruagem.

Mais uma vez Miranda concordou. Estava bem quente para o mês de março.

— Pode ir no pônei de Olivia. Tenho certeza de que ela não se incomodará.

— Livvy não tem nenhum pônei — Miranda encontrou a voz. — Ela tem uma égua, assim como eu. Nós não somos mais criancinhas.

Turner evitou sorrir.

— Claro, que tolice a minha. Falei sem pensar. Alguns minutos mais tarde, os cavalos estavam selados, e os dois saíram para o trajeto de quinze minutos até a casa dos Cheever.

— Divertiu-se na festa de aniversário? — Turner quebrou o silêncio.

— Muito. Foi uma festa deliciosa, exceto... — Miranda arrependeu-se por haver falado demais.

— Sim?

Ela mordeu o lábio inferior.

— Uma das garotas usou palavras descorteses ao falar comigo.

— Ah. — Teria sido melhor não perguntar nada. Miranda ergueu o rosto e fitou-o com franqueza, à maneira de Olivia.

— Fiona Bennet foi um tanto grosseira, e Olivia a chamou de gralha imbecil. Devo dizer que sua irmã estava certa.

— Eu concordo com ela — Turner falou com seriedade —, se Fiona foi mesmo rude.

— Sei que não sou bonita, mas é uma indelicadeza dizer isso sem a menor cerimônia.

Turner fitou Miranda, sem saber o que dizer. Ela não era uma beldade, mas também não era horrorosa. Talvez fosse um pouco desajeitada. E ele foi salvo de contradizê-la pelo comentário de Miranda.

— Acho que deve ser por causa dos cabelos castanhos — disse ela. — Cabelos e olhos desta cor não estão na moda. Também sou muito magra, meu rosto é comprido e sou branca demais.

— Bem, tudo isso é verdade.

Ela voltou-se e encarou-o com tristeza.

— Temos de admitir que os seus cabelos e olhos são castanhos. — Turner virou a cabeça de lado e fingiu fazer uma inspeção completa. — Também é magra, tem o rosto fino e a pele branca.

Ele resolveu parar de provocá-la, ao ver os lábios trêmulos.

— Mas acontece — disse, sorrindo — que eu prefiro mulheres de cabelos e olhos escuros.

— Mentira!

— Verdade. E também gosto das magras de pele clara.

— E o rosto comprido? — Miranda fitou-o com suspeita.

— Bem, admito que nunca me importei com isso.

— Fiona Bennet disse que tenho boca grande — ela desafiou-o.

Turner esforçou-se para não rir.

— Eu nunca havia reparado que os meus lábios eram desproporcionais. — Miranda

suspirou.

— Não são tão grandes assim. Ela o fitou, precavida.

— Está inventando coisas para que eu me sinta melhor.

— Eu gostaria de agradá-la, mas não mentiria por isso. Da próxima vez em que Fiona lhe disser que tem boca grande, responda que os seus lábios são carnudos.

— E qual a diferença? — Miranda fitou-o com seriedade.

— Lábios carnudos são atraentes, grandes não são. Ela pareceu satisfeita com a explicação.

— Fiona tem boca fina.

— Lábios cheios são muito mais interessantes do que os finos — Turner enfatizou. Gostava daquela menina engraçada e desejou que ela não se magoasse.

— Por quê?

Turner pediu desculpas mentais aos deuses da etiqueta e bons modos antes de responder:

— Lábios cheios são melhores para beijar. Miranda corou e sorriu.

— Entendi.

Turner ficou satisfeito.

— Sabe o que eu acho, srta. Miranda Cheever?

— O quê?

— Que a senhorita precisa apenas de um tempo para se desenvolver. — Arrependeu-se de imediato pela afirmativa. Não saberia o que dizer se a menina lhe pedisse maiores explicações.

Mas ela era precoce e inclinou a cabeça de lado, pensativa.

— Creio que o senhor está certo. Veja minhas pernas. Turner tossiu para não rir.

— O que está pretendendo dizer?

— Bem, são muito compridas. Mamãe sempre diz que elas começam nos meus ombros.

— Para mim, parece que elas começam no lugar certo. Miranda sorriu.

— Eu estava falando de maneira metafórica.

Turner espantou-se com o vocabulário daquela menina de dez anos.

— Eu quis dizer que as minhas pernas são muito longas para o meu tamanho e talvez por isso não consiga aprender a dançar. Vivo pisando nos pés de Olivia.

— Como é?

— Praticamos juntas — Miranda explicou. — Creio que se o meu corpo fosse mais adequado ao comprimento das pernas, eu não seria tão desajeitada. Mas espero que eu realmente melhore quando crescer.

— Ótimo. — Turner ficou satisfeito por não havê-la ofendido. — Bem, chegamos.

Miranda olhou a casa de pedras cinzentas, localizada na margem direita de um dos muitos regatos que faziam a interligação dos lagos do distrito. Era preciso cruzar uma pequena ponte de pedra para alcançar a porta da frente.

— Muito obrigada por me trazer para casa. Juro nunca mais chamá-lo de Nigel.

— Promete beliscar Olivia se ela insistir nesse nome horrível?

Miranda tapou a boca com a palma da mão para não rir e anuiu com um gesto de cabeça.

Turner desmontou e ajudou-a a apear.

— Sabe o que deveria fazer? — ele questionou de repente.

— O quê?

— Escrever um diário.

— Por acaso pretende lê-lo? — ela indagou, surpresa.

— Não, sua tolinha. Terá de guardá-lo para si mesma. Talvez algum dia, seus netos poderão ler o manuscrito e saber como era a avó quando menina.

— E se eu não tiver filhos? Turner acariciou-lhe os cabelos.

— Alguém já disse que você faz perguntas demais?

— E se eu não tiver netos?

Deus Pai, Miranda era mesmo persistente.

— Talvez possa se tornar uma mulher famosa. — Turner suspirou. — As crianças que estudarem a seu respeito gostarão de saber como era Miranda Cheever antes da fama.

Ela fitou-o com desconfiança.

—Muito bem, quer mesmo saber por que acho que deveria manter um diário?

— Hum-hum...

— No futuro, quando for adulta, será tão bonita como já é inteligente. E lendo o diário, entenderá que meninas parecidas com Fiona Bennet podem ser muito tolas. Dará risada ao lembrar-se das palavras de sua mãe ao afirmar que as suas pernas começavam nos ombros. E talvez dê um pequeno sorriso ao recordar-se da nossa conversa agradável de hoje.

Miranda fitou-o e imaginou se não estaria diante de um deus grego dos quais o pai falava tanto.

— Sabe o que eu acho? — ela perguntou num fio de voz. — Olivia tem muita sorte em tê-lo como irmão.

— E eu acho que ela é muito feliz em tê-la como amiga.

— Eu guardarei um grande sorriso ao lembrar-me de hoje, Turner.

Ele inclinou-se e beijou as costas da pequena mão como se Miranda fosse a mais bela dama de Londres.

— Comporte-se, mocinha.

Turner sorriu e fez uma mesura com a cabeça antes de voltar ao seu cavalo e afastar-se, levando a égua de Olivia.

Ela observou-o desaparecer e ficou parada por mais de dez minutos.

Mas tarde naquela mesma noite, Miranda entrou no gabinete de seu pai. Curvado sobre um texto, ele não percebia os pingos de cera que se amontoavam sobre a mesa.

— Papai, quantas vezes tenho de dizer para não se esquecer das velas? — Miranda suspirou e pôs a vela no castiçal.

— O quê? Ah, querida.

— E é preciso mais de uma. Aqui está muito escuro para ler.

— E mesmo? Pois eu nem notei. — Sir Rupert Cheever piscou e estreitou os olhos. — Não está na hora de dormir, minha querida?

— Nanny disse que eu poderia ficar acordada mais meia hora hoje.

— Verdade? Bem, se ela disse... — E tornou a curvar-se sobre o manuscrito, esquecido da filha.

— Papai? Ele suspirou.

— O que é, filha?

— O senhor tem um caderno de notas sobrando? Um daqueles que usa para transcrever o que está traduzindo?

— Creio que sim. — Rupert abriu a gaveta superior da escrivaninha e achou o que procurava. — O que vai fazer com isto? Este é um caderno de qualidade e não é barato.

— Eu sei, mas pretendo começar um diário.

— Ótimo. Esse é um esforço que valerá a pena. — Ele entregou o caderno à filha.

Miranda encantou-se com o elogio do pai.

— Obrigada. Eu o avisarei quando as folhas estiverem cheias e necessitar de outro.

— Muito bem. Boa noite, querida. — Ele se voltou novamente para os textos gregos.

Miranda apertou o caderno de encontro ao peito e subiu correndo a escada rumo ao seu quarto. Pegou uma pena, um tinteiro e abriu o caderno na primeira página. Escreveu a data e, depois de pensar muito, uma única sentença. Tudo mais seria supérfluo.

2 de março de 1810, Hoje eu me apaixonei.

CAPÍTULO I

Nigel Bevelstoke, mais conhecido como Turner pelos que não pretendiam desagradá-lo, era esperto e inteligente.

Lia latim e grego e seduzia mulheres em francês e italiano.

Cavalgando, acertava num alvo móvel e, em geral, bebia a quantidade exata sem abalar a própria dignidade.

Podia acertar um soco ou lutar esgrima com maestria, e fazia as duas coisas declamando Shakespeare ou Donne.

Em resumo, sabia tudo o que era imprescindível a um cavaleiro digno do título que possuía e destacava-se em todas as áreas. Era um homem admirado e respeitado.

Mas nada em sua vida privilegiada o havia preparado para aquele momento. Ele nunca sentira o peso de tantos olhares atentos como naquela hora em que jogava uma mancheia de terra no caixão de sua esposa.

Sinto muito. Minhas condolências. Sentimos muitíssimo.

As palavras continuavam a ser repetidas em monocórdio.

Durante todo o tempo, Turner só pensava que Deus poderia castigá-lo por não sentir nada.

Ah, Letícia! Na verdade, teria de lhe agradecer, se pudesse.

Era preciso voltar ao princípio, à perda de sua reputação.

Só o demônio poderia dizer quantas pessoas estavam cientes de que fora enganado. E por repetidas vezes.

O pior tinha sido o desmoronamento da ingenuidade. Era difícil lembrar, mas já havia concedido à humanidade o benefício da dúvida. Já acreditara no melhor das pessoas. Se as tratasse com honra e respeito, receberia o mesmo em troca.

Em seguida, fora a ruína de sua alma.

Turner recuou com as mãos apertadas às costas e escutou o sacerdote encomendar a alma de Letícia a Deus. Admitiu que desejara o fato. Quisera se ver livre dela, por isso não a prantearia.

— Que lástima — alguém sussurrou às suas costas.

Turner cerrou os dentes. Não se tratava de pesar, mas sim de uma farsa. E teria de passar um ano usando luto pela mulher com quem havia se casado, e que estava grávida de outro. Ela o havia enfeitiçado e provocado, até deixá-lo com a idéia fixa de possuí-la. Letícia tinha dito que o amava e sorrira com inocência, quando o havia escutado declarar sua devoção.

Ela fora seu sonho e seu pesadelo. Havia perdido o bebê que os levara ao casamento. O pai tinha sido um conde italiano, ou pelo menos era o que ela dizia. Turner se preparara para perdoá-la, pois, afinal, todos cometiam erros. Ele mesmo não havia tentado seduzi-la antes da noite de núpcias?

Letícia não desejava seu amor, e Turner nunca descobriu o que ela pretendia: poder ou a satisfação de ter outro homem a seus pés.

Ele se perguntou o que ela sentira ao vê-lo sucumbir a seus encantos, quem sabe não fosse alívio. Ela estava grávida de três meses quando se casaram. Não havia muito tempo a perder.

E ali estava ela. Ou melhor, ali jazia seu corpo.

Não importava. Turner só lamentava que o corpo daquela mulher fosse descansar eternamente no sepulcro dos Bevelstoke. A lápide levaria o nome de sua família e, dali a cem anos, alguém olharia a inscrição no granito e pensaria em Letícia como uma dama refinada, e na tragédia de uma morte prematura.

Turner observou o sacerdote. Era um rapaz novo na comunidade, ainda convencido de que podia tornar o mundo um lugar melhor para se viver.

— Cinzas às cinzas — o religioso falou e fitou quem deveria ser um viúvo consternado.

Ah, sim, ele deve estar falando comigo.

— Ao pó voltarás.

Uma pessoa assoprou para Turner.

— E para a vida eterna — continuou o sacerdote com um brilho intenso de simpatia nos olhos azuis —, na esperança da Ressurreição.

O padre olhou para Turner e estremeceu. Na certa não gostou do que via.

Depois do coro de *améns,* o serviço religioso terminou. A platéia fitou o sacerdote, Turner e depois novamente o sacerdote, que apertava as mãos do viúvo.

— Ela será lembrada com saudade.

— Não por mim — Turner respondeu.

Não acredito que ele tenha dito isso.

Miranda olhou as palavras que acabava de escrever. Estava na página quarenta e dois do décimo terceiro diário. Mas aquela era a primeira vez, depois de nove anos, que não tinha idéia do que anotar. Mesmo nos dias enfadonhos, e a maioria deles era, conseguia uma idéia para começar, ora contando sobre as refeições, ora sobre algum encontro com as amigas.

Contudo, naquela altura, quando havia ocorrido um fato muito grave, nada encontrara para dizer, exceto:

Não acredito que ele tenha dito isso.

— Tem de admitir, Miranda — ela murmurou, observando a tinta secar na ponta da pena —, que jamais vai alcançar a fama como memorialista.

— O que foi que disse?

Miranda fechou o diário. Não havia percebido a entrada de Obvia, que pisou suavemente no tapete e jogou-se na cama.

— Não falei nada.

— Que dia horrível! — exclamou a amiga com uma das mãos na testa e o olhar preso no teto.

Miranda anuiu e virou a cadeira, ficando de frente para Olivia.

— Fico contente que esteja aqui — Olivia confessou. — Obrigada por ter ficado para dormir.

— Não há de quê. — Ela não pensaria em recusar um pedido da amiga.

— O que está escrevendo?

Miranda fitou o diário que protegia com as mãos espalmadas.

— Nada.

— Isso não pode ser verdade. — Intrigada pelo mistério, Olivia sentou-se na cama e encarou a amiga.

— Mas é, por mais triste que seja.

— O que é triste?

Miranda piscou. Olivia sempre fazia perguntas óbvias que pediam respostas nunca evidentes.

— Bem... — Hesitou, não exatamente procurando ganhar tempo. Passou a mão na capa do diário como se as palavras pudessem brotar dali num passe de mágica. — Isto é tudo o que eu tenho e tudo o que eu sou.

— Mas é um livro. — Olivia fitou-a, desconfiada.

— É o livro da minha vida.

— E é a mim que as pessoas chamam de dramática!

— Não estou dizendo que ele é a minha vida. — Miranda impacientou-se — Apenas que a contém. Venho escrevendo o que me acontece dia a dia, desde os dez anos de idade.

— Tudo mesmo?

— Tudo. — Miranda pensou nos muitos dias em que anotava desde o que comera até outros detalhes minuciosos.

— Eu jamais poderia escrever um diário — Olivia comentou.

— Não.

Olivia rolou para o lado, apoiando a cabeça na mão.

— Não precisava ter concordado tão depressa. Miranda limitou-se a sorrir e a outra deitou novamente.

— Suponho que pretende escrever que sou uma pessoa dispersiva.

— Já escrevi — ela respondeu com sinceridade.

— Verdade?

— Creio ter dito que uma das facetas da sua personalidade é entediar-se com facilidade.

— Bem, isso é verdade — Olivia concordou sem nenhum instante de reflexão.

Miranda fitou a escrivaninha. A vela fazia um jogo de luz e sombra no mata-borrão. Sentiu cansaço, mas, infelizmente, não tinha a menor vontade de dormir, embora estivesse fatigada e inquieta.

— Estou exausta. — Olivia levantou-se.

A criada deixara as roupas de dormir aos pés da cama, e Miranda, respeitosamente, virou a cabeça enquanto a amiga trocava de roupa.

—Quanto tempo acha que Turner permanecerá aqui no campo? — perguntou, tentando não morder a língua.

Odiava o fato de ainda conservar o desespero para vê-lo, nem que fosse por alguns instantes. Quando Turner se casara, ela havia se sentado no banco da igreja e observado a maneira apaixonada com que ele fitava a esposa. Com idênticos amor e devoção que ela, Miranda, dedicava a ele.

E mesmo depois de tantos anos, ela continuava a observar e a amá-lo. Tinha a impressão que assim seria até o fim da vida. Turner fizera com que ela desenvolvesse o amor-próprio e certamente nem imaginava o benefício que lhe concedera. E muito menos que fosse apaixonada por ele.

— Vai demorar muito para dormir? — Olivia perguntou com voz sonolenta e voltou a deitar-se, depois de vestir a camisola.

— Não muito...

Olivia não conseguia adormecer com a proximidade da vela acesa. Miranda viu a amiga virar-se de um lado para outro sem parar e admitiu que o "não muito" havia sido uma pequena mentira. Ainda com a mente a todo vapor, assoprou a vela.

— Levarei isto para outro lugar — avisou, com o diário debaixo do braço.

— Fico eternamente agradecida.

Miranda vestiu um roupão e foi para o corredor. Prendeu o caderno com o queixo para

soltar as mãos e amarrar a faixa na cintura. Estava acostumada a dormir com freqüência em Haverbreaks. Mesmo assim, não era adequado perambular pelos corredores da casa dos outros, vestindo traje de dormir.

Apenas os raios do luar que penetravam pelas janelas iluminavam a escuridão, mas ela poderia fazer de olhos fechados o trajeto do quarto até a biblioteca. Olivia, que a criticava pelo excesso de idéias concomitantes, sempre adormecia antes e, por isso, ela saía com o diário para anotar os acontecimentos do dia. Na verdade, poderia ter pedido um quarto só para ela, mas a mãe de Olivia não acreditava em extravagâncias inúteis. Se podia aquecer um aposento, por que teria de acender a lareira de dois?

Miranda não se importava. De fato, agradecia a companhia. Sua própria casa era muito silenciosa. A mãe, a quem adorava, morrera havia quase um ano e ela tinha ficado sozinha com o pai.

Imerso no sofrimento, ele tinha se refugiado nos preciosos manuscritos, deixando a filha valer-se por si mesma. Miranda se voltara para os Bevelstoke em busca de amor, amizade e carinho, e foi recebida de braços abertos. Olivia chegara a usar luto durante três semanas em honra de lady Cheever.

— Se um dos meus primos tivesse morrido, eu seria forçada a fazer o mesmo — Olivia tinha afirmado no funeral de lady Cheever. — E por certo, eu gostava de sua mãe muito mais do que aprecio qualquer um dos meus primos.

— Não fale assim! — disse Miranda comovida, embora devesse ficar chocada.

— Por acaso conhece meus primos? — Olivia revirou os olhos.

E Miranda rira no funeral da própria mãe e, mais tarde, havia refletido que aquele tinha sido o presente mais precioso que a amiga poderia ter-lhe oferecido.

— Eu te amo, Livvy.

— Eu sei disso. E também te amo. — Olivia segurou a mão da amiga, endireitando os ombros. — Sem a sua amizade, eu teria me tornado um ser humano intolerável. Minha mãe afirma com freqüência que só não cometi ofensas irremediáveis por sua causa.

E com certeza teria sido esse o motivo pelo qual lady Rudland se havia oferecido para apadrinhar sua temporada em Londres.

Depois de receber o convite, o pai de Miranda suspirara aliviado e rapidamente reuniu o capital necessário. Rupert Cheever não era um homem rico, mas possuía fundos suficientes para cobrir as despesas de sua única filha em uma temporada em Londres. Na verdade, não tinha a paciência necessária nem interesse em acompanhá-la em eventos que considerava maçantes.

A estréia na vida social havia sido adiada por um ano. Miranda não poderia comparecer a festas durante o período de luto por sua mãe, e lady Rudland decidira que as duas amigas poderiam debutar juntas. Vinte anos ou dezenove seria a mesma coisa, ela anunciara. E era verdade.

Ninguém estava preocupado em arranjar um casamento maravilhoso para Olivia. Era uma beldade, tinha personalidade vivaz, e como ela mesma costumava dizer, possuía um dote substancioso.

A morte de Letícia, além de trágica, viera numa hora muito imprópria. Um novo período de luto teria de ser observado. Todavia Olivia poderia abandonar o protocolo em seis semanas, pois Letícia não era sua irmã verdadeira.

O atraso não seria grande e não poderia ser evitado.

Miranda alegrou-se. A perspectiva da temporada londrina a apavorava. Não que se considerasse uma pessoa tímida, mas não gostava de aglomerações e era terrível pensar que um grande número de pessoas a observaria para criticá-la depois.

Infelizmente teria de enfrentar aquela situação que não a agradava, refletiu enquanto descia a escada. De qualquer forma, seria bem pior ficar enclausurada em Ambleside sem a companhia de Olivia. Parou ao pé da escada, decidindo para onde ir. A sala de estar à esquerda tinha uma mesa melhor, mas a biblioteca era mais quente e a noite estava fria. Por outro lado...

O que era aquilo?

Miranda inclinou-se e espiou o hall. Havia fogo aceso no gabinete de lorde Rudland, e era difícil imaginar quem estaria acordado àquela hora. Os Bevelstoke sempre se recolhiam cedo.

Miranda caminhou pela passadeira sem fazer ruído e chegou até a porta aberta.

— Oh!

Turner virou-se na poltrona do pai.

— Srta. Miranda — ele falou sem mexer um músculo do corpo. — *Quelle surprise.*

Turner não saberia dizer por que não estava surpreso de ver Miranda Cheever em pé na entrada do estúdio. Ao escutar passos no corredor, suspeitara que devia ser ela. Sua família dormia cedo e profundamente, e era quase inconcebível que um deles pudesse estar acordado, passeando pelos corredores em busca de uma refeição leve ou de algo para ler.

No entanto chegar à conclusão de que se trava de Miranda não se devia a um simples processo de eliminação. Ela era uma observadora nata, que analisava os cenários com agudeza e atenção, e estava presente em todas as ocasiões. Turner não se lembrava de quando a conhecera. Provavelmente havia sido no tempo em que ela ainda era levada pelas andadeiras. Miranda era um acessório da casa sempre visível, mesmo em ocasiões nas quais a família deveria ter mais privacidade.

— Vou embora — ela disse, à guisa de desculpas.

— Não, não vá — Turner falou, sem saber por quê. Estaria cometendo uma maldade ao julgá-la? Havia quase esgotado a bebida de seu pai? Não desejava ficar sozinho?

— Fique — ele pediu com um gesto largo, indicando que entrasse na sala. — Tome um drinque.

Miranda arregalou os olhos.

— Eu não posso beber.

— Não pode?

— Ao menos, não deveria — ela corrigiu-se e franziu o cenho.

Turner gostou de vê-la irritada. Era bom saber que ainda podia provocar uma mulher, mesmo uma moça inexperiente como aquela.

— Já que está aqui, a senhorita poderia tomar um conhaque.

Miranda permaneceu imóvel por um momento, hesitando. Depois deixou o pequeno livro sobre a mesa próxima da porta e adiantou-se.

— Apenas uma dose.

— Então conhece o seu limite?

— Para ser mais exata, não sei qual é ele.

— Muita sabedoria para alguém tão jovem — Turner comentou em voz baixa.

— Tenho dezenove anos — Miranda explicou sem nenhum tom de desafio.

Ele arqueou uma sobrancelha.

— Como eu disse...

— Quando o senhor estava com dezenove anos...

O sorriso de Turner foi ferino ao notar que Miranda se calou.

— Naquela época — ele entregou-lhe uma dose generosa de conhaque —, eu era um idiota.

Serviu-se de igual porção e tomou tudo num grande gole, colocou o copo sobre a mesa com um ruído exagerado e recostou-se na poltrona, apoiando a cabeça nas mãos.

— O mais certo seria dizer: como todos os jovens dessa idade — declarou Miranda.

Ele a fitou. Ela não tinha tocado na bebida, nem mesmo se sentado.

— A presente companhia possivelmente deve ser excluída — Turner a corrigiu.

— Achei que conhaque fosse tomado naqueles cálices bojudos de boca mais estreita.

Ele notou que Miranda se sentava afastada, mas não longe demais e sem desviar a vista. Estaria temendo uma agressão por parte dele?

— Conhaque pode ser servido no que se tiver mais à mão. Como neste caso. — Ele levantou o copo, mas não achou necessário terminar a sentença e ocupou-se em servir outra

dose para si mesmo.

Tornou a fitar Miranda. Ela estava imóvel, de olhar fixo nele, com expressão difícil de ser decifrada. Era impossível afirmar se o desaprovava, mas gostaria de ouvi-la dizer alguma coisa, mesmo que fosse mais um comentário sobre formatos de cálices. Qualquer coisa que o fizesse esquecer que eram onze e meia da noite e que ainda faltavam trinta minutos para aquele maldito dia terminar.

— Srta. Miranda, o que achou do culto? — Desafiou-a com o olhar a dizer algo além das costumeiras trivialidades.

A surpresa foi a primeira emoção visível no rosto de Miranda.

— Está se referindo ao funeral?

— Apenas ao serviço religioso — Turner explicou com vivacidade.

— Eu diria que foi interessante.

— Ora, vamos, srta. Cheever, sei que poderá falar bem mais do que isso.

Miranda mordeu o lábio inferior. Turner lembrou-se de que esse também era um costume de Letícia, sempre que pretendia fingir-se de inocente. E que havia parado com essa mania quando conseguira a tão sonhada aliança de casamento.

Serviu-se de mais um drinque.

— O senhor não acha...

— Não! — Não havia conhaque suficiente no mundo para uma noite como aquela.

Miranda inclinou-se para a frente, pegou o copo e tomou um pequeno gole.

— Achei que o senhor se comportou de maneira esplêndida.

Turner engasgou e tossiu, como se tomasse conhaque pela primeira vez.

— Como é? Ela sorriu.

— E melhor beber goles menores. Ele a fitou com o olhar faiscante.

— É raro alguém falar honestamente a respeito da morte — Miranda comentou. — Não tenho certeza de tomar o rumo adequado, mas... bem... Letícia não era uma pessoa maravilhosa, era?

Na aparência serena de Miranda destacava-se o olhar atilado.

— Srta. Cheever, não sei por quê, mas me parece que está se expressando com um leve toque vingativo.

Ela deu de ombros e tomou outro pequeno gole de conhaque.

— De maneira nenhuma — declarou, sabendo que não seria levada a sério. — Mas sou uma boa observadora.

— Não me diga! — Turner ironizou.

— Não estou entendendo. — Miranda retesou-se.

Ele não imaginava por que o agradava tanto irritá-la. Inclinou-se para a frente só para ver se conseguia deixá-la constrangida.

— Eu tenho reparando na senhorita há anos.

Mesmo na semi-obscuridade, Turner notou que ela empalidecia.

— E sabe o que percebi? — ele murmurou. Miranda entreabriu os lábios e meneou a cabeça.

— A senhorita acompanha os meus movimentos o tempo inteiro.

Ela levantou-se com brusquidão e quase derrubou a poltrona.

— Preciso ir. Não é certo eu ficar aqui e, além disso, já é tarde. Eu...

— Ora, srta. Cheever. — Turner ficou em pé. — Não se preocupe. Eu a tenho visto observar todo mundo.

Ele segurou-a pelo braço. Miranda estacou e não tentou desvencilhar-se.

Turner não queria que ela fosse embora. Não desejava ficar sozinho. Faltavam vinte minutos para a meia-noite e a intenção era deixá-la com uma raiva, idêntica à que ele carregava havia anos.

— Diga-me, srta. Cheever. — Ergueu-lhe ligeiramente o queixo com a ponta de dois dedos. — Já foi beijada?

Não seria nenhum exagero afirmar que Miranda sonhara com aquele momento desde menina. E em suas fantasias, ela sempre sabia o que dizer. Mas a realidade era muito mais complexa, e deixou-a estática, encarando-o sem ar.

O engraçado era sempre ter imaginado que ficar sem respirar fosse uma metáfora.

— Acho que não — ela respondeu, sentindo-se atordoada.

Deveria sair correndo, mas estava paralisada. Além do mais, o que mais desejava no mundo era ser beijada por Turner. Ou, pelo menos, era o que imaginava desde os dez anos de idade, quando nem sabia o significado de um beijo. Turner beijou-a levemente nos lábios.

— Adorável — ele murmurou e traçou uma linha de beijos sedutores pela face delicada até alcançar a linha do queixo.

Era como estar no paraíso, uma sensação totalmente diversa das que conhecia. De repente Miranda foi invadida por uma estranha tensão que se enovelava, se expandia e era de compreensão ignorada. Ela permaneceu no mesmo lugar, deliciando-se com os beijos no rosto e nos lábios.

— Abra a boca.

Ela obedeceu porque se tratava de Turner e por ser o que sempre desejara. Sentiu a língua ávida, aventurando-se pelo interior de sua boca inocente. E no minuto seguinte foi puxada de encontro àquele corpo viril. As mãos grandes e os dedos exigentes ficaram muito mais ousados. Foi quando entendeu que havia algo errado. Aquela não era a carícia que sonhara durante anos. Estava claro que não era desejada, muito menos amada. Aliás, obscura também era a razão pela qual estava sendo beijada.

— Beije-me — Turner resmungou e pressionou os lábios de encontro aos dela com renovada insistência, ao senti-la recuar.

Ele estava sendo ríspido e agia com raiva. Pela primeira vez naquela noite, o medo se abateu sobre Miranda.

— Não. — A negativa perdeu-se dentro da boca que a devorava.

Sem aviso, ou carinho preliminar, as mãos fortes desceram, apertando as curvas do corpo feminino, até alcançarem as nádegas firmes. Foi então que ele atingiu o auge da ousadia ao pressioná-las, apertando-as contra seu membro enrijecido. Miranda percebeu que estava no limiar do desejo e do medo, pois ao mesmo tempo que o desejava, temia estar sendo forçada a um ato sem amor.

— Não — ela tornou a dizer e colocou as mãos entre ambos, empurrando-o com as palmas no peito. — Não!

Turner se afastou abruptamente e sem a menor demonstração de pesar.

— Miranda Cheever — ele murmurou —, quem é que vai saber o que houve?

Movida pela raiva e sentindo-se humilhada, ela deu-lhe um tapa no rosto.

Ele estreitou os olhos, mas nada disse.

— Por que fez isso? — ela quis saber com voz firme, embora continuasse a tremer.

— Eu quis beijá-la, ora. — Ele deu de ombros. — E por que não deveria fazê-lo?

— Porque não. — Miranda não conseguiu demonstrar a indignação que sentia. — Nunca concedi esse privilégio ao senhor.

Uma gargalhada sonora ecoou na sala.

— A senhorita desempenha muito bem o papel de dominadora.

— Pare com isso! — Ela o detestava por falar de coisas que não entendia. — Por que me beijou? O senhor não me ama!

Miranda enterrou as unhas na palma das mãos. Nem mesmo ela sabia de onde tirara coragem para enfrentá-lo daquela forma.

Turner apenas sorriu.

— Esqueci que a senhorita tem apenas dezenove anos e por isso é incapaz de entender que o amor nem sempre é um pré-requisito para um beijo.

— O senhor nem ao menos gosta de mim.

— Bobagem, claro que gosto. — Ele piscou, como se tentasse lembrá-la de quanto a conhecia. — Bem, certamente não desgosto.

— Eu não sou Letícia — ela sussurrou.

Em uma fração de segundo, Turner agarrou-a pelo braço com força.

— Nunca mais mencione esse nome, entendeu? Espantada, Miranda percebeu a fúria cruel nos olhos dele.

— Perdão. Agora, por favor, solte-me.

Ele não obedeceu. Continuou a segurá-la como se estivesse encarando o fantasma de Letícia.

— Por favor, está me machucando!

De repente Turner percebeu o que estava fazendo e recuou.

— Desculpe-me. — Olhou para o lado. Para a janela ou para o relógio? — Peço perdão por ter feito o que fiz.

Engolindo em seco, ela desejou dar-lhe outro tapa e ir embora. Mas era uma tola e não pôde conter as palavras:

— Sinto muito por Letícia ter feito a sua infelicidade.

— Os boatos correm depressa, até mesmo nas salas de aula, não é? — ele perguntou, encarando-a.

— Não! Eu apenas fiquei com vontade de dizer isso.

— Ah, é?

Miranda mordeu o lábio, imaginando o que deveria dizer. Além dos boatos, ela mesma testemunhara várias ocorrências. A começar pelo brilho de paixão naqueles olhos no dia do casamento. Era como se o casal estivesse numa redoma que os isolava dos outros, e a ela só restava contentar-se em observar e sofrer calada.

Da outra vez em que o vira... tudo havia mudado.

— Srta. Cheever... — Turner insistiu. Ela olhou para cima.

— Qualquer pessoa que o conheceu antes do casamento poderia desconfiar da sua desdita.

— Explique melhor. — O olhar ansioso a impedia de mentir.

— Eu sempre o via rir e, quando isso acontecia, seus olhos cintilavam.

— E agora?

— Seu olhar é duro e frio.

Turner fechou as pálpebras, deixando a impressão de estar sofrendo. Mas ao descerrá-las, fitou-a com olhar penetrante e um sorriso irônico. Em seguida, cruzou os braços e encostou-se numa estante.

— Diga-me, srta. Cheever, quando foi que se tornou tão perspicaz?

Miranda engoliu o desapontamento, fora vencida de novo. Quando Turner fechou os olhos, teve a impressão de que ele a escutara. Não exatamente as palavras, mas o seu significado.

— Sempre fui assim. O senhor até comentou sobre isso quando eu era pequena.

— Esses olhos castanhos — Turner riu sem vontade —, seguiam-me por toda parte. Sei muito bem que eu a agradava.

Como um homem podia ser tão cruel?

— O senhor sempre foi muito bondoso para mim quando eu era criança.

— Talvez fosse mesmo, mas isso já faz muito tempo.

— Ninguém entende o fato mais do que eu. Os dois ficaram em silêncio por algum tempo.

— Vá embora. — A voz de Turner foi ríspida e sofrida e ela obedeceu de imediato.

E naquela noite a página do diário ficou em branco.

Na manhã seguinte, Miranda acordou com um objetivo em mente. Queria voltar para casa. Não importava perder o café da manhã, nem sair debaixo de um temporal. Só não podia continuar sob o mesmo teto que Turner.

Tudo era muito triste. O homem que ela conhecera e adorara não existia mais. Fazia tempos que já tinha essa consciência. A primeira demonstração foi no olhar e, em seguida, nas linhas duras de expressão nos cantos da boca. As mudanças eram claras, mas ela relutava em aceitá-las.

— Está acordada, Miranda? — Olivia chamou-a, vestida e encantadora como de costume, apesar do traje de luto.

— Infelizmente — ela respondeu em voz baixa.

— O que houve?

Miranda abriu a boca para responder, mas lembrou que a amiga não a entenderia, então não valeria a pena gastar energia.

— Vamos depressa — Olivia chamou. — Vista-se e pedirei à minha criada para dar os retoques finais. Ela é fantástica com os cabelos.

Miranda imaginou quando Olivia notaria que ela não movera nenhum músculo.

— Levante-se, vamos!

Ela jogou um pé para cima.

— Por Deus, Olivia. Ninguém lhe disse que é grosseria gritar no ouvido de outro ser humano?

Olivia curvou-se e manteve o rosto bem próximo ao da amiga.

— Pois esta manhã o seu aspecto não tem nada de humano.

— Não estou com disposição para brincadeiras.

— Ficará melhor depois do café da manhã.

— Não estou com fome.

— Mas é preciso comer.

Miranda cobriu a cabeça com um travesseiro.

— Miranda!

— Se disser meu nome mais uma vez, eu a matarei.

— Temos um trabalho para fazer!

— Trabalho?

— Isso mesmo. — Olivia agarrou o travesseiro e jogou-o no chão. — Tive uma idéia maravilhosa durante um sonho.

— Está brincando!

— Na verdade, estou. Eu imaginei tudo esta manhã enquanto ainda estava deitada. — O sorriso felino de Olivia foi desafiador, como se estivesse disposta a destruir quem não acreditasse no lampejo de tamanho brilhantismo. Depois ficou à espera da pergunta óbvia que teria de vir.

— Muito bem, do que se trata?

— A idéia diz respeito a você.

— A mim?

— Isso mesmo, e também a Winston.

Miranda levou alguns segundos para se recuperar.

— Está ficando maluca, Livvy! Olivia deu de ombros e sentou-se.

— Trata-se de um plano magnífico. Pense um pouco e concordará que é perfeito.

A última coisa em que Miranda gostaria de pensar naquela manhã era em um cavalheiro, muito menos um que tivesse Bevelstoke como sobrenome.

— Vocês dois se conhecem há anos e a sua idade é a ideal — Olivia enumerou os dois itens nos dedos.

Miranda meneou a cabeça e saiu da cama pelo lado oposto, porém Olivia era ágil e aproximou-se em segundos.

— Sei que uma temporada não lhe agradaria em absoluto e que detesta conversar com pessoas que não conhece. Já afirmou isso em inúmeras ocasiões.

Miranda tentou evitar a amiga e foi até ,o guarda-roupa.

— Como conhece Winston, isso elimina a necessidade de conversar com estranhos. — O sorriso de Olivia iluminou o rosto animado. — E significa que nos tornaríamos irmãs!

Miranda ficou imóvel, agarrada no vestido simples que tirara do armário.

— Isso seria maravilhoso, Livvy. — O que mais poderia dizer?

— Estou tão emocionada por você concordar comigo! — Olivia abraçou-a com efusão. — Será maravilhoso. Esplêndido. Ideal.

Miranda continuou parada, refletindo. Como pudera meter-se em tal enrascada?

A amiga afastou-se, sempre sorridente.

— Winston não tem idéia do que o aguarda.

— Seu propósito é promover o casamento ou simplesmente levar vantagem sobre seu irmão?

— Bem, as duas coisas, é claro — Olivia admitiu, e sentou-se numa poltrona próxima. — Isso importa?

Quando Miranda ia responder, a outra foi mais rápida.

— Claro que não. O fundamental é a existência de objetivos comuns. Fico até surpresa por não termos pensado seriamente nisso antes.

Ela estremeceu, de costas para Olivia. Era evidente que não refletira a respeito. Seus pensamentos só se ocupavam com Turner.

— Também notei como Winston a observava a noite passada.

— Olivia, havia apenas cinco pessoas na sala. Seria impossível alguém não olhar para mim.

— Estou falando do jeito como ele a fitou — Olivia persistiu. — Era como se nunca a tivesse visto.

— Tenho certeza de que está enganada — contradisse, começando a se vestir.

— Não estou. Vire-se, deixe-me abotoar o corpete. Nunca me engano com essas coisas.

Miranda esperou com paciência até Olivia terminar a tarefa e então lhe ocorreu...

— Como pode saber que está certa? Estamos enfiadas no campo e nunca vimos ninguém se apaixonar.

— Ora, claro que vimos. Por exemplo, Billy Evans e...

— Livvy, sabe muito bem que eles tiveram de se casar. Olivia encaixou o último botão na casa, segurou os ombros de Miranda e virou-a de frente para ela, encarando-a com astúcia.

— E por que tiveram de se casar? Porque estavam apaixonados.

— Não me lembro de tê-la ouvido predizer essa união.

— Nem poderia. Você estava na Escócia com a sua família, não é? Eu não poderia escrever uma coisa dessas numa carta. Seria sórdido demais.

Não havia motivos para tamanha indignação. Uma gravidez não planejada seria sempre um acontecimento não intencional. Escrever sobre o fato não mudaria nada. No entanto, não se podia tirar a razão de Olivia. Estivera seis meses na Escócia na casa dos avós maternos, e Billy Evans tinha se casado naquele período.

— Vamos tomar café? — Miranda perguntou sem vontade.

Não havia como se esconder. Além do mais, Turner se mostrara alterado na noite passada e, se houvesse justiça no mundo, ficaria preso na cama a manhã inteira com dor de cabeça.

— Antes quero que Maria faça um penteado nos seus cabelos — Olivia decidiu. — Não poderemos mais deixar nada ao acaso. A partir de agora, será sua obrigação manter-se linda. Não me olhe desse jeito. Mire-se no espelho com atenção e verá que é muito mais bonita do que pensa.

— Olivia...

— Reconheço que foi uma má escolha de palavras. Você não é bonita. Eu sou bonita e lerda. Você tem algo mais.

— Um rosto comprido.

— Um pouco só, mas não é mais tão pronunciado quanto na infância. — Olivia virou a cabeça de lado e fitou-a em silêncio, analisando.

— O que foi? — Miranda estranhou o olhar da amiga.

— Acho que você se desenvolveu bastante.

Era o que Turner dissera havia anos. *No futuro, quando for adulta, será tão bonita como já é inteligente.* Odiou lembrar-se daquela frase e teve vontade de chorar.

Olivia emocionou-se ao ver os olhos marejados da amiga.

— Ah, querida! — As duas se abraçaram com ternura. — Eu a amo muito. Mal posso esperar para sermos irmãs.

Maria demorou mais de trinta minutos para arrumar os cabelos de Miranda, e quando as amigas chegaram à sala de almoço, o estômago de Miranda estava roncando.

— Bom dia — Olivia cumprimentou a todos com alegria e pegou um prato do aparador. — Onde está Turner?

Miranda fez uma prece silenciosa por aquela ausência.

— Imagino que deva estar na cama — lady Rudland respondeu. — Pobrezinho, levou um grande choque. A semana foi terrível.

Não houve comentários. Ninguém gostava de Letícia.

— Certo — Olivia rompeu o silêncio. — Espero que Turner não morra de fome, pois não jantou ontem.

— Ora, a esposa dele acabou de morrer — Winston recriminou a irmã. — Tenha um pouco de clemência.

— Estou preocupada com ele por que o amo — Olivia retrucou com a impaciência habitual que usava para falar com Winston. — Turner não está comendo!

— Mandei uma bandeja para o quarto. — A mãe pôs fim à discussão. — Bom dia, Miranda.

Miranda, entretida com o diálogo entre os gêmeos, assustou-se.

— Bom dia, lady Rudland — ela se apressou em responder —, espero que tenha dormido bem.

— Tanto quanto se poderia esperar em tais circunstâncias. — Lady Rudland suspirou e tomou um gole de chá. — Foi muito difícil e eu só tenho a lhe agradecer por ter passado a noite com minha filha.

— Não há de quê — Miranda murmurou. — Fico satisfeita em poder ajudar. — Foi até o aparador e pegou um prato. Ao retornar à mesa, notou que Olivia deixara um lugar vago ao lado de Winston.

Miranda sentou-se e fitou os Bevelstoke. Todos sorriam para ela. Lorde e lady Rudland com bondade, Olivia com malícia, e Winston...

— Bom dia, Miranda — o rapaz a saudou com simpatia e... interesse? — Tudo bem?

Santo Deus, Olivia estaria certa? Havia algo diferente na maneira como ele a fitava.

— Muito bem, obrigada. — Ela perturbou-se. Winston era praticamente seu irmão e não poderia pensar em... E ela também não. Seria possível? E...

— Miranda, pretende ficar em Haverbreaks pela manhã? — Winston indagou. — Nesse caso, o que acha de cavalgar um pouco depois do desjejum?

Misericórdia! Olivia estava certa. A surpresa impediu-a de responder de imediato.

— Eu... bem, ainda não decidi.

Olivia deu-lhe um pontapé por baixo da mesa.

— Oh!

— O que foi? — lady Rudland preocupou-se.

— Desculpem. — Miranda tossiu. — Creio que foi um espinho.

— Por isso não gosto de comer peixe no desjejum — Olivia declarou.

— Então, o que me diz, Miranda? — O sorriso de Winston certamente ainda derreteria muitos corações. —Vamos dar um passeio?

Prevendo outro cutucão, ela afastou as pernas antes de responder:

— Não trouxe traje de montaria.

A verdade causou-lhe pesar. Sair com Winston poderia ajudá-la a afastar Turner de seus pensamentos.

— Posso emprestar um dos meus. — Olivia sorriu com candura, segurando uma torrada. — Ficará apenas um pouco largo.

— Então está combinado — Winston afirmou. — Faz tempo que não cavalgamos juntos.

Miranda sorriu. Afinal ele era uma pessoa muito afável e de ótimo temperamento, bem diferente do irmão mais velho.

— Tem razão. — Seria ótimo ter a companhia de Winston, mesmo que as intenções dele a tivessem deixado confusa. — Creio que lá se vão anos. Nas suas férias escolares, eu sempre estava na Escócia.

— Mas não hoje — o rapaz alegou, feliz.

Miranda observou-o sorrir por cima da chávena e admirou-se como ele se parecia com Turner na idade deste último. Winston estava com vinte anos, um ano a mais que Turner quando Miranda se apaixonara. Na verdade, quando o tinha conhecido, ela corrigiu-se, e pensara estar apaixonada.

Turner não dormira bem, o que não o surpreendeu. A insônia havia se tornado quase um hábito. E, pela manhã, ainda estava irritado e com raiva... de si mesmo.

O que passara por sua cabeça? Beijar Miranda Cheever! A garota era praticamente sua irmã mais nova. Embora estivesse irritado e um tanto ébrio, não havia desculpa para um comportamento tão desprezível. Admitiu que Letícia se encarregara de matar muitas qualidades suas, mas não o cavalheirismo. Aliás, era o pouco que ainda lhe restava.

Nem mesmo tinha desejado Miranda, no exato sentido da palavra. Conhecia muito bem o desejo, aquela necessidade angustiante de possuir uma mulher e dela se apoderar, literalmente. O que sentira por Miranda...

Não saberia dizer o que havia sido, mas certamente não se tratava de poderosa sensação física.

Ele sempre se irritava com aqueles grandes olhos castanhos que tudo percebiam.

Mesmo quando menina, ela era excepcionalmente sensata. E Turner tinha se sentido transparente e vulnerável no gabinete de seu pai. Embora mal houvesse deixado os bancos escolares, Miranda enxergava através dele. A invasão o deixava possesso, e se vingara da maneira que lhe havia parecido mais fácil.

E nada poderia ter sido mais inconveniente.

O pior era ter de se desculpar. Era intolerável até pensar nisso! Seria mais simples fingir que nada acontecera e ignorá-la para o resto da vida. O que certamente não apagaria sua culpa, ainda mais que não pretendia desentender-se com a irmã.

Além disso, imaginava que lhe houvesse sobrado um pouco de decência cavalheiresca.

Letícia anulara muitos de seus sentimentos bondosos e inocentes, mas certamente não todos. E quando um cavalheiro se comportava mal com uma dama, tinha de se desculpar.

Turner entrou na sala de almoço e constatou que a família já fizera a refeição matinal e saíra, o que o agradou deveras. Comeu rapidamente e tomou café em grandes goles sem ao menos piscar quando a bebida amarga, escura e quente desceu pela garganta. Na certa se penitenciava.

—Milorde deseja mais alguma coisa? — Um criado se aproximou, obsequioso.

— Não, agora não.

O serviçal recuou, mas não saiu da sala. Turner decidiu que estava na hora de deixar Haverbreaks. Havia pessoas em excesso na propriedade. Na certa sua mãe ordenara a todos os criados para ficarem atentos ao pobre filho viúvo.

Com o semblante carregado, Turner empurrou a cadeira e foi para o hall. Havia prevenido seu criado de quarto de que partiriam sem demora, em no máximo uma hora. Só precisaria encontrar Miranda, cumprir a tarefa odiosa e escapar para casa.

Foi então que escutou risos.

Winston e Miranda acabavam de entrar, corados pelo sol e animados com o ar refrescante.

Turner arqueou uma sobrancelha e se deteve, curioso para ver quanto tempo os dois levariam para notar sua presença.

— E isso foi quando — Miranda terminava um relato — compreendi que não poderia confiar em Olivia em relação ao chocolate.

Winston riu com simpatia.

— Miranda, tenho notado muitas mudanças a seu respeito.

Ela enrubesceu.

— Não devem ser tantas. Eu apenas cresci.

— Isso é indiscutível.

Turner achou que Winston deveria calar-se.

— Acha mesmo que depois de tanto tempo eu ainda estaria do mesmo jeito?

— Talvez eu tivesse imaginado isso. — Winston deu um sorriso largo. — Mas sou obrigado a admitir que as mudanças me agradaram. — Tocou-lhe nos cabelos presos num coque. — Prometo que não os puxarei mais.

Ela tornou a corar, pensando na impropriedade da brincadeira.

— Bom dia — Turner falou em voz alta do outro lado do saguão.

— Creio que deve ser boa tarde — Winston respondeu.

— Talvez para os iniciandos — Turner comentou com um sorriso irônico.

— Em Londres, a manhã se estende até as duas? — perguntou Miranda com frieza.

— Se a noite anterior não foi compensadora...

— Turner! — Winston repreendeu-o. Turner deu de ombros.

— Preciso falar com a srta. Cheever — ele anunciou sem olhar para o irmão, e notou que Miranda entreabria os lábios, talvez pela surpresa ou ainda com raiva.

— A mim parece que a decisão compete a ela, não? — Winston atalhou.

— Avise-me quando estiver pronta para retornar à sua casa. — Turner encarou-a. — Eu a levarei.

— Escute aqui — Winston interveio, aborrecido. — Miranda é uma dama, e seria de bom tom ao menos lhe pedir permissão.

Turner cravou no irmão um olhar ameaçador e voltou-se outra vez para ela.

— Eu a levarei para casa.

— Eu tenho...

A expressão sombria de Turner interrompeu-a, e ela aquiesceu com um gesto de cabeça.

— Está bem. — Não escondendo a tensão, virou-se para Winston: — Eu havia esquecido que lorde Turner deseja conversar com meu pai a respeito de algumas iluminuras.

Turner conteve um sorriso diante da esperteza de Miranda.

— Meu irmão? — Winston duvidou. — Interessado num manuscrito com iluminuras?

— É a minha mais nova paixão — ele comentou com inocência.

Winston olhou de um para o outro e fez um gesto seco de concordância com a cabeça.

— Está bem. Foi um prazer.

— Da mesma forma para mim — Miranda murmurou. Pelo tom de voz dela, Turner

concluiu que não se tratava de uma mentira; por isso tratou de não abandonar seu posto entre os dois.

— Eu a verei antes de voltar para Oxford? — perguntou Winston, indiferente à presença ostensiva do irmão.

— Creio que sim. Não tenho planos para os próximos dias e...

Turner bocejou e Miranda tossiu.

— Podemos marcar alguma coisa — ela afirmou. — Que tal tomarmos um chá lá em casa com Olivia?

— Eu adoraria a oportunidade.

Enquanto isso, Turner examinava as unhas com total indiferença.

— Se Olivia estiver ocupada, vá assim mesmo.

Winston arregalou os olhos com interesse.

— Nada poderia ser mais agradável. — O rapaz curvou-se sobre a mão de Miranda.

— A senhorita está pronta? — Turner falou alto demais.

— Não — ela respondeu, impassível.

— Bem, então trate de apressar-se. Não posso ficar o dia todo à sua disposição.

— Turner, o que está acontecendo? — Winston espantou-se.

Era uma boa pergunta. Quinze minutos antes, seu objetivo era fugir da mansão dos pais com a maior urgência, e agora não se importava em perder tempo levando Miranda para casa.

Bem, certo que insistira, mas ele tinha seus motivos.

— Estou muito bem — respondeu, fingindo surpresa. — Melhor do que tenho estado há anos. Desde 1816, para ser mais preciso.

Winston mudou os pés de posição, pouco à vontade, e Miranda virou-se. Como todos sabiam, Turner se casara em 1816.

— E em junho — ele completou, com maldade.

— O que disse?—Winston indagou o óbvio. Naquela data, Turner havia se casado com Letícia.

Turner sorriu para os dois. Um sorriso falso, de quem se congratulava consigo mesmo.

— Eu a esperarei no saguão de entrada — murmurou para Miranda. — Não se demore.

CAPÍTULO II

Não se demore.

Isso era coisa que se dissesse? Furiosa, Miranda não podia esquecer o desaforo enquanto arrancava suas roupas do armário. Não haviam combinado nada, e Turner nem mesmo pedira permissão para acompanhá-la. Dera as ordens bruscamente e não se preocupara em esperar por uma resposta. Por que ele estaria tão ansioso para se livrar dela? Oh, Deus. Não sabia se chorava ou se ria.

— Já está de partida? — Olivia entrou no quarto.

— Preciso voltar para casa. — Miranda escolheu aquele momento para enfiar um vestido pela cabeça, não queria que a amiga visse seu rosto. — Seu traje de montaria está em cima da cama — acrescentou, e as palavras foram abafadas pelo farfalhar da musselina.

— E por que a pressa? Seu pai está trabalhando e não sentirá a sua ausência.

Que falta de sensibilidade!, Miranda refletiu. Virou-se para Olivia abotoar as costas do vestido.

— Não quero me tornar inconveniente.

— O quê? Não seja tola. Eu garanto que minha mãe adoraria se você pudesse morar conosco para sempre. O que acontecerá de fato quando formos para Londres.

— Não estamos em Londres, Livvy.

— E daí? Não é tudo a mesma coisa? Não era. Miranda cerrou os dentes.

— Por acaso discutiu com Winston?

Quem poderia discutir com Winston, exceto Olivia?

— Claro que não.

— Então explique o que houve.

— Não aconteceu nada, Livvy. — Miranda pegou as luvas e esforçou-se para demonstrar calma. — Seu irmão quer falar com meu pai a respeito de um manuscrito com iluminuras.

— Winston? — Olivia não se preocupou em disfarçar a descrença.

— Turner.

— Não acredito. — O espanto foi ainda maior. *Por que tantas perguntas?*

— Sim. Como ele planeja ir embora logo, precisa me levar agora.

Miranda considerou que a frase fora bem imaginada, dadas as circunstâncias. Talvez Turner resolvesse voltar para a sua casa na Nortúmbria, e o mundo voltaria a ser o que era

antes, pendendo feliz em torno de seu eixo e girando em volta do Sol.

Olivia encostou-se no batente da porta e disse:

— Então, por que está tão mal-humorada? Afinal, sei que sempre gostou de Turner, não é mesmo?

Miranda por pouco não riu. E por muito menos não chorou.

Como Turner ousava dar-lhe ordens como se ela fosse uma qualquer?

E ainda se atrevia a fazê-la tão infeliz em Haverbreaks, que havia sido um lar para ela nesses últimos anos, muito mais do que para ele.

Virou-se para que Olivia não visse seu rosto.

— Miranda? — a amiga chamou-a com suavidade. — Está se sentindo bem?

— Melhor impossível — ela respondeu, passando pela amiga, rumo ao corredor.

— Pois não é o que está parecendo.

— Estou triste por causa de Letícia — Não era exatamente uma mentira. Qualquer pessoa que tivesse feito Turner infeliz merecia ser lamentada.

Porém Olivia não se deixava enganar facilmente e foi no encalço de Miranda, que descia correndo a escadaria.

— Como? — perguntou. — Na certa está brincando comigo. Miranda chegou ao piso inferior e segurou-se no corrimão para não cair.

— Aquela mulher foi uma miserável feiticeira — Olivia continuou. — Ela destruiu a vida do meu irmão.

Exatamente.

— Bom dia — Turner cumprimentou a irmã com um gesto cortês de cabeça.

— Miranda disse que está lamentando a morte de sua esposa. Isso não é insuportável?

— Olivia! — Miranda engasgou.

Turner podia ter detestado a falecida esposa, o suficiente para afirmar isso no funeral, mas havia coisas que ultrapassavam os limites da decência.

Ele ergueu uma sobrancelha e fitou Miranda com olhar zombeteiro.

— E daí? Todos nós sabemos que ele a odiava! — Olivia continuou.

— Sutil como sempre, irmãzinha querida.

— Quem sempre diz não gostar de hipocrisia? — ela retrucou.

— Tem razão. — E Turner fitou Miranda. — Vamos?

— Vai levá-la para casa? — Olivia perguntou apesar da explicação anterior da amiga.

— Preciso falar com sir Rupert.

— Winston não poderia levá-la?

— Você está sendo indiscreta demais! — Miranda não saberia dizer o que a envergonhava mais. Se eram os arranjos para um namoro entre Winston e ela ou se era o fato de tudo aquilo estar sendo dito na frente de Turner.

— Winston não precisa falar com ninguém — ele declarou em voz baixa.

— E por isso ele não pode ir junto?

— Não no meu cabriolé. Olivia não disfarçou a inveja.

— Vai levá-la na sua carruagem nova? — Ela morria de vontade de dirigir aquele veículo alto, ligeiro e leve.

Turner sorriu.

— Talvez eu a deixe dirigir — falou, com o propósito explícito de torturar a irmã.

E o ardil funcionou. Olivia engasgou de maneira estranha, como se o desgosto houvesse entalado em sua garganta.

— Até logo, irmã querida — ele disse com um sorriso pretensioso. Passou o braço no de Miranda e levou-a até a porta. — Eu a verei mais tarde... ou talvez você me verá... quando eu chegar.

Miranda esforçou-se para não rir.

— Não se faz isso com uma irmã. Ele deu de ombros.

— Olivia merece uma provocação.

— Não concordo. — Ela sentiu-se no dever de defender a amiga, mesmo considerando o episódio muito engraçado.

— Não?

— Bem... sim, mas admito que foi uma crueldade.

— A intenção era essa — Turner concordou. Miranda permitiu que ele a ajudasse a subir no veículo e imaginou como tudo aquilo acontecera.

Rodaram sem falar nos primeiros minutos. O veículo era veloz e ela não pôde evitar a sensação de elegância e de estar na moda enquanto apreciavam a paisagem do alto.

— A senhorita fez uma conquista esta tarde — Turner interrompeu o silêncio. — Winston me pareceu muito interessado.

Miranda ficou tensa e não respondeu. Nada havia para dizer que deixasse sua dignidade intacta. Poderia negar a afirmativa e parecer coquete, ou concordar e dar a impressão de orgulhosa. Ou provocativa. Ah, que Deus a perdoasse, como se pretendesse deixá-lo enciumado.

— Suponho que terei de dar-lhes minhas bênçãos — ele declarou.

Chocada, ela virou-se para fitá-lo, mas Turner continuou a olhar para a frente.

— Certamente será um enlace vantajoso para a senhorita, e meu irmão não poderia desejar nada melhor. É verdade que lhe falta um bom dote, sempre necessário ao filho caçula de uma casa, mas a senhorita certamente preencherá a lacuna com bom senso e sensibilidade.

— Ah... Eu...

Ela piscou, sem a menor idéia do que dizer. Tratava-se de um cumprimento, e dessa vez não irônico, mas assim mesmo sentia-se desenxabida. Não gostava que ninguém se desmanchasse em elogios sobre suas qualidades intrínsecas, como se isso fosse a única razão que a equiparasse a Winston.

Também não queria ser sensata. Naquele momento, preferia ser linda, exótica ou cativante.

Deus do céu! Sensata era uma designação infeliz. Pelo breve silêncio, percebeu que o final da frase era aguardado.

— Obrigada — ela murmurou.

— Não desejo que meu irmão cometa os mesmos erros que eu.

Miranda fitou-o de revés e percebeu-o tenso e com os olhos grudados na estrada.

— Erros? — repetiu ela em voz baixa.

— Na verdade um erro — Turner disse com voz cortante. — No singular.

— Letícia. — Arrependeu-se de imediato pela ousadia da intromissão na intimidade alheia.

O veículo diminuiu a marcha, parou, e ele finalmente a encarou.

— Isso mesmo.

— O que foi que ela lhe fez? — Por mais uma vez, não pôde evitar a pergunta pessoal, inadequada, dita num fio de voz. Percebeu o erro de ter perguntado pela reação dele, que se virou de novo para a frente.

— Nada que possa ser dito aos ouvidos de uma dama.

— Oh...

Turner se voltou com brusquidão e fitou-a com o olhar faiscante.

— Por acaso sabe como ela morreu? Miranda fez um sinal afirmativo com a cabeça.

— Caiu e quebrou o pescoço.

— Letícia foi atirada ao solo por um cavalo em desabalada carreira...

— Eu sei.

— Aposto que não sabia que ela ia ao encontro do amante. E ela estava grávida. *Deus Misericordioso!*

— Ah, Turner, eu sin...

— Não diga isso — ele a interrompeu. — Eu não sinto nada. O filho não era meu.

Em vez de responder, Miranda cobriu a boca com a mão. O que poderia dizer? Certamente nada.

— O primeiro também não era meu. — Turner estreitou os olhos, e as narinas se alargaram. Torceu os lábios como se estivesse à espera da inevitável pergunta. — Ela estava grávida quando nós nos casamos. Aliás, foi por isso que o enlace aconteceu, como deve saber. — Ele riu com amargura. — O que é uma fábula, considerando-se que eu não sabia de nada.

O sofrimento naquela voz grave cortava o coração, mas não tanto como a aversão a si mesmo. Depois de descobrir por que ele se modificara tanto, Miranda entendeu que jamais poderia odiá-lo.

— Sinto muito. — Foi a única coisa que encontrou para dizer. Qualquer outra palavra seria excessiva.

— Não foi sua... — Houve uma pausa forçada e a frase ficou sem término. — Obrigado.

— Pretende ir para a Nortúmbria? Ou para Londres? Será que ele tinha intenções de se casar novamente?

— O que farei... — Turner cismou. — Qualquer coisa que me agrade, imagino.

Miranda deu uma tossidela.

— Sua mãe acalenta esperanças de contar com a sua presença em Londres durante a temporada de Olivia.

— Minha irmã não precisa da minha ajuda.

— É verdade. — Ela engoliu em seco, antes de completar: — Mas eu sim.

Turner virou-se e fitou-a com as sobrancelhas erguidas.

— A senhorita? Pensei que estivesse interessada em meu irmão.

— Não estou. Quero dizer, não sei. Ele é muito jovem, não acha?

— Mais velho do que a senhorita.

— Apenas três meses, e ainda está na universidade. Não vai querer casar-se tão cedo.

— O que não a agrada, não é mesmo? — Turner fitou-a com olhar penetrante.

Se pudesse, ela teria saltado da carruagem. Aquela, certamente, não era uma conversa apropriada para uma dama.

— Bem, pretendo me casar algum dia — afirmou com altivez, evitando uma resposta direta.

Eles se entreolharam durante algum tempo que pareceu prolongar-se em demasia, e foi Turner quem quebrou o silêncio:

— Está certo, levarei o assunto em consideração. Bem, eu lhe devo...

— Deve o quê?

— Uma desculpa, para começar. O que aconteceu ontem à noite foi... imperdoável. Por isso insisti em levá-la para casa. — Turner desviou o olhar por alguns segundos. — Eu devo um pedido de perdão e achei que seria melhor fazer isso em particular.

Miranda fixou-se na estrada em frente.

— Uma declaração pública faria minha família inteirar-se do fato, e tenho certeza de que a senhorita não gostaria disso.

— E o senhor também preferiria que eles ignorassem o assunto.

— Não posso afirmar que me orgulho do meu comportamento e, sem dúvida, prefiro que a minha família não saiba. Mas eu também pensei na senhorita — ele ponderou, passando a mão pelos cabelos fartos.

— Aceito o pedido de desculpas — Miranda falou com delicadeza.

— Não sei por que fiz aquilo. Nem ao menos se tratou de desejo. Não posso imaginar o que aconteceu, mas certamente não foi sua culpa.

Não foi preciso resposta alguma, estava visível no rosto delicado que a observação fora totalmente inapropriada.

— Droga... — Ele suspirou com irritação e desviou o olhar. *Atitude brilhante, a sua. Beijar uma moça e depois afirmar que não o fez por desejá-la.* — Sinto muito. Preciso aprender a pensar antes de falar, assim poupo os ouvidos dos outros de minhas bobagens. Não sei o que anda acontecendo comigo.

— Talvez fosse aconselhável escrever um livro — ela disse com amargura. — *Cem Maneiras de Insultar uma Jovem.* Pelos meus cálculos, o senhor deve estar por volta da quinquagésima.

Turner tornou a inspirar. Não estava acostumado a desculpar-se.

— Não quis dizer com isso que a senhorita não seja atraente.

Ela fitou-o com descrença. Sentada e sem poder fazer nada, era obrigada a escutá-lo pronunciar palavras que deixavam os dois constrangidos.

Pelo silêncio, Turner entendeu que não deveria continuar a dar explicações inúteis, mas notou pesar nos olhos expressivos, despertando uma nesga de compaixão em seu coração empedernido. E sobreveio uma estranha compulsão de agir com correção.

Com dezenove anos, a experiência de Miranda com homens resumia-se a Winston e a ele mesmo, que, até então, representavam imagens fraternas. A garota devia estar confusa ao extremo. Winston decidira de repente encará-la como uma mescla de Vênus, rainha Elizabeth e Virgem Maria. Turner, por sua vez, usara de violência para beijá-la. Não tinha sido exatamente um dia típico na vida de uma moça do interior.

Mesmo assim, continuava empertigada e de queixo erguido. Embora devesse odiá-lo, não demonstrava nenhum sentimento parecido com aversão.

— Preste atenção, a senhorita é muito atraente. — Fitou-a atentamente, pela primeira vez em muitos anos, cobrindo a mão miúda com a sua. O que viu não foi um rosto de beleza clássica, mas aqueles olhos castanhos e grandes o cativaram desde que a vira pela primeira vez. A pela clara era impecável, criando um contraste luminescente com os cabelos escuros, ligeiramente ondulados.

Se os tocara na noite anterior, por que não se lembrava como eram? Deveria ter notado a textura.

— Turner...

Por que ele a encarava com aquela expressão desconhecida?

O olhar curioso estudou sua boca detalhadamente ao ouvir seu nome. Lábios carnudos, sensuais, que pediam beijos.

— Turner? — chamou-o novamente, procurando tirá-lo do devaneio.

— Muito... — ele falou como se acabasse de entender o inacreditável.

— Muito o quê?

— A senhorita... você é muito sedutora. — Turner sacudiu a cabeça, procurando afastar-se do encanto que, de alguma forma o atingira.

Miranda suspirou.

— Por favor, não minta para poupar meus sentimentos. Isso é um insulto à minha inteligência, além de representar uma ofensa muito maior do que qualquer coisa que possa ser dita sobre a minha aparência.

— Não estou mentindo. — enfatizou ele, parecendo surpreso.

— Bem, então... obrigada — ela observou, sem graça, mordendo o lábio inferior.

— Em geral meus elogios são aceitos como sinceros.

— Tenho certeza disso.

— Então, por que de repente tive a impressão de ser acusado de falsidade?

Miranda abriu muito os olhos e duvidou que houvesse falado com tanta frieza.

— Não sei do que está falando. — Por um momento, teve a impressão de que Turner

continuaria a questioná-la, mas, em seguida, ele se arrependeu, segurou as rédeas e sorriu.

— Vamos?

Continuaram o trajeto por alguns minutos e, sempre que possível, Miranda o fitava de relance, e encontrava uma expressão tranqüila e indecifrável. O que não deixava de ser irritante, uma vez que suas idéias se encontravam num verdadeiro redemoinho. Se Turner não a desejava, por que a tinha beijado? Qual fora o objetivo? Então...

— Por que me beijou, Turner?

Ele engasgou, surpreso com o tom intempestuoso da pergunta. Os cavalos diminuíram a marcha, sentindo a falta de atenção do condutor. Pela aflição demonstrada, Miranda concluiu que ele não encontraria nenhuma maneira benévola de responder.

— Esqueça o que eu perguntei. Não importa — ela disse, embora não tivesse se arrependido da pergunta.

Afinal, não tinha nada a perder. Por certo, ele não zombaria nem espalharia boatos a seu respeito. Ficou apenas constrangida pelo momento que não poderia ser comparado com o da noite anterior, portanto...

— A culpa foi toda minha — Turner afirmou. — E você teve a infelicidade de estar a meu lado.

Miranda notou a desolação nos olhos azuis e apoiou a mão no braço musculoso.

— Ter raiva de sua esposa não é nenhum absurdo. Turner não se deu o trabalho de fingir que ignorava do que Miranda estava falando.

— Letícia está morta.

— Isso não apaga a verdade de ela ter sido uma pessoa terrível enquanto viva.

Ele a fitou com curiosidade e desatou a rir.

— Ah, admiro-me com a sua capacidade de dizer coisas abomináveis como se fossem normais.

— Agora eu realmente tomarei a afirmativa como um cumprimento. — Miranda sorriu.

— Terei de me lembrar de jamais permitir que ocupe o posto de professora na escola dominical.

— Pois não terá de se preocupar com isso. As virtudes cristãs não estão muito arraigadas no meu coração.

— E mesmo? — Turner divertiu-se.

— Ainda guardo ressentimento contra Fiona Bennet.

— Quem é ela?

— A menina desagradável que me chamou de feia no décimo primeiro aniversário de

Olivia e Winston.

— Deus do céu! Há quantos anos foi isso? Também não posso esquecer de nunca a contrariar.

Miranda arqueou uma sobrancelha.

— É bom mesmo que não o faça.

— Devo confessar, minha querida, que notei uma grande lacuna em relação à sua natureza caritativa.

Ela deu de ombros, admirada pela facilidade com que Turner conseguia deixá-la despreocupada e feliz em tão pouco tempo.

— Não diga nada à sua mãe. Ela me acha uma santa.

— Comparada com Olivia, tenho certeza de que é.

— Por favor, nada diga contra minha amiga querida. Sou inteiramente devotada a ela.

— Fiel como um cão, se me permite uma comparação nada agradável.

— Não faz mal, adoro cães.

E o assunto não pôde ser concluído, uma vez que a viagem havia terminado. E o pior foi que a última frase dita poderia direcioná-lo a lembrar dela toda vez em que pensasse em cachorros. Turner ajudou-a a descer e espiou o céu, que começava a escurecer.

— Se não se incomodar, não a acompanharei até a entrada — ele murmurou.

Uma das grandes qualidades de Miranda era ser muito prática. Seria uma tolice exigir companhia sob a garoa, uma vez que podia perfeitamente caminhar até a porta de sua própria casa.

— Claro que não.

— Boa sorte — ele desejou, subindo no cabriolé.

— Com quê?

— Com Londres, com a vida... — Turner deu de ombros. — Com qualquer coisa que deseje.

Miranda sorriu com tristeza. Se ele ao menos soubesse...

Turner havia planejado passar a primavera e o verão na Nortúmbria, onde desfrutaria de certa privacidade para não ter de guardar luto pela esposa. Mas sua mãe usara a mais letal de todas as táticas para convencê-lo: a culpa. Afinal, Olivia precisava do irmão mais velho para acompanhá-la em seu *début* nos eventos londrinos.

O primeiro argumento usado não o convenceu. Não tinha cedido quando a mãe afirmara que um líder da sociedade como ele no baile de Olivia asseguraria o afluxo dos jovens cavalheiros mais bem situados.

Resistira também quando ouviu que não deveria cultivar a dor sozinho no campo e que seria ótimo sair e distrair-se com os amigos.

E finalmente, rendeu-se quando ela surgiu na porta de seu quarto, dizendo sem ao menos cumprimentá-lo:

— Ela é sua irmã.

Por isso Turner estava na Rudland House de Londres, rodeado por quinhentos dos mais pomposos membros da nobreza.

O objetivo principal era encontrar dois noivos. Um para Olivia e outro para Miranda. E com certeza ele haveria de impedir que as duas fizessem um casamento tão desastroso como fora o dele.

Londres estava coalhada de homens da mesma espécie de Letícia e que não faziam jus a seus títulos. E com certeza lady Rudland não tinha conhecimento dos boatos que circulavam a respeito desses sujeitos na sociedade.

Turner não teria de comparecer a muitos eventos. Viera ao baile das debutantes para escoltá-las. Depois, talvez fosse ao teatro, se houvesse uma peça que o interessasse, e acompanharia o progresso das jovens sem alarde e sem ser visto. No fim do verão, terminaria com todas aquelas bobagens e voltaria para...

Bem, para qualquer coisa que planejasse fazer. Na Nortúmbria, estudaria a rotação das culturas ou retomaria a prática do arco-e-flecha. Visitaria a taberna local. Gostava da cerveja. E ninguém lhe faria perguntas sobre a falecida lady Turner.

— Querido, que surpresa em vê-lo! — Lady Rudland chegou, linda num vestido púrpura.

— Eu disse que viria a tempo — Turner retrucou e terminou de beber o champanhe. — Ninguém a avisou da minha chegada?

— Não. Tenho corrido como uma louca, ocupada com os detalhes de última hora. Creio que os criados não desejavam me importunar, e as coisas acabaram se acumulando.

— Ou então não conseguiram encontrá-la — Turner comentou, perscrutando a multidão.

O sucesso do baile poderia ser medido pelo tamanho da aglomeração. Como tinha permanecido nas sombras desde que chegara, havia vinte minutos, ainda não tinha visto os convidados de honra.

— Dei permissão para as duas dançarem a valsa — lady Rudland afirmou. — Agora, por favor, cumpra seu dever para com elas.

— Como negar uma ordem direta? — Turner murmurou.

— Principalmente com Miranda.

— O que quer dizer com isso, mamãe?

— Ela é uma menina notável e eu a amo muito, mas nós dois sabemos que seu tipo físico não é o que mais agrada à sociedade.

— Pode ser, mas não podemos ignorar que a sociedade em geral não sabe julgar o caráter das pessoas corretamente. Se está lembrada, Letícia era um grande sucesso.

— E é o que está acontecendo com Olivia, se esta noite servir como indicação — lady Rudland comentou, séria. — A sociedade é caprichosa e recompensa tanto os bons como os maus. Mas nunca os calados e serenos.

Turner olhou para a outra extremidade e viu a irmã e a amiga perto da porta.

A duas pareciam pertencer a dois mundos à parte.

Miranda sorria, cortês, para os jovens que a convidavam para dançar. Mas não fazia parte da multidão que rodeava Olivia, uma jóia brilhante em seu elemento. Os olhos da irmã cintilavam e, quando ria, a música dançava no ar. Não havia como negar seu esplendor.

Já Miranda era diferente. Embora sorrisse, tinha-se a impressão de que estava empenhada em fazer anotações mentais sobre as pessoas que conhecia.

— Vá dançar com ela — lady Rudland pediu.

— Miranda? — perguntou, surpreso. Imaginou que a mãe pediria para que dançasse primeiro com Olivia.

— Para ela, será um belo impulso. Há quanto tempo não dança, meu filho? Creio que deve ser bem antes da morte de Letícia — incentivou lady Rudland.

Turner não chegou a responder, porque de repente a mãe assumiu uma expressão de espanto pela blasfêmia, que não chegou a ser enunciada.

— O que houve, mamãe?

— Onde está a sua faixa preta de braço? — ela sussurrou.

— E para que eu a usaria? — Ele não conteve a ironia.

— Por causa de Letícia — lady Rudland explicou, como se o filho não soubesse.

— Eu disse que decidi não usar luto por ela.

— Mas estamos em Londres, e na estréia social de sua irmã.

— Meu casaco é preto.

— Seus paletós são sempre pretos.

— Talvez eu use este como luto perpétuo pela morte da minha confiança.

— Esse ato tolo de rebeldia vai virar escândalo — lady Rudland sibilou.

—Não. Letícia era quem criava escândalos. Estou simplesmente me recusando a reverenciar uma esposa que praticava atos vergonhosos.

— Está pretendendo arruinar sua irmã?

— Meus atos nem de longe terão reflexo na felicidade de Olivia, como teria sido se Letícia ainda estivesse viva.

— Não importa. O fato é que sua esposa morreu e...

— Eu vi o corpo — ele retrucou, acabando com a argumentação.

— Não precisa ser tão vulgar — reclamou ela, recuando.

— Desculpe-me. — A cabeça de Turner começava a latejar.

— Espero que reconsidere seus atos.

— Eu não gostaria de aborrecê-la. — Ele suspirou. — Mas não mudarei de opinião. Ou ficarei em Londres sem a faixa preta no braço, ou irei para a Nortúmbria... também sem a faixa. — Fez uma pausa. — A decisão é sua.

Lady Rudland não respondeu e ele deu de ombros.

— Então vou falar com Miranda. E foi o que fez.

A permanência de Miranda em Londres havia duas semanas não poderia ser considerada um sucesso, mas também não um fracasso. Era como ela imaginava que seria, exatamente um meio termo. As linhas do cartão de danças não chegavam a ser preenchidas totalmente e seu diário estava lotado de incontáveis observações insanas e vazias. E as ocasionalmente dolorosas como a de lorde Chiselworth, que havia tropeçado na escada no baile de Mottram e torcido o tornozelo.

No conjunto, considerou-se satisfeita para quem fora abençoada com seus atributos particulares. Assim estava escrito no diário:

Eu gostaria de aperfeiçoar meu traquejo social, mas como Olivia sempre diz, conversas tolas nunca foram meu ponto forte. Contudo, procurei caprichar nos sorrisos gentis e vagos, que parecem surtir efeito. Recebi três convites para jantar!

O fato de ser a melhor amiga de Olivia ajudou bastante. A amiga tomara a sociedade de assalto, como todos haviam previsto, e Miranda beneficiou-se com a associação. Muitos cavalheiros se atrasaram para assegurar uma dança, e outros ficavam aterrorizados diante da perspectiva de apenas conversar com uma moça tão bela. Nessas ocasiões, Miranda sempre surgia como a escolha mais viável e próxima.

Mesmo com o inesperado acúmulo de atenções, estava sozinha quando escutou a voz familiar.

— Não acredito que fui capaz de encontrá-la desacompanhada.

Turner.

Miranda sorriu. Nenhum homem poderia ser mais atraente do que ele com a roupa social preta, que evidenciava ainda mais o efeito das velas, refletindo as mechas douradas nos

cabelos espessos.

— Ora, mas que surpresa. Então você veio.

— Achou que eu não viria?

Apesar de lady Rudland ter dito que Turner pretendia vir a Londres, ela não acreditara ser verdade. Tinha quase certeza de tê-lo ouvido dizer que não pretendia participar da vida social da cidade naquele ano, e talvez nem nos próximos.

— Aposto que Lady Rudland deve tê-lo chantageado para que viesse ao baile — ela declarou.

— Chantagem? — Turner fingiu-se ofendido. — Uma palavra horrorosa e incorreta neste caso.

— Ah, é?

Ele inclinou ligeiramente a cabeça, estreitando a distância que os separava.

— Foi minha culpa.

— O que foi que você fez?

— O mais correto seria perguntar o que não fiz. Ou melhor, o que não estava fazendo — contou, fazendo um gesto de pouco caso com a mão. — Disseram-me que você e Olivia teriam sucesso se eu lhes oferecesse apoio.

— Creio que sua irmã seria bem-sucedida, mesmo se não tivesse um centavo e fosse filha ilegítima.

— Também com você não tenho preocupações a respeito. — Sorriu de maneira benevolente e irritante, franzindo o cenho. — E por que minha mãe pensaria em fazer chantagem?

Um sorriso triunfante iluminou o rosto de Miranda, que gostava de deixá-lo sem graça. Na maioria das vezes ele parecia controlado, enquanto seu coração parecia saltar do peito só em olhar para aquela presença tão devastadora. Felizmente o passar do tempo fora responsável por certa autodefesa. Se não o conhecesse há tantos anos, nem mesmo seria capaz de manter uma conversa se ele estivesse presente no mesmo ambiente. Além disso, Turner poderia desconfiar de algo se ela perdesse a voz toda vez que se encontrassem.

— Não sei. — Miranda fingiu refletir. — Histórias da infância, talvez.

— Veja como fala — Turner brincou. —Eu era um perfeito anjo.

— Você deve me considerar muito ingênua — declarou ela, arqueando uma das sobrancelhas.

— Não. Apenas polida demais para me contradizer. Miranda revirou os olhos e voltou-se para as pessoas que se apinhavam no recinto. Olivia era cortejada no meio do salão, rodeada pelo costumeiro grupo de jovens.

— Livvy parece ter nascido para isso, não é mesmo?

— Onde estão os seus admiradores, srta. Cheever? Acho difícil acreditar que não tenha nenhum.

— Um ou dois, talvez. Quando Livvy está por perto, pareço fazer parte dos móveis e utensílios. — Ela enrubesceu com o elogio.

— Não acredito no que está me dizendo. Deixe-me ver seu cartão de dança.

Relutante, Miranda estendeu o cartão. Turner examinou-o e logo o devolveu.

— Eu tinha razão. Está quase cheio.

— É ilusório. A maioria dos cavalheiros se aproximou de mim por eu estar perto de sua irmã.

— Não diga tolices. Nem se preocupe com isso. Miranda surpreendeu-se com a suposição.

— Não estou preocupada. Eu dei a impressão de estar? Ele recuou e avaliou-a.

— Não, não está. Que estranho...

— Por que diz isso?

— Jamais conheci uma dama que não desejasse uma turba de candidatos à sua volta num baile.

— Pois agora está conhecendo. — Ela irritou-se com os ares superiores e empinou o nariz, assumindo uma postura ainda mais arrogante.

— Minha querida menina. — Turner riu. — E com essa atitude acha que encontrará um marido? Não me olhe como se eu dissesse absurdos. Foi você quem afirmou sua pretensão de encontrar um marido nesta temporada.

Miranda cerrou ainda mais os dentes. O pior era que ele estava certo, o que a deixou sem resposta.

— Por favor, não me chame de "querida menina".

— Miranda, será engano meu ou está com raiva?

— Sempre me irrito com facilidade.

— É o que estou percebendo.

Aquele sorriso encantador perturbou-a ainda mais.

— Pensei que fosse encontrá-lo macambúzio e meditativo.

— Você consegue extrair o melhor de mim.

Miranda fitou-o com olhar contundente. Ele esquecera da noite do funeral de Letícia?

— O melhor? — Ela arrastou as palavras. — Será mesmo? Pelo menos Turner teve a delicadeza de parecer envergonhado.

— Ocasionalmente o pior, mas *não* esta noite. — Ele ergueu as sobrancelhas. — Estou aqui para cumprir meu dever para com você.

Dever. Palavra dura e ferina.

—Por favor, deixe-me ver novamente seu cartão de dança.

Miranda entregou o gracioso cartão enfeitado com arabescos e com um pequeno lápis-borracha amarrado na ponta. Turner examinou-o e estreitou os olhos.

— Por que deixou todas as valsas livres? Minha mãe assegurou ter permitido a vocês dançarem a valsa.

— Não foi por isso. — Ela cerrou os dentes ao sentir que começava a enrubescer. — É que, bem, se quer saber...

— Fale logo, srta. Cheever.

— Por que me chama de srta. Cheever quando está caçoando de mim?

— Bobagem. Eu também a chamo da mesma forma quando a repreendo.

Ora, mas isso era um progresso.

— Enfim, Miranda, por quê?

— Não é nada — ela murmurou. Turner não desistia facilmente.

— Isso não é verdade. Diga logo do que se trata.

— Está bem. Eu esperava que você dançasse uma valsa comigo.

Ele recuou, surpreso.

— Ou então Winston — Miranda tratou de acrescentar por ser mais seguro ou, pelo menos, assim haveria menos chances de se envergonhar.

— Ah, então ele e eu somos intercambiáveis?

— Claro que não. Como não sei muito bem dançar a valsa, ficarei mais à vontade se estiver acompanhada por uma pessoa que conheço.

— Alguém que não se ofendesse mortalmente se fosse pisado nos dedos?

Como é que fora se meter em mais uma enrascada? Ou Turner pensava que estava apaixonada por ele, ou que era uma tola com receio de dançar uma simples valsa.

— Admito que seja mais ou menos isso.

— Eu ficaria muito honrado se dançarmos. — Ele escreveu o próprio nome no cartão. — Pronto. A senhorita acabou de me prometer a primeira.

Que Deus que o abençoasse.

— Obrigada. Aguardarei ansiosa.

— Ótimo. Eu também. Posso acrescentar meu nome para mais uma valsa? Não sei de ninguém mais com quem gostaria de conversar durante o tempo em que durar a música.

— Eu não imaginava que a tarefa pudesse ser tão árdua.

— Com qualquer outra, sim, mas não com você. Pronto. Já me inscrevi para a última valsa também. Terá de encontrar outras pessoas para as restantes. Não poderei dançar com você mais de duas vezes.

Qualquer um pensaria que Turner não se envergonhava em dançar com ela, mas Miranda sabia muito bem que ele esperava uma boa parceira.

— Não, claro que não.

— Então, muito bem — ele concluiu, da maneira como os homens costumavam finalizar uma conversa, sem se incomodar com o resto. — Hardy vem vindo para a próxima dança. Vou beber alguma coisa. Eu a verei logo mais.

Assim dizendo, afastou-se e deixou-a a um canto, murmurando os agradecimentos ao sr. Hardy, que acabava de se aproximar. Miranda fez uma mesura para o parceiro, segurou-lhe a mão enluvada e seguiu-o até a pista, onde os pares se preparavam para a quadrilha. E nem se surpreendeu quando o sr. Hardy perguntou sobre Olivia após um comentário casual a respeito do tempo e do seu vestido.

Ela respondeu com cortesia, procurando não encorajá-lo demais. A julgar pela corte que rodeava Olivia, as chances do sr. Hardy eram mínimas.

A música terminou e Miranda voltou para perto da amiga.

— Aí está você! — Olivia exclamou. — Onde esteve, minha querida? Eu estava comentando a seu respeito com os nossos amigos.

— Mentira. — Miranda ergueu as sobrancelhas, sem acreditar.

— Estava, sim. Não é verdade? — Olivia cutucou um cavalheiro a seu lado e ele imediatamente concordou. — Acha que eu a enganaria? Miranda segurou o riso.

— Se isso servisse aos seus propósitos.

— Ah, que maldade! Pare com isso. Onde é que esteve até agora?

— Eu precisava de um pouco de ar fresco, por isso me afastei para tomar um copo de limonada. Turner me fez companhia.

— Ah, então meu irmão chegou? Eu deixei uma vaga para ele.

— Não acredito que tenha sobrado uma música para seu irmão.

— Será que não? — Olivia consultou o cartão. — Oh, céus! Terei de cortar um dos

candidatos.

— Não faça isso.

— E por que não? Escute, preciso lhe dizer... — Olivia parou de falar, lembrando-se da presença dos inúmeros admiradores. Virou-se e sorriu, radiante, para eles. E não se surpreenderia se todos sucumbissem à emoção de vê-la sorrir. — Algum dos cavalheiros se incomodaria de trazer um pouco de limonada? — perguntou com doçura. — Estou morrendo de sede.

A agitação foi geral. Todos se movimentaram e afastaram-se ao mesmo tempo.

— Parecem um bando de ovelhas obedientes — Miranda comentou.

— Exceto os que se assemelham a bodes — Olivia caçoou. — Tive uma idéia brilhante, não é mesmo? Livrei-me de todos de uma só vez. Estou me saindo muito bem.

Miranda concordou, sem se preocupar em responder. De nada adiantaria.

— O que eu quis dizer — Olivia continuou —, é que a maioria deles é muito enfadonha.

Miranda não resistiu e deu um empurrão na amiga.

— Não é essa a impressão que se tem ao observá-la de longe.

— Bem, não quero dizer com isso que não estou me divertindo. — Olivia fitou-a com olhar irônico. — Mas também não vou me prejudicar só para agradar a minha mãe.

— Essa frase não me é estranha.

— Olhe quem vem ali...

— Quem?

— Meu irmão.

— Onde? — Miranda espantou-se.

Olivia esticou o pescoço e espiou por sobre o ombro da amiga.

— Ele vem para cá a passos largos. Miranda consultou o próprio cartão.

— Deve estar na hora da nossa valsa. Olivia inclinou a cabeça de lado e sorriu.

— Ele é mesmo muito atraente.

Miranda procurou não suspirar. Turner era um homem deveras sedutor. E, com a viuvez, todas as moças solteiras e suas mães caíam sobre ele como um enxame de abelhas.

— Acha que meu irmão se casará de novo? — Olivia perguntou.

— Não sei. — Miranda sentiu um nó na garganta. — Mas creio que acabará escolhendo outra esposa.

— Bem, ainda poderemos contar com Winston para brindar a família com um herdeiro.

Turner aproximou-se e fez uma mesura.

— Fico feliz em vê-lo, meu irmão — Olivia saudou-o com um largo sorriso. — Eu já havia desistido de esperá-lo.

— Imagine se eu não viria. Mamãe teria me emparedado. — Ele estreitou os olhos de maneira imperceptível. — Por que Miranda lhe deu uma cotovelada agora há pouco?

— Não fiz isso! — ela protestou, mas mudou de tom ao ver a dúvida na expressão de Turner. — Foi apenas uma brincadeira entre amigas.

— Não importa. Pelo gesto brusco em demasia, qualquer um, até o mais idiota de todos, de longe poderia perceber que a senhorita não estava de acordo com minha irmã.

— Ora, pare com isso! — Olivia protestou. Ele fez um gesto de pouco caso.

— Srta. Cheever, acha que ela protestou contra a minha linguagem ou porque julgo todos os rapazes presentes uns idiotas?

— Creio que foi pela sua linguagem. Olivia acabou de dizer que a maioria era idiota.

— Não foi bem isso. Eu falei que eles eram enfadonhos.

— Ovelhas — Miranda completou.

— Bodes. — Olivia deu de ombros. Turner espantou-se.

— Sobre o que as duas estavam falando?

— Nada de importante — Miranda apressou-se a responder.

— Não é verdade — Olivia a contradisse.

— Então, por que a cotovelada? — Turner olhou de uma para a outra, divertido.

— Era sobre Winston — Olivia respondeu, impaciente.

— Ah, Winston. — Ele olhou ao redor e tirou o cartão das mãos de Miranda. — Ele está aqui, não está? Por que não escreveu o nome na lista para solicitar uma ou duas danças? Os dois não estão planejando casamento?

Miranda cerrou os lábios, sem responder. O que foi uma decisão sensata, pois a amiga não perderia a oportunidade de falar por ela.

— Ainda não é nada oficial — Olivia declarou —, mas todos concordam que seria um enlace esplêndido.

— Todos? — Turner fitou Miranda.

—E quem não aprovaria?—Olivia mostrou-se ainda mais impaciente.

Os músicos da orquestra afinaram os instrumentos, e os primeiros acordes de uma valsa não tardaram a flutuar no ambiente.

— Creio que esta é a minha vez. — Turner fixou o olhar em Miranda, fazendo-a tremer.

— Vamos? — murmurou, estendendo o braço.

Miranda anuiu, sem conseguir falar. A proximidade com ele causava-lhe reações estranhas, eram tremores que a deixavam arfante. Se a olhava, não da maneira habitual, mas com intensidade que escurecia os olhos azuis, ela se sentia despida e com a alma exposta.

E, certamente, Turner nada via, a não ser aqueles olhos castanhos tão expressivos! A garota continuava sendo a melhor amiga de sua irmã. E, ao que tudo indicava, assim seria para sempre.

— Vai me deixar aqui? — Olivia, sem petulância, deu um suspiro discreto.

— Não se preocupe — Miranda declarou —, não ficará sozinha por muito tempo. Vejo que o rebanho está voltando com a limonada.

— Já percebeu, Turner, que Miranda tem, indiscutivelmente, um grande senso de humor? — Olivia perguntou, fazendo uma careta.

— Não sei por quê, mas o comentário não me parece exatamente um elogio — Miranda retrucou.

— Vão logo. Andem, podem ir embora, Aproveite a valsa, querida.

Turner segurou-a pelo braço, conduzindo-a até a pista.

— A senhorita é bastante espirituosa — ele murmurou.

— Não diga.

— E o que mais aprecio a seu respeito. Por favor, não mude esse seu senso de humor.

De repente, ela sentiu o corpo inteiro vibrar com o simples elogio.

— Procurarei não fazer isso, milorde. Turner estremeceu ao abraçá-la para dançar.

— Milorde? Por que isso agora? Desde quando se tornou tão formal?

— Foi durante esse período em Londres. Sua mãe tem insistido nas regras de etiqueta. — Miranda sorriu com candura, sem deixar de provocá-lo: — Nigel, então.

Ele franziu a testa.

— Creio que prefiro milorde.

— E eu, Turner.

Ele apertou a cintura fina.

— Ótimo. Continuemos assim.

Miranda suspirou e ambos ficaram em silêncio enquanto rodopiavam pelo salão. Não houve giros excessivos que a deixassem tonta ou sem ar. E assim, ela teve oportunidade de saborear o momento, além de sentir o toque daquelas mãos grandes em sua cintura. Acima de tudo, estava embriagada pelo perfume almiscarado, que misturado ao calor do corpo másculo

faziam-na sentir como se estivesse levitando. E mesmo dentro de sua pouca experiência, tinha certeza de que nada poderia ser mais agradável do que ser conduzida por braços fortes.

Tudo era perfeito, ou melhor, perfeitamente correto. Ousava inclusive imaginar que seria praticamente impossível aceitar que Turner não experimentasse o mesmo.

Entretanto, não lhe proporcionaria o gosto de ouvir comentário semelhante, pois sabia que poderia refletir uma insegurança sua, que ele não deixaria passar sem alguma ironia. Por outro lado, se não houvesse resposta, poderia sair magoada pela indiferença.

Então, só restava observar como ele apenas perscrutava a aglomeração com o semblante sério, como se procurasse um conhecido. Não era o olhar de um homem interessado na parceira de dança, mas o de um com problemas. E foi com expressão bondosa e fraterna que ele se dirigiu a ela após algumas voltas pelo salão.

— Está dançando muito bem a valsa. Não sei por que estava tão preocupada a respeito.

Ela sentiu um aperto no coração ao comprovar a casualidade do comentário, enquanto se remoía ao analisar as sensações devastadoras ao sentir-se conduzir graciosamente pela pista.

— É que recentemente não tenho praticado muito — inventou.

— Nem mesmo com meu irmão?

— Winston?

Turner divertiu-se com a pretensa falsa de memória.

— Meu irmão mais novo, se está lembrada.

— Eu sei. Não, eu quis dizer que não danço com Winston há anos.

— Verdade?

Havia um tom diferente naquela voz tão conhecida. Seria um traço de satisfação? Talvez até fosse mesmo, mas infelizmente não era de ciúme. Era evidente que Turner não se incomodaria se ela dançasse com Winston. Porém teve a estranha sensação de que ele se congratulava pela astúcia de ter acertado uma predição.

Por Deus, estava pensando demais. Aliás, Olivia sempre a acusava de ser imaginativa em excesso, e por essa vez deu razão à amiga.

— Não encontro Winston com freqüência — declarou, esperançosa de que a conversa a impedisse de pensar em questões sem resposta, como, por exemplo a palavra "verdade".

— E? — Turner segurou-a com mais força e deu uma volta para a direita.

— Winston passa grande parte do tempo na universidade. Mesmo agora, ele ainda não terminou o período letivo.

— Espero que se encontrem mais durante o verão.

— Eu também. — Miranda deu uma tossidela. — Bem... por quanto tempo planeja ficar em Londres?

Turner completou uma deliciosa volta para a esquerda antes de responder:

— Não sei, mas não muito, com certeza.

— Entendo.

— Eu deveria estar de luto. Mamãe está aborrecida porque abdiquei da faixa negra no braço.

— Eu não estou.

Ele sorriu, mas não como irmão. Não foi com paixão, porém foi algo novo: um olhar matreiro, conspirador, que a fez sentir-se como cúmplice.

— Por que, srta. Cheever, esse tom de rebeldia?

— Nunca entendi a necessidade de prantear quem não se conhece, e certamente não vejo lógica em lastimar uma pessoa falecida, se quando ainda viva a detestávamos.

Turner pensou e sorriu.

— Já foi forçada a usar luto?

— Sim, pela morte de um primo. — Miranda respondeu, sorridente.

— Já lhe disseram que é impróprio sorrir quando se está falando sobre a morte de um parente?

— Mas eu nem o conhecia...

— Ainda assim...

Miranda sabia que estava sendo provocada, mas divertia-se com a situação.

— Ele morou a vida inteira no Caribe — acrescentou, embora não fosse inteiramente verdade.

— Que moça mais sem coração — Turner murmurou em tom de brincadeira, mas que vindo dali, mais parecia um cumprimento. — A senhorita será bem-vinda à família. Prepare-se para tolerar meu irmão mais novo por longos períodos de tempo.

Casar-se com Winston não seria a maneira mais fácil de tornar-se membro da família Bevelstoke. E apesar das maquinações de Olivia, ela não pretendia que o matrimônio viesse a realizar-se.

Havia muitas razões favoráveis ao enlace, mas também um grande motivo para que não acontecesse. E estava bem diante dela.

Se um dia Miranda viesse a se casar com alguém que não amava, certamente não seria o irmão daquele por quem estava apaixonada. Ou, pelo menos, era o que esperava. Tentara convencer-se de que não amava Turner, que havia sido uma paixão de adolescente que seria

facilmente superada. Mas não fora.

Podia tratar-se simplesmente de um hábito pensar que estivesse apaixonada por ele. Só podia ser...

Mas quando ele abria um simples sorriso, todo o trabalho de convencimento voava pela janela e o trabalho de persuasão tinha de ser reiniciado.

Entretanto, haveria de atingir o objetivo, por mais impossível que pudesse parecer. Ainda chegaria a manhã em que acordaria e daria conta de que haviam se passado dias sem sequer lembrar do nome daquele homem.

— Miranda?

Ela levantou o olhar. Turner a fitava com divertimento. Benevolente? Poderia ser, se não fossem as rugas no canto dos olhos sorridentes. Por um breve instante, ele pareceu despreocupado, mais jovem e mais feliz.

E ela continuava apaixonada e, pelo resto da noite, não haveria como se convencer do contrário. Retomaria o trabalho exaustivo de negar tudo na manhã seguinte, mas ao menos durante o baile, não se preocuparia mais em tentar.

A música terminou. Turner soltou-a e recuou para fazer uma elegante reverência, a que foi correspondido. Em seguida voltaram de braços dados até a lateral do salão.

— Onde poderemos encontrar Olivia? — Ele esticou o pescoço. — Para dançar com minha irmã terei de afastar um dos admiradores.

— Não deveria falar como se isso fosse o fim do mundo. Não somos tão terríveis.

Turner surpreendeu-se.

— Não me referi a seu respeito. Não me importo nem um pouco em dançar com a senhorita.

Miranda guardou no coração aquele cumprimento tão pouco entusiasmado. O que foi a prova que estava mais encantada do que imaginava.

Estava descobrindo que o amor não correspondido piorava muito quando se estava na presença do ser amado. Passara quase dez anos, sonhando dia e noite, com o momento em que dançaria pelo salão, conduzida por Turner. Quantas horas havia perdido, esperando pacientemente, por notícias trazidas pelos Bevelstoke na hora do chá! Ou mesmo tentando esconder o júbilo quando ele visitava a família uma ou duas vezes ao ano... Isso sem contar com o terror de ter suas emoções descobertas.

Miranda fitou-o de relance, mas ele sequer olhava em sua direção. Não havia nada pior do que a indiferença do amado. O mais doloroso porém, era a consciência de que não chegava nem a perturbá-lo.

— Ali está minha irmã.

Como de hábito, Olivia estava rodeada por um número excessivo e ridículo de

cavalheiros.

— Não me parece que algum deles esteja se comportando de maneira inconveniente, não é? — ele comentou, estreitando os olhos. — Foi um longo dia, e eu preferia não ter de bancar o irmão feroz esta noite.

A pista estava muito cheia, por isso Miranda precisou levantar-se na ponta dos pés para uma inspeção adequada.

— Creio que não há nenhum problema.

— Ótimo. — Com a cabeça virada de lado, Turner fitou a irmã sem interesse para só então notar que Miranda continuava a observá-lo com os olhos grandes castanhos e curiosos.

— Turner?

— Sim?

— O senhor está estranho.

Ao vê-la preocupada, ele sorriu e pensou em quanto gostava daquela moça e no tamanho do erro que cometera na noite do funeral de Letícia, quando forçara um beijo entre eles. O que o fez ficar com vontade de ser gentil, recompensando-a. Observou Olivia pela última vez e virou-se.

— Se eu fosse mais novo, o que infelizmente não sou...

— Mas ainda não fez trinta anos.

Miranda demonstrou certa impaciência, o que não deixou de agradá-lo.

— Bem, eu me sinto mais velho. — Ele deu de ombros. — Para dizer a verdade, atualmente parece que sou um ancião. — Notou a expectativa naqueles olhos castanhos. — Quis dizer apenas que se eu fosse um rapaz atrás das novas de-butantes, Olivia não atrairia a minha atenção.

Ela ergueu as sobrancelhas.

— Bem, mas trata-se de sua irmã. Fora a ilegalidade da questão...

— Eu estava tentando fazer um elogio — Turner interrompeu-a.

— Ah. — Ela engasgou, tossiu e corou ligeiramente. — Bem, nesse caso pode prosseguir.

— Olivia é muito bonita — ele continuou. — Mesmo eu, que sou da família, enxergo isso. Mas há uma lacuna por trás daquele olhar.

— Isso é uma coisa terrível de se dizer. Sabe tão bem como eu o quanto ela é inteligente, muito mais do que a maioria dos homens que a cercam.

Ele fitou-a com admiração pela lealdade àquela amizade. Não havia dúvida de que, se necessário fosse, ela pegaria em armas para defender a amiga.

Sem contar que Miranda era uma ótima influência para Olivia, e do enorme débito de gratidão que os Bevelstoke tinham para com ela, era ótimo tê-la a seu lado. Ela era, com certeza, a única pessoa que tornaria suportável sua estada em Londres. Nem queria pensar em mulheres à procura de posição social, tentando preencher o lugar de Letícia. Com Miranda, pelo menos poderia ter uma conversa decente, sem receio de cobranças.

— Não discordo, Olivia é inteligente. Permita-me explicar melhor. Pessoalmente, eu não a acharia intrigante.

Miranda torceu os lábios, e sua fisionomia de preceptora estava de volta.

— Bem, essa é uma opinião sua.

— Pois eu lhe digo, Miranda, que me inclinaria mais para o seu lado.

— Não diga tolices.

— É verdade — Turner assegurou. — Sou mais velho que a maioria daqueles idiotas que rodeiam Olivia. Talvez meu gosto tenha amadurecido. Porém esse ponto é discutível, pois não sou nenhum rapazinho e não estou à procura de debutantes.

— Nem de uma esposa. — Era uma afirmativa, não uma indagação.

— Oh, não! Para que eu haveria de desejar uma esposa?

CAPÍTULO III

Uma semana depois, o sol brilhava, radiante. Miranda e Olivia, sentindo falta dos freqüentes passeios no campo, decidiram passar a manhã explorando a cidade, a começar pelo distrito das lojas.

— Eu não preciso de outro vestido — Miranda protestou, enquanto andavam pela rua com as criadas a uma distância respeitável logo atrás.

— Nem eu, mas é divertido ver vitrines. Além disso, poderemos comprar algumas quinquilharias com os trocados que juntamos. Ah, seu aniversário não vai demorar e não seria má idéia comprarmos um presente...

— Pode ser.

Percorreram lojas de roupas, chapelarias, joalherias e doceiras, antes de Miranda encontrar um estabelecimento que lhe atraísse a atenção.

— Veja só este lugar. Não é magnífico?

— O que há de tão extraordinário? — Olivia espiou dentro da elegante livraria.

Miranda apontou um requintado exemplar de *Le Morte d'Arthur,* de sir Thomas Malory. Era um volume ricamente encadernado e ela não desejava mais nada a não ser sentir o aroma que emanava do livro.

Pela primeira vez na vida, via algo que realmente despertava seu desejo de possuir alguma coisa, de esquecer a economia e o lado prático. Deu um suspiro profundo.

— Acho que agora entendo quando a ouço falar sobre sapatos.

— Sapatos? — Olivia repetiu e olhou para os pés. Miranda não se preocupou em dar explicações, embevecida pelos filetes de ouro que enfeitavam as páginas.

— Nós já lemos esse livro — Olivia alegou. — Creio que foi há dois anos, quando a srta. Lacey, que foi nossa preceptora, indicou. Não se lembra? Ela ficou horrorizada quando soube que ainda não o tínhamos lido.

— Não se trata apenas de ler — Miranda falou com o nariz colado no vidro. — O livro, veja, não é a coisa mais linda do mundo?

Olivia fitou-a com expressão de dúvida.

— Bem, não exatamente.

Miranda sacudiu a cabeça e olhou para a amiga.

— Suponho que isso deve ser como a arte. O que faz uma pessoa ficar enlevada não desperta interesse em outra.

— Mas é apenas um livro.

— Não, é uma obra de arte.

— Parece velho.

— Eu sei. — Miranda suspirou, feliz.

— Pretende comprá-lo?

— Se eu tivesse dinheiro suficiente...

— Pois acho que deveria fazê-lo. Vem economizando há anos, guardando o dinheiro dentro do vaso de porcelana que Turner lhe deu como presente de aniversário há cinco anos.

— Seis.

— Cinco ou seis, tanto faz. — Olivia exasperou-se com a exatidão da amiga. — O ponto primordial é um só. Se o dinheiro que tem guardado é suficiente para comprar o livro que tanto deseja, deve adquiri-lo para celebrar seu vigésimo aniversário, Nunca a vi pensar em nada para si mesma.

Miranda afastou-se da tentação da vitrine. O livro fora colocado num pedestal, aberto na página central. Uma ilustração ricamente colorida retratava o rei Arthur e Guinevere.

— Deve ser muito caro — alegou com tristeza. Olivia deu-lhe um empurrão discreto.

— Se não entrar e perguntar, nunca saberá!

— Tem razão.

Miranda fitou a amiga com um sorriso que traduzia a excitação e o nervosismo que a acometiam e entrou na loja. A aconchegante livraria era decorada em tons sóbrios, com poltronas de couro em lugares estratégicos para aqueles que preferiam sentar-se e folhear os volumes.

— Não vejo o proprietário — Olivia sussurrou.

— Ali. — Miranda apontou com a cabeça para um homem idoso e calvo. — Ele está ajudando um cliente a encontrar um livro. Vamos esperar que ele desocupe. Não quero incomodar.

As duas esperaram, pacientes, por alguns minutos enquanto o vendedor estava ocupado. De vez em quando ele olhava as duas com cenho carregado, o que deixou Miranda perplexa. Bem-vestidas, elas não deixavam dúvida de que poderiam comprar a maioria dos livros ali existentes. Finalmente o livreiro terminou de atender o cliente e dirigiu-se a elas.

— Eu estava pensando, senhor... — Miranda começou.

— Esta é uma livraria para cavalheiros — anunciou o homem, hostil.

— Ah. — Ela recuou, desconcertada pela atitude.

Mas desejava desesperadamente o livro de Malory. Por isso engoliu o orgulho, sorriu com doçura e continuou: — Peço desculpas, eu não sabia. Esperava que...

— Eu já disse que esta é uma livraria para cavalheiros! — Ele estreitou os olhos miúdos. — Tenham a bondade de retirar-se.

Miranda irritou-se com a insensibilidade do homenzinho.

— Vamos embora. — Olivia puxou-a pela manga. — Miranda não se mexeu.

— Eu queria comprar um livro.

— Não duvido — o sujeito declarou com voz desagradável.

— A livraria das damas fica a duas quadras daqui.

— Naquela loja não tem o que eu quero. O homem deu um sorriso pretensioso.

— Então posso afirmar que a senhorita não deveria ler o livro.

— Não creio que a sua função seja fazer tal julgamento — ela enfrentou-o com frieza.

— Miranda! — Olivia sussurrou, com olhos arregalados.

— Espere um pouco, Olivia — pediu sem desviar o olhar do sujeito repulsivo. — Eu lhe asseguro, senhor, que tenho dinheiro. Se o senhor me permitir examinar *Le Morte d'Arthur,* talvez eu possa comprá-lo.

O sujeito cruzou os braços.

— Não vendo livros para senhoras.

Mas que afronta!

— Como é que disse?

— Saiam ou mandarei tirá-las à força.

— Eu garanto que cometeria um grande erro, senhor — Miranda contestou com rudeza. — Por acaso sabe quem somos? — Ela não tinha por hábito exibir a posição social, exceto quando a ocasião exigia.

— Não me importo com isso. — Ele não pareceu impressionar-se.

— Miranda! — Olivia implorou, constrangida.

— Sou a srta. Miranda Cheever, filha de sir Rupert Cheever, e ela — Fez um gesto floreado com a mão —, é lady Olivia Bevelstoke, filha do conde de Rudland. Portanto sugiro que reconsidere seus pontos de vista.

O livreiro enfrentou a pose altiva com outra em igual medida.

—Eu não me importaria nem que fosse a maldita princesa Charlotte em pessoa. Agora saiam da minha loja.

Miranda estreitou os olhos antes de se mexer. Já fora péssimo ter sido insultada. Mas denegrir a memória da princesa era insuportável.

— Ainda vai se arrepender disso!

— Fora!

Miranda segurou o braço de Olivia, puxando-a. Depois de saírem, bateu a porta com força.

— Pode acreditar numa coisa dessas? — falou, sem conter a raiva. — E espantoso! Isso é um crime. Isso é...

— Uma livraria para homens. — Olivia completou.

— E daí?

Olivia empertigou-se com o tom beligerante.

— Existem lojas para cavalheiros e outras para damas. É como são as coisas.

Miranda fechou as mãos.

— Pois eu lhe digo que isso é uma estupidez absurda!

— Não fale assim!

Miranda corou pelo linguajar de baixo nível que usara. —Ele me deixou realmente alterada. Já me viu usar essas palavras antes?

— Não, e também não quero saber quantas imprecações estão passando pela sua mente.

— É asinino! — Miranda não se conformava. — Um absurdo sem tamanho! Ele tem algo que eu desejo comprar e tenho o dinheiro. É tão simples.

— Por que não vamos até a livraria das damas? — Olivia sugeriu.

— Era o que eu faria em circunstâncias normais. Preferia não gastar nem um níquel na loja daquele homem horroroso. Mas duvido que eu possa encontrar outro exemplar do livro. Tenho certeza de que é único. — Ergueu a voz diante da injustiça. — O pior...

— O que é?

Miranda fitou a amiga com raiva, como se a outra tivesse culpa.

— Mesmo que houvesse duas cópias, embora eu tenha certeza de que uma segunda não existe, a livraria das senhoras provavelmente não teria, pois ninguém imaginaria que uma mulher quisesse ler tal livro!

— Acha que não?

— Sem dúvida. A livrara para mulheres deve estar cheia de livros de Byron e de romances da sra. Radcliffe.

— Pois eu gosto dos dois autores. — Olivia pareceu ofendida.

— Eu também, mas nem por isso deixo de apreciar outro gênero de literatura. E eu não

acho que aquele homem — ela apontou a vitrine da loja—tenha capacidade para decidir o que devo ou não ler.

Olivia fitou-a por alguns segundos.

— Terminou?

Miranda alisou as saias e suspirou.

— Terminei.

De costas para a livraria, Olivia segurou o braço da amiga e olhou por sobre o ombro.

— Pediremos a papai ou a Turner para comprar o livro.

— O problema não é esse. Não posso acreditar que não esteja tão aborrecida como eu.

— Quando foi que se tornou uma paladina? Sempre me considerei a mais intransigente das duas.

O queixo de Miranda já estava dolorido de tanto apertá-lo.

— Nunca aconteceu algo que me deixasse tão alterada.

— Terei de me lembrar para não provocar você no futuro.

— Vou conseguir aquele livro.

— Ótimo, então vamos...

— E ele saberá que a obra está comigo. — Miranda olhou para trás com expressão combativa, seguindo para Rudland House.

— Não se preocupe, Miranda — Turner disse com boa vontade. — Eu comprarei o livro para você.

Ele havia lido o jornal e pensava na vida como homem sem compromisso, quando Olivia irrompeu na sala e explicou que a amiga precisava desesperadamente de um favor.

Havia sido tudo muito engraçado, principalmente o olhar mortífero que Miranda lançara para a amiga pela ênfase no uso do advérbio.

— Não quero que compre o livro para mim — ela resmungou. — Quero que vá comigo para eu comprá-lo.

Turner recostou-se na poltrona.

— E isso fará diferença?

— Uma diferença enorme.

— Enorme — Olivia repetiu, rindo.

Turner desconfiou que a irmã também não entendera. Miranda fitou-a com olhar faiscante e Olivia recuou.

— Por que está com raiva de mim? Eu a estou ajudando!

— Mas não me deu razão no ponto principal dessa história toda. — Miranda fitou Turner com ferocidade. — Não poder comprar um livro em determinada loja só porque sou mulher? Turner sorriu sem se alterar.

— Querida, há certos lugares onde damas não podem entrar.

— Não estou pedindo para freqüentar um dos seus preciosos clubes. Quero apenas comprar um livro. Não vejo nenhuma inconveniência nisso. Além do mais, trata-se de uma antigüidade.

— O dono da loja pode decidir para quem quer ou não vender.

Ela cruzou os braços.

— Pois ele não precisava ser tão arrogante. Deveria haver uma lei que impedisse aos livreiros barrarem a entrada de mulheres nas suas lojas.

Turner encarou-a irônico.

— Por acaso andou lendo Mary Wollstonecraft?

— Mary quem? — perguntou, distraída.

— Ainda bem.

— Por favor, não mude de assunto, Turner. Concorda ou não que eu deveria poder comprar aquele livro?

Ele suspirou, exausto pela inesperada teimosia, ainda mais a respeito de um livro.

— Por que as mulheres deveriam entrar numa livraria destinada aos homens? Vocês nem mesmo votam.

— Isso é outra coisa! — Ofendida, sentiu o rosto corar de tamanha irritação.

Turner entendeu que havia usado a tática errada.

— Por favor, esqueça o sufrágio. Iremos juntos comprar o livro.

— Irá mesmo? — Os olhos de Miranda brilharam de entusiasmo. — Obrigada!

— Vamos na sexta-feira? Não tenho compromisso à tarde.

— Eu também quero ir — Olivia interveio.

— De maneira nenhuma — Turner disse com firmeza. — Não tenho paciência para lidar com as duas ao mesmo tempo. Meus nervos não suportariam.

— Seus nervos?

Ele olhou para Olivia com a autoridade de irmão mais velho.

— Estão abalados por sua causa.

— Turner! — Olivia exclamou. — Miranda!

— Não podemos ir agora? — Miranda ignorou a discussão. — Não quero que o livreiro se esqueça de mim.

— A julgar pelo relato de Olivia sobre o incidente, duvido que isso aconteça.

— Por favor, não podemos ir hoje? Por favor.

— Já percebeu que está implorando?

— Não faz mal.

— Talvez eu possa usar essa situação em benefício próprio.

— O que está querendo dizer com isso?—Miranda fitou-o, inexpressiva.

— Nunca se sabe o que poderá ser pedido em troca.

— Como eu não tenho nada que possa lhe interessar, aviso-o para esquecer seus planos funestos e levar-me até a livraria.

— Está bem, vamos embora.

Turner percebeu que ela se conteve para não pular de alegria.

— Não é longe daqui — disse. — Podemos ir a pé.

— Tem certeza de que não vai me levar? — Olivia seguiu-os pelo hall.

— Fique em casa. — Turner não se demoveu da idéia e fitou Miranda, que abria a porta. — Alguém terá de chamar o vigia, se não voltarmos inteiros.

Dez minutos mais tarde, Miranda parou na frente da livraria da qual fora expulsa pouco antes.

— Está com uma expressão de assustar qualquer um — Turner murmurou a seu lado.

— Ótimo. — Ela se adiantou, mas foi segura pelo braço.

— Deixe que eu entre primeiro — ele sugeriu, divertindo-se. — A sua aparência vai matar o homem do coração.

Miranda franziu o cenho, mas deixou-o passar. Dessa vez o sujeito aprenderia uma lição. Ela viera armada com um visconde e boa dose de fúria. O livro seria seu.

Uma sineta tocou quando Turner entrou na loja, seguido por Miranda.

— Em que posso ajudá-lo, senhor?—o livreiro derreteu-se em atenção.

— Bem, estou interessado em... — Turner olhou ao redor.

— Naquele livro — Miranda disse com determinação, apontando o volume exposto na vitrine.

— A senhorita de novo! — O livreiro espumou, vermelho de ódio. — Saia da minha loja!

— Agarrou-a pelo braço e tentou arrastá-la até a porta.

— Pare! Pare, eu já disse! — Miranda não permitiria abuso de ninguém, muito menos de um homem a quem considerava um idiota. Sem perda de tempo, bateu com a bolsa na cabeça do sujeito.

Turner gemeu.

— Simmons! — o livreiro chamou o ajudante aos berros. — Vá buscar um policial. Esta jovem está louca.

— Não estou louca, seu bode velho!

Turner considerou que o final da disputa não seria satisfatório.

— Sou uma cliente e tenho dinheiro! — Miranda continuou, acalorada. — E quero comprar *Le Morte d'Arthur!*

— Prefiro morrer a passar o livro para as mãos de uma vadia mal-educada!

Vadia? Aquilo foi demais para qualquer mulher de respeito.

— O senhor é um homem desprezível! — Ela levantou novamente a bolsa para atacá-lo.

Turner suspirou. O sujeito realmente se excedera. Mas, apesar do insulto demasiado, não poderia permitir que ela atacasse o dono da loja. Tirou-lhe a bolsa das mãos, enfrentando um olhar dardejante e acusador pela interferência. Estreitou os olhos, advertindo-a em silêncio para se comportar. Tossiu e voltou-se para o dono da loja.

— Por favor, peça desculpas à dama.

O homem cruzou os braços com expressão de desafio.

Turner fitou Miranda de revés e comprovou que ela se encontrava em pose idêntica à do livreiro. Voltou-se para este e deixou evidentes suas intenções.

— O senhor vai se desculpar com ela.

— A moça é uma ameaça — ele afirmou, rancoroso.

— Ora, o senhor...

Miranda teria se lançado contra o infeliz se Turner não a houvesse agarrado pelo vestido e puxado para trás. O homem fechou as mãos em punho e assumiu uma posição de ataque que não combinava com sua aparência de literato.

— Fique quieta — Turner sibilou, começando a se enfurecer.

O homenzinho fitou Miranda com olhar triunfante. Será que o sujeito não tinha nem um pouco de bom senso?

— Ora, isso tudo não passou de um lamentável engano — Turner contemporizou e segurou-a pelo vestido com mais firmeza, pois ela não cessava de tentar agredir o livreiro.

O adversário assumiu uma pose afetada, o que deixou Miranda ainda mais irritada. Prevendo um desfecho semelhante a um furacão, Turner resolveu intervir com maior determinação.

Fitou o dono da loja com seu olhar mais aristocrático e gélido.

— Desculpe-se com milady, ou eu garanto que se arrependerá.

O inimigo, um idiota de primeira linha, não aceitou a oferta generosa de Turner. Em vez disso, ergueu o queixo para falar.

— Não tenho nada por que me desculpar. Ela entrou na minha loja...

— Droga! — Turner murmurou, prevendo que teria de ser drástico.

— ...perturbou meus clientes, insultou-me...

Turner acertou um soco bem dado no nariz do homem.

— Oh, Deus, acho que você quebrou o nariz dele! — exclamou Miranda.

Turner fitou-a com sarcasmo antes de olhar para o homem no chão.

— Não acho. Ele não está sangrando tanto.

— Uma pena — ela murmurou.

Turner agarrou-lhe o braço e puxou-a para mais perto, com receio das conseqüências.

— Nem mais uma palavra até sairmos daqui.

Ela arregalou os olhos, mas fechou a boca e permitiu que Turner a levasse para fora da loja. Quando passaram pela vitrine, Miranda viu o livro que tanto queria.

— Meu livro!

Ele se deteve de imediato.

— Não quero mais ouvir falar sobre essa porcaria de livro, entendeu bem? Eu acabei de agredir um homem!

— Mas admita que ele merecia ser castigado!

— Nem pela metade do que lhe caberia, srta. Cheever! — Miranda recuou, ofendida ao extremo. E ele continuou: — Independentemente do que possa pensar a meu respeito, não passo meus dias imaginando qual será meu próximo objetivo violento!

— Mas...

— Nada de *mas.* A senhorita ofendeu o dono da loja e...

— Ele me insultou primeiro!

— Eu teria resolvido o problema. Não foi para isso que me trouxe aqui? Para solucionar tudo?

Ela cerrou as sobrancelhas e anuiu com um gesto seco do queixo.

— O quê estava pensando? E se o sujeito fosse menos controlado? E se...

— Acha mesmo que ele se conteve? — Miranda fitou-o com desdém.

— Bem mais do que a senhorita! — Turner agarrou-a pelos ombros. — Pelo amor de Deus, será que não pode entender um fato tão simples? Muitos homens não hesitam um segundo antes de bater numa mulher. Ou coisa pior—acrescentou, ameaçador.

Miranda o olhava sem piscar, deixando a impressão de ter visto algo que ele próprio desconhecia.

— Desculpe-me, Turner.

— Por quê? — ele perguntou com rispidez. — Por dar um espetáculo dentro de uma livraria? Por não manter a boca fechada quando deveria fazê-lo? Por...

— Por aborrecê-lo. Sinto muito. Foi uma atitude muito errada da minha parte.

As palavras ditas em tom suave arrefeceram a raiva de Turner, que suspirou.

— Não faça isso novamente, está bem?

— Eu prometo...

— Ótimo. — Ele soltou-lhe os ombros e surpreendeu-se por ter achado agradável segurá-los.

Miranda inclinou a cabeça de lado, com expressão preocupada.

— Ou acho que posso prometer. Com certeza tentarei não fazer nada que o deixe aborrecido de novo.

A idéia de não aborrecê-lo deixou-o preocupado.

— O que foi que houve? Sempre confiamos no seu equilíbrio, e Deus é testemunha de quantas vezes Olivia se livrou de situações difíceis por sua causa.

Miranda apertou os lábios antes de responder:

— Por favor, não confunda sensatez com submissão. São coisas bem diversas e eu não sou uma pessoa submissa.

Turner compreendeu que ela não o desafiava, mas apenas atestava um fato que sua família deixara de observar.

— Não tenha receio. Se eu achasse que era submissa, teria me, desiludido esta tarde.

Ela não se rendia.

— Quando vejo alguma coisa errada, não posso simplesmente ficar sentada, sem fazer nada.

— Então procure manter-se afastada de maldades óbvias. Poderia fazer isso por mim?

— disse, imaginando que ela acabaria por matá-lo de desgosto.

— Não achei que isso fosse uma maldade propriamente dita. E eu...

— Chega. — Turner ergueu a mão para silenciá-la. — Nem mais uma palavra sobre o assunto. Ficaríamos discutindo dez anos a respeito do caso. — Segurou-a pelo braço e tomou o caminho de casa.

O que estava acontecendo com ele? Sua pulsação continuava acelerada e Miranda nem mesmo estivera em perigo. Duvidava que o livreiro chegasse a agredi-la. Além do mais, por que essa excessiva preocupação com a garota? Era evidente que tinha carinho por ela e a via como irmã. O que o levou a pensar em Olivia no lugar dela e imaginou que seria muito engraçado.

— Logo mais Winston estará aqui — Olivia entrou no salão rosa e destinou para a amiga o mais brilhante de seus sorrisos.

Miranda ergueu os olhos do livro, uma edição de *Le Morte d'Arthur* com folhas amassadas que em nada lembrava-a que vira na livraria. Ela o emprestara da biblioteca de lorde Rudland.

— E mesmo? — indagou em voz baixa, sabendo muito bem que Winston era esperado naquela tarde.

— E mesmo? — Olivia imitou-a. — E só isso que tem para dizer? Perdão, mas eu tive a impressão de que estava apaixonada por ele... Ah, perdoe-me, ele agora é um homem, não é?

Miranda retornou à leitura e seus olhos se moviam com excessiva rapidez.

— Eu lhe disse que não estou apaixonada.

— Bem, mas deveria estar — Olivia retrucou com seriedade. — Acabará ficando, se conceder permanecer algum tempo com ele.

Miranda parou de ler e ergueu os olhos.

— Não entendi. Winston está em Oxford, não é?

— Sim, claro — Olivia comentou com casualidade, como se cem quilômetros de distância nada representassem. — Mas meu irmão esteve aqui a semana passada e não a vi ficar nem um pouco com ele.

— Isso não é verdade. Cavalgamos no Hyde Park, fomos tomar sorvete no Gunter e andamos de barco no Serpentine naquele dia quente.

Olivia largou-se numa poltrona próxima e cruzou os braços.

— Isso não é suficiente.

— Ficou maluca? — Miranda sacudiu a cabeça e voltou a ler.

— Sei que acabará se apaixonando por ele. E preciso apenas passarem mais tempo juntos... a sós.

Miranda apertou os lábios e fixou a vista na leitura. Aquela conversa não resultaria em nenhum benefício.

— Winston ficará aqui apenas por dois dias — Olivia comentou. — Teremos de trabalhar depressa.

— Faça o que quiser, mas eu não participarei dos seus planos. — Ergueu o olhar. — Espere, mudei de idéia. Não a deixarei agir à vontade. Se eu fizer isso, acabarei arrastada para o altar sem nem ao menos perceber.

— Um pensamento intrigante.

— Livvy, pare de ser casamenteira! Quero que me prometa isso.

Olivia ergueu as sobrancelhas.

— Não quero fazer uma promessa que posso não cumprir.

— Olivia!

— Ah, está bem. Mas não poderá impedir Winston de agir, se ele tiver o matrimônio em mente. E meu irmão será bem capaz de fazer isso, a julgar pela maneira como vem se comportando ultimamente.

— Contanto que me prometa não interferir. Olivia deu um suspiro e procurou parecer ofendida.

— O fato de você imaginar que eu faria uma coisa dessas causou-me grande sofrimento.

— Ah, por favor! — Miranda voltou-se para o livro, mas foi impossível prestar atenção à trama com a mente em contagem regressiva.

Vinte, dezenove, dezoito...

Com certeza a amiga não seria capaz de permanecer em silêncio por mais de vinte segundos. *Dezessete, dezesseis...*

— Não acha que Winston será um marido adorável? Quatro segundos. Um feito memorável, até mesmo para Olivia.

— Ele é jovem, é evidente, mas nós também somos. Miranda ignorou-a de propósito.

— Turner também seria um ótimo marido se Letícia não tivesse acabado com ele.

Miranda levantou a cabeça.

— Não acha que esse é um comentário maldoso? Olivia deu um sorriso matreiro.

— Eu sabia que estava me escutando.

— É quase impossível não o fazer — Miranda murmurou.

— Eu estava apenas dizendo que... — Olivia ergueu o queixo e olhou por sobre o ombro da amiga. — Mas que coincidência! Veja quem chegou.

— Winston — Miranda virou-se com alegria no sofá. Mas estava enganada...

— Sinto desapontá-la — Turner afirmou com um sorriso leve.

— Perdão. — Sentiu-se uma tola. — É que falávamos sobre Winston.

— E sobre você também — Olivia comentou. — Aliás, foi nosso último assunto, por isso o meu comentário à sua entrada.

— Creio que deviam estar tratando de assuntos diabólicos.

— Com certeza — Olivia comentou com graça. Turner sentou-se em frente a Miranda, que sorriu sem descerrar os lábios. Olivia inclinou-se para a frente e apoiou o queixo na mão, com pose de coquete.

— Eu acabava de dizer a Miranda que você seria um marido terrível.

Turner recostou-se no espaldar da cadeira com o semblante descontraído.

— Essa é a mais pura verdade.

— Mas eu ia comentar que se houvesse um treinamento apropriado, você poderia ser reabilitado.

— Estou saindo — anunciou ele, levantando-se.

— Não vá! — Olivia chamou, rindo. — Estou brincando. Você está além de qualquer redenção. Mas Winston... é um pedaço de argila que poderá ser moldado.

— Não contarei a ele esse seu comentário — Miranda resmungou.

— Não me diga que não concorda — Olivia provocou-a. — Winston ainda não teve tempo de se tornar pavoroso, como acontece com a maioria dos homens com o decorrer dos anos.

Turner fitou a irmã com indisfarçável admiração.

— Como é possível que eu esteja aqui escutando seu sermão sobre o comportamento masculino?

Olivia preparou-se para uma resposta arguta e mordaz, mas o mordomo apareceu à porta e salvou a todos.

— Lady Olivia, sua mãe deseja falar com a senhorita.

— Voltarei em seguida — Olivia avisou-os antes de sair.

— Estou ansiosa para terminar a conversa. — Com um sorriso malicioso e um aceno de dedos, ela desapareceu.

Turner sufocou um gemido; mais cedo ou mais tarde, sua irmã acabaria causando um ataque cardíaco em alguém. Felizmente não nele. Fitou Miranda, que estava sentada sobre os pés e com um livro grande no colo.

— Boa leitura? — Turner perguntou. Ela ergueu o livro.

— Ah. — Ele não evitou a contração dos lábios.

— Não ria — Miranda advertiu-o.

— Eu jamais sonharia em fazer isso.

— Também não minta, por favor — ela falou com ares de educadora.

— Ah, isso eu não posso prometer. — Ele riu.

Por um momento Miranda ficou em silêncio, compenetrada e séria. De repente, sua fisionomia mudou. Nada dramático, que causasse alarme, mas que deixou claro o debate interior.

— O que pensa a respeito de Winston? — indagou, decidida.

— Ora, ele é meu irmão.

Ela ergueu a mão e balançou-a, pedindo a continuação da frase, fitando-o com sarcasmo.

— Uma revelação surpreendente.

— O que exatamente quer saber, srta. Miranda Cheever?

— Eu queria saber o que pensa a respeito de Winston. Turner sentiu o coração disparado sem que pudesse identificar o motivo.

— Está me perguntando — ele falou devagar — se eu acredito que Winston será um bom marido?

Miranda abriu muito os olhos, piscou e deu a impressão de coordenar as idéias antes de responder.

— Tenho a impressão de que todos desejam nos ver casados.

— Todos?

— Bem, principalmente Olivia.

— Pois ela seria uma pessoa em quem eu não confiaria como conselheira matrimonial.

— Então, na sua opinião, eu não deveria tentar conquistar Winston. — Miranda inclinou-se para a frente.

Turner piscou atônito. Entendeu que ela não ficava naquela posição para exibir o busto, aliás, adorável. Não importava. O resultado o agradou sobremaneira.

— Turner? — Miranda chamou-o em voz baixa.

— Winston é muito jovem — ele resmungou.

— Para mim?

— Para qualquer uma. Por Deus, ele mal completou vinte e um anos.

— Na verdade, ainda tem vinte.

— Pois é isso mesmo. — Turner gostaria que houvesse uma maneira de arrumar a gravata sem parecer um tolo. O ambiente esquentava subitamente e ficou muito difícil focalizar outra coisa que não fosse a maravilhosa visão daqueles seios perfeitos.

Felizmente ela se recostou, pondo um fim naquele martírio.

— Pretende mesmo conquistá-lo? — ele não resistiu à pergunta.

— Está se referindo a Winston? — Miranda indagou o óbvio para ganhar tempo. — Não sei.

— Se não sabe, é evidente que nem deveria pensar no assunto.

— Então acha que o amor deve ser claro e óbvio? — perguntou ela, fitando-o espantada.

— Quem foi que falou em amor?

Turner lamentou ter falado com impaciência, mas a conversa estava se tornando cada vez mais insustentável.

— Ah.

Ele teve a desagradável impressão de que Miranda achara sua argumentação muito falha. Prova disso era ela ter voltado a atenção para o livro que estava lendo. Sentou-se e, como um tolo, observou-a ler o que tanto a interessava, enquanto procurava encontrar um comentário inteligente para fazer.

Miranda olhou para cima com uma irritante serenidade.

— Turner, tem algum plano para a tarde?

— Nenhum — respondeu vagamente, escondendo que pretendia cavalgar um pouco.

— Ah, Winston não deve demorar.

— Já soube...

— Por isso é que estávamos falando sobre ele — Miranda explicou, como se isso importasse. — Seu irmão está vindo para o meu aniversário.

— Sim, é claro.

Ela tornou a inclinar-se para a frente; que Deus o ajudasse a se controlar.

— Está lembrado de que temos um jantar em família amanhã?

— É evidente que sim — Turner assegurou.

— Bem, obrigada pelas considerações.

— Considerações? — Ele não entendeu. — Sobre o quê?

— Sobre Winston. Esse é um assunto muito sério, e a sua opinião é importante para mim.

— Bem, agora já a tem.

— E estou satisfeita, pois o respeito sobremaneira.

De algum forma, Miranda conseguia fazê-lo sentir-se como uma relíquia centenária, o que o desanimou bastante.

— Ah, é?

— Com certeza. Por acaso não deveria respeitá-lo, ou isso o incomoda?

— Francamente, srta. Cheever, na maior parte do tempo não tenho idéia do que está pensando.

— Penso na sua pessoa... Turner fitou-a, espantado.

— E em Winston, naturalmente — Miranda concluiu. — E em Olivia. Ah, como se alguém pudesse viver na mesma casa que ela e esquecê-la! — Fechou o livro e levantou-se. — Creio que vou procurá-la. Olivia e lady Rudland estão indecisas sobre algumas roupas que desejam mandar fazer, e eu prometi ajudá-las na decisão.

Turner ficou em pé, acompanhando-a até a porta.

10 de junho de 1819,

Esta tarde tive uma conversa estranha com Turner. Não pretendi deixá-lo com ciúme, mas admito que poderia ser interpretada dessa maneira por alguém que soubesse dos meus sentimentos por ele, o que é altamente improvável.

Admito, no entanto, que tive a intenção de inspirar certa dose de culpa em relação ao livro Le Morte d'Arthur. *Nesse pormenor, não creio que tenha sido bem-sucedida.*

No fim da tarde, Turner retornou do Hyde Park, onde fora cavalgar com lorde Westholme, seu amigo. Encontrou Olivia no saguão principal, perto da escada que levava à cozinha.

— Shh... — ela o advertiu.

Turner interessou-se de imediato e aproximou-se.

— Por que temos de ficar quietos? Olivia fitou-o com raiva.

— Estou tentando escutar.

Ele não imaginou o motivo até ouvir uma sucessão de risos melodiosos.

— É Miranda? Olivia anuiu.

— Winston acabou de chegar e eles desceram.

— Por quê?

Olivia espiou os cantos e voltou-se para Turner.

— Winston estava com fome.

— E ele precisa de Miranda para servi-lo? — indagou, tirando as luvas.

— Não, ela foi procurar os amanteigados da cozinheira. Eu ia acompanhá-los, pois detesto ficar sozinha. Mas agora que você chegou, permitirei que me faça companhia.

Turner passou por Olivia e espiou a escada, mesmo sabendo que não poderia ver Winston nem Miranda.

— Acho que também estou com fome — ele murmurou, pensativo,

— Pois trate de abster-se por enquanto. Os dois precisam de um tempo.

— Para comer?

— Para se apaixonar — informou Olivia, revirando os olhos, impaciente.

De certa forma era exasperador receber um olhar tão desdenhoso da irmã mais nova, por isso Turner a fitou com desnecessária seriedade.

— E será possível que isso aconteça em apenas uma tarde tomando chá com biscoitos?

— Oras, é apenas um começo. — Olivia fitou-o como se ele tivesse uma inteligência bem inferior à média. — Também não o vi incentivando nem um pouco o namoro.

Turner disse a si mesmo que até um idiota seria capaz de enxergar que aquele seria um casamento desaconselhável. Amava Winston profundamente e o tinha na mais alta consideração para um jovem de vinte anos. Mas era evidente que não era homem para Miranda.

Na verdade, ele mesmo tivera maior contato com ela apenas nas últimas semanas, porém não havia sido difícil comprovar que era uma jovem amadurecida para a idade. Ela precisava de alguém mais velho, que soubesse dar valor às suas melhores qualidades. Um homem que soubesse dominá-la com firmeza, quando ela se deixasse levar pelo temperamento belicoso que, na verdade, raramente aflorava.

Talvez Winston pudesse ser a pessoa indicada... dali a dez anos.

Turner fitou a irmã e franziu o cenho.

— Preciso comer!

— Turner, não faça isso!

Olivia não pôde impedi-lo. Quando tentou, ele já estava no meio da escada.

A formalidade dos Bevelstoke não era levada a extremos, exceto quando dizia respeito a convidados. Por isso nenhum dos criados se surpreendeu ao ver Winston entrar na cozinha, fitar a sra. Graves com o mais doce dos olhares, sentar-se à mesa com Miranda e esperar que a

boa mulher os servisse com os famosos amanteigados. Assim que a travessa com os biscoitos ainda quentes foi deixada sobre a toalha, Miranda ouviu um barulho às suas costas. Virou-se, piscou e viu Turner no último degrau da escada.

Folgazão e ao mesmo tempo tímido, e pior, mais atraente do que nunca. Miranda não pôde evitar um suspiro.

— Desci os degraus de dois em dois — Turner explicou, sem nem mesmo saber o motivo.

— Turner — Winston resmungou uma saudação pouco eloqüente, ocupado em mastigar o terceiro biscoito.

— Olivia me disse que eu os encontraria aqui. Ainda bem, estou com fome.

— Por que não come amanteigados? — Miranda perguntou, apontando a travessa sobre a mesa.

Turner sentou-se ao lado dela.

— Foram feitos pela sra. Graves?

Winston anuiu. Turner pegou três e virou-se para a sra. Graves com o mesmo olhar que Winston adotara antes. Ela adorou ser adulada e inspirou fundo.

— Está bem, farei mais uma fornada.

Nesse instante, Olivia apareceu à porta e fitou Turner com os lábios estreitados.

— Turner — murmurou, sem esconder a irritação —, eu queria lhe mostrar o... livro que comprei.

Miranda disfarçou um gemido; já tinha avisado que não gostaria que ninguém impusesse um compromisso em sua vida.

— Turner — Olivia repetiu.

Miranda ergueu a cabeça com expressão de meiguice.

— Qual livro, Olivia? — ela perguntou, como se nem pensasse em provocar a outra.

A amiga dardejou chispas com o olhar.

— Sabe muito bem qual é.

— Seria aquele sobre o Império Otomano, sobre os caçadores de peles do Canadá ou sobre a filosofia de Adam Smith?

— O último — Olivia resmungou.

— Verdade? — Winston olhou para a irmã com renovado interesse. — Não imaginei que apreciasse esse gênero de leitura. Neste ano estivemos lendo *A Riqueza das Nações,* uma interessante mescla de economia e filosofia.

Olivia sorriu com constrangimento.

— Tenho certeza disso. Poderei dar minha opinião quando terminar de ler.

— E a leitura está adiantada? — Turner perguntou.

— Comecei agora e li apenas algumas páginas.

Pelo menos foi o que Miranda pensou ter ouvido. Olivia falara com a boca quase fechada e as palavras não soaram muito nítidas.

— Quer um amanteigado, Olivia? — Turner perguntou e sorriu para Miranda como se a avisasse que estavam juntos na brincadeira.

Ele parecia mais jovem e feliz. E o coração de Miranda amoleceu.

Olivia atravessou o recinto e sentou-se perto de Winston, não sem antes sussurrar no ouvido de Miranda:

— Eu estava tentando ajudá-la.

No entanto Miranda ainda procurava recuperar-se do sorriso de Turner. Sentia tontura, as pernas fracas e o coração tocando uma sinfonia. Ou estava apaixonada ou contraíra gripe. Olhou de relance o perfil esculpido de Turner e suspirou.

Todos os indícios apontavam para o amor.

— Miranda!

Ela fitou Olivia, que a chamava com impaciência.

— Winston quer saber a minha opinião a respeito de *A Riqueza das Nações* quando eu terminar de ler o livro. Disse a ele que leríamos juntas a obra. Com certeza poderemos comprar outro exemplar.

— O quê? Ah, sim, adoro ler. — Miranda entendeu com o que acabara de concordar ao ver o sorriso irônico da amiga.

— Agora — Winston inclinou-se sobre a mesa, tocando a mão de Miranda —, eu gostaria que me contasse como tem aproveitado a temporada.

— Estes biscoitos são deliciosos — Turner falou em alto e bom som e fez menção de pegar um, em evidente tentativa de atrapalhar o irmão. — Winston, poderia fazer o favor de tirar o braço?

Winston recolheu a mão. Turner pegou um amanteigado e levou-o à boca, sorrindo em seguida.

— Maravilhosos como sempre, sra. Graves!

— Logo mais tirarei mais uma assadeira do forno, milorde. — A sra. Graves inflou de satisfação pelo elogio.

Miranda esperou o fim do diálogo para responder a Winston:

— Os dias têm sido muito agradáveis. É uma pena que não possa ficar aqui para desfrutar os eventos conosco.

Winston voltou-se para ela com um sorriso indolente destinado a tocar seu coração, mas que não surtiu efeito.

— Eu também acho. Porém ficarei aqui por algum tempo no verão.

— Sei que não terá muito tempo para as damas — Turner interveio. — Minhas férias de verão eram passadas em brincadeiras com os amigos. Nós nos divertíamos demais. Tenho certeza de que não a agradará perder isso.

Miranda fitou-o com estranheza; desconhecia aquele comportamento tão jovial.

— Tenho certeza de que se divertia muito — Winston respondeu. — Mas eu gostaria de também comparecer a alguns eventos sociais.

— Uma ótima idéia — Olivia concordou. — Assim também poderia adquirir um pouco mais de refinamento citadino.

— Tenho requinte em dose considerável, minha querida.

— Não duvido, mas nunca é demais uma experiência verdadeira para aprimorar o que já existe.

— Pois saiba que tenho experiência — Winston argumentou com o rosto corado.

Miranda arregalou os olhos.

Turner levantou-se devagar.

— Estou desconfiado de que essa conversa vai se deteriorar e chegará a um nível não adequado para ouvidos sensíveis.

Winston preparou-se para dizer mais alguma coisa, mas a paz familiar foi salva pela interferência de Olivia, que bateu palmas com euforia.

— Muito bem dito! Miranda adorava a amiga, porém sabia que não podia confiar quando o assunto era arranjar casamentos. E o sorriso malicioso da outra foi mais uma prova disso.

— Miranda? — Olivia a chamou com graça.

— Sim?

— Lembra-se de ter me dito que gostaria de levar Winston àquela loja de luvas que vimos na semana passada? — E dirigindo-se para Winston, continuou: — Eles têm peças maravilhosas tanto para mulheres como para homens, e nós chegamos à conclusão de que precisará de um par novo. Não sabemos se as compradas em Oxford são muito boas.

O discurso óbvio de Olivia não enganou ninguém. Miranda fitou Turner de soslaio e ele parecia divertir-se com o impasse. Ou estaria aborrecido? Às vezes era difícil distinguir o que se passava com ele.

— O que me diz, meu querido irmão? — Olivia esmerou-se na expressão encantadora. — Vamos?

— Nada me agradaria mais — Winston concordou, animado.

Miranda abriu a boca para falar, mas desistiu diante da inutilidade prevista. Torceria o pescoço de Olivia na primeira oportunidade. No momento, a única alternativa seria aceitar. Não desejava fazer nada que pudesse levar Winston a crer que ela alimentava sentimentos românticos a seu respeito. Contudo seria uma grande falta de sensibilidade procurar livrar-se do passeio na frente do rapaz.

Quando percebeu três pares de olhos que a fitavam com expectativa, nada mais lhe ocorreu dizer:

— Podemos ir agora. Para mim, será um prazer.

— Eu os acompanharei — Turner anunciou, erguendo-se, decidido.

Diante do anúncio inesperado, os outros três ficaram surpresos. Turner nunca mostrara interesse em escoltá-los em nenhum passeio quando se encontravam em Ambleside.

— Estou precisando de um par de luvas também — Turner afirmou com fisionomia tranqüila de quem dizia a verdade. Por que outra razão ofereceria sua companhia?

— Entendi, claro. — Winston piscou sem atinar com os motivos do irmão mais velho.

— Sua sugestão foi ótima, Olivia — Turner animou-se. — Obrigado, minha querida.

Olivia não se mostrou nem um pouco satisfeita.

— Será ótimo contar com a sua presença — Miranda declarou, aparentando um entusiasmo maior do que pretendia demonstrar. — Winston não se incomodará, não é mesmo?

— De maneira nenhuma. — O rapaz pretendia ser sincero, porém sua expressão o contradizia.

— Já terminou de comer os amanteigados, Winston? — Turner indagou. — Será melhor sairmos logo, pois poderá chover mais tarde.

— Poderíamos ir numa carruagem fechada. — Winston pegou o maior biscoito da travessa.

— Vou buscar o meu casaco — Miranda avisou e ficou em pé. — Decidam em qual veículo iremos. Vamos nos encontrar no salão rosa em vinte minutos?

— Subiremos juntos — Winston se ofereceu. — Preciso pegar alguma coisa na minha mala.

Miranda e Winston saíram da cozinha.

— O que está acontecendo, Turner? — Olivia perguntou.

— Do que está falando?

— Estou empenhando todos os meus esforços para unir aqueles dois e meu querido irmão mais velho arruinou tudo!

— Não seja tão dramática. Estou apenas pensando em comprar luvas. Jamais me ocorreria impedir um casamento, ainda mais um tão festejado.

— Se eu não o conhecesse, diria que está com ciúme. — Olivia franziu a testa, estreitando o olhar,

— Então, como me conhece, eu agradeceria se não fizesse acusações infundadas — respondeu ele, depois de alguns minutos de silêncio.

— Convenhamos que vem agindo com estranheza. *Ciúme de Miranda! Deus misericordioso, só me faltava essa.*

Turner costumava tratar a irmã de várias formas. De maneira geral, empregava um certo descaso benevolente. Ocasionalmente, adotava o papel de tio, surpreendendo-a com presentes e lisonjas sempre que lhe fosse conveniente. A diferença de idade garantia essa postura. Contudo, na maioria das vezes a via como se fosse uma criança. Entretanto, depois das incriminações que recebera, teria de argumentar sem medir palavras nem levar em conta sentimentos.

— Se a minha querida irmã — disse em um tom de voz duro e mordaz —, pudesse enxergar alguma coisa além do próprio desejo de ter Miranda constantemente à sua disposição, teria uma clara idéia de que ela e Winston não combinam de maneira nenhuma.

Olivia engasgou com o ataque inesperado, mas logo se recuperou.

— A minha disposição? — repetiu, furiosa. — Agora quero saber quem está fazendo acusações infundadas. Você sabe muito bem que adoro minha amiga e só quero sua felicidade! Além disso, como lhe falta beleza e dote...

— Ah! — Turner fechou a boca antes de proferir uma imprecação. — Está vendendo a própria amiga a descoberto!

Não conseguia entender por que as pessoas persistiam em enxergar Miranda como a menina desajeitada de outrora. Ela poderia não possuir os atuais padrões de beleza como Olivia, mas certamente era provida de algo muito mais profundo e interessante. Era possível observá-la e entender que havia muita beleza atrás daquele olhar. Aquele sorriso aberto nunca foi falso ou... bem, às vezes era caçoísta. Possuíam o mesmo senso de humor, e obrigados a ficar em Londres durante a temporada, certamente não faltavam situações que merecessem doses de zombaria, para o deleite de ambos.

— Winston seria um ótimo marido para Miranda — Olivia continuou, exaltada. — E ela para... — Deteve-se e levou a mão à boca.

— O que foi agora? — ele indagou, irritado.

— O problema não é ela, não é? A questão é Winston! Você deve achar que minha amiga

não é boa o suficiente para seu irmão, não é isso?

— Está totalmente errada — negou com indignação, dessa vez medindo as palavras com cuidado. — Nada poderia afastar-se mais da verdade. Eles são muito novos para se casar, principalmente Winston.

— Isso não é verdade, nós somos... — Oliva se ressentiu.

— Winston é muito jovem — Turner repetiu com frieza. — E não é preciso ir muito longe para saber por que um homem não deve se casar cedo.

A compreensão não foi imediata, mas quando percebeu que o irmão se referia à própria história, teve pena. Turner notou aquele sentimento odioso pelo olhar de Olivia.

— Sinto muito mesmo, não pretendi magoá-lo. — Desculpando-se, ela saiu correndo, deixando-o ainda mais nervoso.

Miranda aguardou no salão rosa por alguns minutos até uma criada aparecer na entrada.

— Perdão, senhorita, mas lady Olivia pediu-me para avisar que ela não poderá descer.

Miranda largou a estatueta que estava examinando e encarou a moça com espanto.

— Ela não está passando bem?

A criada hesitou e Miranda não queria deixá-la em situação difícil. Poderia falar pessoalmente com a amiga.

— Não se preocupe. Eu mesma descobrirei...

Depois de deixar no lugar a peça decorativa, pois lady Rudland gostava de ter suas antiguidades na posição correta, Miranda seguiu até a porta, ao mesmo tempo que olhava para trás, checando se a estatueta estava exatamente no mesmo lugar, e acabou por bater num corpo grande, masculino. Soube quem era antes de encará-lo. Poderia ter sido Winston, um criado ou até... os céus que evitassem tal vergonha, lorde Rudland, mas não era nenhum desses.

Pelo perfume e pela respiração quente, que sentiu por uma fração de segundo, soube que era Turner. Já tinha consciência de que a atmosfera se modificava quando ele estava por perto. Foi então que teve certeza de que estar com a percepção tão aguçada da simples presença de uma pessoa só podia tratar-se de amor, um amor eterno.

Amor de uma mulher por um homem. A menina que o imaginava como um cavaleiro de armadura brilhante não existia mais. Havia se tornado mulher, conhecia as imperfeições daquele homem e, ainda assim, o amava. Era um sentimento verdadeiro e profundo, tinha vontade de livrá-lo de todo o sofrimento, desejava... Ah, nem ela sabia o que desejava. Aliás, sabia que queria tudo. Ela...

— Miranda? — chamou Turner, segurando-a pelo braço. Ela ergueu o olhar, mesmo sabendo que seria insuportável enxergar naqueles olhos azuis o que não queria ver. E, de fato,

não viu amor e nenhuma revelação. Ele apertou-a de maneira desnecessária e parecia estranho, muito diferente do usual. Assim, sentiu um calor enorme tomar seu corpo inteiro.

— De... desculpe-me — ela gaguejou e afastou-se. — Tenho de prestar mais atenção...

Turner não se moveu de imediato. Apenas a olhou e fixou-se na boca bem desenhada. Por um segundo abençoado, ela pensou que fosse beijá-la. Arfando, entreabriu os lábios e...

O momento se eclipsou e a realidade voltou, gélida.

— Sou eu quem lhe pede perdão — ele falou em tom monocórdio. — Eu também deveria ser mais cuidadoso.

— Eu pretendia ir à procura de Olivia — explicou, sem ter idéia do que deveria dizer. — Soube que ela não vai descer.

A expressão daquele rosto másculo modificou-se e com a dose exata de cinismo de quem sabia o que estava ocorrendo.

— Não se preocupe, ela está bem.

— Mas...

— Pelo menos uma vez deixe minha irmã resolver os próprios problemas.

Miranda abriu a boca, surpreendida pelo tom ríspido. Mas não chegou a responder porque Winston acabava de entrar.

— Está pronta? — ele perguntou, jovial e sem perceber a tensão no ambiente. — Onde está Olivia?

— Ela não virá — Miranda e Turner disseram em uníssono.

— Por quê? — perguntou aos dois, estranhando o fato de eles terem falado juntos.

— Olivia não está se sentindo bem — Miranda mentiu.

— Que pena — Winston afirmou, sem demonstrar contrariedade, e estendeu o braço para Miranda. — Vamos?

— Virá conosco, Turner? — Ela fitou-o, incerta.

— Não. — A negativa foi imediata.

11 de junho de 1819,

Hoje comemoramos o meu aniversário. Um dia adorável e estranho ao mesmo tempo.

Os Bevelstoke fizeram um jantar em minha homenagem. Foi uma lembrança meiga. Ainda mais que meu pai provavelmente deve ter esquecido que hoje não é apenas o dia em que um certo erudito grego chegou a uma determinada conclusão matemática, ou qualquer outra coisa importante.

De lorde e lady Rudland ganhei um lindo par de brincos de águas-marinhas. De Winston, recebi uma caixa com lenços de renda, cada um mais bonito que o outro.

De Olivia, uma caixa com papéis de carta estampados com o meu nome.

De Turner, ganhei um frasco de perfume. Fragrância de violetas. Imediatamente lembrei-me da fita cor de violeta que ele prendeu nos meus cabelos quando eu tinha dez anos. Mas também é evidente que ele não havia se recordado desse incidente. Eu também não comentei nada. Seria muito embaraçoso revelar-me tão sentimental. Contudo considerei o presente adorável.

Não sei se conseguirei dormir. Escrevi a última frase há dez minutos e, embora esteja bocejando bastante, minhas pálpebras não estão pesadas. Talvez seja pela responsabilidade de completar vinte anos. Isto posto, poderei muito bem tomar um cálice de xerez para embalar no sono.

Pois é isso mesmo o que pretendo fazer.

CAPÍTULO IV

Turner encontrava-se no gabinete de seu pai, no escuro, depois de ter consumido uma vela e três cálices de conhaque. Olhava através da janela e escutava as folhas de uma árvore próxima farfalharem ao vento, batendo na vidraça.

Aquela languidez era o que lhe convinha depois de um dia como aquele.

Primeiro Olivia o acusara de estar com interesses escusos em sua amiga. Em seguida, fora o encontrão com Miranda e...

Deus misericordioso, ele a desejara e...

Sabia exatamente o momento em que o interesse havia brotado. Não fora quando da colisão, nem quando a segurara pelos braços para evitar que caísse. Abraçá-la fora prazeroso, mas também não havia sido então que a verdade lhe ocorrera.

O instante em que entendera estar em perigo sucedeu alguns segundos depois, quando ela erguera o rosto e o fitara.

Aqueles olhos castanhos e brilhantes sempre o atraíram. E fora um idiota em não ter percebido antes.

Naquele instante, os ponteiros do relógio pararam por um breve momento, que mais pareceu uma eternidade, e sentiu a mudança. Um turbilhão atingiu-o e até o respirar exigia um grande esforço. De maneira inconsciente, tinha apertado com mais força aquele braço macio, assustando-a. Foi então que admitira que a desejava como jamais poderia ter imaginado, apesar de não ser correto nem respeitável. A partir de então, ansiava por tê-la nos braços. Nunca ficara tão desgostoso consigo mesmo. Aquele sentimento avassalador não podia ser amor.

Não seria capaz de amar ninguém, depois da destruição que Letícia operara em seu coração. Tratava-se então de um desejo puro e simples por uma mulher que, provavelmente, era uma das poucas puras e dignas da Inglaterra.

Pensativo, serviu-se de mais um drinque. O que não matava um homem na certa o fortalecia, era a melhor desculpa que encontrava para beber mais. Mas aquilo...

Certamente acabaria por liquidá-lo.

Enquanto estava ali sentado, sentindo-se o último dos homens, ponderando sobre a própria fraqueza, ele a viu.

Não podia ser verdade, com certeza era uma visão. Alguém pretendia testar seu brio de cavalheiro, e obviamente estava destinado a falhar. Tentaria controlar-se com o maior empenho de que fosse capaz, mas no recôndito da alma, onde se recusava a examinar, havia uma certeza: seria impossível recuar.

Miranda se movia como um anjo. A camisola branca e larga de algodão ondulava com as

passadas lentas, chegando a brilhar na escuridão, o que o deixou ainda mais desesperado, fazendo-o agarrar-se nos braços da cadeira como se daquilo dependesse sua vida.

Miranda não havia encontrado o que procurava no salão rosa e dirigiu-se ao gabinete de lorde Rudland, onde entrou com grande apreensão. Lembrava-se de ter visto uma garrafa de cristal na prateleira ao lado da porta. Poderia pegar o que desejava e sair em segundos. A atitude não chegaria a ser considerada uma invasão de privacidade.

— Onde estarão os cálices? — murmurou, deixando a vela sobre a mesa. — Ah, estão aqui. — Abriu a garrafa de xerez e serviu-se de uma pequena dose.

— Espero que não faça disso um hábito — uma voz arrastada ecoou na sala.

Assustada, deixou cair o cálice, que se espatifou no chão.

— Ora, que desperdício.

Ela se virou e o viu sentado numa cadeira de balanço. Apesar da pouca luz, a expressão irônica era inconfundível.

—Turner?—sussurrou o óbvio, como se pudesse ser outra pessoa.

— O próprio.

— Mas o que... Por que está aqui? — Ela adiantou-se e, sem enxergar direito, acabou por pisar em um caco de vidro. — Ai!

— Mas que grande tolice andar por aí com os pés descalços.

— Eu não estava planejando quebrar um cálice! — Miranda abaixou-se e removeu a lasca afiada da sola do pé.

— Isso não importa. Ainda vai apanhar uma gripe pelo hábito de andar pela casa sem agasalho e sem chinelos. — Sem dizer mais nada, ergueu-a nos braços fortes e levou-a para longe dos estilhaços.

Ela refletiu que nunca estivera tão perto do paraíso em seus poucos anos de vida. Podia sentir, através da camisola, o calor daquele corpo viril de encontro ao seu. Aquela proximidade fazia sua pele formigar, levantando-se em arrepios.

Aquele perfume másculo era único: uma fragrância amadeirada e quente, mesclada ao cheiro do conhaque. Havia mais alguma coisa que a embriagava, que ainda não conseguia identificar.

Agarrada ao pescoço largo, abaixou a cabeça para inalar ainda mais daquele aroma característico.

No momento em que se convenceu de que a vida não poderia ser mais perfeita, Turner largou-a, sem a menor cerimônia, no sofá.

— O que pretendia fazer neste gabinete?

— E você, o que estava fazendo aqui?

— Perguntei primeiro — retrucou, sentando-se numa mesinha baixa, em frente a ela.

— Estamos parecendo duas crianças — confrontou-o, sentando-se sobre as pernas, mas acho que devia se explicar. — Eu não conseguia dormir e imaginei que um cálice de xerez resolveria o problema.

— Ah, entendi. O pensamento lhe ocorreu por haver atingido a provecta idade dos vinte anos.

Exatamente. Miranda não estava disposta a entrar em nenhum jogo de poder, limitando-se a inclinar a cabeça em concordância.

— Então, pelo menos, permita que eu a ajude no empreendimento. — Ele riu e, levantando-se, foi até a cristaleira. — Mas, por favor, se resolveu beber, faça-o de maneira adequada. O conhaque é mais apropriado nas atuais circunstâncias, ainda mais se for o contrabandeado da França.

Tirando dois cálices de uma prateleira, ele serviu duas doses generosas.

— Quando eu era menino, minha mãe costumava permitir, ocasionalmente, que eu bebesse um gole de conhaque. Por exemplo, para esquentar quando eu ficava encharcado de brincar na chuva.

— Está com frio? — perguntou com uma voz sensual, encarando-a com olhar intenso, perceptível até mesmo à pouca luminosidade.

— Não, por quê?

— Percebo que está tremendo.

Miranda fitou as próprias mãos traiçoeiras. O tremor não era causado por conta da temperatura. Abraçou-se então, com intenção de disfarçar o embaraço.

Turner aproximou-se e, com a graça felina de um predador, entregou-lhe o cálice e recebeu em resposta um olhar exasperado.

— Por que está aqui? — Ela não pretendia deixar o assunto esquecido.

— Eu precisava discutir com meu pai alguns assuntos relativos às nossas propriedades rurais. Convidei-o para tomar um drinque depois do jantar. Mais tarde, ele foi dormir e eu fiquei — contou, voltando a se sentar na mesinha.

— E permaneceu no escuro esse tempo todo?

— Gosto de refletir em ambientes com pouca luminosidade.

— Bobagem, ninguém gosta de escuro.

A risada de Turner a fez sentir-se como uma criança imatura.

— Ah, minha querida, obrigado por me alegrar.

— Quanto foi que já bebeu? — quis saber, estreitando os olhos.

— Essa é uma pergunta impertinente.

— Ah! Então passou da conta, não é?

— Estou parecendo bêbado? — ele inquiriu, inclinando-se para a frente.

Miranda recuou, despreparada para a intensidade daquele olhar.

— Não. Mas a sua experiência é muito maior do que a minha e imagino que deva saber administrar os efeitos da bebida. Provavelmente não mostrará os sintomas, mesmo se beber dez vezes mais que eu.

— Essa é a mais pura verdade. — Dessa vez o riso foi amargo. — E se quer o meu conselho, minha querida, deveria aprender a ficar afastada de homens muito experientes.

Com toda a calma, Miranda tomou mais um pequeno gole, embora sua vontade fosse beber tudo de uma só vez. Estava diante de um homem que se tinha comportado de maneira abominável durante toda a noite. Mordaz ou sarcástico quando estavam sozinhos, silencioso e sombrio na frente de todos. Amaldiçoou o próprio coração por amá-lo tanto. Seria muito mais fácil gostar de Winston, que tinha gênio fácil, um sorriso franco e luminoso e que a idolatrava.

Mas não, só pensava em Turner, que era dono de um temperamento instável. Em um momento ria e brincava, em outro a tratava como se não se conhecessem.

O amor era para os tolos, e ela sentia-se como a rainha de todos.

— No que está pensando? — ele perguntou, trazendo-a de volta à realidade.

— Em seu irmão. — Era uma perversidade, mas verdadeira de certa forma.

— Ah... — Suspirou, servindo-se de mais conhaque. — Winston é um bom rapaz.

— Tem razão. — Ela usou um tom de desafio velado.

— Alegre.

— Adorável.

— Embora muito novo...

— Eu também sou. Talvez por isso combinaremos bem. A resposta foi acompanhada por um dar de ombros. Como não houve comentário algum em protesto, ela virou o resto da bebida e cutucou-o.

— Não concorda comigo?

O silêncio ainda predominava.

— Estamos falando sobre Winston — ela provocou-o. — É seu irmão. Imagino que queira vê-lo feliz, não? Acredita que eu não serei a noiva ideal e que não o farei feliz, não é verdade?

— Por que a dúvida agora?

Erguendo a mão, Miranda passou a ponta do indicador na beira do cálice, para depois lambê-lo sensualmente e erguer os olhos provocantes.

Turner serviu-a com mais conhaque e ela prosseguiu:

— Eu precisava de uma opinião e não sabia a quem perguntar. Olivia está ansiosa demais para me ver casada com Winston e, por ela, subiríamos no altar o mais depressa possível.

A resposta foi aguardada ansiosamente, até que ele deu um suspiro profundo que soou quase como uma rendição.

— Não sei o que dizer. Não imagino por que não faria meu irmão feliz, se a vejo agradar a todos.

Eu o faria feliz também, Turner?

— E ele, faria a minha felicidade?

— Não tenho certeza — respondeu com cautela.

— Por que não? O que há de errado com Winston?

— Nada que o desabone. Apenas não sei se ele a faria feliz.

— Mas por quê? — Ela reconhecia a própria impertinência, mas sua lógica era irrefutável.

Se o ouvisse justificar por que Winston não era o homem ideal, talvez entendesse que ele mesmo poderia fazê-la feliz.

— Não sei. — Turner passou a mão pelos cabelos até desarrumá-los por completo. — É mesmo necessário termos esta conversa?

— Sim, é.

— Se insiste, está bem. — E inclinou-se para a frente, estreitando o olhos como quem se preparava para dar notícias desagradáveis. — Para falar com sinceridade, falta-lhe a beleza considerada como padrão nos meios sociais. Além disso, posso garantir que é um tanto sarcástica e que não lhe agrada manter conversas corteses e sem muito fundamento. Francamente, não posso entender por que deseja um matrimônio típico da nossa sociedade.

— E? — Ela engoliu em seco.

— Seu temperamento não agrada à maioria dos homens. Tenho certeza de que a felicidade ficará bem longe do seu alcance, se seu marido tentar moldá-la de acordo com critérios pré-estabelecidos.

A tensão aumentava, e Miranda continuava a prendê-lo com um olhar intenso.

— Na sua opinião, haverá alguém que possa gostar de mim como eu sou? — perguntou em voz baixa.

A questão ficou no ar e os dois ficaram hipnotizados até vir finalmente a constatação:

— Sim. — Ele suspirou e tomou o conhaque restante. Aquela resposta mais parecia ter sido dada à bebida e não a qualquer dúvida pessoal que ela pudesse ter.

Miranda olhou para outro lado. O momento de magia, se é que havia mesmo existido e não passara de um produto da sua imaginação, havia se perdido; o silêncio que se seguiu foi constrangedor. E ela sentiu-se compelida a preencher aquele desconfortável vazio com a primeira coisa que lhe veio à mente.

— Pretende ir ao baile de Worthington na próxima semana?

Turner virou-se e arqueou as sobrancelhas diante da inesperada pergunta.

— Talvez.

— Eu gostaria que fosse. Assim poderia repetir a bondade de dançar comigo duas vezes. Caso contrário, ficarei sem parceiros, o que seria uma tristeza. — Já nem se importava com as bobagens que falava. — Eu não necessitaria do seu apoio se Winston pudesse ir, mas ele deve voltar para Oxford amanhã.

Sentiu que era observada de modo estranho, que não era irônico, nem zombeteiro. Odiou-se por não conseguir interpretar a expressão inusitada, que a deixava sem saber como proceder. De qualquer modo, prosseguiu chapinhando a esmo. Naquela altura, o que teria a perder?

— Por que não pensa melhor no caso? Eu adoraria que fosse.

— Está bem — ele respondeu depois de fitá-la por algum tempo. — Eu irei.

— Obrigada. Fico muito agradecida.

— E eu, satisfeito em poder servi-la. — Mais uma constatação irônica, sem qualquer entusiasmo.

— Se for mais conveniente, dance comigo apenas uma vez. E se puder fazer isso no início do baile, ficarei satisfeita. Haverá a possibilidade de outros cavalheiros quererem imitá-lo.

— Por que diz isso?

— E muito simples. — A bebida começava a fazer efeito, deixando-a acalorada e mais ousada. — Você é um homem muito atraente. É parecido com Winston.

— Como é?

O tom ríspido de Turner deveria ter servido de advertência para Miranda, mas ela não conseguia parar.

— Bem, os dois têm olhos azuis e cabelos loiros, embora os dele tenham tonalidade mais clara. Também são parecidos fisicamente, ainda que...

— Chega, por favor.

— Mas...

— Eu disse *chega!*

Miranda emudeceu diante do tom cáustico, mas logo se recuperou.

— Não precisava ser tão grosseiro.

— Você bebeu em excesso.

— Não seja tolo. Não estou embriagada. Você tomou muito mais conhaque do que eu.

— Isso não é bem verdade, mas como a senhorita afirmou anteriormente, minha experiência é muito maior que a sua.

— Lembro-me de ter dito isso e talvez tenha acertado. Não acho que esteja bêbado.

— Claro que não. Só me sinto um pouco imprudente.

— Uma definição curiosa.

— Creio que a imprudência também me atingiu.

— Não duvido. Caso contrário teria voltado para o quarto assim que me viu aqui.

— E não o teria comparado a Winston. — Os olhos azuis cintilaram como aço.

— Acredito que não.

— Mas não se importa com isso, não é mesmo?

O longo e pesado silêncio deu a noção exata de que havia se excedido. Como pudera ser tão tola e imaginar que era desejada? Mas por que ele haveria de se incomodar ao ser comparado ao irmão mais novo? Para Turner, ela não passava de uma criança, a menina para quem demonstrava indulgência por piedade. Jamais deveria ter sonhado com um envolvimento amoroso.

— Perdoe-me. Entendo que passei dos limites. — Ela tomou o restante do conhaque e deu dois passos em direção à porta.

— Ai!

— O que foi? — Turner levantou-se.

— Esqueci dos cacos de vidro — choramingou.

— Por Deus, não chore. — Ele alcançou-a e, pela segunda vez naquela noite, tomou-a nos braços.

— Sou uma desastrada. — As lágrimas, mais pelo amor-próprio ferido, inundavam o rosto contraído pela dor.

— Não blasfeme. Nunca a ouvi falar com essa linguagem. Se disser mais alguma, terei de lavar sua boca com sabão — provocou-a, carregando-a de volta ao sofá.

O tom gentil afetou-a mais do que palavras duras teriam feito, e os soluços continuaram.

— Deixe-me ver esse pé.

— Pode deixar que eu mesma cuido disso.

— Não seja boba. E também não precisa tremer tanto. — Turner foi até o aparador, buscar a vela que ela havia deixado. — Bem, agora temos um pouco de luz. Deixe-me examinar o corte.

Relutante, ela apoiou o pé nas coxas musculosas.

— Sou mesmo uma tola — repetiu.

— Quer parar de dizer uma coisa dessas? Miranda Cheever é a mulher menos idiota que conheço.

— Obrigada. Ai!

— Fique quieta e pare de se mexer.

— Quero ver o que está fazendo.

— Isso será impossível, a menos que seja uma contorcionista. Portanto terá de confiar em mim.

— Está terminando?

— Quase. — E puxou mais uma lasca de vidro, enquanto sentia o corpo frágil retesar-se de dor.

— Restam mais um ou dois pedacinhos.

— E se não conseguir tirar todos?

— Não se preocupe.

— E se não conseguir?

— Por Deus, Miranda, alguém já lhe disse o quanto é teimosa?

— Já.

Os dois evitaram sorrir.

— Se ficar algum caco menor, sairá sozinho em poucos dias. É o que acontece normalmente — sentenciou Turner.

— Não seria bom se a vida fosse simples como um caco de vidro? — perguntou com certa melancolia.

— Com situações que pudessem ser resolvidas em pouco tempo?

— Sim...

Ele fitou-a por alguns instantes e voltou ao trabalho, tirando mais um fragmento de vidro.

— Pronto. Está nova em folha. — Mesmo tendo terminado a tarefa, ela não puxou o pé de onde estava.

— Sinto muito por ser tão desajeitada.

— Não diga isso. Foi um acidente.

Seria imaginação ou ele falava com uma dose de ternura? O movimento, ao virar-se, a fez aproximar-se ainda mais.

— Turner?

— Não diga nada. — A voz rouca mais parecia um aconchego inebriante.

— Mas eu...

— Por favor!

Miranda sentiu a urgência daquelas palavras, porém não foi capaz de compreender o que estava subentendido. Estavam muito perto, os calores e perfumes se misturando, porém ambos ansiavam por mais.

Com a força do desejo, Turner puxou-a, pressionando o corpo delicado ao peito musculoso. Miranda notou que havia um brilho inexplicável naquele olhar, uma luminosidade diferente no sorriso e compreendeu que ambos tinham urgência em se beijar, se tocar...

E naquele momento, viu realizar o sonho que a acompanhara durante anos. Sentir aquela boca tão bem desenhada, devorando-lhe os lábios sequiosos, era como acordar no paraíso. Não poderia imaginar que era desejada com a mesma voracidade, que a consumia há tanto tempo.

Trocaram um beijo quente, permitindo-se explorar as línguas afoitas.

Em pouco tempo Turner a empurrou docemente para o sofá, cobrindo o corpo pequeno com seu peso. Não havia mais dúvidas, nem incertezas. Não era preciso explicar a paixão que brotava em meio aos abraços e carícias.

Sentiu-se transtornado e imaginou que talvez estivesse ficando maluco, pois não conseguia afastar-se dela. Queria sentir tudo, experimentar, tocar e apertar. Seu único pensamento, quando conseguia raciocinar, era que a queria tomar de todas as maneiras possíveis e imagináveis.

Sussurrou seu nome e ouviu-a murmurar o dele. Depois, encontrou os botões de madrepérola na parte de trás da gola do vestido e desabotoou todos. Só restava deslizar o tecido suavemente por aquele corpo tão gracioso. Sentia o contorno do busto sob a camisola, mas ansiava por mais. Queria experimentar o calor, o cheiro e o sabor daquela mulher tão adorável.

Beijou-a no pescoço e na curva elegante do ombro. Insinuou a boca mais para baixo e

estremeceu de prazer ao chegar à protuberância suave dos seios.

Deus do céu, como a desejava! Puxou-a para cima, aproximando as bocas sedentas em um beijo longo. Sem deixar de sugar-lhe os mamilos, levou a mão por baixo da barra da camisola e sentiu a pele sedosa da perna bem torneada.

Quando a mão forte alcançou a coxa, ouviu-se um grito.

— Shh... — Ele a silenciou com um beijo. — Assim acordará os vizinhos e meus...

Meus pais.

A lembrança foi como um balde de água gelada sobre a cabeça.

— Oh, Deus!

— O que houve? — perguntou ela ainda ofegante.

— Oh, Senhor! Miranda! — Ele teve a impressão de haver acordado de um sonho e surpreender-se ao encontrá-la ali, tão vulnerável.

— Turner, eu...

— Fique quieta — ordenou em voz baixa e ríspida. Saiu do sofá com tamanha pressa que acabou caindo sobre o tapete. Levantou-se, blasfemando, e começou a andar de um lado para outro.

— Turner?

— Levante-se!

— Mas...

Quando virou-se para repreendê-la, deparou com a visão estonteante daquelas pernas longas, totalmente desnudas até a linha curva dos quadris.

— Não! — repreendeu-se, estremecendo com a força da própria negativa. — Obedeça, por favor! — ordenou.

— Mas eu não...

Com um gesto brusco, puxou-a pela mão e a deixou em pé. Não queria se aproximar muito e novamente inebriar-se por aquela aura mágica que a envolvia.

— Vá embora, pelo amor de Deus. Tenha juízo e volte correndo para o seu quarto.

Miranda continuou parada, encarando-o com. os cabelos em desalinho e os lábios entreabertos em uma súplica silenciosa para serem sugados.

Embora convicto de que não deveriam continuar com aquela loucura, o desejo ainda pairava no ar.

— Isso não se repetirá — ele declarou, tenso.

Como ela não respondeu, Turner fitou-a cautelosamente, com receio de que mais um

pranto se iniciasse. Contudo, continuaram imóveis, a uma distância segura.

— Agora é melhor subir... — Dessa vez o pedido veio em um sussurro e não como ordem.

Ela concordou com um movimento abrupto e correu para fora do escritório.

Turner continuou imóvel, inspirando o perfume doce da paixão, deixado no ar.

12 de junho de 1819,

Estou completamente sem palavras.

Turner acordou na manhã seguinte com uma forte dor de cabeça que nada tinha a ver com a bebida. O achaque seria mais fácil de ser curado se tivesse sido causado pelo conhaque.

Miranda.

Não conseguia atinar com nenhum pensamento coerente em relação ao que ocorrera na noite anterior. Só havia uma certeza: nenhum dos dois raciocinara em absoluto.

Não apenas a tinha beijado, mas por pouco não a submeterá às próprias ânsias. E ainda por cima, seria difícil imaginar que existisse na Inglaterra uma mulher que merecesse mais sua consideração do que Miranda Cheever.

Ele ainda haveria de pagar por esse pecado. Se fosse um homem honrado de verdade, deveria pedi-la em casamento. Qualquer outra perderia a reputação por muito menos que isso.

No entanto não houvera testemunhas, o inconsciente lhe soprava. Apenas os dois sabiam do ocorrido, è Miranda não diria nada a ninguém, não era do tipo de espalhar notícias.

Porém estava convencido de ser um aproveitador. Letícia se encarregara de matar qualquer sentimento bom, que porventura pudesse ter sobrevivido após um casamento tão desgastante. E como ainda lhe restava um pouco de juízo, dali por diante, evitaria qualquer aproximação maior com Miranda.

Um erro era compreensível; dois seria a ruína; e três...

O fundamental dali para a frente seria não ficar mais sozinho com ela. Quanto mais longe, mais distante estaria da tentação de tocá-la, e o tempo os ajudaria a esquecer o encontro ilícito.

Quem sabe ela logo encontrasse alguém disposto a amá-la de verdade. No entanto, imaginá-la nos braços de outro homem causou-lhe um desconforto inesperado. Imaginou que a repulsa devia-se ao fato de estar cansado e por tê-la beijado havia pouco mais de seis horas e...

Poderia existir uma centena de razões diferentes, nenhuma delas importante o suficiente para ser examinada. O essencial era se afastar, retomar a idéia inicial de não passar muito tempo em Londres e ir para o campo.

Abriu os olhos e gemeu. Começava a desconfiar que perdera o autocontrole. Miranda era uma moça inexperiente, com vinte anos recém-completados; bem diferente de Letícia, que era versada na arte da conquista e a usava sempre em benefício próprio.

No entanto, por mais que Miranda fosse tentadora, ele tinha de ser homem suficiente para afastá-la de seus pensamentos. Enquanto operava mudanças em sua vida, talvez fosse melhor olhar com mais atenção para as mulheres da sociedade. Havia muitas viúvas jovens e discretas que o receberiam de boa vontade. Era do que precisava. Estava muito tempo sem companhia feminina. Nada melhor que uma mulher para esquecer outra.

— Turner está de mudança. — Olivia veio com a novidade.

— O quê? — Miranda assustou-se. Por pura sorte não derrubou o precioso vaso antigo de porcelana, onde arrumava um buquê de flores.

— Aliás, ele já foi embora. Seu criado pessoal está arrumando os pertences que ficaram para trás.

Miranda inspirou fundo várias vezes, tentando acalmar-se, e somente falou quando teve certeza de que a voz não tremeria.

— Sei irmão vai sair de Londres?

— Creio que não. — A amiga largou-se numa poltrona e bocejou. — Se bem que não pretende ficar por muito tempo em Londres mesmo, por isso alugou um quarto de hotel.

Ela lutou contra a horrível idéia que lhe apertava o coração. Então, ele alugara um espaço para morar com a intenção óbvia de se afastar. Seria humilhante se não fosse tão triste. Ou talvez fossem as duas coisas.

— Acho que será melhor assim — Olivia continuou, sem perceber o desgosto da amiga. — Para que continuar por aqui se afirmou que jamais tornaria a casar-se...

— Você ouviu essa afirmação? — perguntou Miranda, sentindo um frio na espinha.

Como não havia entendido o óbvio quando o ouvira dizer que não estava procurando uma esposa?

— Ah, sim. Foi o que declarou no outro dia e com muita firmeza. Pensei que mamãe fosse ter um ataque por causa disso. Na verdade, por pouco não desmaiou.,

— Verdade?

— Bem, não. Mas se não fosse uma pessoa tão controlada, era isso o que teria acontecido.

Em geral Miranda divertia-se com os exageros da amiga, mas naquela altura gostaria de poder fazê-la calar a boca.

— De qualquer forma, apesar de ele ter dito que não se casaria novamente, acredito que vai reconsiderar a decisão. É preciso dar tempo ao tempo.

Miranda esforçou-se para sorrir, embora soubesse que o resultado não seria convincente. Estava chocada com a notícia e rezava para não deixar transparecer.

— Afinal, ele precisa casar de novo — Olivia continuou tagarelando, indiferente ao sofrimento da amiga. — E com certeza, não encontrará uma esposa enquanto estiver morando aqui. Deus Pai, como ele poderia cortejar uma mulher na companhia dos pais e de duas irmãs mais novas?

— Duas?

— Claro. Todos consideram você a segunda irmã. Turner, portanto, não poderia comportar-se como gostaria, estando na nossa presença.

Agora já não sabia mais se deveria rir ou chorar. Por sorte a amiga estava de olhos fechados, caso contrário teria percebido sua indecisão.

— Mesmo que ele não decida casar-se tão cedo, haverá de procurar uma amante. Isso o fará esquecer Letícia. E morando aqui, como poderia ter uma amante? — Olivia abriu os olhos e apoiou-se nos cotovelos. — Portanto acho que foi melhor assim. Concorda comigo?

Miranda anuiu com um gesto de cabeça. Se tentasse falar, com certeza não conteria as lágrimas.

19 de junho de 1819,

Turner partiu há uma semana e eu continuo amargurada.

Eu poderia perdoá-lo se apenas tivesse se mudado. Mas ele não voltou a me procurar!

Não veio me visitar, nem ao menos mandou uma carta. Embora eu tenha escutado boatos sobre sua presença em eventos sociais, Turner parece me evitar. Não comparece às mesmas festas ou aos mesmos lugares aonde tenho ido. Uma vez pensei tê-lo visto, mas não tive certeza.

— Que traje pensa vestir esta noite para o baile dos Worthington? — Olivia indagou ao adoçar o chá.

— Esta noite? — Miranda sentiu um aperto no coração. Turner prometera uma dança naquele baile e certamente não faltaria com a palavra. Precisava dar um jeito de fazê-lo comparecer.

— Usarei o vestido de seda verde — informou Olivia. — A menos que pretenda usar o seu da mesma cor que, aliás, lhe fica muito bem.

— Acha mesmo? — perguntou. De repente pareceu imperativo que se apresentasse da melhor maneira possível.

— Mas decida logo, pois nós duas não podemos usar vestidos parecidos.

— O que me aconselha? — Apesar de seu bom gosto, a amiga era especialista no assunto.

Olivia inclinou a cabeça de lado, avaliando-a.

— Acredito que uma cor viva ficaria muito bem com o seu tom de pele e cabelos, mas mamãe acha que ainda somos muito novas para isso. Talvez... — Ela deu um pulo, pegou uma almofada verde-musgo de uma poltrona e a pôs sob o queixo de Miranda. — Hum...

— Está planejando mudar o meu estilo?

— Segure isto — ordenou, afastando-se alguns passos para avaliar melhor a idéia que acabara de ter. — Isso mesmo, perfeito.

— Terei de usar uma almofada? — indagou, divertida.

— Nada disso. Usará o meu vestido de seda verde, que é exatamente dessa mesma cor. Pediremos para Annie estreitá-lo hoje mesmo.

— Mas o que pretende vestir?

— Ah, qualquer coisa. — Olivia fez um gesto vago com a mão. — Talvez um rosa. Os homens parecem ficar malucos com essa cor. Já me disseram que fico parecendo um doce.

— E não se importa de ser comparada a um confeito?

— Não me incomodo nem um pouco. Isso me deixa em posição vantajosa. Em geral é um benefício ser subestimada. Mas você... precisa de algo mais sutil e sofisticado.

Miranda terminou de tomar o chá e levantou-se, alisando a musselina da túnica simples que usava em casa.

— Vou experimentar o vestido agora. Assim Annie terá tempo de fazer as alterações necessárias.

Além disso, teria de cuidar de uma correspondência especial.

Enquanto apertava a gravata, Turner descobriu que a quantidade de impropérios que tinha em seu vocabulário era muito maior do que imaginava. Já havia usado ao menos uma centena de expressões de baixo calão desde que recebera a famigerada mensagem de Miranda durante a tarde. Mais do que tudo, tinha amaldiçoado a si próprio e qualquer resto de honra que lhe sobrara.

Ir ao baile dos Worthington era uma rematada tolice, a maior de todas que poderia cometer. Mas não poderia faltar à promessa que fizera.

E com certeza era o que menos lhe convinha no momento.

Releu a mensagem uma vez mais. Havia prometido dançar com ela se houvesse falta de parceiros. Bem, esse não seria o problema. Daria um jeito para que não faltassem pares para dançar, e ela ainda seria coroada como a bela da noite.

Turner supôs que, na obrigação de comparecer ao malfadado baile, poderia aproveitar para conhecer as viúvas descomprometidas. Se tivesse sorte, Miranda entenderia a quem ele planejava devotar-se, e trataria de procurar outro cavalheiro.

Estremeceu, não queria aborrecê-la. Afinal, nutria por ela uma ternura única, que

tampouco saberia explicar se lhe questionassem.

Sacudiu a cabeça. Estava decidido a não fazê-la sofrer, ao menos, não muito. Além disso, fazia tudo isso por ela, a beldade do baile, lembrou a si mesmo enquanto entrava na carruagem e se preparava para uma noite das mais difíceis.

Olivia viu Turner no momento em que ele entrou.

— Veja! — exclamou, cutucando Miranda com o cotovelo. — Meu irmão está ali.

— Está? — perguntou, rezando para não demonstrar a ansiedade.

— Sim, olhe. Não o vejo há séculos. Por acaso o tem visto em algum lugar?

Miranda meneou a cabeça em negativa e esticou o pescoço para ver melhor.

— Ele está ali, falando com Dunas Abeto — Olivia informou-a. — Não é difícil imaginar sobre o que estão conversando. O sr. Abeto é político.

— Verdade?

— E, sim. Eu adoraria dar uma palavra com meu irmão, mas não tenho o menor interesse em discutir política.

Miranda não chegou a concordar e Olivia franziu o cenho de novo.

— Agora ele está conversando com lorde Westholme! — exclamou, irritada.

— Querida, os homens têm liberdade de trocar idéias com quem lhes aprouver. — Tentou aplacar a intensidade da amiga e escondendo a própria exasperação por ele ainda não ter se aproximado de onde estavam.

— Sei disso, mas é ultrajante não ter vindo nos cumprimentar primeiro. Somos a sua família.

— Pelo menos... você é.

— Não seja tola. Você também faz parte da família — retorquiu Olivia. — Onde já se viu uma coisa dessas? Ele está indo para o lado oposto ao nosso.

— Não conheço o cavalheiro com quem está conversando agora — Miranda comentou.

— É o duque de Ashbourne. Muito bonito, não acha? Pensei que estivesse no exterior em férias com a esposa. Pelo que sei, são muito devotados um ao outro.

Miranda achou um sinal positivo que pelo menos um casal da nobreza fosse feliz.

— Perdão, lady Olivia, creio que esta é a minha vez de dançar com a senhorita.

Olivia e Miranda olharam para cima e depararam com um rapaz atraente cujo nome não se lembraram.

— Ah, sim — Olivia sorriu. — Tolice a minha ter-me esquecido.

— Vou buscar uma limonada. — Miranda sabia que a amiga não gostava de deixá-la

sozinha quando saía para dançar.

Aproximando-se de um criado que servia refrescos, notou que, como de costume, seu cartão fora preenchido apenas até a metade. E onde estava Turner, que prometera dançar se lhe faltassem parceiros? Que homem detestável! De certa forma, seria bom se pudesse encará-lo de maneira menos principesca, assim sofreria bem menos. Miranda tomou um gole de limonada e sentiu que a seguravam pelo cotovelo. Virou-se e ficou desapontada. Não era Turner, mas sim um cavalheiro cuja fisionomia não lhe era estranha.

— Srta. Cheever?

Ela anuiu com um sinal de cabeça.

— Poderia conceder-me o prazer desta dança?

— Sim, claro, mas nós não fomos apresentados.

— Perdoe-me. Sou lorde Westholme.

Não seria o mesmo que conversava com Turner pouco antes? Ela sorriu, apesar de intrigada. Não acreditava muito em coincidências.

Lorde Westholme era um excelente dançarino e os dois rodopiaram com graça pela pista. A música terminou, ele fez uma elegante mesura e levou-a até a lateral do salão.

— Obrigada pela companhia lorde Westholme — falou Miranda com cortesia.

— Sou eu quem deve agradecer, srta. Cheever. Espero poder repetir o prazer em breve.

Lorde Westholme deixou-a longe da mesa de refrescos. E naquele momento estava com muita sede, ao contrário de antes, quando só pretendera deixar Olivia à vontade.

Miranda suspirou e pensou na multidão que teria de enfrentar para chegar ao outro lado do salão. No entanto, não chegou a dar dois passos, quando um cavalheiro de muito boa aparência parou à sua frente. Era o sr. Abeto, o que se dedicava à política.

Em segundos, Miranda estava de volta à pista e, dessa vez, irritada.

Não poderia culpar os parceiros. Se Turner havia decidido subornar homens para dançar com ela, pelo menos tivera bom gosto na escolha. Eram bonitos e bem-educados. Mas quando o sr. Abeto conduziu-a para fora da pista, viu o duque de Ashbourne se aproximando e fez uma retirada estratégica.

Por acaso Turner imaginava que ela não tinha orgulho para agradecer aos parceiros que se viam obrigados a tirá-la para dançar? Que situação humilhante! Pior ainda era saber que ele estava empregando aquele expediente para não precisar dançar. Seus olhos se encheram de lágrimas, e, apavorada de que a vissem chorando, apressou-se até um corredor deserto.

Encostou-se na parede e respirou fundo. Sentir-se rejeitada pelo homem amado talvez doesse mais do que uma punhalada ou talvez um tiro, e direto no coração.

Bem diferente de quando ainda a considerava uma menina. Pelo menos, na época, ela se

consolava refletindo que Turner não sabia o que estava perdendo. Mas agora ele descobrira e não se importava.

Embora sua vontade fosse ficar ali a noite inteira, sabia que precisava voltar e enfrentar a festa. Para ganhar um pouco mais de tempo, foi para o jardim e sentou-se num banco de pedra, de onde podia ver a parte de trás da residência.

Portas largas de vidro permitiam a visão do salão de baile, e ela distraiu-se por alguns minutos observando o rodopio dos casais. A dor no coração ainda não tinha aplacado, e precisou tirar as luvas para secar uma lágrima furtiva que correu-lhe o rosto.

— Meu reino por um lenço — murmurou sozinha.

Imaginou que poderia fingir um mal-estar súbito, a pretexto de ir para casa.

Experimentou tossir. Talvez estivesse mesmo doente. Na verdade, não havia o menor sentido em ficar até o fim do baile. Não conseguiria atingir nenhum dos objetivos principais que a levaram ali, ou seja, sentir-se atraente, mostrar-se sociável e simpática. Sem mencionar o desejo de ser conduzida por Turner pelo salão.

Sentindo-se patética e solitária, reparou em um cavalheiro que atravessava as portas francesas rumo ao jardim. Quando reconheceu Turner, achou que fosse desmaiar. Mas infelizmente não conseguiu o feito, o que a possibilitou de vê-lo de braço dado com uma mulher.

Era só o que faltava para completar uma noite de humilhações! Susteve a respiração e deslizou para a ponta do banco, onde a sombra era mais densa e protetora.

Lembrou-se de ter visto a mulher que o acompanhava, era lady Alguma-Coisa, uma viúva riquíssima, embora não parecesse muito mais velha.

Miranda desculpou-se perante si mesma e apurou os ouvidos para escutar a conversa, mas o vento carregava as frases para longe. Assim, não ouviu nada além de palavras soltas.

— Não estou bem certa de... — a voz da dama chegou até Miranda.

E quando Turner se inclinou para beijá-la, Miranda sentiu o coração se partir em pedaços.

Logo em seguida, viu que a viúva murmurou algo inaudível e voltou para o salão. Turner continuou no jardim, com as mãos nos quadris, olhando para os arredores com expressão enigmática.

Vá embora!, Miranda teve vontade de gritar! Teria de ficar ali até ele decidir entrar no salão. E tudo o que mais almejava era voltar para casa, deitar-se sob os cobertores e nunca mais sair. Como nada daquilo seria possível, tratou de encolher-se ainda mais nas sombras.

Infelizmente o esconderijo não era tão bom, pois ao virar-se ele a viu.

Droga!

Até aquele momento, a noite havia transcorrido sem incidentes. Turner conseguira

evitar Miranda, ser apresentado à adorável viúva Bidwell, de apenas vinte e cinco anos, e tomar champanhe de boa qualidade.

No entanto os deuses não estavam dispostos a conceder muitos favores.

Ela estava sentada naquele banco e, provavelmente, o vira beijando a viúva.

Maldição!

— Por favor, Miranda. Diga que não é você que está aqui...

— Não, sou outra pessoa — devolveu de queixo erguido, embora sua voz traísse a emoção.

Turner sentiu uma pontada no peito. Por que as coisas precisavam se complicar tanto?

— Por que está aqui fora?

— Eu queria tomar um pouco de ar fresco — ela respondeu, dando de ombros.

Aproximou-se mais um pouco e também ficou na sombra.

— Por acaso estava me espionando?

— Você deve ter-se em alta conta.

— Estava ou não? — insistiu.

— Claro que não! — Miranda ergueu ainda mais o queixo, com raiva. — Não pratico esse tipo de atividade. Aconselho-o a inspecionar os jardins com mais cuidado da próxima vez em que planejar algum encontro furtivo.

— Pois acho difícil acreditar que a sua presença aqui fora nada tenha a ver comigo — provocou Turner, cruzando os braços sobre o peito.

— Não diga! Se eu o tivesse seguido, como poderia chegar a este banco sem ser vista?

Turner ignorou a pergunta por saber que ela estava certa. Respirou fundo para recobrar a calma e seguir interrogando-a:

— O que significa isso?

— Como ousa perguntar-me tal coisa? É você quem está me evitando há uma semana e vem me tratando como se eu fosse um lixo! E ainda menospreza o meu orgulho ao subornar seus amigos para dançarem comigo! Você é grosseiro, egoísta e não tem capacidade para...

Turner colocou o dedo indicador sobre a boca de Miranda.

— Por favor, fale mais baixo. O que aconteceu na semana passada foi um erro. E foi uma tolice de sua parte lembrar-me da promessa e forçar-me a comparecer a este baile.

— Mas você veio — ela sussurrou.

— Vim porque estou em busca de uma amante, e não de uma esposa.

Miranda recuou e encarou-o por um longo tempo.

— Esse homem que vejo à minha frente não é o mesmo que conheci — Miranda falou com voz quase inaudível.

Até aí, nada de extraordinário. Ele também não gostava da maneira como vinha se portando.

Miranda aprumou-se para falar, mas sua voz saiu trêmula:

— Com sua licença, tenho de voltar ao baile. Graças ao senhor, tenho um bom número de parceiros e não pretendo ofender nenhum deles.

Turner observou-a afastar-se e atravessar as portas francesas.

CAPÍTULO V

Miranda passou a semana seguinte fingindo estudar tragédias gregas, embora fosse impossível manter a atenção por tempo suficiente para ler de verdade. Mesmo captando apenas frases ou palavras soltas a esmo, escolhera algo que se assemelhasse ao seu humor.

Uma comédia teria lhe provocado lágrimas, e uma história de amor, morte imediata.

Olivia, conhecida por sua falta de interesse nos outros, tentava por todas as maneiras descobrir as razões do humor sombrio da amiga. Fazia perguntas de toda espécie e tentava fazê-la rir.

Estavam em meio a uma das sessões que visavam levantar o moral de Miranda, quando lady Rudland bateu na porta.

— Que bom. — Ela espiou para dentro do quarto. — As duas estão aqui. Olivia, sente-se direito. Que postura deselegante!

— O que houve, mamãe?

— Vim avisá-las que fomos convidadas para visitar a casa de campo de lady Chester na próxima semana.

— Quem é essa senhora? — Miranda indagou, deixando no colo o livro de Ésquilo.

— Uma prima distante — informou Olivia. — Deve ser em terceiro ou quarto grau, nem me lembro..

— Segundo — lady Rudland corrigiu. — E eu aceitei o convite pela família. Seria uma grosseria recusá-lo.

— Turner também vai? — Olivia perguntou. Miranda teve de vontade de beijar a amiga pela pergunta que ela própria não ousaria fazer.

— Seria bom se fosse. Turner vem abandonando as obrigações familiares há algum tempo — lady Rudland constatou com uma rispidez não usual. — Se não for, terá de se haver comigo.

— Céus, mamãe, que pensamento terrível — Olivia falou sem demonstrar nenhuma emoção.

— Não sei o que está acontecendo com aquele menino. — Lady Rudland meneou a cabeça. — Comporta-se como se nos evitasse.

Ele está evitando apenas a mim, pensou Miranda com um sorriso triste.

Impaciente, Turner batia o pé enquanto esperava a família descer. Refletiu que desejava ser como os outros lordes que ignoravam as mães, ou as tratavam como se fossem peças de decoração. Não entendia como concordara com aquela festa desventurada de final de semana

a que Miranda certamente compareceria.

Sentia-se um imbecil. Essa convicção aumentava com o passar dos dias. Era um tolo que não sabia lidar com a própria sorte, concluiu, quando a mãe apareceu no saguão.

— Meu filho, terá de ir com Miranda.

Ah, os deuses deviam ter um senso de humor mórbido!

— Mamãe, acha mesmo que seria conveniente? — perguntou em meio a um fingido acesso de tosse.

— Meu filho — lady Rudland impacientou-se. — Não está pretendendo seduzir Miranda, está?

— Claro que não. Estou preocupado com a reputação dela, ora. O que dirão as pessoas quando nos virem chegar na mesma carruagem? Todos saberão que passamos várias horas sozinhos.

— Ninguém ignora que a tenho como minha filha, portanto, sua irmã. Nós poderemos mudar de posição a uns dois quilômetros de Chester Park, onde seu pai e ela trocarão de lugar. Não haverá problemas. Seu pai e eu precisamos conversar com Olivia em particular.

— O que foi que ela fez desta vez?

— Parece que ofendeu Georgiana Elster, chamando-a de pata choca e idiota.

— E ela acertou. Georgiana Elster é mesmo uma...

— Olivia disse isso cara a cara! — lady Rudland exclamou.

— Uma falta de juízo, mas nada que mereça uma reprimenda de duas horas.

— Isso não é tudo.

Turner suspirou; seria difícil dissuadir uma senhora tão determinada em seus propósitos. Cento e vinte minutos a sós com Miranda. O que a irmã fizera para merecer essa tortura?

— Ela chamou sir Robert Kent de mustelídeo crescido demais — lady Rudland continuou.

— Frente a frente, suponho. A mãe anuiu.

— E o que é mustelídeo?

— Não faço idéia, mas imagino que não seja uma lisonja.

— Acho que o termo refere-se às doninhas — Miranda disse ao entrar no hall vestindo um traje de viagem azul-claro. Sorriu para os dois com polidez.

— Bom dia, querida — lady Rudland cumprimentou-a, animada. — Minha filha, terá de ir com Turner.

Miranda engasgou e tossiu várias vezes. Irritada, notou-o satisfeito com o seu embaraço.

— Lorde Rudland e eu precisamos conversar com Olivia, que anda dizendo inconveniências em público.

Ouviu-se um gemido na escadaria e os três se viraram para ver Olivia descer.

— Ah, mamãe, isso é mesmo necessário? Não pretendi ofender ninguém. Eu nunca teria chamado lady Finchcoombe de megera miserável se soubesse que ela ficaria sabendo.

Lady Rudland empalideceu.

— Chamou lady Finchcoombe de quê?

— A senhora *não* sabia? — indagou num fio de voz.

— Turner, Miranda, sugiro que partam agora. Nós nos encontraremos em poucas horas.

Os dois caminharam em silêncio até a carruagem que os aguardava, e Turner estendeu a mão para ajudá-la a subir. Ao sentir aquela mão pequena, mesmo enluvada, reconheceu o calor que o perturbava, porém ela estava impassível.

— Faço votos para que a minha presença não seja uma experiência penosa para milorde — declarou Miranda com formalidade enquanto se acomodava no assento.

— Não foi a responsável por isso. — A resposta de Turner tanto poderia ser interpretada como resmungo ou suspiro.

— Eu sei.

— Eu também soube há pouco. Mamãe faz questão de ter uma conversa particular com Olivia.

— Obrigada por acreditar que não planejei tudo isso. Ele suspirou e olhou pela janela, quando a carruagem se pôs em movimento.

— Nunca a considerei mentirosa.

— Era o que eu imaginava. Todavia não pude deixar de notar sua raiva quando me ajudou a subir no veículo.

— Eu estava irritado com o destino, nada mais.

— Ah, melhorou muito — ela ironizou com frieza. — Com sua licença, eu trouxe um livro.—Virou-se de lado e começou a ler.

Turner esperou exatos trinta segundos para interrompê-la.

— O que está lendo?

Miranda voltou-se para a frente devagar e ergueu o livro para não precisar responder.

— Ésquilo. Muito depressivo.

— Combina com o meu humor.

— O que houve?

— Não se faça de desentendido, Turner. Nada mais impróprio, dadas as circunstâncias.

— O que isso quer dizer, exatamente? — indagou ele, erguendo as sobrancelhas.

— Depois de tudo o que... aconteceu entre nós, sua atitude de superioridade não se justifica.

— Meu Deus, que afirmativa extensa!

A resposta de Miranda limitou-se ao olhar dardejante e o livro que usou como biombo para esconder o rosto.

Turner achou graça e recostou-se, admirado de como se divertia. As mulheres quietas eram sempre as mais interessantes. Miranda nunca se impunha para chamar a atenção, mas era capaz de manter uma conversa com inteligência e categoria. Provocá-la era engraçado, e ele não se sentia culpado por isso. Apesar do desagrado que demonstrava, poderia apostar que ela compartilhava de seu gosto por disputas verbais.

Aquela viagem poderia ser muito melhor do que previra. Sua única tarefa seria manter um debate animado e não olhar muito para a boca de Miranda. Aqueles lábios sensuais o fascinavam.

No entanto, seria melhor desviar os pensamentos e voltar ao clima de conversas similares às mantidas nos dias anteriores àquele desacerto. Sentia falta da sincera amizade com que Miranda sempre o brindara. Talvez fosse possível apaziguar os ânimos.

— O que está lendo? — tornou a perguntar. Irritada, ela ergueu a cabeça.

— Ésquilo. Milorde já não me perguntou isso?

— Eu queria saber qual das obras.

Ele achou engraçado Miranda olhar para o livro antes de responder:

— *As Eumênides.*

— Não gosta do autor? — ironizou ao notar a reação desfavorável.

— Aquelas mulheres furiosas? Não. Prefiro histórias de aventuras. Poderia ler uma a cada dia.

— Pois eu gosto de mulheres assim.

— Sente empatia por elas? Aliás, por que está cerrando os dentes? Acabará tendo de fazer uma visita ao dentista.

A expressão dela, deixando de responder, o fez rir.

— Não seja tão sensível.

— Sinto-me desolada, milorde, por aborrecê-lo. — Fitou-o com o olhar chamejante, e mesmo em espaço exíguo, conseguiu fazer uma mesura.

— Ah, acho-a uma preciosidade — elogiou, rindo.

Quando ele, finalmente, parou de rir, Miranda fitou-o como se estivesse diante de um maluco. Turner pensou em imitar garras com as mãos e rosnar como uma fera para confirmar as suspeitas. Mas apenas recostou-se e sorriu.

— Eu não o entendo, visconde.

Não houve resposta, pois não desejava que a conversa voltasse a ser séria. Ela tornou a erguer o livro, e Turner ocupou-se em marcar quanto tempo demorava para que a página fosse virada.

— Leitura difícil?

Mais uma vez ela baixou o livro e o encarou com olhar mortífero.

— Muitas palavras difíceis?

Miranda não desviou o olhar nem respondeu.

— Ainda não a vi virar uma folha desde que começou a ler. Ela resmungou sem abrir a boca e passou para a outra página.

— E em inglês ou em grego?

— Como é?

— Se fosse em grego, a demora na leitura estaria explicada. Ou melhor, a falta dela.

— Eu sei ler grego — Miranda afirmou, orgulhosa.

— Ótimo. E um conhecimento digno dos maiores elogios.

— Obrigada — agradeceu e notou que estava agarrada ao volume com tanta força, que os nós dos dedos estavam embranquecidos.

— Muito raro para uma mulher, não acha? — Turner continuou a provocação, não se dando por satisfeito. — Olivia não sabe ler grego.

— Isso é porque ela não tem um pai que não faz outra coisa a não ser mergulhar nos compêndios clássicos — respondeu Miranda sem olhar para cima.

Ela tentou concentrar-se nas palavras no alto da página, mas não teve sucesso. Nada fazia sentido, pois não terminara de ler a página anterior. Aliás, nem mesmo havia começado.

Tamborilou com o dedo enluvado no livro que fingia ler. Não lhe ocorreu nenhuma maneira de voltar atrás sem Turner perceber. O que também não importava. De qualquer maneira, não conseguiria enxergar nenhuma palavra, enquanto ele continuasse a observá-la com os olhos semicerrados. Estremeceu, apesar do calor que a invadia.

— Esse é um talento fora do comum.

— O que foi agora? — mordeu o lábio, encarando-o.

— Ler sem movimentar os olhos.

Miranda contou até três antes de responder:

— Muitas pessoas não têm de soletrar as palavras para ler.

— *Touché.* Eu sabia que ainda lhe restavam algumas setas para disparar.

Ela enterrou as unhas no assento estofado e recomeçou a contar. Se continuasse naquele ritmo teria de contar até cem para não explodir.

Turner ficou curioso com o leve movimento ritmado com que Miranda mexia a cabeça.

— O que está fazendo?

Dezoito, dezenove...

— O quê?

— O que está fazendo? — repetiu.

Vinte.

— O senhor está se tornando muito aborrecido.

— Sou persistente. — Turner sorriu. — Achei que gostasse da brincadeira. Agora me diga por que está balançando a cabeça.

— Se quer mesmo saber, estava contando para ver se consigo me acalmar.

— Pois eu gostaria muito de saber o que teria dito se não tivesse começado a contar.

— Estou perdendo a paciência.

— Não acredito!

Miranda tornou a pegar o livro e procurou ignorar Turner.

— Pare de torturar o pobre livro. Nós dois sabemos que não o está lendo.

— Deixe-me em paz! — ela explodiu.

— Em que número parou?

— O quê?

— Qual o número? Não estava contando para não precisar ofender a minha sensibilidade?

— Não sei. Vinte, trinta. Nem sei. Parei de contar há quatro insultos.

— E chegou até trinta? Está mentindo. Não creio que tenha perdido a paciência comigo.

— Pois pode ter certeza.

— Não sei, não.

— Ah! — Ela atirou o livro, acertando-o na cabeça.

— Ai!

— Por favor, chega!

— Está bem — ele concordou com petulância, esfregando o lado atingido da cabeça. — Mas eu não teria feito isso se não estivesse sendo solenemente ignorado.

— Perdoe-me, mas pensei que estivesse satisfazendo a sua vontade.

— De onde tirou essa idéia?

— Ora, pois não tem feito outra coisa a não ser me evitar como se eu fosse uma praga, nesses últimos quinze dias! Nem mesmo tem se encontrado com sua mãe só para não me ver.

— Isso não é verdade.

— Diga isso à sua mãe.

— Gostaria muito que voltássemos a ser amigos.

— Não é possível — retorquiu, meneando a cabeça negativamente. Existiriam palavras mais cruéis do que aquelas?

— Por que não?

— As duas coisas são irreconciliáveis, — Miranda congregou cada grama de sua energia para evitar que a voz soasse trêmula.—Você não pode me beijar e pretender que sejamos amigos como se nada tivesse acontecido. Não pode me humilhar como fez em Worthington e depois dizer que tem afeição por mim.

— Precisamos esquecer o que aconteceu. Se não for pela nossa amizade, então pelo menos pela minha família.

— Será que poderá esquecer? De verdade? Pois eu não tenho essa capacidade.

— Mas é evidente que pode — ele afirmou, casualmente demais.

— Não tenho a sua sofisticação. Ou talvez me falte a sua superficialidade — concluiu com amargura.

— Eu não sou superficial, apenas sensato. Deus é testemunha de que um de nós precisa ter juízo.

Ah, como gostaria de ter algo para dizer que o deixasse de joelhos, sem fala e tremendo como uma massa amorfa de matéria putrefeita, gelatinosa e patética!

Em vez disso, continuava parada, com lágrimas que lhe queimavam os olhos. Desviou o olhar, contando as residências que passavam diante da janela.

Desejou estar em outro lugar e ser outra pessoa. E isso era o pior. Em toda sua vida, mesmo tendo como melhor amiga uma moça muito mais bonita, rica e bem-relacionada, Miranda nunca desejou ser diferente do que era.

Turner havia feito coisas em sua vida das quais não se orgulhava. Bebera demais e vomitara num tapete antigo, que era uma relíquia. Apostara no jogo um dinheiro que não tinha. Uma vez cavalgara em velocidade excessiva e sem cuidado, deixando o cavalo extenuado por uma semana.

Mas nunca havia se sentido tão inferior como ao observar o perfil de Miranda, que não tirava os olhos da janela, determinada e distante.

Nada disse por um bom tempo. Saíram de Londres, passaram pelas cercanias da cidade, onde as construções rareavam cada vez mais, até chegar ao campo aberto.

Miranda não o olhou nem uma única vez, e ele chegara à conclusão de que não poderia tolerar mais uma hora daquele silêncio sem significado evidente.

— Não pretendi insultá-la — finalmente falou —, mas tenho capacidade para admitir uma má idéia. Nada poderia ter sido pior do que me divertir à sua custa.

— Por quê? — ela perguntou sem se voltar.

— Por acaso não se preocupa com a sua reputação? Ficará arruinada se alguém ficar sabendo do que houve entre nós.

— Ou então teria de se casar comigo, milorde — ela disse em tom baixo e zombeteiro.

— O que não tenho a menor intenção de fazer, sabe muito bem disso. — pensou numa imprecação. — Não pretendo me casar com ninguém — corrigiu-se —, o que também não ignora.

— O que eu sei... — Miranda virou-se, furiosa. Mas, interrompeu-se e cruzou os braços.

— O quê?

— Você não entenderia, nem ao menos escutaria. — E voltou-se de novo para a janela.

O tom desdenhoso o atingiu como uma ponta de lança afiada.

— Por favor. Petulância não combina com o seu estilo.

— E como eu deveria agir? Diga-me, o que deveria sentir? — perguntou, arqueando uma das sobrancelhas.

— Gratidão.

— O quê?

Turner recostou-se com fisionomia insolente.

— Sabe muito bem que eu poderia tê-la seduzido facilmente, mas não o fiz.

Miranda sentiu um nó na garganta e recuou. Quando conseguiu falar, a voz baixa não poderia ser mais letal:

— Você é um homem odioso, apesar de todos os seus títulos.

— Estou apenas lhe dizendo a verdade. E sabe por que eu me contive? Por que não arranquei sua camisola e não a possuí ali mesmo, no sofá?

Ela arregalou os olhos e sua respiração tornou-se mais forte. Mas a grosseria não terminou ali. Turner queria fazê-la entender quem ele era na realidade e do que era capaz ou não de fazer.

Era preciso deixar claro que ele até se prejudicara para não desonrá-la, e seu esforço nem ao menos fora reconhecido.

— Eu lhe direi, srta. Cheever. Eu me contive por respeito à senhorita. E tem mais uma coisa... — Parou e praguejou.

Miranda fitou-o, desafiadora, como se insinuasse que ele nem ao menos tinha noção do que pretendia dizer.

O maior problema era que Turner sabia exatamente o que teria de confessar. Quanto a desejara e que, se não estivessem na casa de seus pais, certamente não teria parado.

No entanto, ela não precisava saber daquilo tudo, muito menos do poder que exercia sobre ele.

— Pode acreditar — murmurou mais para si mesmo do que para ela. — Eu não quis arruinar o seu futuro.

— Deixe o meu futuro aos meus cuidados — Miranda falou com raiva. — Sei muito bem o que estou fazendo.

— Com vinte anos acha que sabe tudo. Eu também era assim nessa idade.

Turner procurou ignorar o remorso que lhe remoía as entranhas. Se bem que, na verdade, nem deveria sentir-se culpado, pois não conspurcara a inocência de Miranda.

— Algum dia ainda haverá de me agradecer por isso.

— Você está parecendo lady Rudland.

— E você está se tornando cada vez mais mal-humorada.

— Pretende atribuir-me também esse adjetivo? Está me tratando como se eu fosse uma criança, quando sabe perfeitamente que sou uma mulher adulta. Pois tenha ciência do que sei tomar minhas decisões — ela continuou a desafiá-lo.

— De maneira nenhuma. — Turner inclinou-se para a frente com um brilho perigoso no olhar. — Ou não teria permitido que eu abaixasse a sua camisola e beijasse seus seios,

— Não tente dizer que o delito foi meu. — Ela sentiu-se escarlate de tanta vergonha.

Turner fechou os olhos e passou as mãos nos cabelos, convicto de que acabara de dizer uma grande estupidez.

— Claro que não foi. Por favor, esqueça o que eu disse.

— Assim como sugeriu que eu esquecesse que me beijou?

— Sim. — Jamais a tinha visto com uma fisionomia tão indiferente. — Por Deus, não me olhe desse jeito.

— Não faça isso, faça aquilo. Esqueça isso, não esqueça aquilo. Decida-se. Não sei o que pretende. E creio que essa dúvida também é sua, milorde.

— Não fale assim comigo. Sou nove anos mais velho.

Depois de tão contida e amarga, Miranda de repente explodiu em emoções.

— Pare de me dizer o que devo fazer! Não lhe ocorreu que talvez eu queria que me beijasse? Ou que me desejasse? Sei muito bem que isso aconteceu. Não sou tão ingênua a ponto de convencer-me de que o orgulhoso lorde Turner nada sentiu.

— Você não sabe o que está dizendo.

— Realmente não sei... Tenho certeza! — Seus olhos chamejavam e fechou as mãos em punhos.

Turner teve uma premonição de que tudo dependia daquele momento e que, independentemente do que diriam, nada acabaria bem.

— Sei exatamente o que digo. Eu te desejo.

Turner sentiu o corpo enrijecer-se e o coração estourar no peito. Teria de impedir a continuação daquele trajeto perigoso.

— E imaginação sua achar que me deseja. Por nunca ter beijado ninguém...

— Não me trate com tamanha condescendência. — Fitou-o com um olhar abrasador. — Estou consciente do que eu quero e desejo.

A respiração de Turner ficou ainda mais ofegante. Ele mereceria ser santificado pelo que pretendia dizer.

— Não é nada disso. Trata-se apenas de uma imprudência ou talvez presunção.

— Droga! — Miranda gritou. — Será que é *cego,* surdo e mudo? Não se trata de nenhuma enfatuação, seu tolo! Eu te amo! — E abaixando um pouco o tom de voz continuou: — Eu sempre te amei! Desde que o conheci, há nove anos.

— Oh, Deus!

— E não tente me dizer que é uma paixonite infantil, porque não é. Podia ser no começo, mas agora não é mais.

Ele nada disse. Ficou sentado, sem ação, olhando-a.

— Eu amo você do fundo do meu coração. E se você tivesse a menor sombra de decência, diria alguma coisa. Eu falei o que estava engasgado há tempos e não posso suportar esse silêncio. Céus, poderia ao menos piscar?

Mas, nem mesmo isso ele conseguiu fazer.

Dois dias depois, Turner ainda se encontrava mergulhado em grande perplexidade.

Miranda não se aproximara nem tentara falar com ele, mas vez por outra pegava-se fitando-a com expressão indecifrável. Ela tinha plena ciência que o havia perturbado. Ele nem ao menos tinha a presença de espírito de desviar o olhar quando se via observado, demorando alguns instantes para piscar e fingir prestar atenção em outra coisa.

Durante o final de semana, eles se evitaram mutuamente. Se Turner cavalgava, Miranda entretinha-se na estufa para o cultivo de laranjas; se ela ia passear nos jardins, ele resolvia jogar cartas.

Tudo muito civilizado, muito adulto. E muito sofrido, concluiu Miranda.

Procuravam não se encontrar nem mesmo às refeições. Lady Chester orgulhava-se de suas habilidades casamenteiras, mas como era altamente improvável que Turner e Miranda estivessem romanticamente envolvidos, ela nem mesmo designou-lhes lugares próximos na mesa.

Enquanto Turner ficava sempre rodeado por uma tropa de donzelas. Miranda via-se acompanhada de viúvos grisalhos, o que a fez supor que lady Chester não estivesse muito empenhada em apresentar-lhe um marido adequado. Olivia, ao contrário, sentava-se sempre com três cavalheiros ricos e charmosos; um à esquerda, outro à direita è um terceiro em frente. Nesse meio tempo, Miranda aprendia um pouco mais sobre remédios para gota com os mais idosos.

Para um dos eventos, a anual caça ao tesouro, lady Chester decidiu que os convidados teriam de fazer a busca em duplas. Como o objetivo, nem sempre oculto, da maioria era casar-se ou pelo menos embarcar em um romance, dependendo do estado civil de cada um, os pares seriam compostos por um homem e uma mulher. Lady Chester escrevera os nomes dos presentes em tiras de papel. Os nomes das damas tinham sido postos num dos saquinhos, os dos homens, em outro.

No momento ela enfiava a mão em uma das pequenas sacolas e Miranda sentiu um frio no estômago.

— Sir Anthony Waldove e... — A anfitriã afundou a mão no outro invólucro. — Lady Rudland.

Miranda soltou a respiração. Faria qualquer coisa para ficar com Turner e tudo para evitá-lo.

— Coitada da minha mãe — Olivia cochichou no ouvido da amiga. — Sir Anthony Waldove não é dos mais inteligentes. Mamãe terá de fazer todo o trabalho.

— Não me diga.

— Sr. William Fitzhug e... srta. Charlotte Gladish. — Lady Chester prosseguiu com o

sorteio.

— Qual o cavalheiro que mais lhe agradaria para acompanhá-la na brincadeira? — Olivia perguntou.

Miranda deu de ombros. Não se importaria se Turner fosse designado para ela.

— Lorde Turner e...

O coração de Miranda parou de bater.

— ...lady Olivia Bevelstoke. Não é mesmo um encanto? Pela primeira vez, desde que fazemos este jogo há cinco anos, contaremos com uma dupla de irmãos como um dos casais.

Miranda não tinha certeza se estava desapontada ou aliviada.

Olivia, por sua vez, não tinha dúvida a respeito de seus próprios sentimentos.

— *Quel desastre* — murmurou em francês de iniciante. — Tantos cavalheiros e tive de cair justo com meu irmão. Quando será a próxima vez em que me será permitido passear a sós com um rapaz simpático? É um verdadeiro desperdício.

— Poderia ser pior — Miranda afirmou, pragmática. — Nem todos os homens aqui presentes são cavalheiros no sentido estrito da palavra. Pelo menos ele não tentará violentá-la.

— É um pequeno consolo, eu lhe asseguro.

— Livvy...

— Fique quieta, escute. Lady Chester acabou de chamar lorde Westholme.

— ...e para sua parceira... a srta. Miranda Cheever!

— Que sorte a sua! — Olivia cutucou-a.

E ela caprichou na expressão de pouco caso.

— Não sei para que essa superioridade. Ele é um espetáculo, não acha? Eu faria qualquer coisa para trocarmos de lugar. Boa idéia! Não existem regras que impeçam a troca e nunca ouvi você dizer que Turner lhe desagradasse.

Nem poderia, refletiu Miranda com amargura.

— Então, o que me diz? Faria isso por mim? A menos que também esteja interessada em lorde Westholme.

— Oh, não. — Ela procurou não parecer desapontada nem eufórica. — De maneira nenhuma.

— Então vamos trocar de parceiros — Olivia sugeriu, excitada.

Miranda não sabia se pulava de alegria com a oportunidade ou se corria para o quarto e se escondia no guarda-roupa. De qualquer forma, não haveria desculpa para recusar o

oferecimento da amiga, nem maneira de explicar o receio de ficar a sós com Turner. Teve vontade de rir e de chorar ao mesmo tempo.

Olivia a encarava na expectativa de ser atendida, situação a que estava acostumada desde criança. E Miranda sabia que, independente do que dissesse ou fizesse, acabaria fazendo a caça ao tesouro acompanhada de Turner.

O problema não era a amiga ser mimada. O ponto nevrálgico seria o interrogatório preciso e persistente que se seguiria a uma recusa de qualquer natureza. E seu maior receio era acabar revelando o segredo de sua paixão.

Teria de suportar a situação com galhardia até voltar para casa e enfiar-se na cama sob os cobertores. Não restando outra alternativa, Miranda suspirou e anuiu. Não havia mal que bem não fizesse, mesmo que as bondades não se evidenciassem.

— Oh, querida, nem sei como lhe agradecer! — Olivia apertou-lhe a mão.

— Espero que *ele* não se incomode — comentou, não evitando o sarcasmo.

— Nem pense nisso. O mais provável será ele agradecer à boa sorte de não ter de passar a tarde inteira comigo. Meu irmão continua pensando que sou uma menina.

— Não é verdade.

— E, sim. Ele sempre me diz que eu deveria imitar você.

— Está falando a sério?

— Estou. — Olivia voltou a atenção para lady Chester, que continuava com o sorteio dos pares.

Assim que a tarefa foi completada, os homens se levantaram para conversar com as parceiras.

— Miranda e eu trocamos de lugar! — Olivia justificou-se assim que Turner se aproximou. — Isso não o incomoda, não é?

— Claro que não.

Miranda não duvidou nem por um instante que Turner estivesse mentindo, embora não pudesse recusar a oferta frontalmente.

Lorde Westholme chegou logo em seguida e, mesmo procurando disfarçar os sentimentos, não conseguiu ocultar a satisfação pela permuta. Ele ficou em silêncio e Olivia fitou Miranda com semblante perplexo.

— Eis a primeira pista! — lady Chester anunciou. — Cavalheiros, por favor, aproximem-se para pegar os envelopes.

Turner e lorde Westholme foram até o meio da sala e voltaram com o invólucro branco.

— Vamos abrir o nosso lá fora — Olivia disse a lorde Westholme, fitando a amiga com malícia. — Não quero que ninguém nos ouça enquanto discutimos a nossa estratégia.

Os demais competidores tiveram a mesma idéia e, depois de alguns minutos, Miranda e Turner ficaram sozinhos. Ele deu um suspiro e levou as mãos à cintura.

—Não fui eu quem sugeriu a mudança — ela defendeu-se. — Olivia fez questão de mudar os pares.

Turner apenas ergueu uma sobrancelha, descrente.

— Não fiz nada do que está pensando! Livvy está interessada em lorde Westholme e diz que você a considera uma criança.

— Mas ela é uma menina mesmo.

Miranda não estava inclinada a discutir no momento, porém teve de defender a amiga.

— Olivia não podia imaginar a situação constrangedora que provocaria.

— E por que não se negou a fazer-lhe a vontade?

— Ah, sim! E com que desculpa? — desafiou-o, aborrecida.

— O que eu poderia sugerir? Como explicar à sua irmã que nós não deveríamos passar a tarde juntos?

Como não soube o que responder, Turner virou-se e caminhou rumo à porta.

Miranda esperou um pouco e ao ver que não era aguardada, deu um suspiro e apressou-se a alcançá-lo.

— Será que não poderia andar mais devagar?

Turner se deteve, demonstrando impaciência por ter de esperar.

— O que deseja? — resmungou.

— Poderíamos ao menos tentar agir com civilidade? — inquiriu ela com uma calma forçada.

— Não estou com raiva por sua causa.

— Pelo menos até agora a demonstração foi inversa.

— Estou frustrado e por motivos que ninguém poderia imaginar.

Miranda corou por saber a segunda intenção, naquelas palavras.

— Por que não abre o envelope? — Turner sugeriu, entregando a mensagem, a ela

— *Encontrem sua próxima pista debaixo de uma miniatura do sol* — Miranda leu. Relanceou um olhar na direção dele, que, ensimesmado, nem mesmo a fitava. — A estufa das laranjas. — Na verdade, nem se importaria se ele decidisse desistir. — Sempre pensei naquelas laranjas como sóis em pequena escala.

Turner concordou com um gesto de cabeça e fez sinal para que ela o precedesse. Sem comentários, os dois saíram da casa rumo à estufa, e Miranda teve a nítida impressão de que

ele não via a hora aquela caça ao tesouro chegasse ao fim. No entanto, não o obrigaria a fazer nada. Considerava-se inteligente e não seria difícil decifrar as pistas. Dentro de no máximo uma hora, eles estariam de volta aos respectivos quartos.

Como era de se esperar, encontraram vários envelopes sob uma laranjeira. Turner pegou um deles e entregou-o para que fosse aberto.

— *Os romanos podem ajudá-los a encontrar a próxima pista.*

Miranda devolveu a mensagem para ele, que não manifestou irritação pelo silêncio. Dobrou o pedaço de papel e fitou-a com tediosa expectativa.

— Está sob um arco — ela declarou de maneira trivial. — Os romanos foram os primeiros a usá-los na arquitetura. Há vários deles no jardim.

Após mais um acerto, apanharam outro envelope dez minutos depois.

— Quantas pistas ainda teremos de procurar? — Turner quis saber.

Era a primeira frase que ele pronunciava desde o início da brincadeira, e isso porque, decerto, não via a hora de acabar logo com aquilo. Miranda cerrou os dentes por causa do insulto, sacudiu a cabeça e abriu o envelope. Teria de manter-se impassível a qualquer custo. Se o deixasse perceber o que se passava em sua mente, estaria perdida. Então, com o semblante mais sereno que pôde ostentar, desdobrou a tira de papel.

— Você terá de caçar para a próxima pista.

— Está falando em caçada de verdade?

— Se decidiu mesmo participar... — ela insinuou, arqueando as sobrancelhas.

— Não se faça de engraçadinha.

Apesar de agastada, ela resolveu ignorar a afronta.

— Existe um pequeno pavilhão de caça ao leste. Andando, chegaremos lá em quinze minutos.

— Como foi que descobriu a cabana?

— Tenho caminhado bastante.

— Para fugir de mim...

Miranda não viu motivo para negar a afirmativa, enquanto ele esquadrinhava o horizonte.

— Acha que lady Chester nos mandaria para tão longe da residência?

— E o que acabei de descobrir — ela respondeu, com pouco caso.

— Já que está certa, é melhor começarmos a caminhada. Eles andaram pela floresta durante algum tempo, quando o céu começou a escurecer.

— Parece que vai chover — comentou Turner, lacônico. Miranda ergueu os olhos e percebeu que ele tinha razão.

— O que pretende fazer?

— Agora?

— Não, na próxima semana. Claro que é agora, toleirão. Turner riu e Miranda tentou ignorar o efeito que aquele sorriso lhe causava.

— Ah, a senhorita me ofendeu.

— Por que, de repente, passou a ser tão cordial? — ela retorquiu, estreitando os olhos.

— Nem percebi a mudança. Talvez me agrade conceder-lhe algum carinho.

Miranda sentiu-se mortificada.

— Não creio nisso.

— Mas deveria, para não tornar as coisas tão difíceis.

— Ah, chega de bobagens! Parece que vai chover mesmo — Miranda declarou com arrogância. — Será melhor prosseguirmos e...

Um trovão ribombou.

— Tem razão. — Ele olhou o céu. — Estamos mais próximos da cabana ou da casa?

— Creio que da cabana.

— Então vamos depressa. Não tenho o menor desejo de ser apanhado por um raio no meio da mata.

Não chegaram a dar dez passos quando as primeiras gotas de chuva começaram a cair. Mais dez e a tempestade despencou.

Turner segurou-a pela mão e puxou-a pela trilha. Miranda tropeçou e refletiu que de nada adiantaria correr, pois já estavam ensopados até os ossos.

Poucos minutos depois chegaram ao pavilhão de caça. Turner empurrou a porta, que não cedeu.

— Droga!

— O que vamos fazer?

Ele bateu com o ombro na porta, enquanto Miranda sem sucesso, também tentava abrir uma janela. Não desistindo, agora o corpo forte era jogado com força contra a madeira maciça.

Prevendo que aquele era um esforço inútil, Miranda deu a volta na casa, tentou outra janela e logrou êxito. Com um pouco de esforço, a folha deslizou para cima. No mesmo instante, ouviu a porta ceder. Pensou em entrar pela janela, mas considerou o esforço de

Turner e resolveu ser magnânima. Ela o deixaria acreditar que era um cavaleiro salvador Com a armadura brilhante.

— Miranda!

Ela deu a volta no pequeno pavilhão.

— Estou aqui — respondeu, entrando e fechando a porta.

— O que estava fazendo do lado de fora?

— Procurando outra entrada. — Ela desejou ter pulado pela janela.

— Como assim?

— Eu estava examinando o outro lado — mentiu e olhou para trás. — A porta ficou estragada?

— Não muito, só a cavilha se quebrou.

— Não machucou o ombro?

— Nada grave. — Turner tirou o casaco ensopado e pendurou-o em um gancho na parede. — Tire a sua peliça.

Em resposta, Miranda cruzou os braços e sacudiu a cabeça.

— É um pouco tarde para pudores — ralhou impaciente.

— A qualquer momento, alguém poderá chegar.

— Duvido. Todos devem estar quentes e secos no gabinete de lorde Chester, examinando as cabeças de animais que enfeitam a parede.

Miranda engoliu em seco; tinha de dar razão a ele. Esquecera que lorde Chester era um ávido caçador. Olhou ao redor do recinto e não viu nenhum envelope à vista. Ninguém viria à cabana tão cedo, e a chuva não dava mostras de querer parar.

— Por favor, não me diga que prefere o pudor à saúde.

— Claro que não. — Miranda tirou o agasalho fino de pele e pendurou-a no gancho ao lado. — Sabe acender um fogo?

— Se tivéssemos madeira seca...

— Creio que isso nunca falta numa cabana de caça. — Fitou-o com olhar esperançoso. — Os homens não precisam se aquecer durante as caçadas?

— Depois de caçar — ele corrigiu-a, olhando em volta. — E imagino que a maioria deles, inclusive lorde Chester, prefira fazer o trajeto até a residência para se aquecer a ter o trabalho de acender o fogo aqui.

— Vou procurar roupas secas no outro quarto — declarou Miranda, após observá-lo movimentar-se pelo recinto.

— Boa idéia.

Turner avaliou-a de costas ao se afastar. O tecido ensopado colara-se no corpo e, através dele, era possível discernir o tom. róseo de sua pele. O frio cedeu imediatamente, e sentiu-se invadido por um calor familiar. Praguejou em voz baixa e machucou o dedo do pé ao levantar a tampa de um baú à procura de lenha.

O que fizera para merecer tudo aquilo? Seria difícil imaginar tortura semelhante, mesmo para alguém com a imaginação tão fértil como a sua.

— Achei madeira seca!

Ouvindo a voz dela, Turner foi até o aposento contíguo.

— Ali. — Miranda apontou uma pilha de achas perto da lareira. — Creio que lorde Chester prefere acender o fogo aqui.

Turner olhou para a cama de casal arrumada com acolchoados e travesseiros fofos. Atirou um pedaço de lenha na grelha e teve uma vaga idéia dos motivos que levavam lorde Chester a ter predileção por aquele aposento. Sem a menor Sombra de dúvida, não diziam respeito à corpulenta lady Chester...

— Não acha que deveríamos acender a lareira do outro quarto? — Claro que os dois pensaram a mesma coisa ao depararem com aquela cama larga e convidativa. — Esta parece ter sido mais usada e, portanto, é mais segura. E perigoso utilizar uma chaminé suja, que pode até estar obstruída.

Turner desconfiou de que, apesar da anuência, o constrangimento de Miranda era evidente. Disfarçando para não embaraçá-la ainda mais, ocupou-se com a lenha, quando a Viu procurando por roupas secas.

— São de *cashmere?* — perguntou, ao vê-la estendendo umas mantas velhas que acabara de encontrar.

Ela surpreendeu-se ao deduzir que fora observada e ganhou um sorriso condescendente.

Na certa, Miranda estava sem jeito, mas seria tão difícil para uma mulher entender que sua simples presença já era constrangedora? Principalmente se pouco tempo antes essa mesma mulher havia declarado todo seu amor. Mas Turner não queria tamanha responsabilidade. Já fora casado e sofrerá muito. A última coisa no mundo que desejava era a custódia de mais alguém, muito menos de Miranda.

— Use o acolchoado da cama — ele sugeriu.

Recebeu como resposta uma negativa com um gesto enérgico de cabeça, apesar de saber como aquilo seria confortável.

— Não quero amassá-lo. Será melhor que ninguém fique sabendo que estivemos aqui.

— Entendi — concordou, ríspido. — Nesse caso, eu teria de pedi-la em casamento, não

é?

Ela pareceu tão chocada que Turner murmurou um pedido de desculpas. Admitiu que estava se transformando em algo que não lhe agradava. Não queria magoá-la. Gostaria apenas...

Droga, nem mesmo sabia o que desejava. Não enxergava um futuro mais longínquo que os próximos dez minutos e da necessidade de manter as mãos ocupadas.

Foi então que ocupou-se em acender a lareira e deu um suspiro de satisfação quando as chamas alaranjadas começaram a crepitar.

— Agora é fácil — murmurou e jogou um graveto menor na lareira. — Ah, isso mesmo! Agora...

— Turner?

— Só é preciso manter o fogo aceso.

Levantou-se e virou-se para encontrá-la ainda com a manta puída sobre os ombros.

— Seria melhor secar-se, não acha?

— Não tenho escolha, não é mesmo?

— Isso é por sua conta. Quanto a mim, não pretendo continuar molhado — afirmou, levando as mãos aos botões da camisa.

— Acho melhor eu ir para o outro quarto — ela sussurrou sem se mexer.

Turner deu de ombros e tirou a camisa.

— Já estou indo...

— Então vá.

— Eu...

— O que foi?

— Nada sério... — Dessa vez saiu apressada do quarto. Turner sacudiu a cabeça. Por acaso alguém entendia as mulheres? Miranda havia dito que o amava, depois que gostaria de seduzi-lo. Em seguida, o evitara durante dois dias. E então pareceu aterrorizada.

Cobriu-se com uma das mantas e postou-se diante do fogo para secar o corpo. Não se sentiu à vontade e fitou a porta. Pela maneira como ela se mostrava envergonhada, dificilmente entraria sem bater.

Tirou a calça, e o calor das chamas aqueceu-o de imediato. Olhou a porta de viés e, por garantia, amarrou a manta na cintura, como se fosse um *kilt.*

Pensou na expressão do rosto dela antes de sair do quarto. A timidez vinha mesclada com fascinação? Ou desejo?

O que ela pretendia dizer antes de interromper-se?

Se ele se aproximasse, tomasse seu rosto entre as mãos e sussurrasse *Diga-me,* o que teria ouvido em resposta?

3 de julho de 1819

Quase repeti o óbvio, e acho que Turner entendeu o que eu pretendia dizer.

CAPÍTULO VI

Turner perdeu-se nos próprios pensamentos. Ah, como desejava tocar aquele corpo escultural! Em qualquer lugar e em todos ao mesmo tempo. Somente depois de seco e aquecido lembrou-se de que Miranda devia estar congelando no outro cômodo.

Amaldiçoou-se várias vezes e foi até a porta. Ao abri-la, desfiou mais um rosário de imprecações. Miranda estava encolhida no chão, tremendo sem parar.

— Sua tolinha, está tentando se matar?

Ela fitou-o com olhos arregalado e Turner lembrou-se da precariedade do próprio traje.

— Não se importe comigo — murmurou e levantou-a. Miranda saiu de seu deslumbramento e tentou soltar-se.

— O que está fazendo?

— Tentando pôr um pouco de juízo na sua cabeça.

— Estou muito bem — ela mentiu, sem parar de tremer.

— Percebe-se — provocou-a. — Venha se aquecer.

Ela fitou as chamas convidativas que estalavam no outro quarto.

— Mas então fique aqui.

— Está certo.

Turner faria tudo para mantê-la aquecida. E com um empurrão não muito gentil, mandou-a na direção certa.

Aproximando-se do fogo, Miranda estendeu as mãos para a frente e soltou um suspiro de satisfação, que o atingiu do outro lado como um soco no estômago.

Ele adiantou-se, hipnotizado pela pele clara da nuca desnuda. Ao virar-se para aquecer as costas, Miranda assustou-se ao vê-lo tão próximo.

— O senhor disse que ficaria no outro quarto.

— Eu menti — respondeu, dando de ombros. — Não acreditei que fosse capaz de se secar corretamente.

— Não sou criança.

O vestido branco colado no corpo ressaltava o rosa-escuro dos mamilos, mantendo Turner praticamente hipnotizado pelas curvas insinuantes.

— Bem sei que não é, certamente.

Sentindo o olhar queimar sua pele, Miranda cobriu os seios com as mãos.

— Vire-se, se não quer que eu a veja.

Ela obedeceu, espantada pela audácia com que estava sendo tratada.

As costas dela eram tão encantadoras como a frente. Alguns fios úmidos de cabelos encaracolavam-se na pele alva da nuca. O perfume feminino que tomava conta do quarto era de rosas molhadas, e Turner precisou de toda a força de vontade para não lhe acariciar os braços, os quadris, ou a perna...

Ele gemeu.

— O que houve? — Miranda perguntou, nervosa, sem se voltar.

— Nada? Está com menos frio?

— Ah, sim. — Ela estremeceu.

Dando um passo à frente, ele começou a desatar o vestido, o que a fez soltar um grito estrangulado.

— Impossível aquecer-se com esta coisa gelada envolvendo-a. — Ele começou a puxar o tecido para baixo.

— Não sei... acho que...

— Sim?

— Essa é uma péssima idéia.

— Provavelmente. — A roupa molhada amontoou-se no chão e o corpo delicado ficou coberto apenas com o camisão, que dava a aparência de uma segunda pele.

— Oh, Deus!

Mesmo que tentasse se cobrir, não saberia por onde começar. Foi então que cruzou os braços na altura dos seios e depois cobriu o monte de Vênus. E ao entender que não estava de frente para Turner, levou rapidamente as mãos às nádegas.

— Por favor, retire-se — ordenou num fio de voz.

Ele estava ciente de que devia obedecer, mas foi incapaz de recuar um passo. Não podia tirar os olhos do traseiro arredondado, mal coberto pelas mãos delgadas e ainda trêmulas de frio.

Turner pensou numa imprecação por tê-la despido e agora mal conseguir se controlar.

— Chegue mais perto do fogo!

— Mais perto só se for para cair dentro dele! Vá embora! Ele recuou. Gostava ainda mais de Miranda quando ela se enfezava.

— Fora!

Foi até a porta e fechou-a, deixando-a ali imóvel por alguns instantes, até que deixou a

manta deslizar até o chão, ajoelhando-se diante do fogo.

Turner sentiu o coração bater muito forte e receou que ela pudesse ouvir.

Ela suspirou e estirou-se, deixando-o ainda mais rígido, um feito que não imaginava possível.

Miranda levantou as trancas da nuca e fez movimentos circulares com a cabeça. Dessa fez os gemidos angustiados se fizeram ouvir.

— Patife! — gritou e esqueceu de cobrir-se.

— Acha mesmo?

— Desonesto, sem-vergonha, tratante!

— Estou me sentindo culpado.

— Um cavalheiro teria se retirado imediatamente.

— Mas eu a escutei dizer que me amava. — Turner não entendeu por que usava aquilo em seu favor.

— E uma barbaridade levantar a questão.

— Por quê?

Miranda fitou-o com espanto.

— Por que eu te amo? Não sei. O senhor certamente não merece isso.

— Não mesmo — ele concordou.

— Isso também não importa, pois já não amo mais. — Ela diria qualquer coisa para preservar um pouco do orgulho ferido. — Admito que teve razão ao afirmar que tudo não passou de uma paixonite de criança.

— Não foi, não. E pelo que a conheço, sei que não deixaria de amar alguém tão depressa.

Miranda arregalou os olhos. Seria possível que ele nutrisse algum sentimento parecido?

— Turner, o que está querendo dizer com isso?

— Que eu a desejo. — As palavras mal foram audíveis, como se ele receasse pronunciá-las.

— Não é verdade. — Ela ia ficando cada vez mais nervosa. — Eu o ouvi negar isso também.

Turner deu um passo adiante, certo de que desceria para o inferno pelo que estava pretendendo, mas antes passaria pelo paraíso.

— Eu desejo você — repetiu.

Turner entendeu que o calor, a intensidade e o poder de suas emoções eram maiores do que poderia suportar. E iam além da pura ânsia física. Não havia explicação razoável, era tudo emocional. Mas os sentimentos estavam presentes e não podiam ser negados.

Devagar, ele foi estreitando a distância que os separava. Miranda continuava ao lado do fogo, paralisada, com os lábios entreabertos, a respiração entrecortada.

— O que pretende fazer? — perguntou, sentindo uma mistura de receio com expectativa.

— A esta altura, deveria estar óbvio. — E, inesperadamente, chegou mais perto e levantou-a no colo.

Miranda não lutou contra aquela presença máscula, nem contra a embriagadora quentura do corpo forte. Teve a impressão de que seus ossos amoleciam e que se transformava numa devassa.

— Ah, Turner! — suspirou.

Ele beijou-lhe o queixo e deitou-a na cama com uma gentileza que beirava a reverência.

No último momento, antes de ser coberta pelo corpo musculoso, Miranda fitou-o e teve certeza de que o amaria para sempre. Seus sonhos constantes e todos os pensamentos que permearam sua mente durante tantos anos estavam fadados a se realizar. Ele ainda não pronunciara as palavras que a fariam exultar, mas isso já não era mais tão importante. Pelo brilho intenso dos olhos azuis, ela supôs a hipótese de uma nesga de afeição ou de amor. O que foi suficiente para tornar aquele momento possível, correto e perfeito.

Ela afundou no colchão sob o peso dele e acariciou os cabelos fartos.

— São tão macios. É um desperdício.

Turner ergueu a cabeça e fitou-a sem entender.

— Por que diz isso?

— Mulheres seriam capazes de matar para ter uma cabeleira tão sedosa e cílios longos como os seus.

— Quem seria capaz de tal barbárie? — perguntou, rindo.

— Eu, por exemplo, pelas suas pestanas.

— Mas elas não combinariam com os seus cabelos escuros. Miranda deu-lhe uma pancadinha no ombro.

— Eu gostaria de senti-las acariciando meu rosto, não coladas nas minhas pálpebras, seu tolo.

— Está fazendo pouco de mim?

— Nem pensar.

Então, ele deslizou a mão pela pele sedosa das coxas bem torneadas, deixando uma trilha de doces arrepios.

— Gostou, não é? — perguntou, segurando um seio com a mão em concha.

Ela deu um suspiro irregular e procurou não se concentrar na ponta do indicador que circulava os contornos do busto coberto com a camisa fina.

— Cintilante.

— E mesmo? — surpreendeu-se.

A resposta veio com um gesto de cabeça; estava sem palavras, envolvida pelo calor sólido e másculo daquele homem. Pensou que estivesse flutuando no espaço e desejava levá-lo consigo.

Turner mordiscou o lóbulo da orelha e beijou-lhe o ombro, para depois puxar a alça da camisola com a ponta dos dentes.

— O que está sentindo agora?

— Calor. — Era a única palavra que poderia descrever aquela louca sensação.

— Ótimo. Gosto de saber disso. — Turner segurou um seio por dentro do tecido de seda.

Miranda arqueou as costas, levantando ainda mais o busto de maneira inconsciente.

Turner levantou a barra da camisola e acariciou os quadris arredondados.

— Miranda, quero pedir uma coisa.

— O que é?

— Tire essa camisola de uma vez.

— Não posso...

— Ela é linda e macia, mas se não a tirar agora, serei obrigado a fazê-la em tiras. — Turner pressionou-se de encontro àquele corpo escultural, lembrando-a da intensidade de seu desejo.

— Não posso fazê-lo, mas não impedirei que a tire.

— Não era a resposta que eu esperava, mas assim mesmo a endosso.

Turner ajoelhou-se e puxou a camisola pela cabeça. Ela sentiu o ar frio na pele nua, mas não pensou em cobrir-se. Parecia perfeitamente natural exibir-se e ser tocada. Era excitante notar o olhar escurecido que a avaliava com ansiedade.

Miranda queria entregar-se por completo, sem medir conseqüências, e perder-se naquele estado de torpor. Seria o êxtase total se ele se rendesse em igual medida. Para incentivá-lo, delineou os músculos do peito com movimentos suaves das mãos, detendo-se nos mamilos. Ficou satisfeita, ao notar que cada movimento provocava pequenas contrações

de prazer.

Em seguida, procurou imitá-lo e tomou a ponta da aréola entre o polegar e o indicador. Sorriu, deliciada, ao perceber o endurecimento. Feliz com a descoberta, passou a dedilhar o outro lado. Turner entendeu que perderia o controle sob os dedos curiosos e imobilizou-lhe a mão. Fitou-a por alguns instantes com um semblante que não escondia as intenções. Foi preciso lutar para não desviar os olhos, pois a intensidade chegava a incomodar. Não queria demonstrar receio ou vergonha, mas queria provar que fora sincera quando abrira o coração, afirmando o quanto o amava.

— Toque em mim, Turner.

Ele continuou imóvel, segurando a mão delicada de encontro ao peito, confundindo-a com uma expressão estranha, indecisa e quase receosa.

— Não quero machucá-la.

— Não se preocupe, sei que não fará isso — respondeu ela, sem pensar.

— Eu...

— Por favor.

O pedido urgente e arrebatado rompeu todas as possíveis reservas. Ele gemeu e beijou-a, movido pelo desejo, antes de comprimir-se contra os seios macios.

As vozes se mesclavam ao clamar um pelo outro. Aquelas m**ãos** fortes percorrendo-a por inteiro avivavam ainda mais a chama interior de Miranda, que ansiava por senti-lo integralmente. Foi então que ela agarrou o *kilt* improvisado para livrar-se da última barreira entre ambos. Sentiu a fricção da manta que arrancava e então experimentou uma emoção maravilhosa de sentir o tamanho do desejo intumescido de encontro ao seu ventre. Turner silenciou-a com um beijo longo e apaixonado, para em seguida deslizar com a boca pelo pescoço, seguindo em círculos com a ponta da língua pelos seios e rapidamente chegando ávido no ventre para lamber a doce intimidade. Ao segurá-la pelas nádegas, surpreendeu-se com a desenvoltura com a qual ela se abriu para recebê-lo.

Ansiava por beijá-la e possuí-la, mas entendeu que ela ainda não estava pronta. Por isso ergueu um pouco a mão e com toda a delicadeza e carinho, começou a massageá-la.

— Turner... — murmurou ela, em uni doce protesto, embora, pela expressão de desejo, deixasse claro que ansiava para que aquela carícia fosse mais intensa.

Ele sorriu com satisfação ao ouvi-la gritar a plenos pulmões e passou o polegar sobre a pele rosada e tenra. Miranda se contorcia, e foi preciso segurá-la pelos quadris com a mão livre para evitar que ela caísse da cama.

— Agora sim, vamos fazer amor — ele sussurrou junto ao ouvido de Miranda.

Foi então que ouviu o leve grito de prazer e sentiu as pernas de Miranda se afastarem até que sua masculinidade pressionou a suavidade da abertura tenra.

— Vou torná-la minha.

— Ah, sim, por favor...

Turner insinuou-se devagar e com paciência diante da virgindade tensa. Teria de fazer um esforço supremo para se controlar, embora sua maior vontade fosse invadi-la com impulsos desvairados. Mas isso teria de esperar para outra ocasião que não fosse a primeira.

— Turner?

Ele ficara imóvel por alguns segundos. Apertou os dentes e recuou, deixando apenas a ponta de seu membro dentro daquela cavidade umedecida e receptiva.

— Não! — gritou agarrando-se nos ombros largos. — Não me deixe.

— Estou aqui, não se preocupe. Não adiarei mais o momento tão esperado.

Ele aumentou a pressão, tentando ser o mais gentil possível.

Miranda se contorcia, gemia e chamava por Turner. Abraçada a ele, apertava-o espasmodicamente.

— Por favor, Turner... Por favor...

Incapaz de controlar a excitação por mais tempo, ele arremeteu completamente e arrepiou-se com o prazer de ser envolvido por aquela pele quente e tão acolhedora. Ela se enrijeceu e estremeceu.

— Sinto muito, doçura. — Turner procurou manter-se imóvel e ignorar as exigências do próprio corpo. — Prometo que me esforçarei para não agir com impetuosidade.

Ele se apoiou nos antebraços para diminuir o peso de seu corpo e reiniciou os movimentos. Firmes e vagarosos, eles provocavam choques de puro deleite com a suave fricção.

Para exercer o domínio sobre si mesmo, cerrou os maxilares e sentiu o retesar dos músculos.

A própria satisfação não o preocupava, certo de que alcançaria os céus antes de a noite terminar.

No entanto, esta determinado proporcionar a Miranda um intenso prazer. Queria que a primeira noite dela fosse maravilhosa, por isso tentaria ser o mais carinhoso possível.

— Como se sente?

Ela abriu os olhos e piscou.

— Faminta... — declarou, espantando-se com a própria audácia.

— De verdade?

Turner estremeceu ao leve toque e sentiu que o controle se esvaía.

— Também está ansioso como eu?

Ele resmungou algo ininteligível e começou a mover-se com maior rapidez. Miranda sentiu um grande estímulo no abdômen e depois uma tensão insuportável. No momento em que imaginou que seu corpo se despedaçaria em milhões de partículas, algo indescritível aconteceu. E foi como se tivesse sido lançada a outra esfera, onde só era permitido sentir prazeres extremos.

— Turner! — gritou ela, tomada de um indizível êxtase. Ele também deu um grito com a face contraída. Depois de alguns instantes, a respiração voltou a se normalizar e Turner largou-se sobre Miranda.

Os dois permaneceram abraçados por algum tempo, suados. Miranda adorou sentir o peso daquele corpo tão amado e a lânguida sensação de aprazimento. Acariciou os cabelos de Turner e desejou estar sozinha com ele no mundo. Por quanto tempo poderiam ficar na pequena cabana, antes que sua falta fosse percebida?

— Como está se sentindo? — ela perguntou com suavidade.

— O que lhe parece? — Ele sorriu.

— Bem, espero.

Turner rolou para o lado, apoiou-se num cotovelo e segurou o queixo delicado.

— Muito bem — enfatizou.

— Agora sou eu que quero saber como está se sentindo — inquiriu ele sorrindo, feliz, sem querer nada melhor.

— Melhor do que nunca...

De repente, ocorreu-lhe uma preocupação. Seria ele um experiente deflorador de jovens? Lembrava-se de ter ouvido que Letícia estava grávida quando se casou. Ah, o melhor seria esquecer aquela mulher. A falecida esposa de Turner não tinha lugar na cama com eles.

Miranda imaginou bebês lindos e sorridentes, com olhos azuis e cabelos claros. Não gostaria que se parecessem com ela. Teriam de ser como Turner, até nas covinhas.

Abriu os olhos, ao senti-lo passar os dedos no contorno dos lábios.

— Com o que estava sonhando? — A voz veio eivada de satisfação.

Miranda desviou o olhar, envergonhada com o rumo dos próprios pensamentos.

— Nada importante — murmurou. — Ainda está chovendo?

— Não sei. — Turner levantou-se e foi até a janela.

No mesmo instante em que perguntou, arrependeu-se, pois se a chuva tivesse cessado, teriam de voltar à residência dos Chester.

A desculpa de terem se escondido da chuva soaria falsa se não retornassem assim que o

tempo melhorasse.

Turner fechou de novo as cortinas e virou-se. Miranda prendeu a respiração diante de tanta beleza e masculinidade. Ela vira desenhos de estátuas nos livros do pai, que até possuía uma miniatura da escultura de Davi, em Florença. Mas nada se comparava ao deus em carne e osso parado à sua frente. Fixou o olhar no chão, com receio de que a simples visão a seduzisse novamente.

— Ainda está chovendo, porém com menor intensidade. Acredito que deveríamos nos aprontar e sair assim que for possível.

— Tem razão. Por favor, pegue minha roupa.

— Por que isso agora? Está com vergonha? — Turner ergueu uma sobrancelha.

Talvez fosse uma tolice, depois de um comportamento tão arrojado. Mas ela não estava acostumada a circular nua com muita desenvoltura na presença de outra pessoa. Com a cabeça, apontou o vestido, que estava no chão.

— Por favor, poderia apanhá-lo?

Turner entregou-o a ela. Apesar de úmido em alguns pontos, pois não ficara estendido, o vestido não estava horrível ao extremo. Miranda vestiu-se depressa e arrumou a cama, esticando os lençóis e estendendo o acolchoado.

Depois de alguns minutos, os dois, bem como a cabana, mostravam-se apresentáveis. A chuva reduzira-se a uma garoa.

— Nossas roupas não ficarão mais molhadas do que já estão — afirmou, esticando a mão para fora da janela.

Uma vez de acordo, ambos fizeram o trajeto de volta à residência no mais absoluto silêncio.

O que aconteceria? Turner se casaria com ela? Se fosse o cavalheiro que Miranda imaginava, deveria fazê-lo, embora ninguém soubesse o que ocorrera.

Quinze minutos depois, estavam diante dos degraus da entrada principal de Chester House. Turner se deteve e fitou-a, preocupado e sério.

— Tem certeza de que ficará bem?

Ela piscou várias vezes, estranhando a pergunta.

— Acho melhor evitarmos as conversas — ele explicou. Miranda anuiu e procurou ignorar o frio no estômago.

Alguma coisa estava errada.

Turner tossiu e esticou o pescoço, como se a gravata estivesse incomodando. Tornou a tossir mais duas vezes.

— Por favor, avise-me caso surja uma situação inesperada que demande ação imediata.

Ela concordou com um gesto pausado de cabeça, sem concluir se era uma ordem ou um pedido. Talvez nem um nem outro, o que também pouco significava.

— Precisarei de um pouco de tempo para pensar. — Turner inspirou fundo.

— Sobre o quê? — ela perguntou sem refletir. Por que tudo não podia ser simples? Nada mais havia para discutir.

— Sobre mim mesmo — ele declarou com voz rouca e impessoal. — Mas não se preocupe, nós nos encontraremos em breve e farei o que for mais acertado.

— Turner, pretende se casar comigo? — indagou, cansada de esperar e de ser sempre conveniente.

Ele mostrou-se confuso com a pergunta.

— Sim, é claro.

A voz grave pareceu atravessar um nevoeiro, e Miranda não experimentou a alegria que seria esperada no caso.

— Mas não vejo motivo para nos apressarmos, a não ser que sejamos premidos por uma circunstância imprevista.

Miranda anuiu e engoliu em seco. Se ficasse grávida, o casamento seria imediato. Caso contrário, não haveria pressa depois de haver-se regalado com ela.

— E melhor entrarmos — Turner sugeriu.

Miranda concordou, aliás estava ficando perita em concordâncias.

Cavalheiro para todas as ocasiões, ele inclinou a cabeça e segurou-a pelo braço, conduzindo-o para dentro da sala como se nada no mundo o preocupasse.

Turner voltou para casa no dia seguinte e fechou-se em seu quarto com um cálice de conhaque e a mente em turbilhão. Inventara a necessidade de tratar de negócios urgentes com seus advogados como desculpa para abandonar a festa de lady Chester que, por decisão unânime, ainda se arrastaria por mais alguns dias.

Estava certo de que poderia comportar-se como se nada tivesse acontecido, mas não apostaria o mesmo a respeito de Miranda, que era uma moça inexperiente e não acostumada a encenar o que não sentia. E para salvar sua reputação, tudo deveria parecer escrupulosamente normal.

Lamentou não ter podido explicar a ela os motivos de sua partida antecipada. Não acreditava que a ofenderia. Afinal, avisara de que precisava de tempo para pensar e também havia garantido que se casariam.

Não lhe escapava a enormidade dos atos por ele cometidos. Seduzira uma moça solteira, de quem gostava e respeitava, além de ser adorada por sua família. Para um homem que não pensava em casar-se, ele certamente não vinha pensando com a cabeça.

Turner sentou-se em uma poltrona e lembrou-se das duas regras que ele e os amigos estabeleceram anos antes ao sair de Oxford, rumo aos prazeres de Londres e da nobreza. Nada de mulheres casadas, a menos que fosse óbvio que o marido não se incomodava. E, sobretudo, nada de virgens.

Jamais seduzir uma donzela!

Tomou mais um gole da bebida. Deus Misericordioso! Se precisava de uma mulher, havia dezenas delas disponíveis e muito mais adequadas. Katherine, a adorável condessa, jovem e viúva, seria uma amante perfeita e não teria de casar-se depois de uma noite de amor.

Casamento. Já cometera a loucura uma vez, com um coração romântico e estrelas nos olhos, e tinha sido massacrado. Era uma ironia. Pelas leis inglesas, o marido possuía autoridade absoluta em um matrimônio, e em sua vida de casado, ele nunca sentira tão pouco controle sobre a própria existência.

Letícia reduzira seu coração a pó e o transformara num homem amargo e sem alma. E como se fora um monstro de fato, havia se alegrado com a morte da esposa. Nem mesmo sentira alívio quando, na biblioteca, tinha sido informado pelo mordomo que houvera um acidente e que Letícia estava, morta. Alívio era uma palavra menor, uma emoção inocente. Seu primeiro pensamento fora: *Graças a Deus.*

Certamente deveria ter sentido um pouco de piedade por Letícia, apesar de ela haver sido desprezível.

A verdade era que não desejava mais se unir a outra mulher, era uma decisão tomada. Tivera uma esposa e não desejava outra. Pelo menos não tão cedo.

Mas apesar das melhores tentativas de Letícia em destruí-lo, ainda lhe restara alguma decência, pois ali estava ele, planejando casar-se com Miranda.

Ali estava uma mulher de caráter que jamais o trairia, mas que era extremamente teimosa. Turner lembrou-se da cena na livraria, onde ela agredira o proprietário com a bolsa. E quando Miranda se tornasse sua esposa, seria responsabilidade dele mantê-la afastada de confusões.

Soltou algumas de suas costumeiras imprecações e serviu-se de mais um drinque.

Não desejava nem em sonho aquele tipo de encargo. Seria demasiado para ele. Seria muito desejar um pouco de sossego depois de tantas atribulações na vida? Queria passar algum tempo pensando apenas em si mesmo, sem ter de proteger seu coração contra eventuais sofrimentos.

Era provável que se tratasse de puro egoísmo. Mas depois de Letícia, nada mais justo do que esquecer o mundo dos romances.

Por outro lado, um enlace traria alguns benefícios. Arrepiou-se só ao pensar em Miranda na cama, acariciando-o, gemendo de prazer. E o futuro... Bem, o futuro...

Na verdade, se pudesse passar o resto da vida na cama com ela, já se daria por satisfeito.

Tomou o último gole e refletiu que havia encontrado uma mulher mais interessante e engraçada do que as nobres enfadonhas que conhecia. Se era preciso ter uma esposa, poderia muito bem ser Miranda. Ela de longe era superior às moças fúteis a que estava acostumado.

Ocorreu-lhe estar refletindo sob uma perspectiva nem um pouco romântica. Precisava de mais tempo para pensar. O mais sensato seria dormir e acordar com a mente mais descansada. Suspirou e deixou o cálice vazio sobre a mesa. Pensou melhor e pegou-o de novo. Precisava de mais uma dose.

Na manhã seguinte, Turner teve de enfrentar uma forte dor de cabeça, o que o deixou sem a menor disposição de raciocinar sobre o problema que o afligia.

Era evidente que continuava pretendendo casar-se com Miranda. Um cavalheiro não comprometia uma dama bem-nascida sem sofrer as conseqüências. Porém, odiava a sensação de ser pressionado. Não importava se ele fora o causador da situação constrangedora. Era imprescindível dispor os fatos de maneira a satisfazê-lo.

Por isso, quando desceu para o café-da-manhã, a carta de seu amigo lorde Harry Winthrop transformou-se numa perspectiva bem-vinda. Harry pensava comprar uma propriedade em Kent e pedia sua presença para aconselhá-lo.

Turner se arrumou e saiu em uma hora. Seria uma ausência de poucos dias, cuidaria do assunto de Miranda quando regressasse.

Miranda não lamentou muito o fato de Turner ter deixado Chester House antecipadamente. Se pudesse, teria feito o mesmo. Além disso, poderia refletir melhor na ausência dele. Embora não houvesse muito para discutir: ela se comportara de maneira contrária a todos os princípios condizentes com sua criação e cairia em desgraça se não se casasse. Era, porém, um alívio experimentar um certo controle das emoções.

Alguns dias mais tarde, os Bevelstoke voltaram para Londres e Miranda supôs que encontraria Turner em seguida. Não estava interessada em preparar uma armadilha para levá-lo ao altar, porém conhecia as conseqüências esperadas de um encontro amoroso entre um cavalheiro e uma donzela.

No entanto, Turner garantira que se casaria com ela.

Pareceu-lhe também que a satisfação tinha sido mútua, **o** que a levava a crer que a promessa seria cumprida.

Com estudada indiferença, perguntou a lady Rudland sobre o paradeiro do filho. A bondosa dama respondeu não ter a menor idéia, exceto que ele se ausentara da cidade.

Depois de dar uma desculpa qualquer, subiu correndo a escada e escondeu-se no quarto para chorar mansamente.

Mas logo seu otimismo veio à tona, quando convenceu-se de que ele talvez tivesse sido

chamado com urgência para resolver um assunto importante na Nortúmbria. Como a região era distante de Londres, ele provavelmente demoraria uma semana para voltar.

A semana passou e a frustração de Miranda chegou às **raias** do desespero. Não podia insistir em perguntas para não despertar suspeita. Os Bevelstoke não podiam imaginar o que acontecera, mesmo porque era tida como amiga de Olivia, e não de Turner. E muito menos poderia fazer indagações no hotel em que ele se hospedava. Seria um escândalo e sua reputação ficaria definitivamente arruinada. Até aquele momento, sua desgraça não era de conhecimento público.

Mais uma semana se passou sem notícias e ela decidiu que não poderia permanecer em Londres por mais tempo. Inventou que o pai estava doente e disse aos Bevelstoke que teria de retornar a Cumberland sem demora. Ficaram todos muito preocupados, e Miranda sentiu remorso quando lady Rudland insistiu para que viajasse no coche da família com dois criados a cavalo e uma criada.

Não havia alternativa. Seria muito doloroso permanecer em Londres por mais tempo.

Alguns dias mais tarde, chegou em casa. O pai ficou perplexo. Mesmo sem entender muita coisa a respeito de convívio pessoal, ainda mais de moças, tinha a convicção de que elas amavam as temporadas londrinas.

Mas, no fundo, para ele, tanto fazia, pois Miranda não o perturbava. Na maioria das vezes nem mesmo sabia onde a encontrar. Por isso, abraçou-a carinhosamente ao chegar e voltou a seus preciosos manuscritos.

Ela chegou a convencer-se de que estava feliz em voltar para casa. Sentira falta dos campos verdes e do ar fresco dos lagos, da paz da aldeia e da rotina de levantar e deitar cedo. Sem compromissos e nada para fazer, dormia até o meio-dia e escrevia no diário até a madrugada.

Dois dias após sua chegada, recebeu uma carta de Olivia. Sorriu ao abri-la, refletindo sobre a conhecida impaciência da amiga. Passou os olhos pela missiva e não encontrou menção a Turner. Sem saber se a sensação era de alívio ou desapontamento, pôs-se a ler o conteúdo com mais vagar.

Olivia escrevia que Londres sem a sua companhia era um tédio. Indagava várias vezes quando pretendia voltar para a capital, se sir Rupert melhorara, ou se ao menos havia começado a se recuperar.

A leitura deixou-a com um peso na consciência. O pai, em perfeitas condições de saúde, trabalhava nas traduções em seu gabinete no térreo.

Ela suspirou, esqueceu os pruridos de retidão moral, dobrou a carta e guardou-a na gaveta. Concluiu que nem sempre uma mentira era pecado. Não havia como continuar em Londres, sentada e esperando pela volta de Turner.

Admitiu que em casa ela fazia o mesmo. Pensava em Turner o tempo inteiro. Uma noite, teve a paciência de contar quantas vezes citara, aquele dia, o nome dele no diário. Trinta e

sete, para seu supremo desgosto.

Conclusão: a viagem de volta para casa não tinha melhorado seu estado de espírito.

Depois de dez dias, Olivia chegou para uma visita surpresa.

— Livvy, o que está fazendo aqui? — Miranda perguntou ao irromper na sala onde a amiga estava esperando. — Aconteceu alguma coisa? Quem está doente?

— Nada disso — Olivia respondeu, animada. — Eu vim buscá-la. Nós sentimos desesperadamente a sua falta em Londres.

O coração de Miranda disparou.

— Nós, quem?

— Eu, é claro! — Olivia abraçou-a e as duas se sentaram no sofá. — Sem a sua presença, não sou ninguém.

— Não posso acreditar que sua mãe tenha permitido você deixar a cidade em meio à temporada.

— Ela praticamente me jogou porta afora. Reconheço que tenho me comportado de maneira insuportável, desde a sua partida.

Miranda teve de rir.

— Na certa não foi esse desastre todo.

— Não estou brincando. Mamãe sempre elogiou a sua boa influência, mas eu só me dei conta disso quando fiquei sozinha. — Olivia deu um sorriso envergonhado. — Não consigo pôr um freio na língua.

— Isso acontece independentemente da minha presença. Quer tomar chá?

Olivia aceitou.

— Não entendo por que sempre estou metida em encrencas, pois o que eu digo nem de longe se compara aos seus comentários. A sua língua é a mais ferina de Londres.

— Não é verdade — respondeu Miranda, puxando a corda da sineta para chamar uma criada.

— E, sim, e sabe disso muito bem. Considero uma injustiça que você nunca crie problemas com os seus comentários.

— Talvez seja por não os divulgar em alto e bom som — Miranda respondeu, evitando sorrir.

— Tem razão. Assim mesmo, não deixa de ser aborrecido comprovar que o seu senso de humor não perdoa nada e que o fato permanece impune.

— Ora, vamos lá, não sou tão perigosa assim.

— Claro que é. Turner sempre diz isso também. Não sou a única a fazer comentários maliciosos.

Miranda engoliu em seco à menção do nome de Turner.

— Ele já voltou a Londres? — perguntou casualmente.

— Não. Faz séculos que não o vejo. Turner está em Kent com amigos.

Por que tão longe?, pensou, desanimada.

— Ele está viajando há tempos, não é mesmo?

— E verdade, e dessa vez foi na companhia de lorde Harry Wínthrop, um cavalheiro um tanto libertino, se é que me entende.

Miranda entendeu, e como...

— Tenho certeza de que eles estão se divertindo bastante com vinho e mulheres de vida fácil — comentou Olivia.

O nó na garganta voltou em tamanho maior. Imaginá-lo com outra mulher era doloroso, ainda mais agora que sabia exatamente o que significava isso. Imaginara todos os tipos de motivos para a sua ausência, e seus dias eram preenchidos com racionalizações e desculpas. Infelizmente, aquele vinha sendo seu único passatempo.

Porém não tinha pensado que Turner poderia estar com outra mulher. Ele conhecia muito bem a dor da traição. Seria possível que fizesse a mesma coisa com ela?

A verdade, porém, era uma só e arruinou seu coração. Turner não a amava. Estranho pensar que a dor de um sentimento era física, intensa, chegando a cortar a respiração. Felizmente Olivia se entretinha em examinar um vaso grego, ou perceberia a agonia em sua expressão.

Miranda fez um comentário absurdo qualquer, levantou-se e foi até a janela, de onde fingiu apreciar o horizonte.

— Ah, ele deve estar aproveitando bastante — comentou vagamente.

— Turner? — Olivia falou às suas costas. — Na certa, ou não estaria se demorando tanto. Mamãe está desesperada, ou melhor, estaria se eu não causasse tantos problemas. Posso ficar aqui por uns tempos? Haverbreaks *é* muito grande e solitário sem ninguém para me fazer companhia.

— Nem precisava perguntar, querida. — Miranda permaneceu na janela por mais algum tempo até notar que a vontade de chorar havia sido dominada. Nos últimos dias, andava muito emotiva. — Para mim será ótimo. Eu também me sinto sozinha. Sabe como é, papai passa o tempo todo no escritório.

— E ele melhorou?

— Papai?

A criada fez uma interrupção providencial e Miranda pediu chá antes de continuar.

— Está bem melhor, obrigada.

— Vou falar com ele para desejar melhoras. Mamãe também pediu para mandar lembranças.

— Não faça isso. Meu pai não gosta de ser lembrado da sua doença. É muito orgulhoso.

— Que estranho. — Olivia nunca fora de medir palavras.

— Bem, foi uma enfermidade masculina — improvisou. Sempre ouvira falar em achaques femininos. Por que os homens não podiam ter problemas exclusivos também?

Todavia a curiosidade da amiga era incansável.

— E mesmo? — Ela inclinou-se para a frente. — O que é uma enfermidade masculina?

— Não posso falar sobre isso. — Miranda mentalizou um pedido de desculpas para seu pai. — Isso o deixaria muito envergonhado.

— Mas...

— Sua mãe ficaria aborrecida comigo. Essa não é uma conversa para ouvidos inocentes.

— Então nem serviria para os seus.

Miranda refletiu amargamente que nada mais nela tinha pureza.

— Não se fala mais no assunto — disse, determinada. — Deixarei isso para a sua imaginação fértil.

Olivia resmungou, mas aceitou a argumentação.

— Quando pretende voltar para casa?

— Eu estou em casa.

— Sim, esta é a sua residência oficial, mas eu juro que a família Bevelstoke sente muito a sua falta. Portanto, quando vai voltar para Londres?

Miranda mordeu o lábio inferior. Um membro dos Bevelstoke não sentia sua ausência ou não ficaria tanto tempo em Kent. E mesmo considerando esse desalento, admitiu que a única maneira de lutar por sua felicidade seria o retorno a Londres. Continuar em Cumberland, chorando sobre as páginas de um diário e olhando pela janela, a fazia sentir-se como uma invertebrada.

— Pelo menos quero manter minha estrutura — murmurou para si mesma.

— O que foi que disse?

— Eu disse que voltarei para Londres. Papai já pode ficar um pouco sem mim.

— Excelente! Quando partiremos?

— Dentro de uns dois ou três dias. — O bom senso lhe pedia para adiar um pouco o inevitável. — Tenho de arrumar minhas coisas. Assim, você também terá oportunidade de descansar um pouco.

— Estou mesmo cansada. Talvez pudéssemos esperar uma semana, se isso lhe for conveniente. Não me importo de fazer uma pausa na confusão londrina.

— Para mim está ótimo — assegurou Miranda. Turner poderia esperar. Em uma semana ele não se casaria com ninguém e ela poderia usar aquele período para azeitar sua coragem.

— Para mim também. Vamos andar a cavalo esta tarde? Estou morrendo de vontade de galopar.

— Perfeito. — Miranda serviu o chá que acabava de chegar. — Poderemos nos divertir bastante.

Uma semana mais tarde, Miranda estava convencida de que não poderia voltar para Londres. Jamais. Sua menstruação, sempre tão regular, ainda não se apresentara. Havia afastado a preocupação nos primeiros dias de atraso, culpando os transtornos emocionais. Com a animação pela chegada de Olivia, acabara esquecendo o assunto. Naquela altura, o atraso tinha suplantado a margem de erro e ela começara a vomitar pela manhã. Apesar da vida simples e resguardada, fora criada no campo e conhecia o significado do atraso menstrual.

O que restava a fazer, então? Sem dúvida, falar com Turner. Por mais que não desejasse usar uma vida inocente para forçar um casamento fadado a não acontecer, como poderia negar o direito hereditário a seu filho? No entanto, a idéia de viajar para Londres só lhe causava agonia. Estava cansada de ir atrás de Turner, de esperá-lo e de rezar para que ele chegasse a amá-la algum dia.

Por que ele não podia procurá-la pelo menos uma vez? Era um cavalheiro, que, apesar de não amá-la, certamente não se furtaria às suas obrigações.

Miranda deu um sorriso triste; acabara de perceber que se transformara num dever. Depois de sonhar durante tantos anos, finalmente se tornaria lady Turner, mas continuaria sendo uma obrigação moral. Alisou o ventre, imaginando que aquele deveria ser um momento de alegria. Todavia, sua única vontade era chorar. Uma batida soou na porta, e assustada, não respondeu.

— Miranda! — Olivia chamou. — Abra a porta! Sei que está chorando.

Miranda inspirou fundo, certa de que teria de manter o segredo. A amiga era muito leal e não trairia sua confiança, mas ainda assim, era irmã do causador de todo seu sofrimento. Não imaginava qual seria a reação dela. Não duvidava que Olivia o faria voltar com uma pistola nas costas.

Olhou no espelho e enxugou as lágrimas. Culparia o sol de verão pelos olhos vermelhos. Respirou fundo, tentou manter no rosto seu sorriso mais radiante e abriu a porta.

Não enganou a amiga nem por um segundo.

— Valha-me Deus! — Olivia entrou e abraçou-a. — O que está acontecendo?

— Nada, por quê? Apenas os meus olhos, que sempre cocam nesta época do ano.

— Essa sua palidez não é normal. — A amiga recuou e avaliou-a por alguns instantes.

— Devo ter comido alguma coisa que não me fez bem... — divagou, sentindo o estômago embrulhado, e agitou a mão no ar num gesto sugestivo. — Preciso me sentar um pouco.

— Não creio que possa ter sido o jantar. — Olivia ajudou-a a ir para a cama. — Não a vi tocar na refeição ontem. Além disso, eu comi muito mais e não estou indisposta.

— Pode ser uma gripe — concluiu. — E melhor você voltar para Londres sem mim. Seria péssimo se eu a contaminasse.

— Bobagem. Não a deixarei sozinha nesse estado.

— Meu pai está aqui e ficará comigo.

— Gosto muito de sir Rupert, mas não acredito que ele saiba cuidar de um doente. Na maior parte do tempo, nem se lembra que a filha está presente.

Miranda fechou os olhos e largou-se nos travesseiros. Olivia tinha razão. Ela adorava o pai, mas ele não tinha idéia de como interagir com outro ser humano, mesmo que fosse sua filha.

Olivia sentou-se na beira da cama e Miranda fingiu não saber que a amiga a encarava, aguardando.

— Por favor, diga o que está errado — pediu com ternura. — Alguma coisa com seu pai?

Miranda sacudiu a cabeça e a amiga mudou de posição. O movimento do colchão lembrou o balançar de um barco e dessa vez, não foi possível controlar a ânsia. Pulou da cama, e alcançou o bacio no momento exato.

—Misericórdia! — Olivia afastou-se por respeito e instinto de autocomise-ração. — Há quanto tempo está assim?

Miranda não respondeu, mas o estômago pesou de novo.

— Posso fazer alguma coisa?

Ela sacudiu a cabeça e agradeceu por estar com os cabelos presos. A amiga esperou mais alguns minutos antes de molhar um pano na bacia.

— Pegue...

— Obrigada — Miranda sussurrou e limpou o rosto.

— Não creio que seja gripe. Tenho certeza de que o peixe de ontem à noite estava ótimo e não imagino o que...

Não foi preciso ver o rosto de Olivia para interpretar o grito sufocado. Estava evidente, talvez a amiga não acreditasse, mas desconfiava.

— Será que isso não é...

Miranda anuiu com apenas um sinal de cabeça.

— Oh, Deus! — Olivia exclamou e ficou sem palavras pela primeira vez na vida. Miranda enxugou a boca e, com o estômago um pouco mais estável, afastou-se do recipiente sujo e sentou-se.

— Como foi? — Olivia a fitava como se estivesse diante de uma aparição.

— Da maneira usual, ora..

— Sinto muito, muito mesmo.

— Eu não quis aborrecê-la. É que... pode imaginar, isso me pegou... de surpresa.

— A mim também — Miranda admitiu.

— Mas não deveria, pois se... aquilo aconteceu... se... — Ouvia continuava com dificuldade para se expressar.

— Ainda assim, fiquei perplexa.

As duas permaneceram em silêncio por alguns minutos.

— Eu preciso saber... tenho de perguntar...

— Não o faça. Por favor, não me pergunte quem foi.

— Por acaso foi Winston?

— Não. — Miranda foi forçada a negar e depois murmurou: — Graças a Deus.

— Então quem?

— Não posso revelar nada. Trata-se de uma pessoa... totalmente inadequada. Não sei o que houve comigo nem o que eu imaginava no momento. Por favor, não pergunte mais nada. Não quero mais falar sobre isso.

— Está bem. — Olivia compreendeu que seria uma insensatez continuar a pressioná-la. — Prometo que não farei mais indagações sobre a identidade da pessoa. Mas, e agora? O que nós vamos fazer?

Miranda sentiu-se melhor por ouvir aquela a frase com o pronome no plural.

— Tem mesmo certeza de que está grávida? — O olhar de Olivia brilhou, esperançoso. — Talvez seja apenas uma demora. Na maioria dos meses, eu estou atrasada.

— Sou extremamente regulada. Pareço... sempre parecia um relógio.

— Terá de procurar um lugar para onde ir. — Olivia apertou as mãos. — O escândalo será enorme se...

Miranda anuiu. Planejara escrever para Turner, mas não *v* podia contar isso a ninguém.

— A melhor decisão seria sair do país, talvez até ir para o continente. Como está o seu francês?

— Melancólico.

— Eu sei. Idiomas nunca foram o seu forte.

— Nem o seu — retrucou a outra sem demora.

— Por que não vai para a Escócia?

— Para a casa dos meus avós?

— Sim. Não acredito que eles não a receberão só porque está... grávida. Sempre a ouvi dizer que são muito bondosos.

Escócia.

Aquela seria a solução perfeita. Poderia mandar uma carta para Turner e ele a encontraria lá. Poderiam casar-se sem os proclamas e tudo se resolveria, embora não da maneira como gostaria.

— Eu a acompanharei. Ficarei lá o quanto puder.

— E o que dirá para lady Rudland?

— Ah, inventarei que alguém ficou doente. Isso já deu certo antes, não foi? — Ouvia ergueu as sobrancelhas e fitou a amiga com olhar cúmplice. Com certeza ela descobrira a farsa a respeito da doença de sir Rupert. — Mas o que dirá para seu pai?

— Oh, nada. Ele não presta muita atenção ao que eu faço.

— Bem, às vezes isso é vantajoso. Bem, partiremos hoje mesmo.

— Por que tão depressa?

— De qualquer forma, tudo está empacotado e não vejo motivos para perdermos tempo.

Miranda passou a mão no ventre ainda plano.

— Tem razão. Não podemos esperar muito.

13 de agosto de 1819,

Livvy e eu chegamos hoje a Edimhurgo. Vovó e vovô ficaram surpresos com a visita inesperada; e mais ainda depois de eu ter-lhes contado o verdadeiro motivo da minha saída de casa. Permaneceram muito sérios e em silêncio durante algum tempo, mas nem por um instante fizeram-me pensar que estivessem desapontados ou envergonhados comigo. Eu sempre os amarei por isso.

Livvy mandou uma carta aos pais dizendo que iria comigo para a Escócia. Todas as

manhãs ela me pergunta se a menstruação apareceu. Como eu previa, nada aconteceu que pudesse mudar a situação. Não paro de examinar meu corpo e o abdômen. Nem mesmo sei o que espero encontrar de diferente. Certamente o ventre não aumenta da noite para o dia, muito menos tão no início.

Preciso contar a Turner. É imprescindível que eu o faça, mas não consigo esquivar-me da presença de Olivia e não posso escrever na frente dela. Por mais que eu goste de Olivia, terei de mandá-la embora. Certamente ela não poderá estar aqui quando Turner chegar. E ele virá a Edimburgo assim que receber a carta. Presumindo-se, é claro, que poderei enviá-la.

Oh, céus, aí vem ela de novo.

CAPÍTULO VII

Turner não saberia explicar por que permanecera tanto tempo em Kent. A programação de dois dias tinha se estendido quando lorde Harry decidira comprar a propriedade e oferecer aos amigos uma festa de inauguração da casa. Não houve meios de cometer a indelicadeza de recusar. Admitiu, no entanto, que não gostaria de ter ido embora. O retorno a Londres significaria ter de assumir as responsabilidades.

Não arquitetava nenhum plano para não se casar com Miranda, muito pelo contrário. Uma vez resignado ao destino de enfrentar um novo matrimônio, o caso não lhe parecia tão aterrador.

Ainda assim, hesitava em voltar. Se não houvesse saído da capital com a mais frívola das desculpas, já poderia ter resolvido o problema. E quanto mais esperava, mais aumentava a vontade de adiar a decisão. Como haveria de explicar sua ausência?

Assim os dois dias se transformaram em festividades de uma semana e acabaram em comemorações que duraram três semanas, com direito a caçadas, corridas e muitas mulheres de vida fácil que circulavam livremente pela casa.

Turner evitou a última parte. Embora estivesse se esquivando de assumir seus deveres, pretendia permanecer fiel a Miranda.

Foi então que Winston resolvera aparecer em Kent. A alegria de participar da festa informal foi tão expressiva que Turner sentiu-se compelido a ficar e oferecer a mão fraterna de guia para o rapaz. Isso levou mais duas semanas de seu tempo, o que de fato o alegrou, pois eliminava um pouco da culpa que o atormentava. Não poderia abandonar o irmão, com certeza, e se não cuidasse de Winston, o pobre rapaz provavelmente acabaria com um surto violento de sífilis.

E, finalmente, Turner entendeu que não poderia mais protelar o inevitável. Assim, voltou para Londres, sentindo-se um idiota. Miranda devia estar furiosa e talvez nem o recebesse. E com certo tremor, subiu a escada da casa dos pais e entrou no saguão.

O mordomo materializou-se de imediato.

— Huntley — Turner saudou-o. — A srta. Cheever está em casa? E minha irmã?

— Nenhuma das duas, milorde.

— Ah. E quando vão voltar?

— Não sei, milorde.

— Voltarão esta tarde? Virão para o jantar?

— Creio que demorarão algumas semanas, milorde.

— O que está me dizendo? — Impossível imaginar uma coisa daquelas. — Droga! E para onde foram?

Huntley arrepiou-se com o tom grosseiro.

— Para a Escócia, milorde.

O que estariam fazendo na Escócia? Miranda tinha parentes em Edimburgo, mas ele não as ouvira comentar nada a respeito de planos para visitá-los.

Será que ela teria sido prometida para algum cavalheiro escocês, parente de seus avós? Se fosse esse o caso, ela teria lhe contado, com certeza, ou Olivia, que era incapaz de guardar um segredo.

— Mamãe! — gritou no pé da escadaria e virou-se para Huntley. — Presumo que minha mãe também não tenha fugido para a Escócia!

— Não, milorde, ela está em casa.

— Mamãe!

Lady Rudland desceu a escada correndo.

— O que houve, meu filho? Por onde tem andado? Não acredito que foi para Kent sem ao menos nos avisar!

— Por que Olivia e Miranda foram para a Escócia?

Lady Rudland arqueou as sobrancelhas por causa do incomum interesse do filho pelas meninas.

— Doença na família. Um parente de Miranda ficou doente.

Era evidente que teria de ser relativo aos familiares de Miranda, pois os Bevelstoke não tinham parentes escoceses.

— Por que Olivia a acompanhou?

— Bem, como deve saber, elas são inseparáveis.

— Quando voltarão?

— Não posso lhe garantir a respeito de Miranda, mas já escrevi para sua irmã, exigindo um retorno rápido.

— Entendi — Turner resmungou.

— Tenho certeza de que ela ficará encantada com a sua devoção fraterna.

Ele estreitou os olhos. Pensou ter notado uma ponta de sarcasmo nas palavras da mãe.

— Agora preciso ir, mamãe. Nós nos veremos logo mais.

Dois dias mais tarde, Turner foi informado de que sua irmã havia voltado para Londres. Sem perda de tempo, saiu para encontrá-la. Detestava esperar e, mais do que isso, odiava sentir-se culpado.

O remorso o atormentava. Deixara Miranda sem notícias por mais de seis semanas!

Olivia estava no quarto quando ele chegou. Em vez de mandar chamá-la e aguardar na sala, subiu os degraus de dois em dois e bateu na porta dos aposentos da irmã.

— Turner! — exclamou e levantou-se da cama. — Meu bom Deus, o que está fazendo aqui?

— Francamente, eu morava aqui, lembra-se?

— Sim, claro. — Ela sorriu e tornou a sentar-se. — A que devo o prazer da visita?

Turner abriu e fechou a boca, sem encontrar as palavras certas. Não poderia simplesmente afirmar que seduzira sua melhor amiga, dizer que desejava reparar o erro e ainda perguntar se era conveniente procurar Miranda na casa dos avós, que estavam com problemas de saúde.

Ele tossiu e hesitou, sentindo-se um tolo.

— E então, o que deseja? Quer perguntar alguma coisa, não é?

— O que achou da Escócia? — foi só o que lhe ocorreu indagar.

— Uma região encantadora. Já esteve lá?

— Não. Como está Miranda? Foi a vez de Olivia engasgar.

— Ela está bem e mandou lembranças.

Duvidando da afirmativa, procurou agir com a máxima cautela.

— Ela está feliz?

— Hum... sim, está.

— Não se aborreceu por haver perdido o final da temporada?

— De maneira nenhuma. Sabe muito bem que esse tipo de entretenimento não a agrada muito.

— E verdade. — Turner virou-se para a janela e, impaciente, tamborilou com os dedos em uma das pernas. — Ela pretende voltar logo?

— Imagino que só dentro de alguns meses.

— A avó está tão doente assim?

— Está.

— Devo mandar condolências.

— Ninguém morreu ainda — ela comentou em voz baixa.

— O médico disse que a doença pode durar algum tempo, talvez uns seis meses ou um pouco mais, mas ele acredita que a pobrezinha vai se recuperar.

— Ah, sim. E qual é a doença?

— Problemas de mulher — Olivia explicou, petulante. Turner ergueu uma sobrancelha. Problemas femininos em uma mulher idosa eram algo no mínimo intrigante e muito suspeito. — Espero que não seja contagioso. Não gostaria de vê-la doente.

— Oh, não se preocupe. A doença presente naquela casa não é transmissível. — Olivia notou que a fisionomia sombria do irmão não se modificava. — Olhe para mim. Fiquei lá por mais de quinze dias e estou muito saudável.

— Vejo que sim, mas devo confessar que estou preocupado com Miranda.

— Nem pense nisso. — Procurou manter naturalidade. — Ela está ótima.

Turner estreitou os olhos, estranhando o ligeiro rubor da irmã.

— O que está escondendo de mim?

— Eu... eu... não sei do que está falando — ela gaguejou. — E por que está me fazendo tantas perguntas a respeito de Miranda?

— Porque somos bons amigos — respondeu em voz baixa —, e aconselho-a a dizer a verdade.

Ela foi para o outro lado da cama quando o irmão se aproximou.

— Não sei do que está falando — Olivia repetiu, assustada.

— Miranda se envolveu com algum homem? É isso? E é essa a razão pela qual resolveram inventar uma história fantástica sobre um parente enfermo?

— Não inventei nada — protestou.

— Diga-me a verdade!

Ela cerrou os lábios, teimosa.

— Vamos! — Ele mostrava-se ameaçador.

—O quê! — A voz dela estava num tom agudo. — Não gosto da maneira como está me olhando. Vou chamar a mamãe.

— Mamãe tem metade do meu tamanho. Não será capaz de impedir que eu a esgane, pirralha!

— Pare com isso! Deve estar ficando maluco! — exclamou Olivia, arregalando os olhos.

— Quem é ele?

— Não sei! Vá embora daqui!

— Então existe alguém.

— Sim! Não! Agora não mais!

— Mas que droga! O que está acontecendo? — Não havia como negar que o ciúme o corroía.

— Nada!

— Diga-me o que houve com Miranda! — Ele deu a volta na cama e encurralou a irmã.

Um medo intenso e primitivo tomou conta da mente de Turner. Receava perder Miranda e não podia nem sequer pensar que ela estivesse sofrendo. Jamais poderia imaginar que o bem-estar daquela menina pudesse preocupá-lo a ponto de apertar seu coração. Era pavoroso...

Inquieta, olhando para os lados, Olivia pensava numa maneira de escapar.

— Miranda está bem, eu juro.

Ele segurou-a pelos ombros e seus olhos cintilavam com fúria e pavor.

—Vou dizer uma coisa — falou com uma calma exagerada que não deixava dúvidas sobre suas intenções. — Quando éramos crianças, nunca encostei um dedo em você, apesar de não terem faltado motivos — ameaçou, inclinando-se. — Mas não hesitarei em começar agora.

O lábio inferior de Olivia começou a tremer.

— Se não me disser agora em que tipo de encrenca Miranda se meteu, vai se arrepender amargamente.

Uma gama de emoções diferentes cruzou o rosto de Olivia, a maioria delas relacionadas com o pânico.

— Turner — ela implorou. — Miranda é minha melhor amiga. Não posso trair sua confiança.

— O que aconteceu com ela? Diga de uma vez! — ele esbravejou e rilhou os dentes.

— Acontece que...

— Fale logo!

— Não posso, eu... — Olivia franziu a testa e empalideceu. — Oh, Deus Pai!

— O que houve?

— Não posso acreditar... — ela sussurrou. — A culpa é sua!

De repente os papéis se inverteram e Turner estranhou a mudança de expressão da irmã, que agora parecia mais furiosa do que nunca.

— Como teve coragem de... — Olivia gritou e esmurrou o peito largo com os punhos delicados. — Animal! Bruto! Desclassificado! E ainda por cima teve coragem de abandoná-la!

Ele ficou imóvel diante da demonstração de fúria da irmã e procurou encadear as palavras para descobrir o motivo de tanto ódio.

— Agora é a minha vez de indagar. Do que está falando?

— Miranda está grávida, entendeu? Grávida!

— Oh, meu Deus! — Ele soltou-a e largou-se na cama em estado de choque.

— Posso imaginar quem é o pai — Olivia falou com asco e uma careta de horror. — Pelo amor de Deus, Turner. Ela sempre o considerou como um irmão!

— Dificilmente eu afirmaria isso.

— Um homem não deve jamais se aproveitar da juventude e da inexperiência de uma mulher. E inaceitável!

— Não pretendo explicar os meus atos — ele respondeu com frieza. — Por que ela mesma não me contou?

— Esqueceu-se de que você estava em Kent, divertindo-se com os seus amigos? Bebendo com rameiras e...

— Eu não estava com mulheres. Não estive com nenhuma outra depois de Miranda.

— Perdoe-me, mas acho difícil de acreditar. Não imaginei que meu próprio irmão fosse um ser tão desprezível. Saia do meu quarto.

— Grávida — ele repetiu, como se fosse para facilitar a aceitação. — Miranda vai ter um bebê. Deus meu...

— Agora é um pouco tarde para rezar — Olivia afirmou, categórica. — Seu comportamento foi além do repreensível.

— Eu não sabia que ela...

— E isso faz alguma diferença? Turner não respondeu, nem poderia fazê-lo. Estava arrasado, consciente dos próprios erros. Apoiou a cabeça entre as mãos, na tentativa de frear os pensamentos que giravam e se chocavam com violência.

Deus do céu, como pudera ser tão egoísta? Adiara o confronto com Miranda por pura indolência. Imaginou que ela o estaria esperando quando ele resolvesse voltar. Afinal, não o havia esperado durante tantos anos? Ela não dissera que...

Turner recriminou-se com violência e blasfemou baixinho. Era um asno! Não havia outra explicação ou desculpa. Presumira um fato e por isso tinha se aproveitado e...

Nem em seus sonhos mais extravagantes pudera imaginar que Miranda se encontrava a quinhentos quilômetros ao norte, enfrentando uma gravidez inesperada que não tardaria a culminar num filho ilegítimo. E nem sequer mandara um bilhete...

— Turner?

Escutou a irmã chamar seu nome, mas não conseguiu responder. Imóvel como um tolo, só pensava em Miranda: sozinha e provavelmente apavorada, quando deveria estar casada, morando na Nortúmbria com todo o conforto ao lado do marido.

Um filho...

Curioso pensar que atribuíra inconscientemente a Winston o dever de levar adiante o nome da família. No entanto, viu-se ansioso por tocar o ventre abaulado de Miranda e segurar a criança nos braços. Gostaria que fosse uma menina de olhos castanhos. O herdeiro poderia viria mais tarde. Com Miranda em seu leito, a concepção não seria uma de suas preocupações.

— O que pensa fazer a respeito? — Olivia afastou-o dos devaneios.

Turner ergueu a cabeça, para deparar com a irmã encarando-o com as mãos nos quadris.

— Qual é a sua opinião? O que acha que farei?

— Não sei...

Pela primeira vez a voz de Olivia mostrou indecisão, pois não o desafiava nem procurava vingança. Não estava convencida de que ele pretendia agir corretamente e casar-se com Miranda.

Turner nunca se sentira tão pouco valorizado como homem. Deu um suspiro estremecido, levantou-se e tossiu.

— Poderia me fazer o favor de providenciar o endereço de Miranda na Escócia?

— Com o maior prazer. — Mais animada, ela foi até a mesa e escreveu algumas linhas num pedaço de papel. — Aqui está.

Turner apanhou o bilhete, dobrou-o e o guardou no bolso.

— Obrigado. Acredito que não a verei por algum tempo.

— Pelo menos durante sete meses — ela respondeu.

Turner percorreu a Inglaterra rumo a Edimburgo com surpreendente rapidez: quatro dias e meio. Chegou à capital da Escócia cansado e sujo, o que não pareceu incomodá-lo. Cada dia que Miranda ficava sozinha era mais um em que poderia... Não imaginava o que ela faria e também não queria descobrir.

Conferiu o endereço pela última vez antes de subir a escada. Os avós de Miranda moravam em uma casa nova de um bairro elegante de Edimburgo. Turner ouvira dizer que faziam parte da pequena nobreza e que possuíam propriedades ao norte. Suspirou aliviado por eles terem resolvido passar o verão próximo à fronteira. Não teria sido nada agradável continuar a viagem rumo às Terras Altas, pois estava exausto.

Bateu na porta com firmeza. Um mordomo atendeu e saudou-o com a arrogância habitual de quem trabalhava na residência de um duque.

— Quero falar com a srta. Cheever — Turner explicou em tom cortante.

O mordomo olhou com desdém para as roupas desalinhadas daquele cavalheiro à sua frente.

— Ela não está.

— Verdade? — Turner deixou evidente não acreditar no sujeito.

Não ficaria admirado se Miranda tivesse descrito sua aparência para todos e dado ordens para não permitir sua entrada.

— O senhor terá de voltar mais tarde. No entanto, se desejar, poderei entregar uma mensagem...

— Prefiro esperar. Com licença. — Passou por ele e entrou numa pequena sala que antecedia o salão.

— Mas o que é isso, senhor?

Turner tirou um cartão de visitas do bolso e entregou-o ao empertigado criado. O mordomo leu o que estava escrito, olhou para Turner e de novo para o cartão. Certamente não esperava encontrar um visconde tão descomposto. Turner deu um sorriso torto. Às vezes um título era bem conveniente.

— Se quiser esperar, milorde — o tratamento modificou-se de imediato —, pedirei a uma criada para servir um chá.

— Faça isso, por favor.

O mordomo saiu e Turner examinou o ambiente. Os avós de Miranda tinham bom gosto. Enquanto avaliava uma bela paisagem pintada numa tela, imaginou, pela quinquagésima vez desde que saíra de Londres, o que diria para Miranda. Já era um bom sinal o mordomo não ter chamado um guarda para expulsá-lo assim que ficara sabendo seu nome.

O chá foi trazido dez minutos mais tarde e Miranda não apareceu em seguida. Turner supôs que, afinal, o mordomo não teria mentido sobre sua ausência. Não importava. Esperaria o tempo que fosse necessário e acabaria por ser atendido.

Miranda era uma garota sensível e não ignorava o que o mundo reservava aos filhos ilegítimos frieza e sofrimento. Independente do volume de sua raiva, e não sem motivo, ela não haveria de condenar o filho a uma vida tão difícil.

A criança era sua também e merecia a proteção de seu nome, assim como a mãe. Na verdade, não lhe agradava a idéia de ela ficar sozinha na Escócia, mesmo se os avós houvessem concordado em cuidar da neta durante a gestação.

Turner ficou sentado por meia hora tomando chá e comendo bolinhos. Fora uma longa viagem desde Londres e ele não se detivera muito para fazer refeições.

— MacDownes!

Era a voz de Miranda. Turner levantou-se com um bolinho mordido nas mãos. Escutou passos no saguão, provavelmente do mordomo.

— Poderia ajudar-me com os embrulhos? Sei que deveria tê-los mandado entregar em casa, mas eu estava muito impaciente.

Turner percebeu o ruído dos pacotes que trocavam de mãos, seguido pela voz do

mordomo.

— Srta. Cheever, tenho o dever de informá-la que há um visitante à sua espera na sala menor.

— Que estranho. Ah, deve ser um dos MacLean. Sempre nos encontrávamos quando eu vinha para a Escócia e eles devem ter ouvido falar que eu estava na cidade.

— Não creio que a origem dele seja escocesa.

— Mas então quem...

Turner quase sorriu ao ouvir a voz chocada e imaginou Miranda de queixo caído.

— Srta. Cheever, perdoe-me, mas ele foi muito insistente — MacDownes explicou. — Eis o cartão.

Depois de um longo silêncio, veio a resposta:

— Por favor, diga-lhe que não poderei recebê-lo. Miranda terminou a frase com voz trêmula e Turner escutou-a subir a escada.

Ele foi até o saguão e colidiu com MacDownes que, na certa, saboreava a idéia de expulsá-lo.

— A srta. Cheever não deseja vê-lo, milorde — explicou o mordomo com um leve sorriso de sarcasmo.

Turner empurrou-o.

— Pois ela me receberá.

— Não creio, milorde. — MacDownes segurou-o pelo casaco.

— Olhe aqui, meu camarada — Turner empregou o tom mais gélido possível. — Não hesitarei em atingi-lo.

— Muito menos eu, milorde.

— Saia do meu caminho! — Turner fitou o homem mais velho com desdém.

MacDownes cruzou os braços e manteve-se diante dele, sem largar seu casaco. Turner fechou a carranca, tirou o casaco e foi até a escada.

— Miranda! — gritou. — Desça agora! Imediatamente! Temos várias coisas para dis...

MacDownes atingiu-o com um soco no queixo. Espantado, Turner esfregou o ponto ferido.

— Ficou maluco?

— De maneira nenhuma, milorde. Tenho muito orgulho de cumprir com as minhas obrigações.

MacDownes assumira uma posição de luta com a facilidade de um profissional. Era bem

o estilo de Miranda contratar um pugilista como criado.

— Escute aqui. — Agora tentava em tom conciliador. — Preciso falar com a srta. Cheever imediatamente. O assunto é da maior importância. A honra de uma dama está em jogo.

E foi atingido por mais uma pancada.

— Isto, milorde, foi por insinuar que a srta. Cheever não é honrada.

Turner estreitou os olhos, ameaçador, mas decidiu que não teria como vencer o mordomo maluco, ainda mais depois de ter recebido dois socos.

— Diga à srta. Cheever que vou voltar — ele avisou, mordaz. — E que será melhor ela me receber.

Turner saiu pisando duro e, furioso, desceu a escada da frente.

Inconformado por Miranda se recusar a recebê-lo, virou-se e olhou a casa. Ela se encontrava a uma das janelas superiores, cobrindo a boca com os dedos. Turner franziu o cenho e percebeu que ainda estava segurando o pedaço de bolo.

Não teve dúvida. Atirou a iguaria na direção da janela, acertou o peito de Miranda e não pôde evitar a satisfação do fato.

24 de agosto de 1819,

Oh, Deus!

Claro que eu não mandei a carta. Levei um dia inteiro para redigi-la e, quando decidi postá-la, tornou-se desnecessário. Eu não sabia se chorava ou se ria.

Turner está aqui. Ele deve ter arrancado a verdade de Olivia. De outra forma, ela jamais teria me traído. Pobre Livvy. Turner, quando está furioso, é capaz de aterrorizar qualquer um.

E, pelo jeito, ele continua enfurecido. Atirou em mim um bolinho mordido! Inacreditável!

Duas horas depois, Turner voltou à casa dos avós de Miranda. Dessa vez ela o aguardava, surpreendendo-o ao abrir a porta antes mesmo de ele bater. Estarrecido, ele ficou ali parado, com o braço erguido e o punho fechado, pronto para bater.

— O que está esperando? — Miranda estava irritada. — Entre!

Ele arqueou as sobrancelhas.

— Esperava por mim?

— E evidente, não é?

Sabendo que não poderia adiar mais o assunto, precedeu Turner com altivez até a sala de estar.

— O que deseja? — perguntou, assim que entraram na sala.

— Uma saudação um pouco mais amena. Com quem aprendeu boas maneiras? Com Átila e os hunos?

Miranda cerrou os dentes antes de repetir a pergunta:

— O que deseja?

— Pedi-la em casamento, é óbvio.

Esperava por aquela frase desde a primeira vez em que o vira. E nunca se orgulhou tanto de si mesma pela resposta que daria a seguir:

— Agradeço, mas não posso aceitar.

— O quê?

— Não aceito, mas sou grata de qualquer forma — retrucou, atrevida. — Se veio até aqui por isso, peço que se retire.

Turner segurou-a pelo pulso no momento em que a viu se encaminhar para a porta.

— Não tão depressa.

Ela estava convencida de agir corretamente. Tinha brios, e mais nenhum motivo para precisar se casar. Não deveria aceitar, independentemente de quanto seu coração padecesse. Não poderia desistir de seus objetivos, mesmo porque não era amada pelo pai de seu filho. Se tivesse ao menos um mínimo de consideração, não teria se ausentado por um mês e meio sem dar notícias.

Outrora talvez fosse um cavalheiro. Atualmente não se Comportava como tal.

— Miranda — ele disse com voz macia. Ela inspirou fundo, percebendo a tentativa de sedução para obter seu consentimento.

— Admiro-o por ter vindo cumprir com a sua obrigação. Porém, recusei e não há por que se sentir culpado. Pode voltar para a Inglaterra com a consciência limpa. Até mais ver.

— Não estou de acordo. — Ele apertou-lhe o pulso com mais vigor. — Nós dois temos muito para conversar.

— Engano seu. De qualquer modo, agradeço a sua preocupação. — Com o braço formigando pelo aperto, ela estava ciente de que teria de livrar-se daquela presença tão perturbadora o quanto antes, ou acabaria por ceder ao apelo sensual.

— Discordo completamente das suas palavras. — Turner fechou a porta com a ponta do pé.

Miranda puxou o braço e tentou abri-la, mas ele bloqueou o caminho.

— Esta é a casa dos meus avós e não pretendo envergonhá-los com um comportamento inadequado.

— Creio que está mais preocupada que eles acabarem escutando o que tenho para dizer

— Turner acusou-a, com expressão implacável.

— Está bem. Fale o que quiser.

Como se baixasse a guarda por um momento, ele traçou pequenos círculos na palma da mão dela.

— Estive pensando muito a seu respeito.

— E mesmo? É muito lisonjeiro da sua parte.

— Por acaso tem pensado em mim? — ele perguntou, ignorando a mordacidade, aproximou-se.

Oh, Deus, se ele soubesse...

— Ocasionalmente.

— Só isso? — Turner acariciou o braço de Miranda. — Tem certeza?

— Quase nunca, na verdade — ela mentiu sem segurança.

— Será? — ele indagou, fitando-a com incredulidade. — Acho que a comida escocesa não fez bem para seu cérebro. Tem comido *haggis,* aquela coisa horrível?

Ele se referia a um prato feito com miúdos de carneiro ou bezerro.

Miranda teve a impressão de estar inebriada, como se tivesse bebido. Era a presença daquele homem!

— Não é tão ruim.

A última coisa que queria era ser observada tão intensamente com aquele olhar, que lembrava safiras cintilantes, ou o céu sob a luz do luar. Receava que a sua determinação caísse por terra. Conhecendo-a bem, Turner percebeu e sorriu, tolerante.

— Minha querida, talvez sua memória esteja enfraquecendo e precisando de um incentivo.

Ele baixou a cabeça devagar e beijou-a nos lábios com suavidade. Miranda sentiu imediatamente centelhas espalharem-se pelo corpo e fraquejou. Ele a abraçou com força, fazendo-a sentir sua masculinidade enrijecida.

— Pode sentir o que faz comigo? — sussurrou.

Trêmula, ela anuiu, esquecida de que estavam na casa de seus avós.

— Ninguém mais consegue isso com tanta rapidez, minha querida. Somente você.

O comentário atingiu-a como uma flecha afiada. Ele não passara mais de um mês em Kent na companhia de lorde Harry Não-sei-do-quê? E Olivia não garantira que as festas incluíam vinho, uísque e um grande número de mulheres levianas?

— O que aconteceu?

Com as pernas bambas, Miranda sentia na pele aquela respiração quente atingindo-a como uma carícia. A diferença é que estava preparada e não se deixaria seduzir de novo, por isso empurrou-o, antes que mudasse de idéia.

— Não tente fazer isso comigo.

— Fazer o quê? — indagou com uma máscara de inocência. Ela teve vontade de atirar uma jarra na cabeça dele em resposta, ou melhor, uma travessa cheia de biscoitos embolorados.

— Fazer com que eu me curve à sua vontade.

— E por que não?

— Ora essa, deveria saber muito bem! — Furiosa e humilhada, ela não se conformava com aquela falsa ingenuidade.

— Miranda, por favor!

— Não lhe devo nada. Portanto não me peça favores!

— Suponho que esteja com raiva de mim.

— Mas como é inteligente, Turner! — Miranda estreitou os olhos.

— Bem, quero que saiba que estou arrependido. — A sinceridade foi usada em vez do sarcasmo. — Eu não pretendia ficar tanto tempo em Kent. Nem sei por que fiz isso e lamento profundamente. A idéia inicial foi permanecer lá apenas dois dias.

— Que se transformaram em quase dois meses! Desculpe-me, mas acho difícil acreditar.

— Não me ausentei por todo esse tempo. Quando voltei a Londres, minha mãe explicou a sua ausência, alegando doença na família. E somente com a volta de Olivia eu soube da verdade.

— Não me importo por quanto tempo se demorou nem onde esteve! — Miranda gritou e cruzou os braços. — O fato é que não deveria ter-me abandonado. Entendo que precisava de um tempo para pensar, pois sei que não desejava se casar comigo. Mas sete semanas, Turner? Não se pode tratar uma mulher com tanta falta de consideração. É inconcebível e revelou uma grande grosseria, além de ausência total de cavalheirismo.

Turner esforçou-se para não sorrir diante da amenidade das acusações. Seria mais fácil do que imaginara.

— Tem razão — falou em voz baixa.

— Além disso... O quê? — Ela piscou com espanto pela admissão de Turner.

— Sei que está certa.

— Estou?

— Isso não lhe agrada?

— Pare de tentar me confundir.

— Não foi essa a minha intenção. Caso não tenha notado, estou concordando com as suas acusações. — Turner empenhou-se num sorriso cativante. — Meu pedido de desculpas foi aceito?

Miranda suspirou. Deveria ser proibido um homem possuir encanto tão poderoso.

— Está bem, eu o perdôo. Mas o que esteve fazendo em Kent?

— Bebendo, na maior parte do tempo.

— Só isso?

— Também caçamos um pouco.

— E o que mais?

— Tive de me empenhar para manter Winston, que chegou de Oxford, afastado de confusões. Isso me reteve por mais uma quinzena.

— E?

— Já sei! Quer saber se havia muitas mulheres lá.

— Talvez...

— Havia. Esforçando-se ao máximo, ela procurou engolir o ciúme, saindo da frente de Turner.

— Acho que está na sua hora de retirar-se. Ele segurou-a pelo braço e forçou-a a encará-lo de novo.

— Saiba que não encostei um dedo em nenhuma delas. A intensidade daquela voz sensual foi suficiente para deixá-la com vontade de chorar.

— Por quê?

— Eu sabia que iríamos nos casar, e estar com outra me soaria como traição. Eu não a submeteria a tal agravo.

— Não? — ela murmurou.

— Eu me incomodo com os seus sentimentos e os prezo sinceramente, além de devotar grande consideração por Você.

Miranda foi até a janela. Era um começo de noite claro. O sol ainda estava alto no céu e as pessoas se entregavam alegremente a seus afazeres, como se não tivessem problemas. Ah, como gostaria de ser uma delas. Tinha vontade de sair à rua, afastar-se dos problemas e nunca mais voltar.

Turner queria desposá-la, evitara as tentações e permanecera fiel. Deveria estar

radiante de alegria, mas era impossível afastar a idéia de que tal comportamento era apenas o cumprimento de um dever. Não havia afeição nem amor envolvidos, exceto um desejo evidente.

Uma lágrima deslizou pela face delicada. Aquilo bastaria se não o amasse tanto. Mas a disparidade de sentimentos acabaria por matá-la aos poucos até transformá-la em uma concha triste e vazia.

— Não posso deixar de lhe agradecer por haver feito uma viagem tão longa para me ver. Também foi muito... — ela procurou a palavra adequada — ...honrado de sua parte afastar-se das mulheres de Kent. Tenho certeza de que eram muito bonitas.

— Elas não tinham nem a metade da sua beleza — afirmou, convicto.

Miranda engoliu em seco. A cada segundo, tudo ficava mais difícil. Agarrou-se no peitoril da janela, como se procurasse força para não esvair-se em lágrimas.

— Não posso aceitar o seu pedido de casamento. Fez-se um silêncio mortal. Ela não se virou e, mesmo sem ver aquele rosto de traços fortes, sentiu a raiva com que era encarada.

Por favor, saia desta casa e nunca mais volte, pediu mentalmente. *Por tudo o que for mais sagrado, nem pense em me tocar!*

No entanto suas preces não foram atendidas e Turner segurou-a pelos ombros com violência, virando-a de frente para ele em um supetão.

— O que foi que disse?

— Que não posso aceitar o seu pedido de casamento — ela repetiu, trêmula, sentindo a pele queimar com o toque daquelas mãos grandes e quentes.

— Olhe para mim! Não diga absurdos. Terá de se casar comigo, sim!

Ela negou com um gesto de cabeça.

— Sua tolinha. Será que esqueceu disto? — Ele puxou-a e a beijou sem muita delicadeza.

— Não.

— E quando disse que me amava? Miranda teve vontade de sumir.

— Também não.

— Então, certamente, os dois fatos contam para alguma coisa, não acha?

— E por acaso eu o ouvi dizer alguma vez que me amava? Ou será que ainda não se deteve para uma reflexão sincera? — ela contra-atacou. — Responda!

Ele sentiu-se engasgado. Era impossível verbalizar o que Miranda desejava ouvir.

— Entendi — ela disse num fio de voz.

Na verdade, Turner não tinha certeza se a amava ou não, Contudo admitia que não

queria fazê-la sofrer. Então, por que não pronunciar as três palavras que a fariam feliz?

— Miranda... eu...

— Não abra a boca para dizer o que não sente!

Ele virou-se e foi até um aparador onde vira uma garrafa de conhaque e outra de uísque. Sem pedir permissão, serviu-se do uísque e tomou um grande gole, que desceu queimando, e não se sentiu melhor por isso.

— Miranda — recomeçou, procurando parecer coerente.

— Não sou um homem perfeito.

— Mas tinha a obrigação de ser! — ela vociferou. — Quando eu era menina, achava-o maravilhoso e sem defeitos. Simplesmente por Nigel Turner ser quem era. E as suas atenções e atitudes faziam com que eu me sentisse menos desajeitada. Então houve uma mudança radical em sua mente e pensei que pudesse fazê-lo voltar a ser o mesmo de antes. Tentei, mas não consegui.

— Não é por sua causa...

— Não procure desculpas! Não sou a mulher escolhida por livre e espontânea vontade, e por isso eu o odeio! Escutou bem? Eu o odeio!

Abalada, deu-lhe as costas e abraçou-se, tentando controlar o tremor do corpo.

— Sei que não está dizendo a verdade — ele procurou acalmá-la.

— Não. Mas odeio Letícia. Se ela não tivesse morrido, eu mesma a mataria...

Turner entortou o canto da boca num arremedo de sorriso.

— ...torturando-a lentamente.

— Mas que temperamento maligno — afirmou, como se a elogiasse.

Miranda procurou sorrir, porém os lábios não obedeceram. O silêncio se prolongou até ele falar de novo.

— Tentarei fazê-la feliz, embora não possa corresponder ao seu ideal.

— Eu sei. Achei que poderia ser diferente, mas eu estava errada.

— Assim mesmo entendo que faremos um bom casamento. Bem melhor que a maioria.

Na certa isso significava que eles trocariam algumas palavras pelo menos uma vez ao dia. Seria uma vida boa, porém totalmente vazia. Um casamento não se mantinha com uma paixão platônica e unilateral. Por isso continuou meneando a cabeça negativamente.

— Mas que droga! Nós nos casaremos de qualquer maneira! — vociferou, irritado diante de tamanha impassibilidade. — Por Deus do céu, um filho meu está crescendo no seu ventre!

Então era esse o motivo por que Turner viajara para tão longe e com aquele propósito em mente! Agora sim, as coisas estavam bem claras.

Por mais que Miranda apreciasse o senso de honra, embora atrasado, não havia como contornar o fato de que tinha perdido o bebê. Tivera uma hemorragia, e logo depois o apetite havia voltado, e os enjôos, cessado.

Sua mãe, certa vez, contara que tinha sido exatamente assim com ela, duas vezes antes e duas depois do nascimento de Miranda. Talvez lady Cheever não devesse ter relatado essas coisas a uma filha tão nova, mas ela o fizera por estar morrendo e desejar passar para Miranda o maior número de informações possível. Dissera para não lamentar se o mesmo acontecesse com ela e que bebês que não vingavam poderiam ter má-formação. Miranda passou a língua nos lábios e engoliu em seco:

— Não estou grávida.

—Não acredito no que está me dizendo — Turner retrucou depois de hesitar. — Como assim? — Olivia me contou tudo.

— Eu estava grávida quando sua irmã veio comigo para cá.

— Como saber que não está apenas querendo se ver livre de mim?

— Porque não sou tonta. Acha que eu me recusaria a casar se estivesse esperando um bebê?

Turner pensou um pouco e cruzou os braços.

— De qualquer forma, eu a comprometi e terá de casar-se comigo.

— Não!

— Ah, vai, sim! — Ele a fitou com certa rudeza, fazendo-a recuar. — Mesmo sendo contra a sua vontade.

— Não vejo como poderá me forçar a isso.

— E eu não sei como poderá me impedir.

— Chamarei MacDownes.

— Não acho que terá coragem de fazê-lo.

— Pois eu juro que o farei. — Miranda abriu a boca e fitou-o de esguelha.

— Pode chamar. — Ele deu de ombros. — Desta vez ele não me pegará desprevenido.

— Mac...

Inesperadamente, ele tapou-lhe a boca.

— Tolinha. Além do fato desagradável de um mordomo velho e lutador interromper a minha privacidade, ainda será preciso considerar uma evidência. Chamá-lo aqui apenas apressará o nosso casamento. Não gostaria de ser surpreendida numa posição

constrangedora, não é?

Miranda resmungou qualquer coisa inaudível e o socou no abdômen até ele a soltar. Porém não apelou para MacDownes. Detestava admitir, mas Turner estava certo.

— Por que não me deixou gritar? — ela o provocou. — Não deseja me desposar?

— Sim, mas achei que preferisse resolver o caso com um pouco de dignidade.

Miranda cruzou os braços, sem resposta imediata.

— Agora quero que escute com atenção — Turner falou em voz baixa e ergueu-lhe o queixo para que se fitassem nos olhos. — Vou falar apenas uma vez. Por causa da sua fuga precipitada e conveniente para a Escócia, não precisaremos de licença especial. Considere-se com sorte por eu não a arrastar para uma igreja neste instante. Vista-se e arrume-se com flores, minha querida, pois logo mais terá um novo nome. Miranda fuzilou-o com o olhar, incapaz de encontrar palavras para expressar tanto ódio.

— E nem pense em fugir novamente. Fique sabendo que aluguei uma casa vizinha e contratei um serviço de vigilância em tempo integral para a residência de seus avós. Não conseguirá chegar até o final da rua sem o meu conhecimento.

— Acho que ficou maluco! Turner deu uma risada.

— Pense como quiser. Posso trazer dez pessoas aqui, explicar que a deflorei, que pedi para se casar comigo e que fui recusado. Eles pensarão que estou louco? Certamente não, querida. Agora pare de ser teimosa e veja a situação sob outro ângulo. Nós daremos muito prazer um ao outro e teremos outros filhos. Prometo jamais levantar a mão para você, nem proibi-la de fazer nada, exceto os absurdos. E finalmente acabará sendo irmã de Olivia. O que mais poderia desejar, minha querida?

Amor, seria pedir muito? Mas ela foi incapaz de pronunciar a palavra.

—Pense bem, Miranda, sua situação poderia ser bem pior.

Ela continuou em silêncio.

— Muitas mulheres adorariam estar em seu lugar.

Ela refletiu na possibilidade de apagar a presunção daquele rosto de linhas mais marcantes pela determinação.

— Prometo também que serei muito atencioso no que se refere às suas necessidades. — Ele se insinuou para a frente, assumindo um ar malicioso.

Miranda apertou as mãos nas costas para evitar que tremessem de frustração e raiva.

— Ainda vai me agradecer algum dia.

Ela deu um grito e começou a esmurrá-lo com as duas mãos em punhos.

— O que houve agora? — perguntou, tentando se esquivar dos socos.

— Nunca mais diga que ainda vou lhe agradecer! Entendeu? Jamais!

— Pare com isso! Ficou louca?

Turner ergueu as mãos para proteger o rosto. A própria postura covarde não lhe agradou, mas achou melhor deixá-la extravasar a raiva. Nada poderia fazer a não ser defender-se.

— E nunca mais use tons benevolentes comigo! — esmurrou-lhe o peito.

— Acalme-se, querida. Prometo que não farei isso.

— Está fazendo agora!

— De maneira nenhuma.

— Está, sim.

— Não, não estou.

Aquilo estava ficando tedioso.

— Miranda, estamos agindo como crianças.

Ela empertigou-se e fitou-o com certa selvageria, destinada a amedrontá-lo.

— Não me importo.

— Bem, talvez se resolvesse agir como uma pessoa adulta, eu mudaria de tom.

— Quer saber de uma coisa? — Estreitando os olhos, resmungou com voz rouca: — Algumas vezes tenho a impressão de estar falando com um idiota.

E, inesperadamente, atingiu-o com o punho fechado. Turner gritou uma imprecação e, sem acreditar no que acontecia, levou a mão ao olho machucado.

— Quem lhe ensinou a dar socos?

— MacDownes — respondeu sorrindo.

24 de agosto de 1819, quase dia 25,

MacDownes informou aos meus avós sobre a visita que recebi hoje, e eles logo desconfiaram de quem se tratava. Não pude mentir para eles. Jamais o faria. Disse a verdade, que Turner viera para se casar comigo. Eles reagiram com grande alegria e muito alívio até eu contar sobre a minha recusa. Vovô desandou em mais uma ladainha, dessa vez contra mim e minha falta de juízo. Ou, pelo menos, foi o que me pareceu.

Assim eu me vi com os três alinhados contra mim. Receio estar enfrentando uma batalha perdida.

CAPÍTULO VIII

Miranda suportou durante três dias, e com dignidade, a oposição. A avó mudou de tática, usando uma adulação terna.

— Eu entendo, minha filha, que lorde Turner talvez tenha sido um pouco indolente nas suas atenções, mas ele não se esquivou diante dos deveres. Afinal, não a forçou...

— Não precisa repetir — ela enrubesceu.

— Bem, seu consentimento foi...

— Eu sei, vovó.

— Minha filha, enfim, o que há de errado com o visconde? Ele me parece uma ótima pessoa e assegurou que será capaz de prover às suas necessidades e também que cuidará com carinho da minha neta, isto é, da esposa dele.

Miranda cerrou os dentes.

Na noite anterior as apresentações formais foram feitas. Em menos de uma hora sua avó já estava encantada. Aliás, Turner deveria afastar-se das mulheres de qualquer idade.

— Não acha que ele é muito atraente? — a avó perguntou. — Claro que sim. Quem não o acharia encantador? Só um cego mesmo. Concorda comigo, minha filha?

Miranda não estava com vontade de concordar.

— É evidente que um belo rosto pode esconder uma mente mal-formada — prosseguiu a senhora —, mas o visconde mo parece muito inteligente e sensato. E bastante amável. Convenhamos, querida, sua situação poderia ser bem pior. — A avó olhou-a com severidade. — Sabe de uma coisa? Não acho que será capaz de encontrar coisa melhor.

Aquela era uma verdade dolorosa que até estava demorando para surgir.

— Posso ficar solteira.

A avó não considerou a opção viável e não perdeu tempo 6m discuti-la:

— Não estou me referindo ao título ou à fortuna. Ele seria um bom partido mesmo se não tivesse um xelim.

A resposta restringiu-se a um dar de ombros, uma tossidela e uma inclinação de cabeça. E pensou ter resolvido o problema.

O engano não demorou a mostrar sua face. Turner usou *o round* seguinte para um apelo à natureza romântica de Miranda. Grandes buquês de flores chegavam a cada duas Ou três horas, cada uma com bilhetes idênticos:

Case-se comigo, Miranda.

Ela tentou ignorar as flores de todas as maneiras, mas não foi fácil. Em pouco tempo

lotavam todos os cantos da casa. Turner fazia grandes progressos com a avó de Miranda, que redobrava os esforços para convencê-la a casar-se com o encantador e generoso visconde.

— Pelo amor de Deus, menina, será que perdeu completamente o juízo?

Miranda nada respondia, mesmo porque não saberia o que dizer.

Nova tentativa e, dessa vez, com uma mensagem que apresentava um erro tático:

Eu a perdôo por haver me agredido.

Em princípio, aquilo a irritou muito, pois havia sido justamente aquele tom condescendente que a levara a dar-lhe um soco. Depois reconheceu o significado oculto, que soava como uma advertência sutil. Ele não toleraria por muito tempo sua teimosia.

No segundo dia do cerco, Miranda deu-se conta de que ar puro era uma necessidade primordial. A fragrância de todas aquelas flores tornara-se bastante enjoativa durante a gravidez, mas agora...

Decidida, pegou o chapéu e foi até o parque das proximidades, o Queen Street Garden, para espairecer.

Turner pôs-se a segui-la imediatamente. Não estava brincando ao afirmar que a casa se encontrava sob vigilância cerrada. No entanto ocultara não ter contratado serviços profissionais de espreita, mas que designara seu criado de quarto para tal tarefa. Depois de oito horas de observação ininterrupta pela janela, o pobre rapaz finalmente suspirou aliviado. A dama em questão saía de casa, e ele poderia abandonar o posto.

Sorriu ao vê-la caminhar com passos rápidos e estranhou que não estivesse acompanhada de uma criada. Edimburgo não era tão perigosa como Londres, mas uma dama de boa estirpe não podia sair sozinha. Ele não toleraria esse tipo de comportamento quando estivessem casados.

E eles haveriam de se casar, o contrário estava fora de questão.

Contudo seria preciso abordar o assunto com um pouco mais de delicadeza. Fazendo uma retrospectiva, Turner reconheceu que a nota expressando seu perdão fora provavelmente um deslize. No íntimo, sabia que a irritaria, mas não conseguira controlar o ímpeto de escrever. E não era para menos. Toda vez em que olhava no espelho, via o olho roxo.

Miranda chegou ao parque e andou por alguns minutos até encontrar um banco desocupado. Sentou-se e tirou um livro da sacola.

Encostado numa árvore a cerca de cinqüenta metros de distância, Turner sorriu, e a própria satisfação o surpreendeu. Comprazia-se em contemplá-la entretida na leitura. Imaginou-a sentada atrás da secretária na sala de estar Conjugada a seu quarto na Nortúmbria. Estaria escrevendo uma carta, na certa para Olivia, relatando os últimos acontecimentos.

Compreendeu de repente que mesmo não sendo o ideal, aquele casamento poderia ser

muito bom e que tinham chance de ser felizes.

Assobiando, aproximou-se dela e largou-se no banco.

— Olá, meu anjo.

Miranda suspirou e revirou os olhos.

— Ah, que surpresa — murmurou, sem convicção.

— Acredito que não estivesse esperando outra pessoa. Miranda fez uma careta ao observar-lhe o rosto.

— Perdoe-me tê-lo atingido no olho.

— Se está lembrada, eu já a perdoei.

— Eu sei. — Aguardou alguns momentos e tornou a abrir livro. — Estou tentando ler.

— Percebi. Isso é muito bom. Gosto de mulheres que ampliam seus horizontes. — Turner pegou o livro para ler o foilo. *Orgulho e Preconceito.* Está gostando?

— Estava.

Ele ignorou o sarcasmo. Folheou as primeiras páginas, sem desmarcar onde ela parara.

— *É uma verdade universalmente aceita que um homem solteiro e rico deve casar-se* — leu em voz alta.

Miranda tentou retomar o livro, mas ele afastou-o.

— Uma idéia interessante. Eu certamente quero uma esposa.

— Vá para Londres. Lá, encontrará uma quantidade enorme de mulheres.

— Caso ainda não saiba, sou dono de uma boa fortuna. — Turner inclinou-se para a frente, devolveu-lhe a obra e sorriu.

— Nem imagina o meu alívio ao saber que a fome nunca baterá à sua porta.

— Ah, minha querida, por que não desiste? Desta vez não poderá vencer — provocou-a com a usual maestria.

— Não acredito que haja sacerdotes que realizem um casamento sem o consentimento da mulher.

— Sua anuência é ponto pacífico.

— Como?

— Esqueceu que afirmou me amar?

— Isso foi há muito tempo. — Miranda apertou os lábios.

— Digamos há dois ou três meses? Não é tanto assim. O amor voltará.

— Não diante da maneira como vem agindo.

— Ah, que língua mordaz! E se quer saber, essa é uma das suas qualidades que mais aprecio.

Miranda teve de se conter para não o enlaçar pelo pescoço.

—Bem, já estou embriagada de tanto ar puro — anunciou, escondendo o sorriso, e levantou-se com o livro apertado de encontro ao peito. — Vou para casa.

— Então eu a acompanharei, lady Turner — anunciou ele, colocando-se em pé também.

— Como é que me chamou? — indagou, prendendo a respiração por um momento.

— Estava testando o nome. Combina bem com você. Creio que se acostumará bem com ele e, quanto antes, melhor.

Ela sacudiu a cabeça e fez o caminho de volta para casa. Embora andasse depressa, Turner não teve a menor dificuldade em alcançá-la.

— Vou lhe dizer uma coisa. Se me der apenas um bom motivo por que não devemos nos casar, eu a deixarei em paz.

— Não gosto do senhor.

— Isso é mentira, portanto não vale.

Ela pensou um pouco e andou mais rápido ainda.

— Não preciso do seu dinheiro.

— Claro que não. No ano passado Olivia me contou que sua mãe lhe deixou uma pequena herança, o suficiente para mantê-la com conforto. Mas é uma visão acanhada recusar um pedido de casamento por não querer ter mais dinheiro, não é verdade?

Miranda cerrou os dentes e continuou andando. Logo chegou aos degraus da casa dos avós, seguida de perto por aquela presença perturbadora. Antes porém de conseguir entrar, ele a segurou pelo pulso, detendo-a.

— Viu só? — Sorriu com presunção. — Não encontrou nenhuma razão, por menor que fosse.

— Talvez não — constatou ela com frieza —, mas também não encontro nenhum motivo para aceitá-lo.

— Sua reputação não seria uma boa causa?

— Meu bom nome não está em perigo.

— Não?

— Não ousaria fazer o que estou pensando, Nigel Turner!

— Em geral não sou um brutamontes. Mas não me subestime. Vamos nos casar e ponto final.

Turner não teria de subir ao altar se não quisesse, ninguém o forçava a nada. Ali estava, numa bandeja de prata, a oportunidade de fugir.

— Quer mesmo que eu seja sua esposa?

— Sou um cavalheiro e faço questão de reparar os meus erros.

— Então sou um erro?

— Eu deveria ter agido com maior sensatez, e não tê-la seduzido. Muito menos poderia abandoná-la durante as semanas que se seguiram. E para isso não existe desculpa, exceto os meus defeitos. Não permitirei que o meu bom nome seja enxovalhado, por isso terá de se casar comigo. — Turner mostrava-se igualmente constrangido.

— O senhor deseja a mim ou à sua honra?

— As duas são a mesma coisa.

28 de agosto de 1819, Eu me casei com Turner.

A cerimônia foi simples. Os convidados resumiram-se aos avós de Miranda, à esposa do vigário e, por insistência da noiva, à presença de MacDownes.

Seguindo a vontade de Turner, eles partiram para a Nortúmbria imediatamente após a cerimônia, que foi realizada às primeiras horas da manhã. O trajeto seria longo até Rosedale, o presbitério da época da Restauração que os recém-casados chamariam de lar.

Miranda despediu-se de todos e Turner ajudou-a a subir na carruagem, segurando-a pela cintura por mais tempo do que o necessário. Ele se admirou pela satisfação que experimentava.

No tempo em que havia vivido com Letícia, não tivera um minuto de paz. Fora arrastado àquela união num ímpeto vertiginoso de desejo e excitação que se transformara depressa em desilusão e num terrível sentimento de perda. E depois de tudo acabado, restara apenas o ódio.

Admitiu agradar-lhe a idéia de ter Miranda como esposa. Ela nunca o trairia, fosse com o corpo ou com o pensamento. Mesmo sem a obsessão que experimentava por Letícia, desejava Miranda com uma intensidade que o surpreendia. Vê-la, sentir seu perfume, ouvir sua voz... despertava seu desejo. Tocar-lhe no braço e sentir o calor de seu corpo era imensamente aprazível. Gostava de recordar o que acontecera entre eles.

Fechava os olhos e voltava ao pequeno pavilhão de caça. Cobria o corpo dela com o seu e voltava a ser dominado por um sentido primitivo e selvagem.

Turner entrou no veículo e sentou-se do mesmo lado, embora mantendo uma certa distância para conter a vontade de tomá-la nos braços.

Viajariam por muitas horas naquele dia. Seria prudente esperar um pouco.

Enquanto o coche deixava Edimburgo, Turner notou que ela tinha as mãos crispadas sobre a saia verde do vestido de noiva. Os nós dos dedos brancos eram um testemunho de seu nervosismo. Por duas vezes desejou acariciá-la, mas desistiu por não saber como seria recebido.

— Se quiser chorar — falou com suavidade —, eu não a julgarei mal.

— Estou bem. — Ela continuou a olhar em frente.

— Tem certeza?

— Claro. Acabei de me casar, e isso não é o que toda mulher deseja?

— Era o que almejava?

— Agora é um pouco tarde para se preocupar a respeito, não acha?

— Não sou tão terrível assim, querida. — A afirmativa veio acompanhada por um sorriso torto.

Miranda riu, nervosa.

— Claro que não. O senhor... você é tudo o que sempre desejei. Não é isso que tem me repetido há dias? Que sempre o amei?

— Venha cá. — Turner desejou que aquelas palavras não fossem tão irônicas. Então, apara amenizar o mal-estar, puxou-a pelo braço.

— Quero ficar aqui... espere... Ah! — Miranda teve a impressão de ter sido segura por uma cinta de ferro.

— Assim é bem melhor, não é?

— Agora não posso olhar pela janela — resmungou com azedume.

— Ali fora não há nada que não tenha visto antes. — Turner afastou a cortina e espiou. — Gramados, árvores, umas poucas choupanas. Tudo sempre igual. — Acariciou-lhe a mão. — Gostou do anel? Sei que é simples, mas alianças apenas de ouro fazem parte dos hábitos da minha família.

A respiração dela tornou-se mais rápida ao sentir o calor dos dedos de Turner.

— É linda. Também não gosto de muita ostentação.

— Foi o que imaginei. Você é uma mulher elegante. Ela corou e girou o anel no dedo sem parar.

— Olivia é quem escolhe as minhas roupas.

— Mas tenho certeza de que não se deixaria persuadir a usar nada espalhafatoso.

Miranda fitou-o de viés. Com um sorriso bondoso e singelo, Turner ergueu-lhe a mão e beijou levemente a parte interna do pulso e anunciou:

— Tenho um presente para você.

Ela não ousou fitá-lo para não perder a compostura.

— Olhe para mim — Turner pediu e, com dois dedos sob o queixo de Miranda, virou-lhe o rosto para ele. Tirou do bolso uma caixinha de veludo. — Por causa da correria desta semana, esqueci-me do anel de noivado.

— Oh, mas isso não era necessário — ela alegou sem muita convicção.

— Shh... — sorriu maliciosamente —, e aceite o oferecimento.

— Está bem — Miranda murmurou e levantou a tampa da caixinha. Dentro brilhava um diamante oval circundado por duas safiras. — É lindo, e combina com os seus olhos.

— Eu lhe asseguro que essa não foi a minha intenção — garantiu ele com voz rouca, tirou o anel da caixinha e o deslizou pelo dedo de Miranda. — Serviu?

— Perfeitamente.

— Tem certeza?

— Eu diria, se não servisse. Muito obrigada pela atenção. — Ela inclinou-se para o lado e beijou-lhe a face.

Turner segurou-lhe o rosto entre as mãos.

— Verá que não serei um marido tão terrível. — Beijou-a levemente nos lábios, e Miranda amoldou-se àquele corpo irresistível, seduzida pelo calor e pelas palavras murmuradas. — Tanta doçura e suavidade... — Com agilidade tirou os grampos dos cabelos dela, correndo os dedos por entre eles. — Eu jamais poderia imaginar...

Miranda expôs o pescoço para facilitar o acesso.

— O quê?

— Que eu te desejasse tanto, que receberia uma retribuição à altura e que tudo seria assim — respondeu, beijando-lhe a pele alva do pescoço.

— Eu sempre soube — ela afirmou sem refletir, mas não se importou.

Os beijos recomeçaram, dessa vez com mais intensidade.

— Você é uma moça deveras inteligente. Eu deveria tê-la escutado há tempos.

Ele baixou-lhe o vestido nos ombros e pressionou os lábios no alto do busto. Aquilo foi demais para ela, que arqueou as costas e não ofereceu resistência ao sentir que seu corpete começava a ser desabotoado. Em segundos o vestido veio parar na cintura e Turner tomou o bico de um seio entre os lábios.

Ela gemeu tanto pelo susto como pelo prazer.

— Ah... mais... não pare...

— Essa é uma ordem que obedecerei com o maior prazer. — Ele repetiu a tortura no outro seio.

Enquanto beijava e sugava, Turner continuava a acariciá-la com as mãos, ao redor da cintura, nas costas e nas pernas, como se pretendesse marcá-la para sempre como sua propriedade.

Miranda sentia-se feminina e devassa. A excitação queimava em seu interior e nos lugares mais estranhos.

— Ah, como eu te desejo... — Ela passou os dedos nos cabelos de Turner. — Eu quero... aquilo.

Ele acariciou-lhe a parte interna das coxas e continuou subindo. Porém, antes de tocá-la, sussurrou-lhe ao ouvido:

— Às suas ordens, lady Turner.

Miranda não teve tempo de surpreender-se com o novo sobrenome. Esforçava-se para não gritar pelos carinhos eróticos nos quais Turner se esmerava.

Nisso, ele afastou a cabeça, mas não os dedos. Miranda o mataria se tentasse abandoná-la.

— Sei de algo que vai agradá-la ainda mais. — Turner sorriu.

Ela ficou assustada ao vê-lo de joelhos no piso da carruagem.

— O que vai...

Não conseguiu terminar a pergunta ao vê-lo enfiar a cabeça sob suas saias, e precisou sufocar um grito ao senti-lo fazer um trilha quente e úmida de beijos ascendentes na coxa.

Não teve mais dúvida qual seria o ponto de chegada daquela viagem alucinante, quando Turner separou-lhe as pernas e preparou-a para...

Seus lábios.

Depois disso, a razão perdeu o sentido. O que ela sentira na primeira vez, que havia sido muito bom, não era nada em comparação com o que acontecia naquele momento. A boca depravada de Turner enfeitiçou-a. E quando ela se sacudiu e o mundo se partiu em milhões de partículas, a emoção envolveu seu corpo e sua alma.

Miranda encontrava dificuldade para respirar. Como alguém conseguiria sobreviver àquela turbilhão de loucas sensações?

De repente, ela viu o rosto sorridente de Turner.

— Meu primeiro presente de casamento para você — ele anunciou.

— Eu... eu...

— Apenas um agradecimento será o suficiente.

— Obrigada. — Miranda suspirou e Turner beijou-lhe a boca.

Ele vestiu-a cuidadosamente e terminou com uma carícia no braço, parecia estar com a paixão arrefecida, enquanto a de Miranda continuava em chamas.

— Você não... quer...

Ele a fitou com intensidade.

— Não há nada no mundo que eu mais deseje. Porém terei de abster-me, a menos que prefira passar a noite de núpcias dentro de um veículo em movimento.

— E por que fez... isso?

— Foi um pequeno regalo para minha esposa.

— Ah... — Ela procurou lembrar-se por que pretendera evitar o casamento com tanta veemência.

Seria maravilhoso ter a vida inteira recheada de pequenas lembranças.

Exausta, lânguida e sonolenta, encostou-se em Turner.

— Podemos fazer isso de novo? — perguntou, saboreando o calor do marido.

— Com certeza. — Ele sorriu e observou-a adormecer. — Eu prometo.

De acordo com os padrões aristocráticos, Rosedale era de proporções modestas. A residência aconchegante e requintada pertencia aos Bevelstoke havia gerações. O filho mais velho, por direito consuetudinário, utilizava a mansão rural antes de ascender ao condado e a Haverbreaks, que era muito maior. Turner amava Rosedale, as paredes de pedra e os telhados com bordas de ameias. Amava, sobretudo, a paisagem agreste, domesticada apenas por centenas de rosas, plantadas ao redor da casa.

O casal almoçou na fronteira e chegaram tarde da noite. Miranda explicara que o movimento dos veículos a deixava sonolenta e dormira durante algum tempo. Turner não se incomodou. Gostava do silêncio da noite, quebrado apenas pelo trotar dos cavalos, das rodas e do vento. Gostava de acompanhar o luar que se infiltrava pela janela. Tinha prazer em contemplar a esposa.

Ao apear da carruagem, ele pediu silêncio aos criados que se aproximavam para ajudar, recuou e tomou a esposa nos braços. Ela nunca estivera em Rosedale, embora não fosse tão longe da região dos lagos.

E desejou começar a compartilhar a vida a partir do gosto do lugar que tanto amava. E achou que seria possível, que seriam felizes assim.

Turner se detivera em Rosedale a caminho da Escócia e tinha instruído os criados para aprontarem a casa. Por ele não haver declarado uma data precisa da volta, a criadagem não estava reunida para saudar a nova viscondessa. Turner alegrou-se, pois assim não a acordaram.

Entrou em seus aposentos e notou que a lareira já estava acesa. Embora estivessem no verão, as noites na Nortúmbria eram frias.

Deitou Miranda na cama, e dois criados trouxeram a pequena bagagem. Turner sussurrou ao mordomo que sua esposa talvez quisesse conhecer os criados pela manhã ou até mesmo mais tarde.

Miranda, murmurando de maneira inconsciente, abraçou um travesseiro. Assim que o mordomo saiu, Turner aproximou-se dela e cochichou:

— Não durma ainda. Vamos tirar as roupas. — Como ela estava deitada de lado e não respondeu, ele pôs-se a lidar com os botões das costas. — Pode sentar-se para eu tirar o seu vestido?

Como uma criança sonolenta, permitiu que ele a sentasse.

— Onde estamos? — bocejou, não totalmente desperta.

— Em Rosedale, sua nova casa. — Turner levantou-lhe o vestido até os quadris.

— Ah, que bom. — Miranda se largou de novo na cama. Ele sorriu, indulgente, e tornou a levantá-la.

— Só mais um minuto. — Com habilidade, puxou o vestido e passou-o pela cabeça.

— Hum... — ela murmurou e procurou entrar embaixo do acolchoado.

— Ainda não. — Turner segurou-a pelo tornozelo. — Não costumamos dormir vestidos.

A camisa foi jogada no chão por cima do vestido. Miranda, sem perceber que estava despida, finalmente cobriu-se, suspirou e adormeceu.

Turner achou graça e observou-a. Nem notara que os cílios dela eram tão longos. Cansado, também tirou as roupas e deitou-se. Puxou-a para o centro da cama e achegou-se no calor daquele corpo frágil. A pele suave era convidativa e ele acariciou-lhe o ventre. Talvez sentindo cócegas, Miranda deu um gritinho e virou-se.

— Vai dar tudo certo — sussurrou.

Sentiam afeto e atração, o que nem todos os casais tinham. Turner beijou-lhe os lábios e traçou seu contorno com a ponta da língua.

Miranda descerrou as pálpebras.

— Está me parecendo a Bela Adormecida, que é acordada com um beijo.

— Onde estamos?

— Em Rosedale. Você já me perguntou isso.

— É mesmo? Não me lembro.

— Ah, minha querida, você é uma pessoa muito doce — constatou, tornando a beijá-la.

Miranda suspirou de contentamento, mas tornou a fechar os olhos.

— Turner?

— Sim?

— Desculpe-me.

— Por quê?

— Eu não posso... isto é, estou muito cansada. — Bocejou. — Não posso cumprir com o meu dever.

Ele sorriu, tomou-a nos braços e a beijou na testa.

— Não pense em algo tão esplêndido como se fosse um dever. E eu não sou um patife para forçar uma mulher exausta. Temos muito tempo, não se preocupe.

Miranda já havia adormecido e Turner beijou-lhe os cabelos.

— Temos a vida inteira.

Miranda acordou primeiro naquela manhã. Bocejou e abriu os olhos. A luz do sol se insinuava por entre as cortinas, mas não era por isso que a cama estava quente. Encontrava-se aconchegada em Turner, que a abraçava pela cintura. Era ele que irradiava calor.

Virou-se para observá-lo melhor. O rosto aparentava jovialidade, característica acentuada pelo sono. Parecia um anjo, sem nenhum traço do cinismo que às vezes lhe toldava a expressão.

— Temos de agradecer a Letícia por isso — ela murmurou e tocou-lhe a face.

Turner se mexeu e balbuciou qualquer coisa, dormindo.

— Ainda não, meu amor. — Corajosa por ele não a escutar, usou palavras de carinho: — Gosto de apreciar você dormindo.

Turner dormia, enquanto ela escutava sua respiração. Decididamente, estava no paraíso.

Finalmente ele se espreguiçou e abriu os olhos. Fitou-a, sonolento e sorridente.

—Bom dia — murmurou, ainda tonto de sono.

— Bom dia. Turner bocejou.

— Faz tempo que está acordada?

— Não muito.

— Está com fome? Posso pedir o desjejum. Miranda negou com um gesto de cabeça.

— Seu rosto fica rosado pela manhã — disse sorrindo, depois de bocejar também.

— É mesmo?

— Sua pele está brilhando.

— Não pode ser.

— É verdade, acredite em mim.

— Minha mãe sempre me dizia para desconfiar de homens que dizem isso.

— Bem, ela não me conhecia — improvisou e tocou os lábios dela com a ponta do indicador. — Eles também estão rosados.

— Verdade?

— Sim, mas não tanto como outras partes do seu corpo. Miranda ficou vermelha.

— Estas, por exemplo. — Turner roçou as palmas nas pontas dos seios e depois acariciou-lhe a face. — Ontem à noite você estava muito cansada.

— É verdade.

— Nem mesmo teve condições de atender a certos compromissos.

Ela engoliu em seco e evitou gemer enquanto Turner lhe acariciava as costas.

— Creio que está na hora de consumar o nosso matrimônio — ele cochichou, mordiscando-lhe a orelha.

Quando Turner a puxou de encontro a si, Miranda entendeu que o assunto era urgente. Ela sorriu com fingida reprovação.

— Se está lembrado, o caso foi resolvido prematuramente.

— Isso não valeu — Turner contestou, alegre. — Nós não éramos casados.

— Então não deveríamos ter subido ao altar.

— Suponhamos que esteja certa, mas afinal tudo foi solucionado. Não creio que vá se aborrecer comigo por eu ser tão viril.

Apesar da sua ingenuidade, Miranda revirou os olhos, porém não chegou a responder. Turner manipulava os mamilos, e a sensação se refletia entre as pernas de Miranda.

Ela teve a impressão de que derreteria sob as carícias sensuais. Turner beijou-lhe os seios, o ventre e as pernas. Não havia parte do corpo da esposa que não o interessasse.

Deitada de costas, Miranda não sabia o que fazer. Contorcia-se e gemia, dominada pelas prazerosas sensações.

— Gosta disso? — Turner beijou-lhe a parte interna dos joelhos.

— Adoro tudo o que você faz. Ele beijou-a na boca.

— Nem pode imaginar como me agrada ouvi-la dizer isso.

— O que talvez possa não ser respeitável.

— Não menos do que eu lhe fiz na carruagem. Miranda enrubesceu com a lembrança e teve de se conter para não pedir uma repetição.

Turner tinha a capacidade de ler sua mente ou, pelo menos, sua expressão. Com um resmungo de prazer, ele fez um caminho descendente de beijos até atingir-lhe a feminilidade. Beijou a parte interna de uma coxa e depois da outra.

— Ah, sim... — Miranda esqueceu a vergonha. Não se importava se Turner a transformava numa libertina. Só queria sentir prazer.

— Minha doçura...

Turner pôs a mão no monte de Vênus, sua respiração quente tocando a pele delicada. Ela ficou tensa, apesar da intensidade com que desejava o contato.

Ele inclinou-se e beijou o ponto mais sensível. Incapaz de dizer alguma coisa coerente, Miranda dava gritos agudos de prazer. Agarrou-se nos cabelos do marido e movimentou sensualmente os quadris. Turner fez um movimento para se levantar, mas ela segurou-o com firmeza, impedindo-o de sair do lugar. Depois de alguns momentos, ele soltou-se e alçou o corpo até nivelar seus lábios com os dela.

—Pensei que não me deixaria mais respirar—murmurou.

Miranda corou, e ele mordiscou-lhe a orelha.

— Gostou disso?

Ela anuiu, incapaz de falar.

— Há muitas coisas para você aprender.

— Eu poderia... — Como perguntar tal coisa?

— O que pretende fazer?

Miranda procurou afastar a vergonha.

— Eu poderia... tocar em você?

Em resposta, Turner segurou-lhe a mão, passou-a pelo próprio corpo e, quando chegou à sua masculinidade, Miranda, num ato reflexo, recuou os dedos. Era muito mais quente do que imaginara e muito mais rijo. Paciente, ele guiou a mão delicada de volta. Dessa vez Miranda iniciou por conta própria os afagos e maravilhou-se com a suavidade da pele distendida.

— É diferente e estranho.

Turner deu risada, mais para conter o desejo que o torturava.

— Para mim sempre pareceu normal.

— Eu quero ver.

— Ah, querida. — Ele teve de cerrar os dentes.

— Espere um pouco. — Ela puxou as cobertas sem avisar e descobriu-o. — Oh, Senhor! — Miranda inspirou fundo. Não podia acreditar que tudo aquilo coubesse dentro dela. Ainda curiosa, envolveu o membro com a mão e apertou-o ligeiramente.

Turner quase caiu da cama.

— Eu o machuquei? — perguntou, largando-o imediatamente.

— Não. Por favor, faça de novo.

Ela sorriu, satisfeita, e repetiu a carícia.

— Posso beijá-lo?

— Acho melhor não — Turner respondeu, embriagado de prazer.

— Mas se você... fez isso comigo...

Ele deu um gemido, deitou-a de costas e acomodou-se entre suas pernas.

— Poderá fazer isso mais tarde.

Incapaz de controlar por mais tempo sua paixão, Turner beijou-a com volúpia e, apressado, afastou aquelas pernas bem torneadas com o joelho.

Miranda ergueu os quadris para permitir-lhe mais facilmente o acesso. Turner penetrou-a e começou a movimentar-se para a frente e para trás, devagar, porém com firmeza.

— Ah, Miranda... — ele gemeu. — Oh!

Ela virava a cabeça de um lado para outro. Não conseguia manter-se imóvel, mesmo presa no lugar com o peso de Turner.

— Você é minha, Miranda? — indagou ele com voz rouca, aumentando o ritmo das investidas.

Ela gemeu em resposta.

Turner parou, fitando-a com olhar arrebatado e penetrante.

— Responda.

— Eu sou sua — Miranda sussurrou.

— Toda minha, desde aqui... — Ele segurou-lhe um seio com a mão em concha — ...até aqui. — Passou o dedo pelo contorno do rosto. — E aqui. — Saiu de dentro dela e, logo em seguida, investiu novamente até o fim.

— Oh, Turner! Tudo o que você quiser! — Miranda exclamou.

— Eu quero você.

— Eu sou sua. Juro.

— Prometa que não conhecerá ninguém mais. — Novamente Turner deslizou para fora.

Miranda ficou desolada ao não senti-lo mais e por pouco não chorou.

— Prometo, juro. Por favor, volte para mim.

Ele tornou a penetrá-la, e Miranda inspirou com alívio e desejo renovado.

— Jamais haverá outro homem. Entendeu?

Ela sabia que aquela agressividade toda se devia à traição de Letícia, mas envolvida na paixão do momento, nem pensou em recriminá-lo por estar sendo comparada à falecida.

— Eu nunca desejei outro homem.

— Nem pensará em mais ninguém — Turner afirmou, como se a verdade dependesse do que dizia.

— Em tempo nenhum! Por favor, eu preciso... de você...

— Sei o que está querendo.

Ele tomou um dos mamilos entre os lábios e aumentou o ritmo das arremetidas. Miranda sentiu aumentar a pressão, e espasmos de prazer dardejavam em seu ventre, braços e pernas. Pensou que fosse morrer no momento em que as convulsões tomaram conta de seu corpo, que apertava aquela masculinidade como luva de seda. Gritou o nome do marido e agarrou-se nos braços fortes, enquanto seus ombros se erguiam da cama com a força do clímax.

A intensidade da realização de Miranda alçou Turner a um indescritível prazer. Com um grito abafado, ele investiu pela última vez com ímpeto e até o fim. O êxtase foi tamanho que ele mesmo ficou admirado. Depois, exausto, largou-se por cima dela.

Não se recordava de ter experimentado satisfação tão grande. Era como se os toques e os movimentos tivessem um significado especial e fossem exacerbados pela certeza de que Miranda era somente sua. Espantou-se pelo próprio senso de posse e por havê-la feito jurar fidelidade. Desgostou-se pelo fato de ter manipulado a paixão de Miranda para servi-lo.

Ela estaria com raiva e o odiaria por aquilo? Turner ergueu a cabeça e fitou-a. De olhos fechados, ela sorria como uma mulher satisfeita.

— Está corada, querida.

— Ainda? — Ela não abriu os olhos.

— Bem mais.

Ele apoiou-se nos cotovelos para aliviar o peso e não sufocá-la. Com a ponta do indicador acariciou-lhe a face, o contorno dos lábios e dos olhos. Cutucou os cílios.

— Abra-os.

— Bom dia. — Ela descerrou as pálpebras.

— Um dia, aliás, que começou de modo excelente — Turner deu um sorriso maroto.

— Não está desconfortável? — Sentiu-se envergonhada sob o olhar intenso.

— Gosto de observá-la por cima.

— Mas os seus braços...

— São fortes e poderão sustentar-me por mais tempo. Embaraçada, ela virou o rosto.

— Não, senhora. Olhe para mim. — Com a ponta do dedo no queixo, Turner a fez encará-lo. — Você é muito bonita.

— Não sou. — Miranda não ignorou a mentira.

—Vai parar de discutir comigo sobre isso? Sou mais velho e conheço muitas mulheres.

— Conhece? — Ela não duvidou da afirmativa.

— Isso, minha querida esposa, é outro assunto que não requer discussão. O importante é que sou um pouco mais experimente do que você e terá de aceitar a minha opinião a respeito. Se eu digo que é bonita, significa que é verdade.

— Sei que é boa vontade sua...

— Está começando a me irritar, doçura.

— Deus do céu, não tive intenção de fazê-lo.

— Ainda bem.

— Você é muito atraente, Turner. — Ela o fitou com um sorriso matreiro.

— Obrigado — ele respondeu, magnânimo. — Viu como eu aceito um elogio sem hesitar?

— Já estragou o efeito por salientar seus bons modos.

— Ah, essa língua afiada... Terei de fazer algo a respeito.

— Beijar-me, talvez?

— Sem problemas. — Ele traçou-lhe com a língua o contorno dos lábios. — Muito gostoso.

— Não sou geléia de frutas.

— Ah, de novo a mordacidade. — Turner suspirou.

— Acho que terá de continuar me beijando.

— Está bem... — Ele suspirou como se o pedido fosse uma ordem, abaixou-se e beijou-a.

Depois, ergueu a cabeça e fitou aquele rosto e o corpo resplandecente. Essa talvez fosse a única palavra certa para descrever o brilho que emanava da pele tão clara.

— Por Deus, Miranda... Você é muito bonita! Turner abaixou-se, rolou de lado e tomou-a nos braços.

— Nunca vi ninguém com este aspecto radioso. Vamos ficar deitados sob o efeito deste encantamento.

Ele adormeceu, pensando no excelente começo de seu matrimônio.

6 de novembro de 1819,

Faz dez semanas que Turner e eu nos casamos, e esta é a terceira desde a última menstruação. Não me surpreenderia se estivesse grávida novamente e com tanta rapidez. Turner é um marido muito atencioso.

Não tenho do que me queixar.

12 de janeiro de 1820,

Quando fui tomar banho esta noite, tive a nítida impressão de que o meu ventre estava um pouco dilatado. Creio que desta vez a gestação vingará.

30 de abril de 1820,

Ah, estou enorme e ainda faltam três meses. Turner não se cansa de adorar o meu tamanho e está convencido de que será uma menina. "Eu te.amo", ele sussurra a toda hora para a minha barriga.

Mas somente para ela, não para mim. Para ser sincera, eu também não pronunciei mais as três palavras, mas tenho certeza de que Turner não as esqueceu. Afinal, eu disse que o amava antes do casamento e ele afirmou que ninguém deixa de amar com tanta facilidade.

Sei que Turner tem afeição por mim. Por que ele não pode me amar? E se me ama, por que não expressa seus sentimentos?

CAPÍTULO IX

Os meses foram passando e os recém-casados se acomodaram numa rotina afetuosa e agradável. Turner, que vivera uma existência infernal com Letícia, surpreendia-se a todo momento como a vida a dois podia ser gratificante quando se escolhia a pessoa certa. Miranda revelara-se uma deliciosa surpresa. Gostava de observá-la ler, escovar os cabelos, dar instruções à governanta.

Na verdade, sentia satisfação em contemplá-la, independentemente do que estivesse fazendo, e procurava os menores motivos para tocá-la. Mesmo que fosse para tirar uma partícula invisível de poeira do vestido dela ou para afastar-lhe alguns fios de cabelo do rosto.

Miranda não demonstrava grande efusão por isso. Raras vezes, se estava muito atarefada, afastava a mão dele. Com maior freqüência, ela sorria ou movia a cabeça, o suficiente para encostar a face na mão do marido.

Em certas ocasiões, quando não se percebia observada, Turner notava-lhe um olhar ansioso que rapidamente se perdia como se não houvesse existido. E à noite, antes de dormir, ele reparava que o olhar trazia um laivo de tristeza, o que o deixava com o coração apertado.

Conhecia bem a esposa e estava convencido do que a atormentava. Teria sido muito fácil acabar com aquele sofrimento. Por que não dissera as três palavras tão simples? Mesmo que não fossem verdadeiras, não valeria a pena o sacrifício só para vê-la feliz?

Algumas vezes ele se esforçava para verbalizar o que Miranda ansiava por ouvir, mas sentia-se sufocar e nada falava.

A maior ironia era a certeza de que não séria difícil amar aquela mulher. Afinal, já não estivera convencido de que amava outra pessoa que acabara destruindo seus mais nobres sentimentos? Nem imaginava como poderia continuar vivendo se alguma coisa acontecesse com a esposa.

Turner gostava de tudo o que se relacionasse com Miranda. Desde o nariz ligeiramente arrebitado até a sagacidade da qual ela não o poupava. Mas isso seria o mesmo que amar uma pessoa?

E como saber se a amava? Dessa vez ele queria ter certeza. Se possível, uma prova concreta. Da outra vez acreditara que a mescla de desejo e obsessão fosse amor. No entanto, o que mais poderia ter sido?

Naquela altura, homem amadurecido, considerava-se mais sensato, o que era uma boa coisa, e mais cético, o que era ruim.

Na maior parte do tempo Turner conseguia tirar essas preocupações da mente. Afinal, era o que os homens faziam. Mulheres discutiam, refletiam e tornavam a argumentar a respeito do que desejavam. Ele preferia ponderar sobre um assunto uma ou duas vezes antes de resolvê-lo.

Por isso lhe parecia exasperador o fato de não conseguir afastar esse problema da mente. Miranda era adorável, encantadora e feliz. Por que desperdiçar energia ou raciocínio, avaliando as condições de seu coração? Deveria aproveitar as bênçãos que lhe eram destinadas, e não perder tempo em analisá-las.

Estava concentrado nos motivos por que não queria pensar sobre isso, quando escutou a batida na porta de seu escritório.

— Entre!

Miranda pôs a cabeça para dentro.

— Estou incomodando?

— Claro que não. Venha cá.

Ela empurrou a porta, entrou e ele disfarçou um sorriso. Nos últimos tempos, a barriga de Miranda parecia preceder a dona por, no mínimo, cinco segundos. Ela percebeu o esforço com que Turner se empenhava para ficar sério e entristeceu-se.

— Estou descomunal, não é mesmo?

— Não posso negar.

— Você poderia ter mentido para poupar os meus sentimentos e dizer que não estou tão grande assim. Mulheres no meu estado ficam muito emotivas. — Lentamente, ela foi até uma poltrona próxima à escrivaninha e, apoiando-se nos braços do móvel, sentou-se.

Turner levantou-se de imediato para ajudá-la.

— Pois eu gosto de vê-la assim gorda.

— Eu sei. O que lhe agrada é a prova tangível da sua virilidade.

— Ela deu muitos pontapés hoje? — perguntou, sorrindo.

— Não. E também não tenho certeza de que seja uma menina.

— Claro que é. Está perfeitamente óbvio, milady.

— Suponho que esteja planejando abrir um curso sobre parto psicológico.

— Veja como fala, minha senhora — ele caçoou, arqueando as sobrancelhas.

Ela revirou os olhos e estendeu-lhe uma folha de papel.

— Recebi uma carta de sua mãe hoje e achei que lhe agradaria ler.

Turner pegou a carta e leu-a andando pelo recinto. No começo, evitara revelar seu casamento para a família. Após dois meses, acabou convencido por Miranda de que não poderia esconder por mais tempo a verdade. Como não podia deixar de ser, todos ficaram espantados, com exceção de Olivia, que previra o que estava se passando. Não demorou muito e estavam todos em Rosedale para inteirar-se da situação.

Ouviram lady Rudland repetir centenas de vezes que jamais poderia sonhar com o ocorrido e perceberam o comportamento desenxabido de Winston. Mas Miranda acabou fazendo uma passagem tranqüila de Cheever a Bevelstoke. Afinal, ela praticamente fizera parte da família antes.

— Winston se meteu em encrencas em Oxford — Turner murmurou, lendo as palavras escritas pela mãe.

— Bem, creio que era de se esperar.

— O que está pretendendo dizer com isso? — perguntou, divertindo-se.

— Ele deve ter seguido o exemplo do irmão. Não pense que não ouvi contar sobre as suas extravagâncias na universidade.

— Agora estou muito mais amadurecido. — Sorriu, sem jeito.

— Assim espero.

Em seguida aproximou-se, beijou o nariz e depois o ventre abaulado da esposa.

— Eu gostaria de ter ido para Oxford — ela lamentou, — Teria adorado ouvir todas aquelas palestras.

— Não todas. Acredite, algumas eram desanimadoras.

— Ainda assim, creio que eu me deliciaria. Turner deu de ombros.

— Pode ser. Você é certamente bem mais inteligente do que a maioria dos rapazes que encontrei por lá.

— Depois de passar uma temporada em Londres, é possível inferir que não é muito difícil ser mais inteligente do que os homens da sociedade.

— Presumo que esteja excluindo a presente companhia.

— E claro — ela anuiu com graça.

Turner voltou para a mesa. O que mais gostava naquele casamento eram as conversas argutas e leves que permeavam os dias. Sentou-se e pegou um documento que estivera examinando antes de Miranda entrar.

— Creio que terei de ir para Londres.

— Mas agora? A cidade deve estar vazia.

— Acredito que poucas pessoas permaneceram — ele admitiu. O Parlamento estava em recesso e a maioria dos nobres havia deixado a capital e ido para suas casas de campo. — Porém um grande amigo meu está em Londres e precisa dos meus conselhos para efetuar um negócio.

— E se eu fosse junto?

— Nada me agradaria mais do que isso, mas não quero vê-la submeter-se aos percalços

de uma viagem nas atuais condições.

— Estou perfeitamente saudável.

— Eu acredito, porém não me parece prudente assumir riscos desnecessários. Verdade seja dita, você tem se mostrado um tanto... — Turner deu uma tossidela — desajeitada.

— Não sei o que você poderia ter dito que me fizesse sentir menos atraente. — Fez uma careta.

Os lábios dele estremeceram, antes de se inclinar para beijá-la no rosto.

— Foi uma brincadeira. Não me demorarei. Talvez uma quinzena, no máximo.

— Tudo isso? — perguntou, um tanto desanimada..

— São quatro dias de viagem para a ida e outros tantos para a volta, isso se não houver percalços pelo caminho. Com as chuvas recentes, as estradas devem estar péssimas.

— Sentirei a sua falta.

Turner hesitou por um momento, antes de responder:

— E eu também me ressentirei com a sua.

Miranda não falou de imediato e deu um suspiro sentido que apertou o coração de Turner. Mas de repente demonstrou-se mais animada e seu comportamento modificou-se.

— Ah, terei muitas tarefas que me ocuparão o tempo. Por exemplo, eu gostaria de mudar a decoração do salão oeste. O estofamento das poltronas e sofás está esmaecido. Talvez convide Olivia para me fazer uma visita. Ela é ótima para essas coisas.

Com um sorriso aberto, Turner comprovou com satisfação que a esposa compartilhava seu gosto por Rosedale tanto quanto ele.

— Confio no seu discernimento e tenho certeza de que não necessitará dos palpites de Olivia.

— No entanto me agradará ter a companhia dela enquanto você estiver em Londres.

— Então nada melhor do que convidá-la. — Turner olhou para o relógio. — Não está com fome? Já passa do meio-dia.

— Fome, propriamente, não. Mas poderei comer uma ou duas colheradas — concluiu, distraída, passando a mão no abdômen.

— Bem mais do que duas ou três — ele afirmou com seriedade. — Sabe muito bem que não está comendo apenas para uma pessoa.

— Pode acreditar que sei — concluiu, fitando o ventre disforme e suspirando com desalento.

— Vou ver o que encontro na cozinha — anunciou, seguindo até a porta.

— Por que não toca a campainha e pede para a criada trazer alguma coisa?

— Não. Assim será mais rápido.

— Mas eu não estou...

Tarde demais. Ele já estava no corredor e não a ouviria. Miranda sorriu, sentou-se e curvou as pernas sob si mesma. Ninguém poderia duvidar de que Turner se preocupava com ela e com o bebê. Via-se isso pela maneira como ele afofava os travesseiros para ela antes de dormir, pelo modo como se interessava pela sua alimentação e insistia em produtos nutritivos. E, principalmente, pela forma como colava o ouvido em seu ventre todas as noites para sentir o bebê se mover.

— Ela deu um pontapé! — Turner havia exclamado certa vez com excitação.

— E provável que tenha sido um arroto — Miranda o provocou em resposta.

Turner não percebeu a zombaria e ergueu a cabeça, preocupado.

— Os bebês podem arrotar na barriga da mãe? Isso é normal?

— Não sei. — Ela deu um sorriso indulgente.

— Talvez fosse melhor perguntar ao médico. Miranda puxou-o para a cama e o fez deitar-se a seu lado.

— Tenho certeza de que tudo está transcorrendo bem e dentro da normalidade.

— Mas...

— Se está pretendendo mandar-me para o médico, ele pensará que meu marido ficou louco.

— Mas...

— Vamos, abrace-me e vamos dormir. — Ela suspirou, aconchegando-se. — Assim. Agora posso descansar sossegada.

Miranda lembrou-se da conversa e sorriu. Turner fazia coisas semelhantes várias vezes ao dia, demonstrando seu amor. Não podia estar imaginando tudo aquilo. Como era possível que Turner a olhasse com tanto carinho se não a amasse? Por que ficar tão insegura quanto aos sentimentos do marido?

Certamente porque ele nunca os declarara em voz alta, embora comentasse com freqüência o quanto estava feliz em ter-se casado. Isso sem citar quanto ele a elogiava.

Não poderia existir forma mais cruel de tortura, refletiu, e ele sequer imaginava que a cometia. Achava que ser atencioso e agir com bondade resolveria tudo.

Mas toda vez em que Turner a olhava e sorria, caloroso, Miranda imaginava que ele se inclinaria para o seu lado e sussurraria que a amava.

Porém nada disso acontecia. Ele a beijava no rosto, acariciava-lhe os cabelos ou

perguntava se gostava de estar grávida ou outra baboseira qualquer. Miranda imaginava que seu pobre coração amargurado ficava cada vez mais enrugado e seco, o que tornava sempre mais difícil fingir que sua vida era precisamente como havia desejado que fosse.

Tentara ser paciente. Não gostava de falsidade. Afirmar amor por alguém seria terrível se não houvesse nenhum sentimento por trás das palavras.

Recriminou-se, pois não deveria pensar no assunto àquela altura. Turner mostrava-se muito atencioso e terno. Portanto deveria sentir-se imensamente feliz.

E estava feliz... Ou melhor, quase. Havia apenas uma pequena falha que insistia em aparecer e que a aborrecia de verdade. Miranda não queria desperdiçar a mente e a energia em fatos sobre os quais não tinha controle.

Turner entrou no escritório e beijou-a no alto da cabeça.

— A sra. Hingham garantiu que mandará trazer uma bandeja com comida em alguns minutos.

— Eu disse que não deveria preocupar-se em descer — ela repreendeu-o. — Imaginei que nada estaria pronto.

— Se não tivesse ido por minha conta — comentou ele, casualmente —, teria de esperar uma criada vir para ver o que eu desejava. Depois seria preciso aguardá-la descer até a cozinha e ficar na expectativa de a sra. Hingham preparar nossa comida, e então...

— Chega! Entendi o seu ponto de vista — clamou ela, levantando a mão.

— Dessa maneira o almoço chegará mais rapidamente. Não sou uma pessoa dotada de muita paciência.

Miranda também não era.

Mas Turner, ignorando os pensamentos tumultuados da esposa, simplesmente sorriu e olhou pela janela. Uma leve camada de neve cobria as árvores.

Um casal de criados entrou no escritório e a bandeja com comida foi arrumada sobre a escrivaninha.

— E seus documentos? — inquiriu Miranda.

— Não se preocupe. — Ele empilhou tudo a um canto.

— Não faz mal se ficarem misturados?

Ele deu de ombros.

— A refeição é mais importante. Você é mais importante.

A criada suspirou diante das palavras românticas e Miranda apertou os lábios. A criadagem na certa imaginava que lorde Turner se derretia de amor quando ficava sozinho com a esposa.

— Ora, vejam — Turner animou-se. — Temos carne e ensopado de legumes, meu anjo. Quero vê-la comer tudo.

Miranda olhou com desconfiança para a tigela deixada à sua frente. Seria preciso um exército de mulheres grávidas para consumir tudo aquilo.

— Você deve estar brincando.

— De maneira nenhuma. — Turner enfiou a colher no ensopado e levou-a até os lábios dela.

— Francamente, não posso...

Ela engasgou pela surpresa, depois mastigou e engoliu o bocado.

— Ah, isso é muito engraçado.

— Talvez para você. — Ele repetiu o gesto e Miranda engoliu. — Nada pode ser mais ridículo.

— Que bobagem.

— Isso não será uma maneira de evitar que eu fale tanto?

— Não, embora eu tenha perdido uma grande oportunidade com a última sentença.

— Você é incor... Mais uma colherada.

— Querida, está com um pouco de guisado no queixo.

— É você quem está segurando a colher.

— Fique quieta. — Inclinou-se para a frente e lambeu as gotas de molho da pele dela. — Hum, delicioso.

— Eu lhe digo que me vingarei, seu... — Miranda interrompeu-se quando a colher colidiu com seu nariz.

— Olhe o que você fez. — Turner sacudiu a cabeça com exagero. — Está se mexendo tanto que eu perdi a direção da sua boca. Agora fique quieta.

Ela contraiu os lábios, mas não pôde evitar um leve sorriso.

— Isso, mostre que é uma boa menina. — E aproximando o rosto, sugou-lhe a ponta do nariz até limpar tudo.

— Turner!

— Lady Miranda Cheever Turner é a única mulher no mundo que tem cócegas no nariz. — Ele deu risada. — E eu tive o bom senso de me casar com ela.

— Pare com isso!

— De derramar molho no seu rosto ou de beijá-la? Miranda prendeu a respiração.

— De derramar guisado, ora. Você não precisa de um pretexto para me beijar.

— Ah, nem pode imaginar o meu alívio. — Ele tocou o nariz dela com o seu.

— Se não me beijar logo, sou eu quem ficará maluca. Ele provocou-a com um beijo leve como as asas de uma borboleta.

— Assim está bem? É o suficiente?

Recebeu como resposta uma negativa com um gesto de cabeça e o beijo foi intensificado.

— E agora?

— Acho que ainda não.

— O que você quer? — ele sussurrou, com a respiração quente de encontro aos lábios macios.

— Primeiro diga você o que deseja — ela contrapôs e acariciou os braços fortes e, de maneira não usual, massageou os músculos dos ombros.

Aquilo despertou instantaneamente o ardor de Turner.

— Ah, Miranda... — Gemeu, sentindo o corpo amolecer.

— Isso é maravilhoso. Por favor, não pare.

— É extraordinário. — Ela admirou-se, sorrindo. — Você vira uma massa amorfa nas minhas mãos.

— Qualquer coisa, mas não pare — ele disse entre gemidos.

— Por que está tão tenso?

Turner abriu os olhos e olhou-a com severidade.

— Sabe muito bem o motivo.

Miranda corou. Na última visita ao médico, fora informada de que estava na hora de fazer uma pausa nas relações sexuais. As reclamações duraram uma semana.

— Eu me recuso a acreditar — ralhou e tirou os dedos dos ombros do marido, e sorrindo ao escutá-lo gemer em protesto.

— Não sou a única causa das suas dores nas costas.

— Tensão por não poder fazer amor com você, exaustão física por ter de levar esse corpanzil escada acima...

— Você nunca teve de me carregar!

— Está bem, apenas pensei nisso, o que já foi suficiente para fazer surgir minha lumbago. — Turner levou a mão para trás e apontou um local na coluna vertebral. — Bem aqui.

Miranda franziu os lábios, mas cedeu à tentação. Pôs-se a massagear o lugar indicado.

— Permita-me dizer uma verdade. Milorde é uma criança grande.

— Hum-hum... — ele concordou com a cabeça de lado. — Importa-se se eu me deitar? Será mais fácil para você.

Miranda espantou-se. Como ele conseguira induzi-la a massagear-lhe as costas ali mesmo sobre o tapete? O que também dava a ela um certo prazer. Gostava de tocá-lo e de memorizar os contornos de seu corpo. Feliz, livrou-o da camisa e acariciou a pele dourada, quente e sedosa.

— Gostaria que você cocasse minhas costas — pediu ela, lembrando-se de que fazia muito tempo que não conseguiu deitar-se de bruços.

— Agora fique quieta — comandou ele com suavidade, virou-a e iniciou a compressão metódica na coluna de Miranda.

— Ah... — Ela suspirou, com a impressão de estar no paraíso. — Que delícia!

Ouvindo um gemido, virou o pescoço para ver o que havia acontecido. E comprovou o esforço que ele fazia para controlar o desejo.

— Sinto muito, querido — desculpou-se com uma careta. — Se servir de consolo, eu também sinto imensamente a sua falta.

Turner abraçou-a com força, mas cuidando para não pressionar o ventre.

— Claro que não é sua culpa, meu anjo.

— Eu sei, mas assim mesmo tem sido difícil aceitar esse afastamento forçado.. — Ela baixou o tom de voz. — Sinto-o dentro de mim, meu amor, e algumas vezes é como se estivesse tocando o meu coração. E isso é o que me faz mais falta.

— Não fale assim...

— Perdoe-me.

— Pelo amor de Deus, pare de se desculpar.

— Está bem, esqueça o que eu disse. — Ela teve vontade de rir. — Mas lamento que você esteja nesse estado. Isso não é justo.

— Claro que é. Tenho uma esposa saudável e um lindo bebê. Restringir-me durante alguns meses não é tão grave.

— Mas não será preciso continuar em abstinência — murmurou Miranda de maneira sugestiva, abrindo-lhe os botões da calça.

— Pare com isso. Eu não suportarei.

— Não terá de fazê-lo. — Ela levantou a camisa de Turner e beijou-lhe o abdômen.

— O que... Ah, Miranda... — Ele deixou escapar um gemido áspero.

Ela continuou a beijá-lo em sentido descendente.

— Oh... oh!

7 de maio de 1820,

Sou uma desavergonhada, mas meu marido não tem do que se queixar.

Na manhã seguinte, Turner despediu-se, beijando delicadamente a testa da esposa.

— Tem certeza de que ficará bem durante a minha ausência?

Miranda engoliu em seco e anuiu, piscando para afastar as lágrimas que jurara não derramar. O céu ainda estava escuro, mas Turner queria sair cedo para a viagem a Londres. Sentada na cama, com as mãos sobre o ventre volumoso, observava-o vestir-se.

— Seu criado terá um ataque apoplético — ela provocou-o. — Sabe muito bem que ele não confia na sua maneira de aprontar-se.

Vestido apenas com a calça, Turner sentou-se na cama ao lado de Miranda.

— Não se importará mesmo com a minha partida?

— É lógico que ficarei triste. Eu preferiria mil vezes tê-lo aqui comigo. — Ela sorriu, vacilante. — No entanto estarei bem e cumprirei minhas tarefas a contento sem você para me distrair.

— Então é assim? Eu a atrapalho?

— Muito. Se bem que — sorriu, corada — nos últimos tempos não pude ser muito distraída...

— Essa é uma triste verdade. Eu, infelizmente, tenho o tempo todo a minha atenção desviada dos meus afazeres. — Turner segurou-lhe o rosto e beijou-a com paixão. — Todas as vezes que a vejo.

— Todas? — Miranda duvidou, mas ele anuiu com solenidade.

— Mas eu estou parecendo uma baleia.

—Uma baleia muito atraente. — Turner tornou a beijá-la.

— Ah, é assim? — Empurrando-o, bateu de leve nos ombros largos. — Pois nunca mais fale comigo!

Ele sorriu com malícia.

— A viagem a Londres será benéfica para a minha saúde, ou pelo menos para o meu corpo. E uma sorte eu não ser propenso a ficar com hematomas.

Ela franziu os lábios e depois mostrou a língua. Fingindo não ter percebido a má-criação, ele jogou um beijo no ar antes de se levantar e cruzar o quarto.

— Pelo visto a maternidade não a amadureceu, lady Turner.

Miranda atirou um travesseiro sobre ele. Em resposta, Turner voltou e estendeu-se na cama, levando-a junto.

— Talvez eu devesse ficar para manter as rédeas firmes.

— Não seria uma má idéia.

Ele tornou a beijá-la, dessa vez com paixão mal reprimida.

— Eu já lhe disse quanto adoro estar casado com você?

— Hoje ainda não.

— É muito cedo ainda. Certamente poderei ser perdoado por esse lapso. — Ele mordiscou-lhe a ponta da orelha. — Mas eu me lembro de ter dito isso ontem.

E anteontem, Miranda pensou com certa amargura, e *também trasanteontem.* Todavia nunca dissera que a amava. Era sempre *Amo estar com você* ou *Amo compartilhar tarefas,* e nunca um sonoro *Eu te amo.* Era mais seguro afirmar *Adoro estar casado com você* em vez de *Eu te adoro.*

O olhar melancólico de Miranda não passou despercebido.

— Algo errado, querida?

— Nada — ela mentiu. — Estava apenas pensando na saudade que vou sentir.

— Eu também sentirei a sua falta. — Ele beijou-a pela última vez e levantou-se para vestir a camisa, enquanto era observado por olhos castanhos atentos.

Turner nada diria, a menos que ela o fizesse primeiro. E por que falaria? Estava muito satisfeito com a situação e teria de forçar o assunto, o que a deixava apavorada. E se Turner não a tomasse nos braços e não dissesse que apenas aguardava ouvi-la repetir que o amava? O pior de tudo seria ele sorrir e declarar algo parecido com *Gosto muito de você, querida.* Ela estremeceu.

—Tem certeza de que está se sentindo bem? — perguntou preocupado.

Seria fácil mentir e negar seu bem-estar. Bastariam algumas palavras, e ele permaneceria a seu lado, abraçando-a carinhosamente à noite e beijando-a com tanta ternura que a faria acreditar que era amada. Porém a verdade era o mais importante.

— Estou bem. Creio que ainda não acordei direito.

— Minha querida, outra coisa: não quero que você trabalhe em excesso durante a minha ausência. Em menos de dois meses o bebê nascerá.

— Como se eu pudesse esquecer disso

— Ainda bem. Você carrega meu filho na barriga — Ele vestiu o paletó e inclinou-se para um beijo de despedida

— O bebê é meu também.

— Não tenho dúvida. — Turner se endireitou, preparando-se para partir. — *Por isso eu a amo tanto.*

— Turner!

Ele se virou, estranhando o temor na voz da esposa.

— O que foi?

— Eu apenas queria dizer... Isto é, eu queria que soubesse que te amo — ela declarou depressa, com receio de perder a coragem de falar.

Turner estacou e teve a impressão de pairar acima do próprio corpo. Mas afinal, não era por isso que esperava? Não era ótimo contar com o amor incondicional da esposa?

Ele a fitou e pôde escutar o que ela estava pensando.

Por favor, meu amor, não despedace o meu coração.

Ele entreabriu os lábios. Fazia meses que vinha dizendo a si mesmo que desejava escutar novamente aquela afirmação. E naquele momento, depois de ouvi-la, um nó apertava sua garganta. Não podia pensar, nem respirar. Via apenas o desespero naqueles grandes olhos castanhos.

— Miranda, eu... — Não conseguiu terminar a frase, pois engasgou-se com as palavras. Por que era tão difícil falar?

— Não diga nada, meu amor—ela pediu com voz trêmula. — Esqueça o que eu falei.

— Você sabe quanto gosto de você.

— Aproveite bem a sua estada em Londres...

— Miranda, por favor... — A angústia dele era visível, mas nem de longe era comparável à amargura que a consumia.

— Não fale comigo! — ela gritou. — Não quero escutar as suas desculpas nem as palavras estudadas! Não quero ouvir mais nada!

Exceto que você me ama.

O que não pôde ser dito deixou a atmosfera pesada. Turner sabia que Miranda se afastava cada vez mais e assim mesmo sentia-se incapaz de fechar o abismo que se formava entre ambos. O que deveria fazer era muito simples e reduzia-se a três palavras que ele queria dizer, porém não conseguia verbalizar.

Não era racional e não fazia sentido. Turner não sabia se era por receio de amá-la ou de ser amado. Ou talvez fosse o medo de admitir que seu coração tinha sido destroçado no primeiro casamento e que estivesse morto internamente.

— Minha querida...

Turner pensou no que poderia dizer para deixá-la feliz. Se isso não fosse possível, pelo menos teria de encontrar alguma coisa que amenizasse a tristeza daquele olhar tão doce.

— Por favor, me chame pelo nome — Miranda pediu em voz mal perceptível.

Turner teve vontade de gritar, de sacudi-la pelos ombros e fazê-la entender o que ele próprio não compreendia. Não fez nada disso, apenas anuiu.

— Eu a verei dentro de duas semanas.

— Espero que sim — disse, desviando o olhar.

— Até breve...

— Com a cor verde é possível fazer muitas coisas — Olívia afirmou ao dedilhar as cortinas franjadas no salão oeste. — E verde fica muito bem em você.

— Não vou vestir cortinas — Miranda retrucou.

— Eu sei, mas todas as mulheres querem ficar com boa aparência na própria sala de estar.

— Ora, isso é irrelevante.

— Chega. Se não quer o meu conselho, não deveria ter me convidado. —A amiga sorriu com naturalidade. — Mas fiquei muito feliz com o convite. Tenho sentido a sua falta. Haverbreaks está. cada vez mais enfadonho. Imagine que Fiona Bennet continua me visitando.

— Ah, que horror!

— Fiquei até tentada a aceitar um dos convites dela por puro tédio.

— Não faça isso, Olivia.

— Não acredito que ainda guarde mágoa por causa do incidente ocorrido no meu décimo primeiro aniversário.

— Só um pouquinho — respondeu, aproximando o polegar do indicador.

— Esqueça isso. Afinal, você conseguiu fisgar Turner e bem debaixo do nariz de todas nós. — Olivia ainda não aceitara o fato de que seu irmão e sua melhor amiga tivessem namorado sem ela saber. — Por falar nisso, achei uma estupidez ele ter ido para Londres e abandoná-la aqui.

Miranda sorriu sem vontade e arrumou as pregas da saia.

— Não foi tão ruim.

— Ele não deveria tê-la deixado sozinha às vésperas de dar à luz.

— Turner não me deixou. Você está aqui, não está?

— Sim, e eu poderia ficar até o bebê nascer, mas mamãe acha que seria uma atitude

imprópria para uma moça solteira.

— Pois eu creio que seria ótimo. Daqui a alguns anos você terá de enfrentar a mesma situação.

— Bem, primeiro terei de arranjar marido — lembrou pesarosa.

— Não vejo nenhum problema nisso. Quantos pedidos já recebeu este ano? Seis?

— Oito.

— Então você não tem do que se queixar.

— Não estou... Oh, não importa. Mamãe deu permissão para eu ficar em Rosedale, mas não sozinha.

— As cortinas — Miranda mudou de assunto.

— Ah, sim. — A amiga animou-se de novo. — Se os estofados forem verdes, as cortinas podem ser em cor contrastante ou também em tonalidade mais clara.

Miranda sorriu, aprovando, mas sua mente estava longe. Em Londres, mais precisamente. Pensava em Turner todos os minutos do dia. Se conversava com a governanta, via o sorriso do marido diante dos olhos. Não conseguia terminar de ler o livro por escutar o som de suas risadas. E à noite, quase adormecida, experimentava a sensação de um beijo leve nos lábios e perdia o sono, ansiosa pelo calor daquele corpo másculo e tão viril.

— Miranda? Miranda! — Impaciente, Olivia repetiu.

— O quê? Ah, perdão, Livvy. Eu estava divagando.

— Eu percebi.

— Na verdade, ando muito sentimental. Deve ser por causa do bebê. — Dentro de dois meses a criança não serviria mais de desculpa para esses lapsos momentâneos de concentração, tampouco para o suspiro profundo que acabara de dar. — O que queria me dizer?

— Apenas que se o verde não lhe agrada, poderíamos mudar a decoração da sala e usar tons de rosa-escuro. Seria o salão rosa, muito adequado para Rosedale.

— Não acha que seria feminino demais? Turner também usa muito esta sala.

— Bem, então temos um problema.

Miranda só percebeu que fechara as mãos em punho quando sentiu a dor das unhas nas palmas. Era estranho que a simples menção do nome do marido a deixasse com vontade de chorar.

— No entanto eu sempre gostei de rosa-escuro...

— Tem certeza? — Foi a vez de Olivia duvidar. — Turner...

— Se ele não gostar, o problema será dele. — A veemência da cunhada fez Olivia

arquear as sobrancelhas. — Se ele pretendia dar um palpite na decoração, não deveria ter ido para Londres.

— Não precisa ser tão contundente — disse, procurando acalmá-la. — Turner também deve estar com saudade.

— Que nada. Provavelmente, seu irmão nem pensou em mim.

Turner sentia-se acossado por Miranda.

Pensara que passar depois de quatro dias intermináveis dentro de uma carruagem fechada seria capaz de afastá-la de sua mente. Ainda mais em Londres, com todas as diversões que a cidade proporcionava.

Ledo engano.

A última conversa não lhe saía da mente e sempre lhe ocorria o que deveria ter acrescentado ao diálogo deles. Nisso a memória se desfazia e restava apenas a imagem daqueles imensos e tristes olhos castanhos.

Sentia culpa, e essa era uma emoção que ferroava, queimava e estrangulava. A raiva seria muito mais precisa e simples de diagnosticar.

Era o que experimentara por Letícia e pelos homens com quem ela havia se relacionado.

O remorso era outra coisa bem diferente e seria impossível viver com aquele sentimento. Teriam de voltar a ser felizes como antes. Miranda também se mostrara satisfeita, embora se queixasse de suas falhas.

Turner jurou que faria a felicidade da esposa. Se ela aceitasse a afeição que ele era capaz de lhe dar, poderiam voltar à existência satisfatória que tinham antes. Miranda teria o bebê e eles formariam uma família. Faria amor com ela de todas as maneiras, inclusive com as mãos e os lábios. Exceto com as palavras. Ele já a conquistara uma vez. Poderia repetir a dose.

Duas semanas mais tarde, sentada no novo salão rosa, Miranda tentava ler um livro, mas olhava pela janela a maior parte do tempo. Turner tinha mandado avisar que chegaria naquele dia, e a cada ruído que lembrava a aproximação de uma carruagem, seu coração disparava.

O sol já se escondera no horizonte e ela não havia conseguido ler uma página do livro. Preocupada, uma criada trouxe o jantar, mas a sopa ficou intacta. Miranda acabou por adormecer no sofá.

Algumas horas depois, ela não escutou o barulho dos cascos nem das rodas. Cansado da viagem, Turner apeou do coche, ansioso para ver Miranda. Pegou uma sacola de mão, um pacote feito com capricho e deixou o restante da bagagem no veículo para os criados transportarem. Olhou para cima e não viu luzes em seus aposentos. Esperava que ela não

estivesse dormindo. Não teria coragem de acordá-la, mas queria conversar e reparar seus erros.

Subiu os degraus e tentou tirar a lama das botas. O mordomo, que o aguardava com ansiedade semelhante á de Miranda, abriu a porta antes de ele bater.

— Boa noite, Brearley — Turner cumprimentou-o, afável.

— Fico feliz em ser o primeiro a desejar-lhe as boas-vindas, milorde.

— Obrigado. Minha esposa ainda está acordada?

— Encontra-se no salão rosa, milorde. Lendo, eu suponho. Turner tirou o casaco e piscou atônito.

— Brearley, não temos nenhum salão rosa.

— Não tínhamos. Trata-se do antigo salão oeste, milorde.

— Ah, então foi redecorado. Isso é ótimo. Quero que ela pense em Rosedale como seu lar.

— Assim como todos nós, milorde.

Miranda conseguira angariar a lealdade da equipe de auxiliares, e as criadas a idolatravam.

— Farei uma surpresa a ela.

Atravessou o saguão e virou à direita na direção do antigo salão oeste. Pela porta entreaberta via-se o tremeluzir de uma vela. Teria de lembrar Miranda que ler com pouca luminosidade era prejudicial.

Empurrou a porta e espiou. Deitada no sofá, ela dormia com um livro sobre a barriga. Na mesa lateral, a refeição não terminada. A inocência adorável da esposa fez seu coração ficar angustiado. Sentira falta de Miranda e pensara nela, e na despedida infeliz, em todos os minutos do dia. Mas até ali não havia entendido a profundeza e o poder daquele sentimento.

Embora não lhe agradasse acordá-la, teria de fazê-lo, a não ser que a deixasse dormir ali. O que seria uma incoerência.

Aproximou-se do sofá, empurrou a bandeja para o lado e sentou-se na beira da mesa, deixando o pacote no colo.

— Acorde, minha queri... — Lembrou-se de que Miranda pedira para ele não usar mais termos afetuosos. — Acorde, Miranda.

Ela piscou.

— Turner? — falou com voz sonolenta.

— Olá, querida. — Problema dela se não gostasse. Ele não deixaria de usar apelidos carinhosos.

— Eu quase havia desistido de esperá-lo — ela contou, depois de um longo bocejo.

— Eu disse que chegaria hoje.

— Mas as estradas...

Ainda não totalmente acordada, Miranda não lembrava da raiva que sentia do marido.

— Não estavam tão ruins. — Turner sorriu e acariciou-a na face. — Senti sua falta.

Novo bocejo a acometeu.

— E mesmo?

— Muita. E você?

De nada adiantaria mentir. Turner sabia que ela o amava.

— Eu... também. Tudo transcorreu de acordo com o esperado em Londres? — ela perguntou com cortesia.

— Eu preferia que você tivesse me acompanhado. — A declaração foi feita com excesso de formalidade. — Passou bem durante a minha ausência?

— Olivia ficou alguns dias aqui.

— Que ótimo.

— Além disso, tive tempo para pensar.

— Entendo... — Turner disse depois de um longo silêncio. Deixou o pacote de lado, levantou-se e foi até perto do castiçal onde cintilava a vela solitária. — Está muito escuro aqui. — Tomando uma vela, acendeu as outras.

— Eu adormeci ao entardecer.

Parecia haver um acordo tácito entre ambos para manter o ambiente civilizado e cordial, mas sempre evitando a realidade.

— É mesmo? Agora escurece cedo. Você devia estar muito cansada.

— É exaustivo carregar outra pessoa na barriga.

Turner sorriu, finalmente.

— Não será por muito tempo.

—Não. E eu desejo que o último mês seja o mais prazeroso possível.

Aquelas palavras não eram inocentes.

— O que está pretendendo dizer? — indagou ele com seriedade.

Ela desejou estar em pé, com as mãos na cintura ou com os braços cruzados, qualquer coisa diferente da posição vulnerável em que se encontrava, deitada no sofá.

— Bem... não posso continuar a viver como antes.

— Achei que éramos felizes.

— Éramos... Eu era... Isto é, eu não era.

— Ou uma coisa, ou outra, querida.

— As duas. Será que não entende?

— Percebo que não.

— Não sei o que deseja que eu faça — Turner desconversou, e ambos sabiam que se tratava de uma mentira.

— Turner, preciso saber o que represento na sua vida.

— Deus do céu, Miranda! — Ele parecia descrente. — Você é minha mulher! O que mais lhe interessa saber?

— O óbvio, Turner. Se você me ama ou não! — Miranda levantou-se, desajeitada.

— O que está querendo dizer com essa conversa sem sentido? — exigiu ele, com os músculos do rosto contraídos.

— Preciso saber a verdade a respeito dos seus sentimentos. Se você não... — Miranda fechou os olhos e apertou as mãos, procurando palavras corretas para se expressar. — Não importa se você não me ama, mas é essencial que eu saiba a verdade.

— Não posso acreditar no que estou ouvindo. — Exasperado, ele passou os dedos nos cabelos. — Eu vivo repetindo que te adoro.

— Não é o que o ouvi dizer. Você afirma que adora estar casado comigo.

— E qual é a diferença? — ele indagou, animado.

— Pode ser que lhe agrade uma situação matrimonial bem consolidada.

— Depois do que houve com Letícia? — Turner se irritou.

— Perdão. — Miranda reconheceu que errara em referir-se ao casamento anterior. — Mas há uma grande diferença — acrescentou em voz baixa. — Quero saber se você gosta de mim, e não dos bons sentimentos que eu possa lhe despertar.

Turner apoiou as mãos no peitoril da janela e se deteve a observar a paisagem.

— Não sei do que está falando — murmurou, dando-lhe as costas.

— Você não quer saber e tem medo de pensar nisso. Você...

Virou-se e silenciou-a com um olhar tão duro como ela ainda não testemunhara. Nem mesmo na primeira noite em que a tinha beijado, quando estava sozinho e procurava embriagar-se após a morte de Letícia.

Turner se adiantou com movimentos vagarosos de quem procurava controlar a ira.

— Não sou um marido prepotente, mas a minha tolerância não chega a ponto de aceitar

ser chamado de covarde. Portanto, minha querida esposa, aconselho-a a escolher suas palavras com cuidado.

— E o senhor, meu marido, deveria dosar melhor as suas atitudes. Não sou uma tolinha qualquer. — Estremeceu de indignação. — E não admito que me trate como se eu não tivesse cérebro.

— Ora, pelo amor de Deus! Quando eu a tratei dessa maneira? Por favor, esclareça o fato, pois estou muito curioso.

Ela começou a gaguejar, incapaz de responder prontamente ao desafio.

— Para começar, não gosto que se dirijam a mim com superioridade.

— Então será melhor não me provocar — advertiu-a com escárnio.

— Não acredito no que estou ouvindo! — Miranda avançou com olhar ameaçador. — É você quem me insulta o tempo todo.

— Eu não fiz nada disso. Em um minuto penso que estamos maravilhosamente felizes juntos, e no seguinte você me acusa de sei lá quantos crimes hediondos e...

Interrompeu-se ao sentir um beliscão no braço.

— Você pensou que éramos muito felizes? — ela sussurrou.

Turner fitou-a, verdadeiramente surpreso.

— Claro que sim. Digo isso o tempo inteiro — ele insistiu, revirando os olhos. — Ah, é verdade. Tudo o que eu disse, tudo o que tenho feito... nada tem significado. Você não quer saber se estou feliz a seu lado, mas está obstinada em desvendar os meus sentimentos.

— E seria muito difícil nomeá-los?

A pergunta teve o efeito de um choque. Toda a energia se esvaiu e as palavras irônicas desapareceram, deixando-o imóvel, sem dizer nada, como se estivesse diante de uma aparição.

— Miranda, eu... eu...

— Você o quê? O que está pretendendo me dizer?

— Por Deus, isso não é justo!

— Você é incapaz de dizer o que desejo ouvir — alegou ela, apavorada.

Até o momento, imaginara que o marido, embora com o coração empedernido pelo sofrimento anterior, acabaria por entender que a amava. E essa esperança ínfima se desfez numa fração de segundo, dilacerando sua alma.

— Meu Deus, uma mentira não deve ser mesmo dita.

Turner comprovou o vazio no olhar da esposa e entendeu que a havia perdido.

— Eu não queria fazê-la sofrer — declarou de maneira pouco convincente.

— Tarde demais para lamentar... — disse ela caminhando devagar até a porta.

— Espere!

Ela se deteve e se virou.

— Eu lhe trouxe isto — ele comentou, estendendo o pacote que havia trazido.

Miranda segurou o embrulho e, enquanto Turner saía da sala, desatou o papel do presente com mãos trêmulas. *Le Morte d'Arthur,* o livro que ela tanto cobiçara na livraria dos homens.

— Ah, meu amor — falou para si mesma —, por que agiu com tanta gentileza? Por que não permitiu que eu continuasse a odiá-lo?

Horas depois, limpando o livro com um lenço, desejou que as lágrimas não tivessem arruinado para sempre a linda capa do volume.

7 de junho de 1820,

Lady Rudland e Olivia chegaram hoje para esperar o nascimento do herdeiro, como o clã dos Bevelstoke diz. O médico é de opinião que o parto não acontecerá antes de um mês, mas lady Rudland afirmou que não pretendia arriscar-se.

Certamente não lhes passou despercebido que Turner e eu não estamos mais no mesmo quarto, embora não seja incomum casais ocuparem aposentos diferentes. Porém elas devem ter suposto uma separação, pois da última vez em que as duas estiveram aqui, Turner e eu dormíamos juntos. Há duas semanas levei meus pertences para outro cômodo.

Minha cama é fria e odeio deitar-me nela.

Nem mesmo estou animada pelo nascimento de meu filho.

CAPÍTULO X

As semanas seguintes foram horríveis. Turner habituou-se a pedir as refeições em seu escritório. Não podia suportar a idéia de ficar sentado diante de Miranda como um estranho. Estava convencido de que a perdera e imaginava a agonia que seria fitar os olhos da esposa, desprovidos de emoção.

Se Miranda nada mais sentia, para ele sobravam emoções.

Estava furioso por ela havê-lo deixado em situação difícil e por obrigá-lo a admitir sentimentos que não tinha certeza de possuir.

Enraivecia-o o fato de Miranda ter abandonado o casamento depois de decidir que ele não passara no teste por ela elaborado.

Sentia-se culpado pela infelicidade da esposa. Estava confuso e não sabia como tratá-la. Apavorava-o a impossibilidade de fazê-la retornar ao leito conjugai.

Tinha raiva de si mesmo por ser incapaz de dizer que a amava e sentia-se constrangido por não saber se estava ou não apaixonado.

Mais do que tudo, experimentava solidão. Miranda lhe fazia falta, assim como seus comentários engraçados e sua inteligência viva. Toda vez que passava pelo salão e a olhava de relance, tinha a impressão de que a mulher com quem se casara não existia mais. Ou pelo menos que tinha se transformado. Ela se tornara uma pessoa diferente que não se importava com mais nada.

Lady Rudland, que havia se disponibilizado para ficar até o nascimento do bebê, avisara-o que Miranda mal tocava na comida. Turner proferira uma imprecação. Ela deveria entender que tais atitudes comprometiam sua saúde, mas não chegava a expressar seu desagrado.

Chegou a pedir a alguns criados para que a vigiassem. Eles faziam relatórios diários, geralmente trazidos no começo da noite, quando Turner se encontrava em seu gabinete, onde bebia e refletia sobre os efeitos do álcool. Naquela noite, não foi diferente. Já estava no terceiro conhaque, quando ouviu uma batida na porta.

— Entre.

Para sua surpresa, foi sua mãe que entrou.

— A senhora veio para me repreender? Lady Rudland cruzou os braços.

— O que o faz pensar que precisa de repreensão? Turner deu um sorriso fraco.

— Por que não fala logo, mamãe? Tenho certeza de que a senhora trouxe uma extensa lista de motivos.

— Por acaso esteve com sua esposa na semana passada?

— Creio que não... Ah, espere um pouco. — Turner tomou um gole de conhaque. — Eu a vi no salão há poucos dias. Deve ter sido na terça-feira.

— Miranda está no nono mês de gravidez, Nigel.

— Sei perfeitamente disso, mamãe.

— Somente um homem desprezível abandona a esposa em tal estado, quando ela precisa muito do apoio do marido.

Em silêncio, ele tomou mais um gole e fez uma pausa breve.

— Apenas para deixar claro, foi ela quem me abandonou. E, por favor, não me chame de Nigel.

— Eu o chamo como bem entender, sou sua mãe!

Turner estranhou o tom de lady Rudland, que sempre usava tons corteses.

— Meus parabéns. Finalmente a senhora chegou ao meu nível.

— Dê-me isso! — Lady Rudland adiantou-se e tirou o cálice das mãos dele. O conhaque espalhou-se sobre a mesa. — Estou decepcionada, Nigel. Seu comportamento tem sido tão horrível como nos tempos de Letícia. Grosseiro, rude e...

Turner segurou-a pelo pulso.

— Nunca mais cometa o engano de comparar Miranda com Letícia — advertiu-a em tom ameaçador

— Eu jamais sonharia com uma coisa dessas — respondeu ela, com os olhos arregalados de espanto.

— Ainda bem. — Turner soltou-a e foi até a janela. A paisagem árida combinava com seu humor.

Lady Rudland permaneceu em silêncio por algum tempo, antes de decidir falar:

— Como pretende salvar o seu casamento, filho? Ele inspirou fundo.

— Por que a senhora tem tanta certeza de que sou eu quem precisa providenciar o salvamento?

— Pelo amor de Deus, será que não consegue enxergar Miranda? E evidente que ela está apaixonada.

Turner agarrou o peitoril da janela como se quisesse extrair maior apoio emocional dali.

— Ultimamente não tenho visto nenhuma indicação de tal fato.

— Como pode dizer isso se nem mesmo a olha há semanas? Para o seu próprio bem, desejo que não tenha matado nenhum sentimento de Miranda a seu respeito.

Turner não respondeu. Não via a hora de aquela conversa terminar.

— Miranda não parece mais a mesma pessoa de meses atrás — lady Rudland continuou. — Ela estava muito feliz e teria feito qualquer coisa por sua causa.

— As coisas mudam, mamãe — respondeu, não escondendo a irritação.

— E mudanças podem ser revertidas — lady Rudland afirmou. — Venha jantar conosco esta noite. É muito desagradável ficar sem a sua companhia.

— Eu lhe asseguro que será muito pior com a minha presença.

— Permita-me julgar os fatos por mim mesma. Turner endireitou-se e deu um longo suspiro. Sua mãe estaria correta?

— Letícia ainda não abandonou esta casa — lady Rudland falou com suavidade. — Deixe que ela permaneça em paz na eternidade e permita que Miranda cure a sua alma, filho. Sabe muito bem que ela poderá fazê-lo se você lhe der uma chance.

Turner sentiu a mão da mãe em seu ombro, mas não se virou. Orgulhoso demais, não permitiria que lady Rudland visse o sofrimento em seu olhar.

A primeira contração sobreveio bem antes de Miranda descer para jantar. Espantada, segurou o ventre. O médico dissera que o parto se daria provavelmente em duas semanas.

— Pelo jeito, você está impaciente, meu pequeno — falou com ternura. — Não poderia esperar até o final do jantar? Estou com fome, pois há semanas não como direito.

O bebê deu um pontapé como resposta.

— Ah, então é assim? — sorriu como não fazia havia tempos. — Faremos uma barganha. Se me deixar jantar em paz, prometo não chamá-la de Iphigênia.

Ela sentiu outro pontapé.

— Se for menina, é claro. Se for menino, prometo não lhe dar o nome de... Nigel!

O bebê não se mexeu.

— Muito bem. Agora vamos nos vestir, certo?

Chamou a criada e, uma hora depois, desceu a escada até a sala de jantar, segurando-se no corrimão com firmeza. Não sabia por que não desejava contar a ninguém que seu filho estava a caminho. Talvez fosse a aversão natural por estardalhaços. Além do mais, exceto pelas dores que a incomodavam a cada dez minutos, estava ótima. Não tinha vontade de ver-se confinada na cama antes da hora. Esperava que seu filho cumprisse o combinado. O parto lhe soava como algo embaraçoso, que não deveria ser enfrentado à mesa do jantar.

— Olá, Miranda — Olivia chamou-a. — Vamos tomar um drinque no salão rosa?

Ela anuiu e seguiu a amiga.

— Está com aspecto estranho — a amiga continuou. — Sente-se bem?

— Bem, dentro das minhas dimensões descomunais.

— Logo voltará à antiga forma.

Muito antes do que todos pensam, refletiu e aceitou um copo de limonada oferecido por lady Rudland.

— Obrigada, eu estava mesmo com sede, — Sem se preocupar com etiqueta, tomou tudo de uma só vez ,— O jantar está pronto? Estou com muita fome. — Essa era apenas uma parte da história. Se demorasse muito, o bebê nasceria na hora do jantar.

— Claro. — Lady Rudland admirou a ansiedade da nora. — Então vamos. Afinal, a casa é sua, Miranda.

— Ótimo. — Miranda fez um trejeito com a cabeça, segurou o ventre e foi para o hall.

E tropeçou em Turner.

— Boa noite, querida — cumprimentou-a com voz quente e grave. — Está tudo bem?

Ela anuiu, desviou o olhar e sentiu o coração disparando em descompasso. Passara o último mês treinando para não ser invadida pelo desejo toda vez em que o visse. Nessas ocasiões aprendera a disciplinar as feições numa máscara de impassividade. Todos sabiam que ele a fizera sofrer. Não seria necessário testemunharem isso sempre que o encontrasse.

— Desculpe-me — murmurou e afastou-se para o lado, rumo à sala de jantar, mas ele a tomou pelo braço.

— Permita-me acompanhá-la, meu anjo.

O lábio inferior de Miranda começou a tremer. O que ele tentava fazer? Se ela estivesse menos confusa ou menos grávida, teria feito uma tentativa para desvencilhar-se. Por isso deixou-se levar até a sala de refeições.

Turner nada disse durante algum tempo, o que a favoreceu, pois estava disposta a comer. Lady Rudland e Olivia tentaram fazê-la conversar, mas ela sempre dava um jeito de se encontrar com a boca cheia. Mastigando, engolindo e murmurando estar com fome, esquivou-se de falar.

Depois de algum tempo, o bebê resolveu não cooperar mais. Miranda calculou que disfarçava a contento as contrações até estremecer involuntariamente.

— O que houve, querida? — Turner virou-se para ela, preocupado.

Ela deu um leve sorriso, mastigou e engoliu.

— Nada, mas estou realmente com fome.

— Nem precisava dizer. — Olivia fez uma careta e recebeu um olhar de reprovação de lady Rudland.

Miranda deu mais uma mordida na almôndega de frango e estremeceu de novo. Atento, Turner teve certeza de que não se enganara.

— Eu ouvi um gemido. O que houve?

— Nada. — Ela engasgou e tossiu. — Exceto a fome.

— Pode ser que esteja comendo muito depressa — Olivia sugeriu.

— Ah, sim, deve ser por isso — concordou, agarrando-se à desculpa. — Comerei mais devagar.

Felizmente a conversa mudou de rumo quando lady Rudland atraiu Turner para uma discussão sobre o apoio dele a um projeto de lei, que estivera em pauta no Parlamento havia pouco tempo.

Miranda ficou satisfeita de comprovar a atenção do marido voltada para outro assunto. Ele a fitava continuamente, e ficava difícil manter a serenidade quando ela sentia as contrações. A uma mais forte, Miranda perdeu a paciência,

— Pode ter certeza que se chamará Iphigênia! — ela sussurrou, olhando o próprio ventre.

— Disse alguma coisa? — Olivia quis saber.

— Oh, não.

Alguns minutos se passaram e outra contração se sucedeu.

— Pare com isso, Nigel — ela murmurou. — Fizemos um acordo.

— Tenho certeza de que a ouvi falar — Olivia impacientou-se.

— Por acaso me chamou de Nigel? — Turner indagou, irritado.

Miranda achou curioso. Chamá-lo de Nigel o deixava mais aborrecido do que ela ter abandonado o leito conjugai.

— E evidente que não. Pare de imaginar coisas. Ah, creio que estou cansada. Se não se importam, prefiro me retirar. — Miranda tentou ficar em pé e sentiu um jato descendo entre as pernas. Sentou-se. — Acho que vou esperar a sobremesa.

Lady Rudland desculpou-se, alegando estar de regime e ser incapaz de suportar a visão de um pudim sem poder comer um pedaço.

A ausência de lady Rudland complicou a situação para Miranda, que teria de participar mais das conversas. Voltou novamente o olhar para a refeição e esperou que ninguém lhe fizesse perguntas. Pouco depois, o jantar chegou ao fim. Turner levantou-se, chegou perto de Miranda e ofereceu-lhe o braço.

— Não, obrigada. Prefiro ficar sentada mais um pouco. Estou cansada, já disse. — Miranda sentiu-se corar até a raiz dos cabelos.

Ela imaginou por que ninguém escrevera um livro de etiqueta sobre as atitudes cabíveis, no caso de um bebê decidir nascer dentro da formalidade de uma sala de jantar. Sentia-se mortificada e com muito medo. Seria incapaz de se levantar sozinha da cadeira.

— Quer repetir a sobremesa? — Turner perguntou com secura.

— Sim, por favor — Miranda respondeu com falhas na voz.

— Miranda, tem certeza de que não há nada de errado? — Olivia perguntou enquanto Turner chamava um criado.

— Parece tão estranha...

— Chame sua mãe — Miranda gemeu. — Agora.

— Será que...

Miranda anuiu.

— Oh, Deus! — Olivia engoliu em seco. — Está na hora!

— Hora do quê? — Turner não conteve a irritação, mas imediatamente notou o semblante apavorado de Miranda.

Aproximou-se de novo da esposa e tomou-a nos braços, sem se importar que a saia molhada estivesse manchando seu paletó de seda.

Miranda agarrou-se em Turner, esquecendo as promessas de manter-se indiferente ao marido. Escondeu o rosto no pescoço dele e rezou para que a energia que emanava daquele corpo másculo a envolvesse. Nas próximas horas precisaria muito da força dele.

— Mas que tolice não dizer nada, Miranda. Há quanto tempo está sentindo as dores?

Ela preferiu não responder. Não desejava a repreensão caso contasse a verdade.

Turner acompanhou-a até um dos aposentos de hóspedes que fora preparado para o nascimento do bebê. Deitou Miranda na cama e, em seguida, lady Rudland entrou correndo.

— Obrigada, Turner — lady Rudland falou com o filho. — Vá chamar o médico.

— Brearley já foi cuidar disso. — Tumor fitou Miranda com ansiedade.

— Ótimo. Agora pode ir, meu filho, e procure algo para fazer. Vá tomar um drinque.

— Não estou com sede. Lady Rudland suspirou.

— Será que preciso ser mais clara? Deixe-nos a sós.

— Mas por quê? — Ele não se conformou.

— A hora do parto não serve para os homens.

— Mas antes fui bastante requisitado — Turner murmurou.

— Turner, por favor — Miranda pediu, enrubescida ao máximo.

— Quer mesmo que eu saia daqui, Miranda?

— Sim, quero dizer, não... Não sei.

Ele pôs as mãos na cintura e encarou a mãe.

— Pois eu acho que devo ficar. Afinal, estamos falando de meu filho.

— Está bem. — Lady Rudland suspirou, exasperada. — Então vá para aquele canto e fique fora do caminho. — Ela fez gestos largos com os braços, mandando-o embora.

Miranda gemeu com outra contração.

— O que foi isso? — Ele aproximou-se numa fração de segundo. — Isso é normal? Ela não deveria...

— Cale-se, Turner — lady Rudland admoestou-o. — Vai acabar deixando-a preocupada. — Ela pressionou um pano úmido na testa de Miranda. — Não ligue para o que ele fala, querida. Tudo está transcorrendo dentro dos parâmetros da normalidade.

— Eu sei... — Miranda segurou o fôlego. — Posso tirar este vestido?

— Oh, céus, claro que sim! — Lady Rudland alvoroçou-se. — Sinto muito ter esquecido esse detalhe. Deve estar se sentindo muito desconfortável. Filho, por favor, venha me ajudar.

— Não! — Miranda gritou.

Turner estacou com o semblante sombrio.

— Quero dizer, ou a senhora faz isso ou ele — Miranda falou com a sogra. — Não os dois ao mesmo tempo.

— Minha filha, estamos cuidando do nascimento de seu filho — lady Rudland procurou acalmá-la. — Tente raciocinar com clareza.

— Não! Turner pode fazer isso porque... já me viu sem roupa antes. Ou a senhora poderá tirar a minha roupa porque é mulher. Mas não quero que a senhora me veja enquanto Turner me vê. A senhora entende, não é? — Ela segurou com força no braço de lady Rudland.

De volta ao seu canto, Turner disfarçou uma risada.

— Mamãe, eu lhe concedo a honra.

Ele encontrou dificuldade para controlar o riso. Anuiu e deixou o quarto. Percorreu um trecho do corredor antes de começar a rir. Os escrúpulos de Miranda eram impagáveis.

No quarto, Miranda cerrava os dentes para suportar nova contração sem gemer, enquanto lady Rudland lhe tirava o vestido manchado.

— Turner saiu? — Ela não confiava que o marido não espionasse.

A sogra anuiu.

— Ele não vai nos aborrecer.

— Turner não é um incômodo — Miranda declarou de imediato.

— Claro que é. O lugar dos homens não é ao lado das mulheres na hora do nascimento dos filhos. A situação é confusa, um tanto assustadora e dolorosa para eles. Nenhum homem pode ser útil nessas horas. O melhor é deixá-los do lado de fora, imaginando as maneiras de

recompensar as esposas pelo difícil trabalho que enfrentam.

— Ele me trouxe um livro — Miranda comentou em voz baixa.

— Foi mesmo? Eu estava pensando em diamantes.

— O que também seria agradável — ela concordou.

— Deixarei escapar uma sugestão. — Lady Rudland terminou de vestir a camisola em Miranda e afofou os travesseiros atrás da cabeça. — Pronto, agora você está mais confortável.

Uma nova contração fez Miranda prender a respiração e contrair os maxilares.

— Foi mais uma? — lady Rudland perguntou. — Misericórdia, elas estão vindo muito próximas uma da outra! Acho que será um parto bastante rápido, o que não é comum para o primeiro filho. Espero que o dr. Winters chegue logo.

Miranda anuiu, ainda prendendo a respiração devido à onda de dor.

Lady Rudland apertou-lhe a mão, procurando dar apoio.

— Se servir de conforto, com gêmeos é muito pior.

— Não pode ser.

— Não se sentiu melhor?

— Não.

Lady Rudland suspirou.

— Na verdade, não acreditei que adiantasse. Não se preocupe, querida.—Lady Rudland esforçou-se para demonstrar animação. — Logo tudo estará terminado.

Vinte e quatro horas depois, Miranda estava com o corpo arrasado pela dor, arfava, achando que não havia ar suficiente nos pulmões. As contrações continuavam, uma mais violenta que a outra.

— Sinto que ele está vindo — choramingou.

Lady Rudland limpou a fronte da nora com um pano umedecido em água fria.

— Agüente mais um pouco, minha filha.

— Não posso... estou muito... — gritou uma das imprecações favoritas do marido.

No corredor, Turner enrijeceu-se ao ouvi-la gritar. Depois de trocar a roupa de Miranda, lady Rudland o afastara da proximidade da porta e o convencera a ficar no hall. Olivia havia trazido duas cadeiras de uma das salas e fazia companhia ao irmão. Procurou não estremecer ao ouvir outro grito.

— Essa deve ter sido uma contração bem forte. — Olivia não disfarçou o nervosismo para entabular uma conversa.

E pelo olhar intimidativo de Turner, ela se convenceu de que a frase não fora das mais

felizes.

— Tenho certeza de que essa aflição terminará logo — Olivia afirmou, embora não estivesse convencida disso. — Não creio que poderá piorar.

Miranda tornou a gritar em agonia.

— Pelo menos é o que me parece — a irmã acrescentou com voz trêmula.

— Nunca mais encostarei nela — Turner lamentou-se, com o rosto apoiado entre as mãos.

— Ele nunca mais encostará um dedo em mim! — O grito de Miranda foi escutado por Olivia e Turner.

— Pelo menos nesse ponto, marido e mulher estão de acordo — Olivia comentou em voz alta e cutucou o queixo do irmão. — Anime-se! Você está prestes a tornar-se pai.

— Espero que seja em breve — ele murmurou. — Não sei se suportarei isso por muito mais tempo.

— Se está com dificuldade para enfrentar os gritos, imagine o que Miranda deve estar passando.

Ao ver a expressão do irmão, Olivia lamentou novamente o que dissera.

No quarto, Miranda se agarrava com desespero na mão de lady Rudland.

— Faça isso parar, pelo amor de Deus! — implorou.

— Eu asseguro, logo tudo estará terminado — a sogra murmurou.

Miranda puxou-a para baixo até poder ver a sogra de perto.

— A senhora disse isso ontem!

— Lady Rudland? — Era o dr. Winters, que havia chegado uma hora após as dores terem começado. — Posso falar com a senhora por um instante?

— Pois não. — Lady Rudland desvencilhou cuidadosamente a mão. — Voltarei em seguida, minha filha. Eu prometo.

Miranda anuiu, angustiada, e agarrou-se nos lençóis. Precisava apertar alguma coisa quando a contração a invadia. Balançou a cabeça de um lado para outro enquanto procurava respirar. Onde estaria Turner? Seria difícil ele entender que ela precisava de seu calor e de seu sorriso? E, sobretudo, precisava da energia do marido, pois não acreditava que a sua fosse suficiente para atravessar tal prova.

No entanto o orgulho e a teimosia a impediam de perguntar a lady Rudland onde ele se encontrava. Por isso apertou os dentes e procurou não gritar de dor.

— Miranda? — Lady Rudland a olhou com preocupação. — Minha filha, o dr. Winters disse que você tem de empurrar com mais força. O bebê precisa de um pouco de ajuda para

sair.

— Estou muito cansada — Miranda falou em tom de lamúria. — Não posso fazer mais nada. — E como dizer que precisava de Turner?

— Pode, sim, minha filha. Se empurrar com mais empenho, tudo terminará mais depressa.

— Não posso... Não posso... — Mais um grito selvagem sobreveio.

— Isso mesmo, lady Turner! — o dr. Winters vibrou com vivacidade. — Faça força!

— Está doendo muito.

— Empurre. Estou vendo a cabeça.

— Verdade? — Miranda procurou erguer as costas.

— Não estique o pescoço — lady Rudland advertiu-a. — De qualquer forma, não conseguirá ver nada. Confie em mim.

— Continue fazendo força — o médico comandou.

— Estou tentando... tentando. — Ela contraiu a musculatura do rosto com força. — E um... O senhor pode... — Inspirou fundo. — O que é?

— Ainda não sei — o dr. Winters respondeu. — Força... espere um minuto... Ora, eis aqui a criaturinha. — A cabeça saiu e o corpo pequenino deslizou para fora com facilidade. — É uma menina.

— É mesmo? — Miranda suspirou, exausta. — Tinha de ser. Turner sempre consegue o que deseja.

Lady Rudland abriu a porta e pôs a cabeça para fora enquanto o dr. Winters examinava o bebê.

— Turner?

Ele deixou o hall às pressas, transfigurado.

— Tivemos um final feliz, meu filho. Acaba de nascer sua filha.

— Uma menina?

A longa espera no saguão o deixara esgotado. Depois do passar o dia todo escutando Miranda gritar de dor, parecia inacreditável que o parto houvesse terminado e que ele fosse pai.

— É uma criança linda e perfeita.

— Uma menina — Turner repetiu, sacudindo a cabeça, maravilhado. — Tenho uma filha, Olivia! — ele falou para a irmã, que havia permanecido a noite toda a seu lado. E para surpresa de ambos, abraçou-a.

— Eu sei, Turner, eu sei. — Olivia esforçava-se para conter as lágrimas.

Ele deu mais um abraço em Olivia e voltou-se para lady Rudland.

— Ela tem olhos castanhos?

Um sorriso iluminou o rosto de sua mãe.

— Não sei, querido. Eu nem mesmo olhei. Os olhos dos recém-nascidos mudam muito de cor. Durante algum tempo não saberemos ao certo.

— Terão de ser castanhos — Turner afirmou.

— Turner, você ama Miranda! — Olivia franziu o cenho.

— O que foi que disse?

— Que você ama Miranda — a irmã repetiu pausada-mente.

O mais engraçado foi ele não sentir um aperto na garganta pela declaração. Abriu a boca, abismado, sem conseguir falar durante alguns minutos.

— Creio que você tem razão, Olivia. Eu... amo minha esposa.

— Já não era sem tempo de entender isso — lady Rudland declarou, petulante.

Turner sentou-se, boquiaberto, espantado com a naturalidade das emoções. Por que levara tanto tempo para entender isso? Nada mais evidente. Amava Miranda e tudo o que dizia respeito a ela. Desde as sobrancelhas ligeiramente arqueadas até as palavras envoltas em sarcasmo quando se tornavam necessárias, passando pela maneira como ela virava a cabeça de lado quando estava curiosa. Amava sua inteligência, lealdade e simpatia. Até mesmo os olhos ligeiramente estrábicos. Ficara deitada numa cama um dia inteiro em trabalho de parto, sofrendo dores terríveis. E tudo isso para dar uma filha a ele. Lágrimas vieram-lhe aos olhos.

— Quero vê-la. — Turner engasgou de emoção.

— O dr. Winters aprontará o bebê em alguns minutos.

— Quero ver Miranda.

— Bem, creio que não haverá problema. Espere um pouco. Dr. Winters?

Eles ouviram uma imprecação velada, e logo o bebê foi colocado nos braços de lady Rudland.

— O que houve? — Turner empurrou a porta.

— Ela está perdendo muito sangue — disse o médico, sombrio.

Turner fitou-a e quase desfaleceu de terror. Extremamente pálida, minava sangue, que se espalhava por toda parte.

— Oh, Deus! — Gemeu com voz estrangulada.

O dr. Winters conseguira estancar a hemorragia. No entanto sacudiu a cabeça enquanto lavava as mãos.

— Lady Turner perdeu muito sangue e certamente ficará bastante fraca.

— Ela conseguirá sair da crise? — Turner perguntou, ansioso.

Com expressão melancólica, o médico ergueu os ombros.

— Nós só podemos rezar e não perder as esperanças.

Turner não gostou da resposta. Afastou o dr. Winters do caminho, sentou-se numa cadeira ao lado da cama e segurou a mão flácida de Miranda.

— Ela vai sobreviver — afirmou com voz rouca. — Tenho certeza disso.

Lady Rudland deu uma tossidela.

— Dr. Winters, o senhor tem idéia do que pode ter causado uma hemorragia tão forte?

— Pode ter sido um pequeno dilaceramento do útero, ocasionado pela expulsão das secundinas.

— Isso é uma ocorrência comum?

— Sem dúvida. Bem, agora tenho de ir. Há outra gestante na região que logo entrará em trabalho de parto. Preciso dormir um pouco ou não poderei atendê-la adequadamente.

— E Miranda? — Lady Rudland fitou a nora com receio e preocupação.

— Usei todos os recursos e nada mais posso fazer por lady Turner. Precisamos ter fé e pedir a Deus que o ferimento cicatrize. Assim ela não terá novos sangramentos.

— E se eles tornarem a acontecer?

— Pressione bandagens limpas como eu fiz e mande me chamar.

— E não haverá risco de o senhor não chegar a tempo? — Turner indagou, mordaz. O pavor e o sofrimento afastavam qualquer cortesia.

O dr. Winters preferiu não responder e despediu-se:

— Lady Rudland. Lorde Turner.

Lady Rudland fechou a porta e aproximou-se do filho.

— Turner, procure descansar. Deve estar exausto depois de passar a noite acordado.

— A senhora também ficou sem dormir.

— Sim, mas eu... — Admitiu que se o marido estivesse morrendo, ela não o abandonaria; deu um beijo no alto da cabeça do filho. — Eu o deixarei a sós com Miranda. Turner se virou, furioso.

— Que coisa, mamãe! Não estou aqui para as despedidas finais. Não precisa falar

comigo como se ela estivesse morrendo.

— Não é nada disso. — Mas os olhos dela, cheios de piedade e sofrimento, contavam uma história diferente.

Em silêncio, lady Rudland deixou o quarto: Turner fitou a face pálida da mulher amada e um músculo da garganta contraiu-se espasmodicamente.

— Eu deveria ter dito que a amo — lamentou com voz rouca. — Era tudo o que você desejava ouvir, não é mesmo? Porém a minha estupidez não me permitiu entender isso. Minha querida, creio que te amei desde o dia em que você confessou o seu amor. Eu estava...

Turner interrompeu-se, acreditando ter percebido um movimento no rosto de Miranda. Mas tratava-se apenas da própria sombra que acompanhava seus movimentos.

— Fiquei muito surpreso pelo fato de alguém me conceder um amor incondicional — afirmou depois de alguns minutos. — Surpreso por saber que você podia me amar sem pretender modificar-me. Eu pensei que o meu coração tivesse ficado empedernido para sempre, mas estava redondamente enganado. — Turner apertou as mãos trêmulas. — E não foi por sua culpa, meu anjo. A falha foi minha ou talvez até de Letícia, mas jamais sua.

Ele segurou aquela mão ainda mais frágil e levou-a aos lábios.

— Por favor, minha querida, volte para mim. Eu juro que está me assustando, e não é o que deseja, não é mesmo? Nada poderia ser pior do que vê-la dessa maneira.

Não houve nenhuma resposta. Turner esperava ouvi-la tossir, que mudasse de posição ou desse sinal de vida. Porém, ela continuava imóvel. Aterrorizado, segurou a mão de Miranda e tomou-lhe o pulso. Suspirou, aliviado. As batidas eram leves, mas continuavam presentes.

Bocejou, exausto. As pálpebras se fechavam, porém ele não se permitiria dormir. Tinha de ficar ao lado de Miranda para vê-la, ouvir a sua respiração ou simplesmente observar o jogo de luz e sombra em sua pele.

— Está muito escuro — Turner resmungou e levantou-se. — Isto aqui está parecendo um necrotério.

Puxou gavetas e portas de armários até encontrar mais velas. Acendeu-as e prendeu-as nos castiçais. Continuava escuro. Foi até a porta, abriu-a e pôs a cabeça para fora.

— Brearley! — gritou. — Mamãe! Olivia!

Oito pessoas atenderam ao chamado, temendo o pior.

— Quero mais velas — Turner avisou, a voz traindo a exaustão e o terror.

As criadas saíram correndo.

— O quarto está iluminado — Olivia protestou, espiando para dentro. E prendeu a respiração ao ver a imobilidade e a palidez de sua melhor amiga. — Ela vai se recuperar? — perguntou num sussurro.

— Vai, desde que tenhamos iluminação suficiente — respondeu Turner em tom seco.

— Eu gostaria de entrar e dizer algumas palavras para ela.

— Miranda não vai morrer! — ele explodiu. — Entendeu bem o que eu disse? Não precisa falar nesse tom, como se fosse uma despedida.

— Mas se... — Olivia insistiu, com lágrimas deslizando pelo rosto. — Eu me sentiria...

Incapaz de controlar-se, Turner empurrou a irmã de encontro à parede.

— Miranda não vai morrer! — ele repetiu com voz ameaçadora. — Por favor, pare de ser agourenta.

Olivia anuiu prontamente quando ele a soltou, depois de olhar para as próprias mãos como se fossem objetos estranhos.

— Meu Deus, o que estará acontecendo comigo?

— Não se preocupe — Olivia falou com calma e tocou-o no ombro. — Você tem todo o direito de estar nervoso.

— Não tenho. Não quando ela precisa da minha energia. — Ele voltou para o quarto e sentou-se perto da esposa. — E agora nada mais importa, exceto Miranda.

Uma criada com olhos lacrimejantes apareceu trazendo velas.

— Acenda todas — Turner ordenou. — Quero isto iluminado como se fosse dia, escutou bem? — Virou-se para Miranda e acariciou-a na testa. — Ela sempre gostou de dias ensolarados. — Horrorizado, percebeu o que dissera.

— Isto é, ela gosta de dias ensolarados.

Olivia fez uma mesura e saiu, incapaz de suportar o sofrimento do irmão.

Algumas horas mais tarde, lady Rudland entrou com um pequeno pacote embrulhado numa manta cor-de-rosa.

— Eu trouxe sua filha.

Turner ergueu a cabeça, espantado. Esquecera completamente a existência daquela criança.

— Ela é muito pequena.

— Os bebês sempre nascem pequeninos — a mãe respondeu, sorrindo.

— Eu sei, mas olhe para ela. — Apontou a mãozinha com o indicador, que foi agarrado com firmeza pelos minúsculos dedinhos. Olhou para a mãe, maravilhado com a nova vida que surgira havia poucas horas.

— Posso segurá-la?

— Sem dúvida, meu filho. — Lady Rudland deixou o pequeno embrulho nos braços dele.

— Ela é sua.

— Pois não é mesmo? — Ele fitou as faces rosadas e tocou a pontinha do nariz. — Como vai, princesinha? Bem-vinda ao mundo.

— Que apelido engraçado — lady Rudland divertiu-se.

— Não vejo graça nenhuma. E perfeito. Mamãe, por quanto tempo ela continuará tão pequena?

— Não sei calcular, mas certamente continuará bebê por um bom tempo. — Lady Rudland foi até a janela e afastou as cortinas. — O sol está surgindo. Olivia disse que você deseja o quarto iluminado.

Turner anuiu, sem tirar os olhos da filha.

Lady Rudland prendeu as cortinas com as alças laterais.

— Filho, você já viu que ela tem olhos castanhos?

— Não. — Turner olhou o bebê, que estava de olhos fechados, dormindo. — Mas eu sabia que seria assim.

— Bem, ela não haveria de desapontar o pai logo no primeiro dia, não é?

— Ou a mãe. — Ele contemplou a palidez mortal de Miranda e aconchegou a criança de encontro ao peito.

Lady Rudland fitou os olhos do filho que eram semelhantes aos seus.

— Imagino que Miranda teria preferido que fossem azuis. Engoliu em seco, lembrando-se de que Miranda o amava

havia tanto tempo, e ele a tratara com pouco caso. E na iminência de perdê-la, nem poderia confessar sua estupidez.

— Imagino que sim, mamãe. Mas ela terá de esperar pelo próximo.

— Claro, meu querido — procurou consolar o filho. — Já pensou em algum nome?

Turner fitou-a, espantado. Na verdade, nem pensara no assunto.

— Não, eu esqueci desse pormenor.

— Olivia e eu escolhemos alguns. O que acha de Julianna? Ou Claire? Sugeri Fiona, mas Olivia rejeitou-o.

— Miranda jamais permitiria que a filha se chamasse Fiona. Ela sempre odiou Fiona Bennet.

— Aquela menina que morava perto de Haverbreaks? Eu nunca soube do caso.

— Isso faz parte do passado, mamãe. Não darei nenhum nome para minha filha sem consultar Miranda.

— Claro, meu querido. Bem, agora eu o deixarei... um pouco a sós com sua família.

Turner fitou a esposa e o bebê.

— Esta é sua mãe, minha pequena — ele sussurrou. — Ela está muito cansada pelo grande esforço para dar você à luz. E não deveria ser assim, já que você é tão pequenina. — Segurou um dos dedinhos. — Creio que sua mãe ainda não a viu. E sabe o que ela faria se a visse? Ela a abraçaria e beijaria porque a ama muito. — Turner afastou uma lágrima comprometedora. — Aposto que esse amor é maior do que o dedicado a mim. Apesar de este não ser pequeno, pois foi capaz de resistir ao meu péssimo comportamento.

Ele interrompeu-se para verificar se Miranda não acordara.

— Os homens podem ser verdadeiros asnos. Raramente abrem os olhos para testemunhar as bênçãos que lhes caem diante dos olhos. — Sorriu para a filha, — Mas agora eu a vejo e à sua mãe, e espero que ela possa me perdoar pela última vez. E sua mãe com certeza o fará, pois tom um coração enorme.

O bebê gorgolejou e Turner sorriu, deliciado.

— Parece que a senhorita concorda comigo. E para quem tem apenas um dia de vida, deve ser muito inteligente, o que não é de surpreender para a filha de lady Miranda Turner.

O bebê resmungou em concordância.

— Não precisa me ofender, princesinha. Também tenho grande destreza mental. — Ele olhou para a esposa de soslaio. — E somente nós dois saberemos como tenho sido idiota.

O bebê fez mais um ruído característico, o que o levou a imaginar que sua filha devia ser a criança mais esperta das Ilhas Britânicas.

— Quer conhecer sua mãe, garota? Então eu farei as apresentações. — Com movimentos desajeitados de quem. não estava acostumado a segurar bebês, deixou a filha no braço de Miranda. — Pronto. Está quente aí, não é? Eu gostaria de trocar de lugar com você. Sua mãe tem a pele muito macia. — Tocou no rosto da filha. — Mas não tanto como a sua. Minha pequena, fico admirado com a sua perfeição.

A menina começou a se mexer e, em instantes, a chorar. Completamente perdido, Turner levantou-a nos braços e apoiou-a nos ombros, como vira lady Rudland fazer.

— Shh... fique quietinha. Está tudo bem.

Os rogos de Turner não surtiram efeito, pois os berros aumentavam de intensidade.

Uma batida soou na porta e lady Rudland espiou para dentro.

— Turner, quer que eu a leve?

Ele negou com um gesto de cabeça, não desejando separar-se da filha.

— Acho que ela está com fome, filho. A ama-de-leite está no quarto contíguo.

— Ah, sim, entendo. — Só então entregou a menina para lady Rudland, sem conter o

embaraço.

A mãe saiu e ele ficou novamente a sós com Miranda. Ela respirava, mas não se movera durante a vigília do marido.

— Já amanheceu, Miranda. — Turner segurou a mão pálida. — Está na hora de acordar, não acha? Se não quer fazer isso por você, faça-o por mim. Estou tremendamente cansado, mas também não posso dormir enquanto você não acordar.

E ela continuava imóvel. Não se virou e nem mesmo ressonou, o que o deixava apavorado.

— Miranda, já chega. — Turner notou o pânico na própria voz. — Escutou o que eu disse? Basta. Você precisa...

Interrompeu-se, incapaz de continuar. Virou o rosto. Lágrimas toldavam sua visão. O que faria sem Miranda? Como criaria sozinho a filha deles? Nem mesmo sabia qual nome dar a ela. O pior de tudo seria viver com o remorso de nunca ter dito o que ela mais desejava ouvir.

Determinado, limpou as lágrimas e virou-se para a esposa.

— Eu te amo, Miranda — disse em voz alta, com intenção de fazê-la ouvir, mesmo se ela não acordasse. — Eu te amo, independentemente do que fez por mim ou pelo que me faz sentir.

De repente imaginou ter escutado um som muito leve.

— Você disse alguma coisa? — Ele perscrutou a face da esposa, procurando sinais de recuperação. E teve vontade de pular de alegria ao ver os lábios de Miranda estremecerem. — O que foi? Por favor, repita o que disse. Eu não escutei da primeira vez. — Encostou a orelha nos lábios dela.

— Muito bom. — A voz fraca não impediu a clareza da pronúncia.

Turner começou a rir. Somente ela poderia ser espirituosa naquelas circunstâncias.

— Você vai superar tudo, não é mesmo?

Miranda anuiu com um movimento quase imperceptível do queixo.

Aliviado e com um intenso júbilo que o desnorteava, Turner correu até a porta e gritou as boas novas para que todos pudessem escutar. Como era de se esperar, lady Rudland, Olivia e boa parte da criadagem acorreram, vindas do salão.

— Miranda está bem — ele afirmou, sem se importar com o rosto úmido pelas lágrimas. — Ela vai se recuperar.

— Turner... — A palavra veio como um gemido.

— O que é, meu amor?

— Vamos chamá-la de Caroline — ela murmurou com voz enfraquecida.

Turner beijou-lhe a mão.

— Sua vontade será cumprida. Você me presenteou com uma menina linda e perfeita.

— Você sempre consegue o que deseja.

Ele fitou-a com amor e entendeu o milagre que a arrancara da morte.

— Tem razão.

Alguns dias mais tarde, Miranda sentia-se bem melhor. A seu pedido, foi levada para os aposentos que ela e Turner haviam ocupado nos primeiros meses de casamento. Além do conforto no ambiente que conhecia, pretendia mostrar ao marido que desejava um casamento de verdade. O local era privativo deles e o resumo da toda a intimidade que haviam partilhado.

Embora ainda estivesse confinada à cama, recuperara boa parte da energia e seu rosto mostrava cores bem mais saudáveis. E tudo em nome do amor. Nunca se sentira tão feliz. Turner não se cansava de repetir que a amava, e Caroline trouxe aos pais uma inacreditável carga de amor.

Turner procurava evitar a interferência, na verdade amável e sincera, de Olivia e de lady Rudland. Queria a esposa só para ele. Ficava sentado ao lado dela durante horas, como agora, em que ela havia acordado após um cochilo.

— Boa tarde, meu anjo.

— Tarde? — Miranda bocejou. — Que horas são?

— Já passa do meio-dia.

— Deus do céu. Nunca me senti tão indolente.

— Você merece cada minuto de descanso — Turner afirmou com os olhos fulgurantes de amor.

— Como está Caroline?

Ele sorriu. Miranda não se cansava de fazer perguntas.

— Muito bem. E, pelo visto, ela tem pulmões excelentes.

— É um bebê muito doce, não é verdade?

— Sim, como a mãe.

— Eu?

— Sob um verniz de temperamento explosivo, existe muita doçura. Acredite em mim, eu já experimentei — declarou, beijando-a na ponta do nariz.

— Você é incorrigível — afirmou, enrubescida.

— Que nada, sou apenas um homem muito feliz.

— Turner?

— O que é, meu amor?

— Como foi que você de repente entendeu...

— Que eu te amo?

— Não sei. Creio que amei você desde o começo, mas estava cego para enxergar a verdade.

— Não foi quando eu quase morri? — A Miranda não agradava a idéia de ele não perceber o amor até o momento crucial em que sua vida estivera em risco.

— Não. Eu entendi que te amava quando você me presenteou com Caroline. Ouvi nossa filha chorar e o som foi... uma sensação indescritível. Ah, meu amor, a paternidade é uma coisa extraordinária. E quando segurei Caroline nos meus braços... Eu gostaria de poder explicar o que senti.

— Deve ser como a sensação de ser mãe.

Turner tocou-lhe os lábios com a ponta do indicador.

— Espere um pouco, deixe-me terminar. Tenho amigos que tiveram filhos e me contaram que se trata de um sentimento excepcional. Uma nova vida que é parte da sua carne e do seu sangue. — Interrompeu-se para dar uma tossidela. — Foi quando compreendi que não amava Caroline por ela ser uma parte de mim, mas sim de você.

— Ah, Turner... — Os olhos dela se encheram de lágrimas.

— Meu amor, não sei o que fiz para merecê-la, mas agora que você é minha, nunca mais a deixarei escapar de mim. Eu te amo muito. — Ele engasgou pela emoção. — Demais até.

— Ah, Turner, eu também te amo. Sabe disso, não é?

— Eu sei e agradeço a Deus pelo presente mais precioso que já recebi.

— Nós seremos muito felizes, não é?

— De modo indiscutível, meu amor.

— Teremos mais filhos?

— Somente se o médico me garantir que você não me dará mais um susto igual ao que enfrentei. Mas como o melhor método para evitar filhos é a abstinência, não creio que serei capaz de cumprir as regras.

— Ainda bem — respondeu ela, corando.

Assim, selaram as declaração com um longo e apaixonado beijo.

— Creio que eu deveria deixá-la descansar — considerou ele, relutante.

— Por favor, não faça isso. Não estou cansada.

— Tem certeza?

Era maravilhoso saber que o marido não apenas se preocupava com ela, mas sobretudo que a amava.

— Absoluta. Turner, poderia me fazer um favor?

— Claro que sim. Miranda apontou com o dedo.

— Na minha secretária da sala há um pequeno estojo revestido com cetim que tem uma chave dentro.

Turner ergueu as sobrancelhas e seguiu as instruções.

— É verde? — indagou de longe.

— Isso, e use a chave para abrir a gaveta inferior, onde encontrará uma caixa de madeira.

— Céus, como é pesada — Turner resmungou, ainda na sala. — O que tem aqui dentro? Pedras?

— Cadernos.

— E são tão preciosos que precisam ser trancados?

— São os meus diários.

Turner voltou carregando a caixa.

— Eu não imaginei que você escrevesse um diário.

— A sugestão foi sua.

— Minha?

— Sim, e no dia em que nós nos conhecemos. Eu lhe contei sobre a atitude horrível de Fiona Bennet e você me disse para escrever um diário.

— Verdade?

— Eu ainda me lembro das suas palavras quando quis saber o motivo da sugestão: *No futuro, quando for adulta, será tão bonita como já é inteligente. E lendo o diário, entenderá que meninas parecidas com Fiona Bennet podem ser muito tolas. Dará risada ao lembrar-se das palavras de sua mãe ao afirmar que as suas pernas começavam nos ombros. E talvez dê um pequeno sorriso ao recordar-se da nossa conversa agradável de hoje.*

Turner fitou-a com espanto, lembrando-se aos poucos do que acontecera.

— E você disse que guardaria um grande sorriso para mim.

— Isso mesmo. Memorizei as suas palavras, que foram as mais bonitas que alguém poderia ter-me dito.

— Deus do céu, Miranda, você me ama de verdade, não é?

— Desde aquele dia. Deixe-me ver isso.

Turner apoiou a caixa sobre a cama e entregou-lhe a chave. Miranda abriu a embalagem e tirou de dentro vários cadernos. Alguns tinham capa de couro e outros eram cobertos com tecido floral, como era do gosto das meninas. Decidiu-se por um, o mais simples de todos, um caderno de anotações semelhante aos que usava quando ainda era estudante.

— Este foi o primeiro — ela explicou, abrindo a capa com certa reverência.—Poderá comprovar que eu sempre o amei.

Turner examinou o primeiro registro.

2 de março de 1810, Hoje eu me apaixonei.

— Eu também, meu amor, estou apaixonado — ele afirmou com lágrimas nos olhos.

FIM

Digitalização e Revisão:

Crysty